

Prof. Dr. Pe. Delmar Araújo Cardoso, SJ
Prof. Ms. João Elton de Jesus (Orgs)

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UNICAP EM TEMPOS DE PANDEMIA

UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE PERNAMBUCO



80
ANOS



Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

Reitor

Prof. Dr. Pe. Pedro Rubens Ferreira Oliveira, S. J.

Vice-Reitor

Prof. Dr. Pe. Lúcio Flávio Ribeiro Cirne, S. J.

Pró-reitor Administrativo

Prof. Dr. Pe. Carlos Fritzen, S. J.

Pró-reitor Comunitário e de Extensão

Prof. Dr. Pe. Delmar Araújo Cardoso, SJ

Pró-reitora de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação

Prof^a. Dra. Valdenice José Raimundo

Pró-reitor de Graduação

Prof. Dr. Degislando Nóbrega de Lima

Comitê de Extensão Universitária Unicap

Profa. Dra. Albenise de Oliveira Lima

Profa. Dra. Ana Cristina Guimarães Carneiro

Profa. Dra. Andréa Melo Lins Storch

Prof. Ms. Eduardo Oliveira Barros

Prof Ms. Fernando Israel Fontanella

Profa. Ms. Graziela Brito de Almeida

Prof. Ms. José Fabrício Rodrigues dos Santos Cabral

Prof. Ms. João Elton de Jesus (Coordenador)

Prof. Dr. Manoel Carlos Uchôa de Oliveira

Prof. Dr. Pedro Rafael Salerno

Prof. Ms. Rodrigo Deodato, de Souza Silva

Profa. Ms. Renata Victor de Araújo

Profa. Ms. Vera Lucia Barbosa da Silva

Comitê Editorial

Profa. Dra. Ana Cristina Guimarães Carneiro
Profa. Dra. Andréa Melo Lins Storch
Profa. Dra. Cynthia Carneiro de Albuquerque Suassuna
Profa. Ms. Graziela Brito de Almeida
Prof. Ms. João Elton de Jesus
Profa. Ms. Suzane Brust

Comitê de Revisores

Profa. Dra. Flávia Tavares da Costa Ramos (Coordenadora)
Allyson Marques Ferreira
Ana Gabrielly Ferreira de Andrade
Camila Maria de Souza Lira
Robério Gomes da Silva Filho
Samuel Carlos Jandário
Silas Ferreira da Silva
Williane Tainara de Andrade Ferreira

Edição e Diagramação

Prof. Ms. João Elton de Jesus

E96 A extensão universitária da UNICAP em tempos de
pandemia [recurso eletrônico] / Delmar Araújo
Cardoso, s.j., João Elton de Jesus (orgs.). – Recife
: UNICAP, 2023.
312 p. : il.

ISBN 978-65-00-65486-8

1. Extensão universitária. 2. Pandemias.
3. Covid-19 (Doença). I. Cardoso, Delmar Araújo, S.J.,
org. II. Jesus, João Elton de, org. III. Título.

CDU 378.4

Pollyanna Alves CRB-4/1002

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

APRESENTAÇÃO

A pandemia da COVID-19 mexeu com a humanidade inteira e demandou das pessoas, sociedades, organizações e Estados grandes mudanças e adaptações. A Organização Mundial de Saúde (OMS) foi ágil e rápida no solicitar de todos, ações concretas no combate à pandemia. A Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) mostrou-se imediatamente atenta às necessidades de proteção à saúde de sua comunidade e da população em geral.

Girou em pouquíssimo tempo a chave para a modalidade remota do ensino. Todos os cursos da Unicap se reinventaram utilizando salas de aulas virtuais e exposição dos conteúdos das disciplinas através de videoconferências. O ensino e o aprendizado foram protagonizados por estudantes e docentes.

Foi um tempo desafiador e de incertezas. Mas não se perdeu o norte de não renunciar à qualidade do processo educativo. Toda a sociedade se uniu para promover ações de combate à disseminação da doença e dar apoio às pessoas. No meio de uma crise política, econômica e sanitária muita gente tornou-se ainda mais vulnerável. O desemprego aumentou e obtenção de renda ficou cada vez mais difícil. Por isso, a comunidade Unicap não mediu esforços para que todas as pessoas que fazem parte dela pudessem continuar a seguir os seus sonhos e objetivos.

A Unicap não parou nem virtualmente, nem presencialmente. Algumas pessoas ligadas à gestão, administração e manutenção vieram cotidianamente ao seu local de trabalho, seguindo todas as medidas sanitárias e de proteção necessárias. De forma remota, muitos fizeram o possível para que todos os serviços administrativos, financeiros e estruturais continuassem funcionando. Professores adaptaram suas metodologias e, através dos meios tecnológicos, se fizeram presença mais que virtual

na vida e no lar de cada estudante, construindo conhecimento, compartilhando a vida e aprofundando relações fraternas. Alunos e alunas, com o apoio de familiares e amigos, mantiveram-se firmes e fortes nas aulas, nos grupos de pesquisa e de estudos, na escrita de seus trabalhos acadêmicos, artigos e relatórios de pesquisa. Havia esperança de que dias melhores viriam.

Nesse contexto de companheirismo e generosidade, a busca por seguir adiante era constante e assim como as aulas teóricas foram adaptadas, diversas iniciativas de extensão universitária continuaram a ser realizadas de forma criativa e sensível às necessidades que a realidade impunha naquele momento.

Passada a fase mais desafiadora da pandemia, nesse mês de março de 2023, após três anos da oficialização da pandemia da COVID-19, a Pró-Reitoria Comunitária e de Extensão, juntamente com diversos professores e alunos, publica o livro **“A Extensão Universitária da Unicap em Tempos de Pandemia”**.

No aniversário de 80 anos de compromisso da Unicap com a sociedade, essa publicação tem o objetivo de ser uma memória da dedicação, responsabilidade e generosidade que nossa comunidade acadêmica, juntamente com diversos setores da sociedade, fez durante o período mais difícil da pandemia, quando a vacina ainda era uma esperança e milhares de vidas de brasileiros e brasileiras, lamentavelmente, foram ceifadas.

Na primeira parte deste nosso livro eletrônico, destacamos em alguns capítulos a questão ambiental e ecológica, bem como a relação da Universidade com os povos indígenas e quilombolas, que tanto sofreram com descaso durante a pandemia.

Em seguida, temos uma seção dedicada às mulheres. Nela estão presentes temas que vão desde a prevenção e cuidado com a saúde, até urgência de empoderá-las e garantir-lhes o acesso irrestrito aos direitos.

A área da Saúde, tão importante para a nossa sociedade e que tanto se dedicou durante a pandemia, é representada em diversos capítulos. Há um destaque especial para o trabalho de docentes e discentes das Ligas Acadêmicas dos cursos de Medicina, Psicologia e Fisioterapia.

Também, há um espaço dedicado às artes e às ciências, seja por meio da música e da Literatura. A arte enche de poesia o nosso jardim e nossa alma, seja através das estrelas e dos astros que nos mostram o infinito e as múltiplas possibilidades do universo.

Ações com jovens e adolescentes que tiveram sua mobilidade limitada por conta do isolamento e distanciamento social, podem ser vistas em projetos elaborados especialmente para eles, assim como aqueles que puderam acessar os plantões psicológicos oferecidos à sociedade. Ademais, a acolhida e a atenção também se realizaram para as pessoas em situação de rua e para aqueles que sonham em ter uma moradia mais digna, assim como o acompanhamento integral das pessoas e a informação sobre o Sistema Único de Saúde (SUS), tão necessário e importante em nosso país.

Nosso livro tem 20 capítulos. Neles podemos verificar algumas das muitas ações e iniciativas realizadas por estudantes, professores e funcionários da Comunidade Unicap. Por isso, mais uma vez, dizemos a todos e a cada um: MUITO OBRIGADO! A firme perseverança de vocês nos garante o abraço hoje compartilhado por nós. Sigamos no sonho de reconstruir uma sociedade sem exclusões.

Boa leitura!

Recife, 17 de março de 2023.

Pe. Delmar Cardoso, S.J.
Pró-Reitor Comunitário e de Extensão

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 11

A Ecologia Integral e os direitos da natureza na pandemia

Luiz Felipe Lacerda; Manoel S. Moraes de Almeida

CAPÍTULO 2 29

A fronteira como espaço de diálogo: a experiência sobre a participação no Concurso Nacional do Projeto para Habitação Quilombola em tempos de pandemia

Albérico Paes Barreto Barros; Andréa Melo Lins Storch; Luiz Ricardo Fonseca Marcondes; Rafael Campos Rangel

CAPÍTULO 3 46

Os Povos da Terra: os indígenas Xukuru do Ororubá

José Artur Tavares de Brito; Cláudio Tadeu Cristino; Linda Siokmey Tjho Cesar Pestana; Rafael Vitor Gomes

CAPÍTULO 4 64

Ações de extensão voltadas para a saúde da mulher durante a pandemia de covid-19: desafios e readaptações

Alicia Laís de Araújo Magalhães; Amanda Larissa Nunes Silva; Andressa Andrade Cavalcanti Bastos de Oliveira; Carmem Laryssa Lima de Queiroz; Júlia Oliveira Cruz; Larissa Valeska da Silva Moura; Lucas Machado Farias; Maria Victoria Azevedo de Araújo Arcoverde; Maria Zilda Lacerda Assunção de Mello; Vitória Maria Gomes Rabelo; Carlos Alberto de Sá Marques; Alex Sandro Rolland de Souza

CAPÍTULO 5 81

Tecendo redes de empoderamento: uma experiência com mulheres em Salgadinho

Valdênia Brito Monteiro

CAPÍTULO 6 95

Prevenção de quedas em idosas institucionalizadas

Cristiana Maria Macedo de Brito; João Victor Barbosa dos Santos; Maria Vitória dos Santos Silva; Larissa Almeida Dias ; Ana Elizabeth de Araújo Pessoa

CAPÍTULO 7 111
Liga acadêmica de infectologia da UNICAP: atuação frente à
pandemia do COVID-19

Laura Brito Barreto Maranhão, Gabriel Coelho de Alencar, Jennifer Tuane Felipe de Góis, Luiza Maria Lopes Padilha, Mariana Peixoto Dantas, Maria Clara Siqueira, Laura Mendes Rodrigues, Amanda Larissa Nunes Silva, Sílvia Maria Gonçalves Luz Barros Bezerra, Regina Coeli Ferreira Ramos

CAPÍTULO 8 124
Relato de Experiência: criação da Liga Acadêmica de Terapia
Cognitivo-comportamental durante a pandemia de COVID-19

Davi Italo S. B. da Silva; Artur Bezerra; Karolayne de Luna Barros; Vinícius Silva; Gabriel Medeiros; Luiz Evandro de Lima Filho; Suely de Melo Santana

CAPÍTULO 9 141
Liga de gerontologia PSI UNICAP: relato de experiência de
extensão em tempos de pandemia

Cirlene Francisca Sales da Silva; Rodrigo de Oliveira Aureliano; Ricardo Delgado Marques

CAPÍTULO 10 154
COVID e seu impacto no assoalho pélvico feminino e
masculino

Valéria C. Passos de Carvalho; Silvana M Macêdo Uchôa; Laysa Palmira Nogueira de Aquino; Andreza Paula Gomes de Sá; Amanda Maria Alves da Silva; Tayná Suely Correia da Silva; Gabriele Gonçalves de Melo; Thayna Maria Praia Baratella; Paloma Barreto Gouveia da Silva; Bruna Raffaella Fialho de farias; Ana Carolina Araujo da Silva; Emanuely Laissa de Oliveira; Paulo Vitor Silva de Santana; Adrielly Cristina Silva do Nascimento; Ana Gabriela Alves de lima; Ana Keyla Rodrigues Cabral

CAPÍTULO 11 164
A Música na Construção de Material Lúdico em Meio à
Pandemia: Ludicalizando a Saúde, um Projeto LudEduc Em
Saúde

Paloma Sthefany Lucas de Barros; Ana Beatriz Monteiro de Oliveira; Vinícius Marques Cardoso; Alexandre Barbosa Beltrão; Shalom Pôrto de Oliveira Assis

CAPÍTULO 12 178

Jardim de ideias: biblioteca, leitura e sustentabilidade na Universidade Católica de Pernambuco

Alba Rejane Valério de Souza; Ana Beatriz de Araújo Silva Nascimento; Cirlene Francisca Sales da Silva; Lucia Freire Belian; Pedro Manoel da Silva; Tiago José do Nascimento Silva

CAPÍTULO 13 191

Contribuições da Extensão na Pandemia: análise das ações realizadas pelo projeto da Física “Astronomia Padre Machado

Énery Gislayne de Sousa Melo; Antônio José da Cruz Filho ; Antonio Carlos da Silva Miranda

CAPÍTULO 14 212

Relato de experiência: projeto avivar-gipra como surgimos e contornamos o cenário pandêmico em prol de educação em saúde para adolescentes

Gabriel Coelho de Alencar, Laura Brito Barreto Maranhão, Laura Mendes Rodrigues, Maria Eduarda Bezerra do Nascimento, Vivian Marielly Bezerra dos Santos, Maria de Fátima Marinho de Souza.

CAPÍTULO 15 226

Juventudes em tempos de pandemia: acolhendo jovens do Ensino Integral

Albenise de Oliveira Lima, Ana Luísa, Lopes Varela, Carlos Alberto Pinheiro Vieira, Denise Boff, Ilcéia Alves Soares, João Elton de Jesus, Mariana Lima de Melo, Paula Cristina Monteiro de Barros

CAPÍTULO 16 242

Plantão psicológico cognitivo-comportamental na pandemia da COVID-19

Antônio Gabriel Araújo Pimentel de Medeiros; Adriana Bezerra; Amanda Pontes Bandeira; Osana Alexia da Gama Vieira; Luiz Evandro de Lima Filho; Suely de Melo Santana

CAPÍTULO 17 262

ReconstRUA e Unificados PSR no movimento #todospelarua: ações de combate à COVID-19 para pessoas em situação de rua na cidade do Recife-PE.

Leila Karina de Novaes Pires Ribeiro; Alexandre Barbosa Beltrão; Carina Gleice Tabosa Quixabeira; Cintia Viana do Prado; José Al-meida da Silva Neto; Luiz Vinícius de Lima Guido; Luíza Pereira Gomes Ferreira Tavares; Márcia Lúcia da Costa Cavalcanti Silva; Maria Clara Nogueira Borges de Melo; Mariana Machado Farias; Mariana da Soledade Urquiza Lins; Taciana Silva Ferreira de Moraes; Vivian Marielly Bezerra dos Santos, Thamara Riana de Aguiar Barbosa Interaminense Guerra; Aline Souto Maior Florêncio; Ana Beatriz Monteiro de Oliveira

CAPÍTULO 18 274

Boas práticas de extensão universitária - Técnicas de Terapias Integrativas

Márcio Botelho Pedrosa, Amanda Caroline Ferreira de Lima, Beatriz Medeiros da Silveira Barros, Bruna Raffaella Fialho de Farias, Larissa Almeida Dias, Larissa Milena Santiago dos Santos Gonçalves, Roberta da Silva Silvestre Nasário, Thalyta Marques dos Santos Silva

CAPÍTULO 19 284

O Processo de Criação e Implantação do Projeto FalaSUS

Alana Larissa Alencar da Silva, Ângela Menezes Silva, Adrielly de Oliveira Feitosa, Carlos Alberto Vieira da Silva, Chrystiane Ribeiro Pereira Gusmão, Guilherme Augusto da Silva, Juliana Lídia Garcia da Silva, Karolina Eduarda da Silva, Thayza Araújo Vieira, Steffany de Almeida Ferreira

CAPÍTULO 20 295

Caminhos entre universidade e prática profissional: os desafios da assistência técnica gratuita em tempos de pandemia

Yuri Nascimento Paes da Costa; Gabriela Maria Damasceno Cabral; Carmen Lucia Borba Cavalcanti

A Ecologia Integral e os direitos da natureza na pandemia

Prof. Dr. Luiz Felipe Lacerda¹

Prof. Dr. Manoel S. Moraes de Almeida²

A Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, tem avançado cada vez mais na consolidação de espaços e organizações que aportem uma produção de conhecimento realmente vinculada e reflexiva frente aos principais desafios enfrentados por nossa sociedade atualmente. Reflexo deste compromisso, por exemplo, é a criação e o fortalecimento da Cátedra Laudato Si’ e da Cátedra UNESCO/UNICAP de Direitos Humanos Dom Helder Camara.

A Cátedra Laudato Si’, criada em 2020, busca alinhar as mais inovadoras e pertinentes produções acadêmicas com o manancial ofertado pelo apostolado de Papa Francisco no que concerne o Cuidado com nossa Casa Comum e o auxílio daquelas pessoas mais vulnerabilizadas em nossa sociedade. Para tal, seus trabalhos dedicam-se à promoção da Ecologia Integral e da justiça socioambiental, amparados em documentos como a Exortação Apostólica Querida Amazônia (2020), a Encíclica Laudato Si’ (2015), o marco referente ao Pacto Educativo Global (2020),

¹ Psicólogo, doutor em ciências sociais, coordenador da Cátedra Laudato Si’ – UNICAP. luiz.lacerda@unicap.br

² Advogado, doutorando em Direito pelo PPGD da UNICAP, coordenador da Cátedra UNESCO/UNICAP de Direitos Humanos Dom Helder Camara - manoel.almeida@unicap.br.

os princípios que permeiam a Economia de Francisco e Clara (2019), entre outros documentos referentes.

A Cátedra de Direitos Humanos Dom Helder Câmara, criada em 2009, por sua vez, tem como objetivo promover pesquisas acadêmicas, capacitação, informação e educação no campo dos direitos humanos, econômicos, sociais, culturais e ambientais, promovendo a cultura de paz e através do legado de Dom Helder Camara.

Com estes objetivos que Cátedra Laudato Si' e Cátedra UNESCO/UNICAP de Direitos Humanos Dom Helder Camara unem esforços no apoio à missão institucional da Unicap, dentro de uma perspectiva humanista, alavancando de modo coordenado ações em prol dos direitos humanos e da justiça socioambiental.

Desta colaboração irmanada que, desde 2020, impulsionadas pelas emergências sociais, políticas, ecológicas e econômicas acentuadas pela pandemia de COVID-19, tais cátedras consolidam importantes espaços de diálogos com diferentes segmentos da sociedade civil, frente aos desafios que enfrentamos e aos compromissos que devemos assumir. Neste percurso mostra-se a extensão universitária enquanto um dos mais importantes canais de comunicação das universidades com a sociedade civil, promovendo aquilo que Boaventura de Sousa Santos denomina uma verdadeira Ecologia de Saberes. (SANTOS, 2020).

A Ecologia de Saberes é justamente este espaço de encontro e diálogo entre os diferentes e suas diversidades. Reflete a construção de algo inovador a partir de posições previamente estipuladas, mas abertas ao diálogo e à mutação. Este exercício exige do mundo acadêmico, obviamente, profunda humildade de escuta, pois é evidente que muitas das respostas aos atuais desafios vigentes à humanidade residem em saberes de culturas e populações outrora excluídas da produção do conhecimento na modernidade.

A prática da Extensão reverte-se assim, em alguma dimensão, em um próprio processo de reparação histórica desta ciência que, amparada pelo iluminismo, desejou tomar para si o estatuto de produtora absoluta da verdade, jogando para o campo da incredulidade científica um conjunto de ciências tradicionais e originárias, às quais agora recorre frente a sua parcial incapacidade em dar respostas efetivas aos problemas modernos.

A extensão acadêmica, assim, nos permite operacionalizar uma crítica a essa Razão Indolente, aos moldes de Boaventura. Essa razão científica moderna que foi incapaz de fazer uma crítica a si mesma. (SANTOS, 2020, LACERDA, 2016).

Avançando ainda mais; ao guiar-nos em direção ao diálogo com as múltiplas diversidades que constituem o tecido social, através desta Ecologia de Saberes, a extensão universitária reafirma a pertinência daquilo que Paulo Freire assim não nomeou, mas nos conduziu a pensar ao longo de toda sua obra, aquilo que podemos chamar como Pedagogia do Encontro.

A Pedagogia do Encontro, nesta perspectiva aqui apresentada, composta pela própria Pedagogia do Oprimido, da Autonomia e da Esperança, muito além de nos guiar em direção a esta diversidade, desacomodando nossas zonas de conforto do saber em direção a construção de algo novo, acaba por comprovar a máxima expressa por Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si'*, ao afirmar que “Tudo está interligado. ”

É justamente nesta relação dialógica que a extensão universitária propicia defrontarmos-nos com o fato de que somos diferentes, mas não estamos isolados; e os problemas e injustiças que afetam a certo grupo acabam direta ou indiretamente reverberando em todos os demais.

As Cátedra *Laudato Si'* e Cátedra UNESCO/UNICAP de Direitos Humanos Dom Helder Camara, relevando essa perspectiva ontológica da

dialogicidade, amparadas nos próprios objetivos primordiais que lhes constituem, a saber, a defesa dos direitos humanos e da justiça socioambiental, desenvolveram conjuntamente, ao longo dos anos de 2020 e 2021 três experiências de cursos de extensão sobre os quais trataremos neste texto: O Curso de Ecologia Integral e Justiça Socioambiental, o Curso sobre Direitos da Natureza: bases conceituais e epistemológicas e, o Curso Direitos da Natureza: perspectivas práticas para o Advocacy.

Tais experiências, recebendo apoio fundamental do Instituto Humanistas UNICAP, logrou atingir aproximadamente duzentas pessoas de forma direta, de todas as regiões do país, propiciando uma série de resultados e produtos que seguem reverberando em diferentes espaços e articulações que se dedicam a escutar e defender os gritos da Terra e os gritos dos pobres. (BOFF, 2015).

Uma rápida percepção sobre a realidade que vivemos

É senso comum nos mais diferentes estratos de nossa sociedade, desde as longínquas comunidades indígenas auto resguardadas pelo isolamento voluntário na selva Amazônica, aos ambientes mais avançados da investigação científica das universidades cosmopolitas, que a produção do conhecimento ao longo da modernidade, estruturada pelo iluminismo, por sua vez guiado pela racionalidade antropocêntrica, consolidou um *modus operandi* tecnicista em nosso modo de ser e de viver.

O tecnicismo, compreendido como um dos pilares da modernidade, consolida-se como basilar de uma racionalidade que preconiza o empirismo e a lógica racional em detrimento às demais formas de apreender o mundo. Ao seu extremo, levando a comparações equivocadas do humano como sinônimo de uma grande máquina, este *modus operandi* encontrou no capitalismo um adjetivo a sua perspectiva lógica, agora correlacionada a lógica da competição e da maximização

do ganho. Deriva daí o *Homos Economicus*, muito bem descrito por Papert (2006).

É nesta esteira que desponta a cultura do descarte e a mercantilização de todos os aspectos da vida, como bem deflagra o próprio Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si'*:

Tendo em conta que o ser humano também é uma criatura deste mundo, que tem direito a viver e ser feliz e, além disso, possui uma dignidade especial, não podemos deixar de considerar os efeitos da degradação ambiental, do modelo atual de desenvolvimento e da cultura do descarte sobre a vida das pessoas. (2015, p. 15, n. 43).

Em última análise, este sistema antropocentrista, tecnicista e mercantil comprovou-se exímio produtor de desigualdades sociais e ambientais que colocam em questão a própria existência humana na Terra. Situação há muito tempo já anunciada por diferentes lideranças indígenas e recentemente também consolidada pelos indicadores do Painel Intergovernamental pelo Clima das Nações Unidas (IPCC- ONU) (KRENAK, 2020; ONU, 2021).

Bauman também aponta que a constituição desta nova ordem embasada na perspectiva econômica “veio dominar a totalidade da vida humana porque o que quer que pudesse ter acontecido nessa vida tornou-se irrelevante e ineficaz no que diz respeito à implacável e contínua reprodução dessa ordem” (2001, p. 11).

Ricardo Abramovay, renomado professor sênior do Programa de Ciência Ambiental do Instituto de Energia e Ambiente da USP, busca compreender os impactos desta ordem vigente em nossa sociedade e afirma:

Há uma cisão estrutural entre sociedade e natureza. Com isso, aprendemos a perceber a Natureza como passiva e o humano ativo. Isso é substrato da própria revolução copernicana: ciência como dominação da natureza. A ética sobre com essa cisão uma bruta ruptura e empre-

gada pela perspectiva econômica moderna desloca a finalidade da produção da riqueza. Assim, ciência e economia se afirmam quando se distanciam de valores e se aproximam de pares afastando-se dos interesses da sociedade. (2011, p. 22).

Em complementaridade com a perspectiva supracitada, ao longo da Encíclica *Laudato Si'* encontramos destacadamente as consequências do atual cenário: Intensificação do ritmo de vida e confiança irracional no progresso; Modelos de produção e consumo, crescimento desmedido de cidades. Privatização da natureza; Contaminação das águas e perda da diversidade; Mudanças climáticas e migrações forçadas; por fim; Degradação da qualidade de vida, da estrutura social e da dignidade humana. (Francisco, 2015).

O Brasil, operado por esta razão indolente e historicamente consolidado pelo machismo, pelo racismo e pela conquista de terras, traz exemplos evidentes destas consequências: Aqui os casos de homicídio de pessoas negras (pretas e pardas) aumentaram 11,5% em uma década e 65% da população carcerária é negra. O desemprego entre mulheres negras no Brasil é de 16,6%- o dobro do verificado entre homens brancos (8,3%). Mais de 1/3 da população brasileira sofre com algum grau de insegurança alimentar e pelo menos 15% convive com a falta diária e constante de ter o que comer. (OXFAM – Brasil, 2021).

A pandemia de covid -19 acentuou ainda mais estas vulnerabilidades. Ao longo da primeira onda de contágio (primeiro semestre de 2020) pessoas negras tinham 40% mais chance de morrer de Covid-19 que pessoas brancas. Neste período atingimos o recorde histórico (desde o início da série PNAD – IBGE) de 14,4 milhões de pessoas em busca de emprego. Estima-se que a extrema pobreza atingiu 15,8% e a pobreza, 37,2% da população e que ao longo deste ano, pelo menos 19 milhões de pessoas não realizaram três refeições por dia. (OXFAM – Brasil, 2021).

Nesta crise sistêmica em voga os tristes indicadores socioeconômicos

supracitados, somam-se às perspectivas ambientais muito preocupantes. Ainda de acordo com o Painel Intergovernamental pelo Clima das Nações Unidas (IPCC-ONU, 2021), a pegada de carbono do 1% mais rico do mundo está caminhando para ser 30 vezes maior do que o nível compatível com a meta de 1,5°C para 2030.

A Organização Internacional para Migrações (OIM-ONU) estima que o mundo terá cerca de 200 milhões de “migrantes ambientais” até 2050. Todos os índices relacionados a catástrofes climáticas, emissões per capita de CO_2 , desmatamentos anuais de grandes florestas e reservas de biomassa, queima de combustíveis fósseis, derretimento do gelo Ártico, indicam um esgotamento do sistema autorregulador de vida na Terra. (VIANA, 2020).

Ultrapassando essa meta o IPCC indica, para o cenário nacional: Crescimento na duração das secas no Nordeste brasileiro; aumento no número de dias secos e na frequência das secas no norte da Amazônia brasileira; número de dias com temperaturas máximas superiores a 35°C na Amazônia aumentarão em no mínimo 60 dias por ano até o final do século (podendo passar de 150 dias em um cenário mais extremo); mudança no regime das monções no sul da Amazônia brasileira e em parte do Centro-Oeste, com atraso nas chuvas torrenciais; crescimento de secas agrícolas e ecológicas no sul da Amazônia brasileira e em parte do Centro-Oeste se a temperatura global aumentar em 2°C ou mais e crescimento da seca, da aridez e/ou das queimadas no sul da Amazônia brasileira e em parte do Centro-Oeste. Mudanças afetarão uma ampla gama de setores, incluindo a agricultura. (IPCC, 2021).

Estando frente a uma crise civilizatória sem precedentes, o único caminho possível à manutenção da vida é uma profunda transição paradigmática. “Se os desertos exteriores se multiplicam no mundo é porque se estenderam também os desertos interiores” (Francisco, 2015, n. 217). Assim, a atual crise é um chamado para uma profunda conversão. Dentro

da polifonia contemporânea a Ecologia Integral, englobando inúmeros saberes e perspectivas sistêmicas, apresenta-se como um caminho promissor na garantia dos Direitos Humanos e no alargamento dos conceitos de dignidade para as demais sociedades não humanas que conosco partilham a vida na Terra.

A centralidade dos direitos humanos frente a este cenário

Os povos originários na luta pelos seus direitos são cada vez mais criminalizados e sofrem com atentados contra seus líderes, bem como os movimentos no campo. O quadro é agravado pelo desmonte das políticas de proteção e prevenção à vida dos defensores de direitos humanos no Brasil.

Outro aspecto, é o desmonte do financiamento das políticas de saúde e educação promovido pelo teto dos gastos, levando a um subfinanciamento nas respectivas políticas públicas, gerando um passivo que ficou evidente na pandemia da Covid-19.

No cenário global, a guerra da Ucrânia representa um desastre humanitário que se soma ao problema da governabilidade das crises sociais e ambientais no mundo. O multilateralismo como mecanismo doutrinário de diálogo na defesa da dignidade dos povos tem conseguido mediar o conflito para que não seja uma guerra aberta e nuclear entre as principais potências militares no mundo, o que não diminui a crise humanitária e crimes de guerra.

Por outro lado, a escalada armamentista ganhou impulso, países como Alemanha e Suíça deixaram décadas de neutralidade nas relações internacionais para uma posição ativa no conflito contra a Rússia. Novos arranjos internacionais dependem da posição da China que será em breve a maior economia do mundo, mas para isso, a Ásia terá que lidar com uma Europa em guerra, algo impensável para muitos que formam a

União Europeia.

Em síntese o mundo caminha na contramão do diálogo proposto por Francisco e o mais grave: a fome, a carestia e o aumento da violência são variáveis que tendem a crescer e ameaçar os arranjos políticos internos na América Latina.

A Ecologia Integral e a justiça socioambiental enquanto ferramentas de transformação.

A Ecologia Integral anunciada pelo Papa Francisco ao longo da Encíclica Apostólica *Laudato Si'* (2015) não se refere especificamente a um conceito ou a uma ideia fechada e acabada em si mesma. Pelo contrário, de maneira justamente aberta e dialógica, nos aponta sinais, críticas e caminhos promissores para construção de estratégias que possam superar o cenário atual.

Não restringindo a uma fixa concepção é que logramos delinear ao longo dos diálogos e estudos produzidos pelas Cátedras neste percurso de extensão universitária ao decorrer dos anos de 2020 e 2021, com apoio de inúmeras outras organizações, coletivos e pessoas, alguns princípios que sustentam a Ecologia Integral: A perspectiva sistêmica; a perspectiva multidisciplinar; a perspectiva transcendental e transgeracional; a perspectiva ética e a perspectiva contextual-cultural. (CPAL, 2021).

Justamente apoiada sobre essa última perspectiva contextual e cultural, acreditando que a Ecologia Integral ao ser pensada em cada território e cultura assume contornos e manifestações peculiares, percebemos que para compreendê-la a partir da realidade latinoamericana e caribenha necessitamos um operador, aí sim, conceitual, para empregá-la na prática. É buscando amparo nos estudos e práticas desenvolvidos pela

Rede de Promoção para a Justiça Socioambiental da Província dos Jesuítas do Brasil e em seu Marco de Orientação é que, para esses devidos fins, assumimos o conceito de Justiça Socioambiental.

Entende-se por promoção da justiça socioambiental “todas as ações que têm como objetivo colaborar para a superação das injustiças presentes em nossa herança histórica e reproduzidas pelo atual modelo de desenvolvimento gerador de desigualdades sociais e agressões ambientais”. (Jesuítas Brasil, 2022, p. 24-25, n. 2).

Esta justiça socioambiental, ancorada na possibilidade de estabelecermos relações justas com os outros, consigo mesmo e com a Natureza avança para a reflexão de possíveis espaços de incidência em prol desta Ecologia Integral, são eles: os espaços íntimos relacionados a nossa vida cotidiana; os espaços democráticos, relacionais ao debate público e; os espaços de produção do conhecimento. (Jesuítas Brasil, 2022).

Pois, é justamente neste espaço de incidência da produção do conhecimento, no campo da extensão universitária, amparadas por estes conceitos e princípios anteriormente elucidados e buscando responder ao cenário crítico da atualidade, que tais Cátedras ofertaram, com fundamental apoio do Instituto Humanitas UNICAP e demais organizações parceiras os Cursos de Ecologia Integral e Justiça Socioambiental, de Direitos da Natureza: bases conceituais e epistemológicas e Direitos da Natureza: perspectivas práticas para o *advocacy*.

Sucintas notas sobre os direitos da Natureza em prol de um avanço paradigmático

Os Direitos da Natureza caracterizam-se como um movimento abrangente entre esferas acadêmicas, técnicas e sociais que postula ser a Natureza passível de status de sujeito de direitos, assim como os seres humanos.

Tal perspectiva rompe com o mercantilismo sobre o qual nos debruçamos no início deste texto – enquanto operador do *modus* vigente- e promove concomitantemente deslocamentos profundos em algumas estruturas muito solidificadas de nossos aparatos societários, como o próprio direito ambiental, por exemplo. Dentro de uma concepção da Natureza como sujeito de direitos a convencional visão do direito ambiental patrimonialista que propaga a natureza como bens ou recursos não encontra mais lugar.

Da mesma forma, dentro desta perspectiva, áreas como educação, filosofia, teologia e psicologia sofrem deslocamentos importantes, que por vezes tornam incompatíveis alguns de seus conceitos mais agenciadores. Por isso, afirmamos que trabalhar sobre a perspectiva da Natureza enquanto sujeito de direitos constitui uma verdadeira mudança paradigmática. (LACERDA, et al, 2021).

Um evidente avanço paradigmático deste movimento é gerar elasticidade ao conceito de dignidade, muitas vezes restrito aos humanos e alguns animais. Ampliar a percepção de que tudo o que é vivo deve ter garantido o direito de ser o que se é, sem por suas condições peculiares, sofrer ameaça de vida, nos leva a compreender, em um sistema integrado, colaborativo e interdependente como a Terra, que tudo que vive têm dignidade.

A emergência deste tema se deve, em particular, a secular luta dos povos originários dos Andes e da Bacia Amazônica que, enquanto medida estratégica frente ao modelo norte -centrado, convencionaram promover a convergência conceitual de uma série de práticas e de saberes ancestrais de sua relação com a Terra sob o conceito de Bem Viver. (ACOSTA, 2016).

Este movimento logrou garantir que a Natureza fosse compreendida por sistemas jurídicos hegemônicos como ser vivo senciente, dotada de

metabolismo próprio e, portanto, portadora de direitos. Assim, logrando explícitas referências e garantias de direitos à Natureza nas constituições do Equador, da Bolívia e recentemente no Chile, além de casos específicos como na Colômbia e no Brasil, inauguram o Novo Constitucionalismo Latinoamericano. (ACOSTA, 2016).

Os debates sobre tal campo todavia são incipientes, variam entre perspectivas antropocentradas, biocentradas e ecocentradas, entre posicionamentos de coalizão com estruturas e teorias em voga à um oposicionismo realmente disruptivo, ligados por exemplo a teorias de decrescimento e a consolidação de uma nova racionalidade ambiental (LEFF, 2014).

Fato é, justamente por garantir a dialogicidade entre diferentes saberes, que os Direitos da Natureza têm se apresentado como um caminho promissor para refundarmos a relação entre as sociedades humanas e as sociedades não humanas.

Resultados

Neste íterim, em 2020, em plena pandemia de Covid-19, dezenas de organizações se reúnem para fundar a Articulação Nacional pelos Direitos da Natureza – A Mãe Terra. Organizações estas que carregam em sua missão o profundo comprometimento com os mais vulnerabilizados em nossa sociedade e com o cuidado da Casa Comum. Organizações que pactuam da compreensão de que o estilo de vida humano, em grande parte, tem sido nocivo ao planeta e a si próprio. Entre estas organizações, evidentemente, encontram-se a Cátedra Laudato Sí' e a Cátedra de Direitos Humanos Dom Helder Camara.

Em 2020, ambas levam a frente o compromisso em animar um grupo de trabalho jurídico desta referida Articulação e constituindo um grupo de

profissionais de referência nacional, de forma interinstitucional, produziram um percurso de estudo que objetiva revisar os casos jurídicos emblemáticos onde a Natureza foi homologada como sujeito de Direitos.

Este percurso resultou em uma publicação que se caracteriza como uma das primeiras em caráter nacional, de cunho técnico-científico, com tal abrangência, denominada Direitos da Natureza: Marcos para a construção de uma teoria geral (LACERDA, 2021).

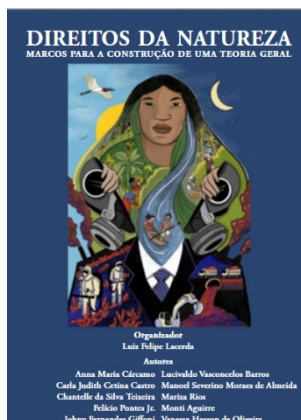


Figura 1: Capa da Publicação “Direitos da Natureza: Marcos para a construção de uma teoria geral”

Concomitante a este caminho Cátedra Laudato Sí’ e Instituto Humanitas UNICAP davam início ao I Curso de Extensão em Ecologia Integral e Justiça Socioambiental, que justamente apresentava a visão sistêmica que sustentava à obra referida anteriormente.

Abordando temas como biomas, crise climática e Ecologia Integral, injustiças socioambientais, injustiças no contexto urbano e no contexto rural, direitos humanos, direitos da natureza, conhecimentos tradicionais e bem viver, políticas públicas e estratégias de articulação em rede em

prol da justiça socioambiental, o curso contou com mais de 60 participantes de todas as regiões do país. Posteriormente, suas exposições foram editadas e estão disponíveis gratuitamente no canal da Cátedra.

Estes dois movimentos, a consolidação deste primeiro curso de extensão e a publicação desta obra coletiva sobre direitos da Natureza, possibilitaram a criação de dois novos cursos de extensão em 2021: o Curso sobre Direitos da Natureza: bases conceituais e epistemológicas e o Curso Direitos da Natureza: perspectivas práticas para o Advocacy.

O primeiro, com aproximadamente 150 inscritos e que também se encontra disponível gratuitamente no canal da Cátedra *Laudato Si'*, teve foco abrangente, debruçando-se justamente sobre a obra recentemente escrita pelo Grupo de Trabalho Jurídico da Articulação Nacional pelos Direitos da Natureza. Nesta ocasião abordaram-se temas como: perspectivas paradigmáticas do direito colonial, os direitos da Natureza e seus pilares, direitos humanos, políticas públicas, bem viver, e diferentes estudos de casos explícitos ao longo do próprio livro.

Derivativo desta iniciativa constituiu-se um número mais reduzido de pessoas interessadas em aprofundar estudos específicos sobre estratégias de incidência política em prol dos Direitos da Natureza e deste movimento resultou o curso *Direitos da Natureza: perspectivas práticas para o Advocacy*, uma vez mais coordenado por ambas Cátedras da UNICAP, com apoio do Instituto Humanitas, do Observatório Luciano Mendes de Almeida (OLMA) e a Escola de Ensino Superior Dom Helder Câmara (MG).

Nesta ocasião o objetivo central foi aprofundar estudos e debates sobre os Direitos da Natureza, sob a perspectiva epistemológica da produção do conhecimento e sob as bases de atuação estratégica de “*Advocacy*” no campo da formulação e implementação da governança e das políticas públicas.

Para isto, a experiência debruçou-se sobre temas como: Debate epistemológico dos Direitos da Natureza enquanto teoria geral; Bases conceituais: *advocacy*, sustentabilidade e políticas públicas sob a perspectiva da governança sistêmica; *Advocacy* no âmbito internacional; *Advocacy* no âmbito do constitucionalismo brasileiro; Jurisprudências e suas racionalidades: Construção de fundamentos para uma Ação em *Advocacy* nas políticas públicas em prol dos Direitos da Natureza; Direito à Participação, Direito à Autodeterminação, Direito à Consulta e Protocolo Comunitário-Autônomo de Consulta e Consentimento e Plano Diretor, Planos de vida, Planos de Manejo e Planos de Uso.



Figura 2: Divulgações de Cursos de Extensão

Vale ressaltar que todas estas experiências de extensão em tempos de pandemia foram totalmente virtuais, estruturadas em encontros semanais, cada qual com duas horas de duração, durante nove semanas. Representantes de movimentos sociais e de comunidades tradicionais receberam isenção na taxa de inscrição e o público em geral contribuiu com uma taxa simbólica que serviu para seguir apoiando as publicações das referidas Cátedras sobre estes temas específicos.

Tais cursistas, com apoio dos professores envolvidos nestas iniciativas estão, neste momento, a produzir um e-book que busca promover a apli-

cabilidade dos conceitos e epistemologias que aprenderam sobre Direitos da Natureza nas suas áreas específicas de interesse no trabalho científico. Sua previsão de lançamento é para o segundo semestre de 2022.

Deste coletivo de pessoas formadas ao longo destes três cursos de extensão constituiu-se um grupo com explícito interesse em apoiar comunidades originárias e movimentos sociais na elaboração de pareceres técnicos que ajudem a resguardar seus direitos e anunciar as possibilidades de avanço dos Direitos da Natureza, frente às ameaças recorrentes as quais estão submetidos na atual conjuntura política brasileira.

Sabendo disto, a Articulação Nacional da Campanha Agro é Fogo, que levanta e denuncia casos relativos às queimadas na Amazônia e no Pantanal, deflagrando como tais ações agridem o meio ambiente e os direitos humanos das populações implicadas nestes territórios, procurou a Cátedra Laudato Si' averiguando a possibilidade de apoio deste coletivo qualificado em busca da consolidação de um parecer, embasado nos dois dossiês já produzidos por esta Campanha, a ser apresentado em audiência pública na Câmara dos Deputados Federais, na primeira quinzena de maio de 2022, no âmbito do grupo de trabalho especial que investiga os casos de queimadas criminosas em tais biomas.

Ao nosso ver, esta colaboração encerra um ciclo virtuoso do processo de extensão universitária na medida em que produz um conhecimento amparado no diálogo com a diversidade, entre saberes acadêmicos e saberes populares, gera produtos formativos, didáticos e pedagógicos específicos deste percurso e por fim, incide na realidade através destes saberes apropriados por diferentes atores.

Nos tempos em que, na balança democrática, o aparato estatal pesa em direção às violações dos direitos constitucionais, é a sociedade civil, com apoio de suas organizações e entre elas as universidades, que produzem efeitos gravitacionais de equilíbrio, buscando oposição aos interesses particulares em detrimento do bem comum protagonizado no espírito

republicano.

Desta forma, evidentemente a extensão universitária revela sua importância na produção de conhecimentos e estratégias pertinentes para auxiliar a sociedade no enfrentamento das mazelas socioambientais que historicamente estruturam nossa sociedade e, nos últimos anos, agudizaram suas urgências frente ao contexto de pandemia.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. **O mito da energia abundante**. Revista Página 22, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://pagina22.com.br/index.php/2011/06/o-mito-da-energia-abundante/>. Acessado em 22/08/2020.

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver: uma oportunidade pra imaginar outros mundos**. Editora Elefante, São Paulo – SP, 2016.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOFF, Leonardo. **Ecologia: Grito da terra, grito dos pobres**. Editora Vozes, Petrópolis-RS, 2015.

CPAL, GH Ecologia Integral, Conferência dos Provinciais para América Latina e Caribe. **Marco de Orientação para o Trabalho e o Estudo em Ecologia Integral**. Editora Leiria, São Leopoldo – RS, 2022. Disponível em: <http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/olma/ecologiaintegral/marcodeorientacao/index.html> Acessado em 04/04/2022.

FRANCISCO, Papa. **Encíclica Laudato Sí'**. Vaticano, 2015.

JESUÍTAS, Brasil. **Marco para Promoção da Justiça Socioambiental**. Editora Loyola, 2022.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está a venda**. Companhia das Letras- SP, 2020.

LACERDA, Luiz Felipe. **Por uma sociologia das emergências: perspectivas emancipatórias nos territórios de produção das ausências amazônicas**. Tese de Doutorado. Uni-

versidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 2016. Disponível em: [Por uma sociologia das emergências: perspectivas emancipatórias nos territórios de produção das ausências amazônicas \(jesuita.org.br\)](#).

LACERDA, Luiz. (org). **Direitos da Natureza: Marcos para a Construção de uma Teoria Geral**. Casas Leiria, São Leopoldo – RS, 2021.

LEFF, Henrique. **Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza**. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro – RJ, 2014.

ONU – Organização das Nações Unidas. Painel Intergovernamental pelo Clima. **6º Relatório de Avaliação do IPCC – Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade**. 2021. Disponível em: [6º Relatório de Avaliação do IPCC - Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade \(ecodebate.com.br\)](#). Acessado em 02 de fevereiro de 2022.

OXFAM- Brasil. **O vírus da desigualdade Unindo um mundo dilacerado pelo coronavírus por meio de uma economia justa, igualitária e sustentável**. Oxfam International, janeiro de 2021. Disponível em: [O Vírus da Desigualdade | Oxfam Brasil](#), acessado em 22/03/2022.

PARPET, Marie-France Garcia. **A gênese social do homo-economicus: a Argélia e a sociologia da economia em Pierre Bourdieu**. Revista MANA 12(2), 2006 (p. 333- 357).

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2020.

VIANA, Virgílio. Meio ambiente e desigualdades. 2020. Disponível em: [Especial rede-GIFE: Desafios, oportunidades e aliados estratégicos para a atuação do ISP na agenda climática - GIFE](#), acessado em 22/01/2022.

A fronteira como espaço de diálogo: a experiência sobre a participação no Concurso Nacional do Projeto para Habitação Quilombola em tempos de pandemia

Albérico Paes Barreto Barros¹; Andréa Melo Lins Storch²; Luiz Ricardo Fonseca Marcondes³; Rafael Campos Rangel⁴

O conhecimento pode ser construído por meio de diferentes ambientes de interação coletiva – sejam presenciais ou remotos, este último utilizando integralmente recursos das plataformas digitais. Desde o início do semestre letivo de 2020, a pandemia do Covid-19 direcionou grande parte de nossas atividades acadêmicas para a interação em formato digital cujas ferramentas computacionais tornaram-se protagonistas para novas práticas e metodologias educacionais. O espaço físico da sala de aula, por sua vez, se transformou em simulacros de interatividade digital.

¹ Mestre em Indústrias Criativas (UNICAP). Arquiteto e Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNICAP. E-mail: alberico.paesbarreto@unicap.br

² Doutora em Desenvolvimento Urbano (UFPE). Arquiteta e Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNICAP. E-mail: andrea.storch@unicap.br

³ Mestre em Desenvolvimento Urbano (UFPE). Arquiteto e Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNICAP. E-mail: lulamarcondes@unicap.br

⁴ Mestre em Desenvolvimento Urbano (UFPE). Arquiteto e Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNICAP. E-mail: rafael.rangel@unicap.br

A ideia de espaço – permeada pelos aspectos dimensionais e experienciais (COUTINHO, 1998) – referente ao ambiente construído da sala de aula, se fragmentou, momentaneamente, nesse período, dada a necessidade do isolamento social. Ao mesmo tempo, ensejou um novo tipo de convergência coletiva, respaldada no mundo digital contemporâneo.

Os questionamentos se colocaram desde o início dessa nova condição: teríamos um agravamento das fronteiras sociais? O que poderíamos fazer para construir espaços dialógicos e democráticos, sobretudo quando a prática cotidiana, do ensino-aprendizagem, se dava em espaços de produção (ateliês) de compartilhamento de ideias e resoluções arquitetônicas para a elaboração do projeto?

O trabalho, apresentado neste capítulo, relata uma experiência singular e profícua sobre o fazer arquitetura neste ambiente desafiador e responde, em grande parte, a essas questões.

A experiência se deu por meio de uma ação de extensão universitária. Estávamos – professores – trabalhando intensamente, e isolados socialmente, na busca por novas modalidades que promovessem a comunicação coletiva para suprir a inerente necessidade do encontro.

Foi nesse contexto que um grupo de professores e estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNICAP se juntaram para participar do Concurso Nacional de Habitação Quilombola ocorrido entre os meses de agosto e setembro de 2021, promovido pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Goiás - CAU/GO.

Os desafios de desenvolver um projeto arquitetônico, onde cada participante se encontrava em seu ambiente particular, porém conectados por meio de plataformas digitais, já haviam iniciados no processo das disciplinas curriculares desde março de 2020. Entretanto, a relação entre professores-estudantes se dava a partir de processos de produção de

maneira mais vertical, onde os docentes assumiram o papel de protagonistas desde a identificação da demanda social permeando todo o processo de ensino-aprendizagem.

A experiência da extensão universitária desenvolvida nesse ambiente de pandemia, incitou a criação de novas formas de produção coletiva e horizontal do projeto. Tínhamos como objetivo atender às solicitações do edital do Concurso, fato que estimulou a busca por conhecimentos complementares advindas de outros cursos de graduação. Precisávamos, desse modo, reconhecer e afirmar a história singular da resistência do povo Quilombola, sobretudo suas identidades, territorialidades e técnicas de construção.

O desafio era entregar um produto final que conseguisse concorrer com escritórios de arquitetura, empresas e outras instâncias universitárias nacionais. O conjunto desses fatores configurou um ambiente profissional de trabalho, potencializando o aprendizado como equipe e, sobretudo, favorecendo uma oportunidade única para os estudantes. Neste artigo, compartilhamos o resultado dessa experiência.

A interpretação do habitat quilombola

Como parte das ações de planejamento projetual e coleta de dados, fez-se necessário um maior aprofundamento e embasamento do conhecimento sobre a identidade cultural (CANCLINI, 2005) do habitat quilombola.

Repleta de simbolismos e significados, as comunidades quilombolas se configuram como lugares de resistência e estão localizadas, predominantemente, na zona rural do território brasileiro há cinco séculos, de modo que suas especificidades culturais e tradições fossem preservadas

como um local de construção e reforço de laços coletivos de afeto para a legitimação da ocupação do território (SOUZA, 2021).

A experiência no concurso permitiu-nos interpretar a casa quilombola como um espaço de acolhimento e de resguardo, “parte de nosso próprio ser, de nossa identidade” (PALLASMAA, 2017, p.8), constituindo um lugar íntimo de uma ou mais pessoas que reflitam seus valores e modos de vida. Esses valores são dilatados e vão além do seu próprio espaço físico onde a fronteira tornou-se um espaço de diálogo (Nêgo Bispo, 2021).

As especificidades da cultura quilombola já se revelam na identificação de seu tipo de ocupação territorial. Embora locadas distantes uma das outras, as edificações (Fig.01 e 02) desses agrupamentos assumem uma função comunitária, coletiva e compartilhada, como uma “concretização de imagens pessoais de proteção e intimidade, que permite a alguém reconhecer e recordar sua própria identidade” (PALLASMAA, 2017, p.21).

Fig. 01 - Casa Quilombola



Fig. 02 - Casa Quilombola



Fonte: <https://residenciapedagogica-kolody.blogspot.com>

Fonte: Rogério Ribas. Disponível em: <https://www.tyba.com.br>

Ressalta-se a necessidade para o isolamento das habitações, como potencializador da manutenção e respeito das tradições e costumes do Quilombo, sendo seus respectivos quintais intitulados como o espaço dos saberes, a partir do cultivo de plantas medicinais e alimentos para subsistência. O espaço torna-se comunal, ou seja, um quintal dentro da casa ou pode ser uma casa-quintal.

A dimensão experiencial da casa quilombola apontava para a ideia de ser um organismo coletivo, vivo, como um espaço de cruzamentos, um espaço, sobretudo, político: de encontros, das reuniões, das conversas, dos risos, dos ritmos, da dança. Uma casa também da luta! A casa precisava ser aberta e convidativa.

À política do morar no quilombo se soma à política do encontro nas moradas: a porta de entrada principal se volta para a estrada de acesso e seus cômodos se abrem para o centro (SOUZA, 2021). Foi lá que encontramos o quilombo da casa.

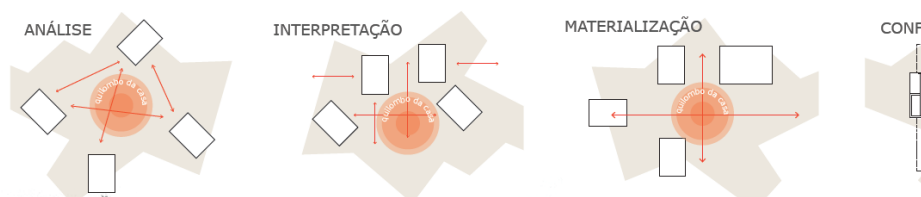
A concepção do projeto quilombola e seu compromisso social

A compreensão sobre o habitar quilombola, levou-nos a refletir e tomar algumas posturas sobre a concepção do “objeto arquitetônico” a ser elaborado. Uma delas foi referente à amplitude e o significado sobre a “Habitação Quilombola”, visto que a mesma deveria assumir posições quanto ao contexto e à territorialidade sobre os quais estava imersa. Partimos da premissa de que não se tratava unicamente de um objeto a ser construído, mas necessitava reforçar a identidade do morador e sua ordem no mundo (PALLASMAA, 2017), para sua pertinência condizente às preexistências. A intenção foi abarcar diferentes conhecimentos sociais, políticos e experimentais da comunidade, e esse processo de ativação sobre a realidade do outro, permitiu uma interação fundamentada pela ética da alteridade (STORCH, 2017).

A ética guia o comportamento moral das pessoas como aquele que necessita se desprever dos contextos socioculturais próprios do habitar e de suas referências pessoais para ir ao encontro do *outro* (LÉVINAS, 1979), aqui representado pela comunidade quilombola cujas singularidades se revelam nas suas falas, registros fotográficos e vivências espaciais.

O instrumento metodológico adotado segue aspectos da tríade conceitual discutidas pelo arquiteto catalão Josep Maria Montaner (2017) para pensar a arquitetura que estava por vir. Dessa forma, o projeto foi desenvolvido primeiramente a partir da elaboração de "Diagramas" como um meio para desenhar e sintetizar as diferentes dimensões sobre o *habitar quilombola* no que tange à história do lugar identitário e simbólico (AUGÉ, 1999) como pode ser observado nos diagramas abaixo (Fig. 03).

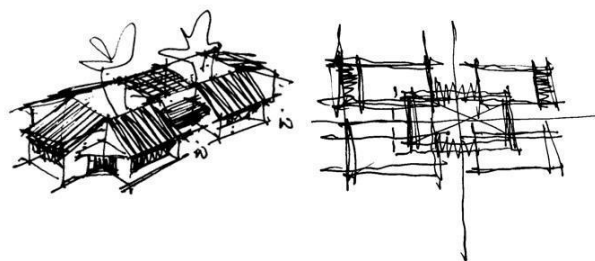
Fig. 03 - Diagramas de concepção da proposta.



Fonte: autores.

A casa! Espaço de acolhimento, espaço de resguardo, o qual desejávamos projetar buscou superar o programa de necessidades solicitado pelo edital do concurso. Desse modo – como segundo aspecto – consideramos a “Experiência” coletiva sobre as informações e novos conhecimentos que estávamos construindo acerca da temática em questão. Assim, utilizamos recursos do “Diagrama” e, simultaneamente, discutindo e acrescentando a dimensão sensível do habitar (Fig. 04).

Fig. 04 – Croquis da concepção do projeto

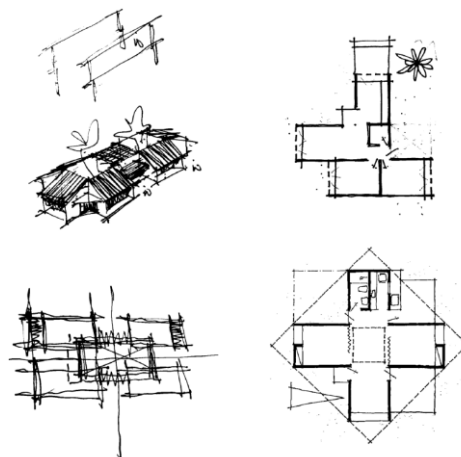


**A fronteira como
um espaço de
diálogo**

O quilombo da casa

Projetar uma casa é criar um lugar íntimo de uma ou mais pessoas que reflita seus valores e modos de vida.

No caso de uma casa quilombola, esses valores são dilatados e vão além do seu próprio espaço físico onde a fronteira torna-se um espaço de diálogo.



Fonte: autores.

Nesse sentido, o terceiro aspecto abordado foi a “Ação” relativa ao ativismo vinculado a uma postura ética. Poderíamos assumir duas posições: a reprodução das materialidades urbanas como se observa sua incorporação em algumas construções quilombolas, onde se perde a identidade de um povo, ou ir ao encontro de suas formas originais como um atributo para evidenciar o reconhecimento da sua existência na cultura

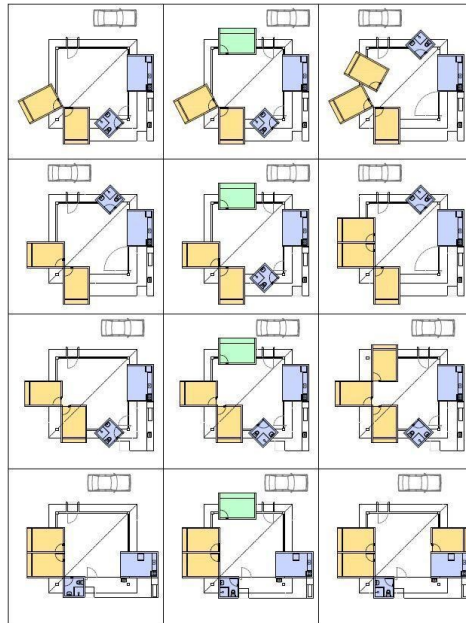
brasileira. A segunda posição foi tomada conjuntamente com os estudantes de modo a afirmar a dimensão ética e política do fazer Arquitetura.

A materialização das ideias no projeto arquitetônico

A continuidade dos estudos apresentados, anteriormente, se materializa no projeto arquitetônico para o Concurso Nacional de Projeto para Habitação Quilombola, promovido pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Goiás - CAU/GO, em agosto/setembro de 2021. O objetivo, proposto pelo edital, foi selecionar propostas de Habitação de Interesse Social para uma tipologia de habitação unifamiliar, econômica e expansível, em atendimento ao programa estabelecido para a Comunidade Quilombola residente no Estado de Goiás.

Não havia sítio pré-determinado, mas o projeto deveria levar em consideração a possibilidade de ser implantado em glebas na zona rural de Goiás a serem definidas pelos órgãos competentes. Desse modo, o zoneamento de seu programa de necessidades poderia ter seu arranjo espacial adaptável, isso para alcançar diferentes situações de contextos territoriais. A potencialidade da proposta é reflexo desse condicionante imposto: os ambientes do programa foram desenvolvidos em módulos independentes (quarto, banheiro e cozinha), inseridos de forma flexível ao redor de um grande espaço central, interpretado como o quilombo da casa (Fig. 05).

Fig. 05 – Estudos de inserção dos módulos.



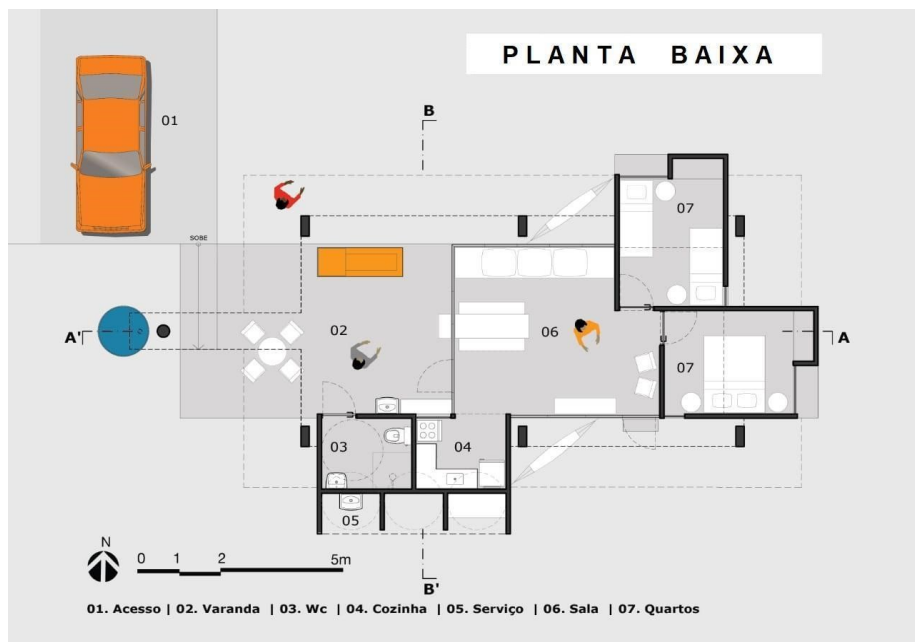
Fonte: autores.

A proposta arquitetônica apresentada se configura por uma grande sombra conformada por uma laje nervurada pré-moldada sobre uma estrutura periférica, que libera este espaço central, permitindo diferentes configurações e possibilidades espaciais, inclusive com a expansão de um espaço interno útil (inserção de módulos).

Dessa maneira, a varanda tornou-se um espaço aberto de confluência para atividades cotidianas, como o cozimento à lenha do forno, lavagem de roupas, recreação, convidados para uma prosa e para o descanso. Integrada à esta encontra-se a sala com lugares para estar e jantar conectados com a cozinha. Tudo acontece junto, embora com seu espaço próprio. Os módulos dos quartos se organizam a partir da sala, com suas paredes de menor altura para propiciar a ventilação cruzada. Buscou-se minimizar as circulações ao máximo para o melhor aproveitamento dos

ambientes. Ressaltamos ainda a presença de grandes aberturas para o exterior, possibilitando a apropriação e visibilidade dos quintais vivos para o uso de cada grupo com sua identidade específica (Fig. 06).

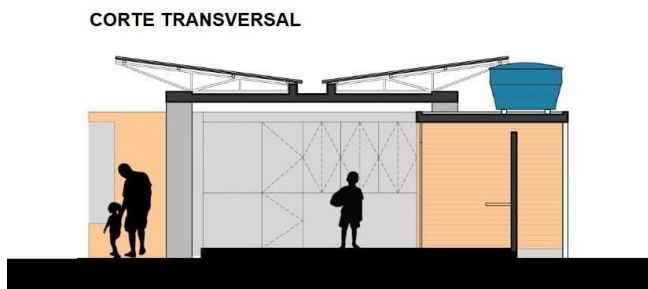
Fig. 06 - Planta Baixa da proposta para a casa Quilombola.



Fonte: autores.

Sobre o aspecto da Sustentabilidade, sua cobertura em formato “borboleta” apresenta uma calha central, favorecendo a captação da água da chuva e um colchão de ar entre as duas superfícies que promove o conforto térmico (Fig. 07). A unidade também apresenta um sistema de tratamento das suas águas fecais e cinzas, atendendo os preceitos da ODS 11 e 12.

Fig. 07 - Corte Transversal da proposta para a casa Quilombola.



Fonte: autores.

A escolha dos materiais e o resultado plástico-volumétrico são reflexo da simplicidade e despojamento característicos das construções nas comunidades quilombolas, porém sem se utilizar de mimetismos, buscando uma identidade conectada a seu tempo (Fig. 08). Com a limitação financeira para a construção da obra, determinada pelo edital, buscou-se a utilização de materiais de baixo custo e fácil acesso, além da adoção de um sistema construtivo simplificado, visando a possibilidade de utilização de mão-de-obra local.

Fig. 08 - Imagens ilustrativas da proposta para a casa Quilombola



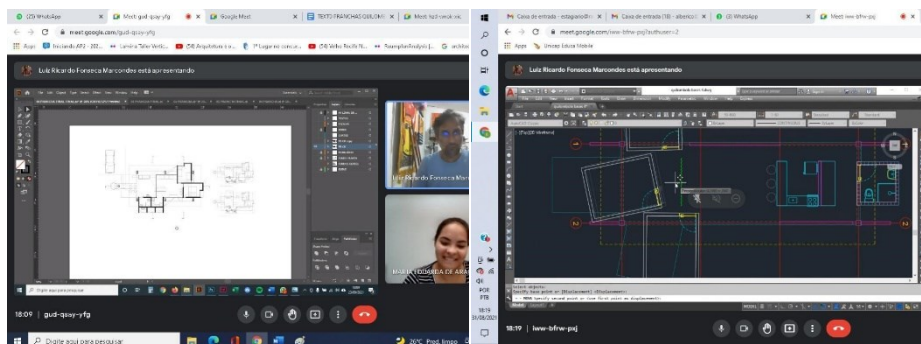
Fonte: autores.

Vivência dos estudantes na experiência

A sinergia entre arquitetos-professores e os estudantes se deu de forma espontânea no decorrer do desenvolvimento de todas as etapas do projeto para o concurso em questão: desde a compreensão do edital e seus pormenores, até a finalização da proposta arquitetônica.

O debate e a construção das ideias se deram a partir de plataformas digitais de comunicação e de desenho arquitetônico. Foi possível projetar coletivamente em alguns momentos e em outros dividir atividades por participante para, na sequência, apresentar seus resultados para compatibilização e aprofundamento. A frequência para o desenvolvimento da proposta foi diária, diante dos prazos estabelecidos pelo edital, atribuindo a todos um compromisso coletivo e de muita convergência para atingir o objetivo comum (Fig. 09).

Fig. 09 – Registros do desenvolvimento da proposta utilizando as ferramentas digitais.





Fonte: autores.

Na sequência, mostram-se alguns depoimentos dos estudantes (Fig. 10) respondendo à seguinte questão: Como foi a sua experiência de desenvolver essa atividade de extensão com os professores de modo remoto no período da pandemia?

Andreza Barreto Ramos (5º período)

Mesmo em um período pandêmico e com a impossibilidade de encontros presenciais, utilizamos de ferramentas online e softwares em nosso favor para transmitir as ideias. Apesar de alguns desafios na elaboração do projeto de forma remota, a experiência foi enriquecedora. Trabalhamos com uma demanda real, com orçamento determinado e prazos estabelecidos, e o processo de criação do projeto foi como pôr em prática o que é trabalhado em sala de aula. Mesmo com as limitações e exigências do edital, a liberdade criativa foi mantida. Trabalhar neste concurso contribuiu também para uma maior consciência social, pois nos debruçamos sobre a cultura de uma comunidade quilombola e buscamos entender as demandas do povo, para então apresentar a solução arquitetônica. Pode-se dizer que a experiência foi um treino para a vida.

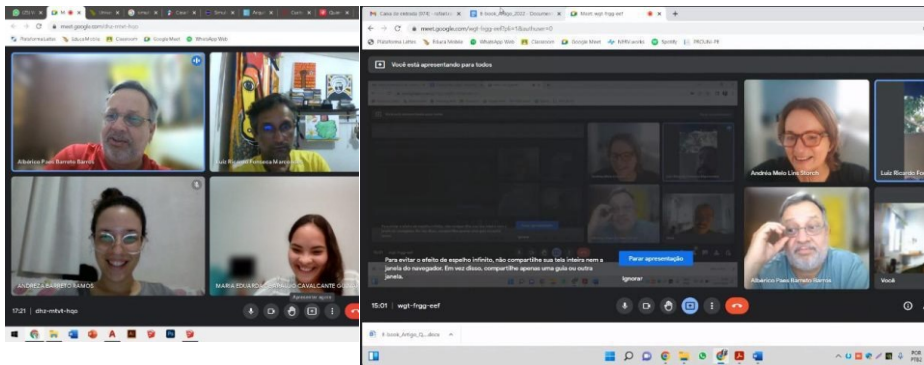
Patrick Alexander Lopes (7º período)

Participar desse concurso foi uma experiência desafiadora e única, visto que, foi o meu primeiro concurso e vivenciando um período pandêmico. Porém, o acolhimento dos professores e o empenho da equipe foi o diferencial para se adequar às dificuldades adversas. Devido à ausência dos encontros presenciais, a flexibilidade dos horários foi um ponto chave neste processo, de modo que, sempre que tínhamos um tempo livre, marcamos uma reunião através das plataformas online. O processo imersivo foi muito enriquecedor. Conhecer e entender para quem estaríamos projetando, sua cultura, costumes, e necessidades, foi um ponto de partida para colocarmos em prática toda nossa criatividade e concepção projetual. Além de lidar com demandas reais, utilizamos os softwares para facilitar o projeto, onde poderíamos fazer alterações em tempo real. Projetar ao lado dos professores certamente foi enriquecedor. Não era só projetar, e sim viver o projeto. Uma experiência incrível, tanto para vida pessoal, como profissional.

Maria Eduarda de Araújo Cavalcante Guimarães (7º período)

Participar de um concurso em um período pandêmico foi um desafio interessante e enriquecedor. Os softwares e os encontros através das plataformas on-line foram de suma importância, fazendo com que as nossas reuniões acontecessem com mais frequência, já que estávamos impossibilitados de nos encontrarmos presencialmente. O concurso para habitação quilombola nos proporcionou trabalhar com demandas reais como prazos e orçamentos. Além disso, tivemos a chance de conhecer um pouco da cultura e entender as necessidades da comunidade. Pôr em prática tudo que aprendemos em sala de aula e ter os professores ao lado como parceiros de equipe foi de fato emocionante e é uma experiência que vou levar para toda a minha carreira profissional.

Fig. 10 – Registros dos encontros remotos para alinhamento da proposta.

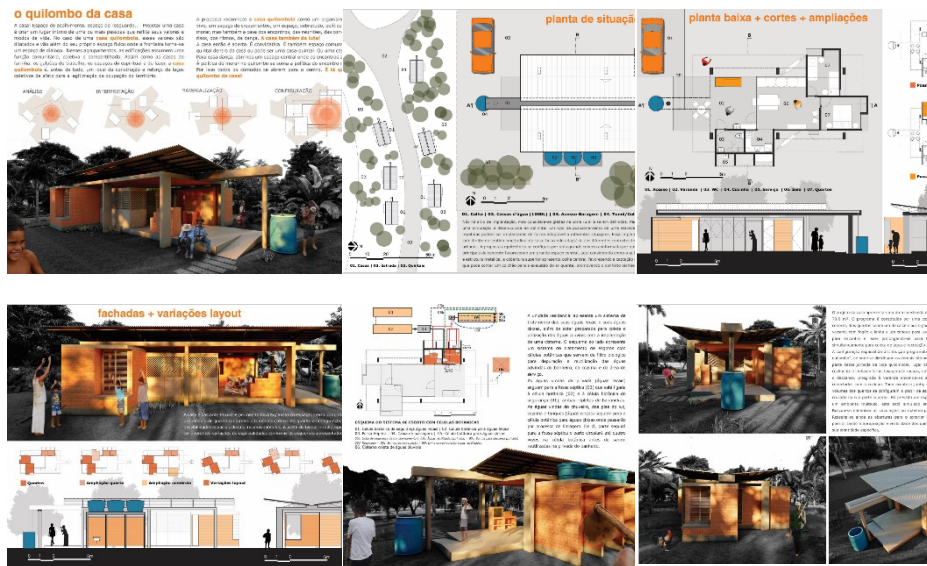


Fonte: autores.

Considerações Finais

A experiência arquitetônica (Fig. 11), realizada durante o período de isolamento social da pandemia da Covid-19, pode ser sintetizada principalmente como rompimento de fronteiras entre as pessoas em seus papéis que as posicionam no mundo onde vivem. Acreditamos que atendemos nosso objetivo maior sobre a experiência descrita: tornar o exercício do ensino-aprendizado – a partir de uma demanda real – em um elemento potencializador para explorar a horizontalidade entre toda a equipe, mesmo de forma exclusivamente remota, através de plataformas digitais em meio a um período pandêmico.

Fig. 11 – Apresentação da proposta em formato de pranchas solicitadas pelo concurso.



Fonte: autores.

Um coletivo formado, simultaneamente, por arquiteta, arquitetos, professores, professora, estudantes ou apenas: Andréa, Albérico, Lula, Rafael, Andreza, Patrick e Eduarda, para desbravar um outro contexto, o dos Quilombolas, e propor um projeto de uma habitação. Este rompimento de vários limites que se colocam na vida pessoal, social e cultural foi de grande aprendizado, como o da motivação para dar continuidade a esse processo, validando, ainda mais, a importância de ampliar os ambientes de atuação profissional com o campo acadêmico, como foi o caso dessa ação de extensão universitária.

Referências

AUGÉ, Marc. **O sentido dos outros**. Ed. Vozes: Petrópolis, RJ. 1999.

CANCLINI, Néstor García. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2005.

COUTINHO, Evaldo. **O Espaço da Arquitetura**. 1ª. Ed., Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970 (1ª. Ed., São Paulo: Perspectiva, 1977; 2ª. Ed., São Paulo: Perspectiva, 1998)

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito: Diálogos com Philippe Nemo**. Trad. João Gama. Lisboa: Ed 70, 1982

_____. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Trad. Pergentino S. Pivatto. Petrópolis: Vozes, 1997.

MONTANER, Josep Maria. **Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação**. São Paulo, SP, Gustavo Gili, 2017.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

SOUZA, Maria Ester de. **Nota Técnica do Edital - Anexo II**. CAU-GO, 2021.

STORCH, A. **Urbanismo da alteridade**. 2017. 234 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2017

Os Povos da Terra: os indígenas Xukuru do Ororubá

José Artur Tavares de Brito¹, Cláudio Tadeu Cristino², Linda Siokmey Tjhio Cesar Pestana³, Rafael Vitor Gomes⁴

Embora muitos povos tenham sido exterminados, alguns grupos resistiram, escondidos. Muitos vivendo integrados à sociedade, mas resistiam e mantinham seus rituais” (Cacique Xicão Xukuru, CIMI-NE, 1998).

A posse comunitária da terra é parte essencial da cultura indígena. Não dá para falar de terra sem falar do indígena e vice-versa. Para os indígenas, a Natureza como um todo não deve ser usada como instrumento de produção, mas como ajuda a “Pachamama (que é a natureza que cria e recria os elementos da vida, e o ser humano é parte integrante dela), que sempre generosamente dá seus frutos a seus filhos e filhas” (PEREGRINO, 1996, p. 07).

O território é o palco onde se desenrola a vida e, no momento, alguns pesquisadores afirmam que o Coronavírus é um contra-ataque da terra

¹ Doutor em Ciências da Religião, UNICAP, artur.peregrino@unicap.br

² Discente do Curso de Lic. em Ciências da Religião, UNICAP, ctcrisino@gmail.com

³ Mestre em Ciências das Religiões, UNICAP, meypestana@gmail.com

⁴ Discente da Lic. em Ciências da Religião, UNICAP, rafaelvitor87@hotmail.com

diante das agressões que vêm sofrendo por danos causados pelo ser humano (BOFF, 2021). É nesse sentido que a Covid19 ataca a todos e não pode ser vista isoladamente, mas em seu contexto.

A Covid-19 têm demonstrado as profundas desigualdades da sociedade brasileira e mundial no enfrentamento dessa doença, sendo as populações indígenas as mais afetadas, dada a sua vulnerabilidade estrutural, que nem sempre fica em evidência nos dados agregados em níveis nacionais. A pandemia escancarou a fragilidade do cuidado humano para consigo mesmo, com a natureza e com o transcendente, dizimando aqueles cuja sabedoria poderia nos ajudar a desenvolver relações mais saudáveis com o meio-ambiente e seus habitantes. Os mitos, ritos e espiritualidade dos povos originários, desprezados pela cultura ocidental capitalista, têm riquezas inestimáveis sobre o respeito à terra e a cada habitante.

Numa equivocada apropriação do conhecimento epidemiológico, as narrativas e decisões políticas produziram uma individualização da questão, retirando a perspectiva coletiva do adoecimento. Desse enfoque derivam não apenas controvérsias, sobre o isolamento social, mas particulariza-se o problema como algo mais restrito a determinados indivíduos. Tem-se aqui uma questão ético-política, que é traduzida não apenas em diretrizes diferenciadas a depender do lugar que os indivíduos ocupam na estrutura social.

Diante das restrições e medidas de distanciamento social, nesse contexto, a UNICAP proporcionou ações na área de comunicação que possibilitaram uma maior interação entre as pessoas e grupos indígenas. Diferentes estratégias de comunicação permitiram ‘aliviar’ os efeitos do distanciamento e, ao mesmo tempo, deram visibilidade às diferentes experiências sobre a pandemia e seus impactos. Nesse sentido, a internet abriu novos canais de comunicação e divulgação de opiniões e informações das mais diversas fontes e grupos sociais, possibilitando que uma

multiplicidade de vozes passasse a se expressar e a obter mais capilaridade na esfera pública.

Oportunamente, o Curso de Licenciatura em Ciências da Religião, da UNICAP, organizou, sob a condução do prof. Artur Peregrino no âmbito da disciplina “Textos e Narrativas Indígenas”, uma visita de estudantes à aldeia Xukuru, na Serra do Ororubá, em Pesqueira/PE, quando foram respeitadas as medidas de prevenção à transmissão de Covid-19, e cada participante desfrutou de um dia recheado de informações, atividades e reflexões integradoras, que ampliaram os horizontes de todos.

O representante da aldeia – Iran XuKuru – explicou sobre os Encantados, o deus Tupã, a deusa Tamain - a mãe terra, os alimentos preparados com cuidado, a preservação das sementes, o uso curativo das plantas, a perseguição sociopolítica das autoridades contra o povo indígena, já que este se cuida, se cura, trabalha e produz seu próprio alimento com autonomia, e fica fora do alcance dos que querem dominá-lo. Finalmente, sob o ritmo da batida firme do Ujupago na terra, há a dança do Toré, um ritual sagrado que expressa a espiritualidade, o pedido de força e libertação a Tupã. “Pise leve e devagar porque a terra não é nossa”, afinal, nós todos somos natureza e ao cuidarmos do todo, cuidamos de cada um, dizia o preletor.



Figura 1 - Estoque de sementes das plantas medicinais e de árvores diversas na aldeia Xukuru de Ororubá. Fonte: <https://www1.unicap.br/observatorio2/?p=6721>.

Ao perceber o valor dessa cultura e o sofrimento do povo face ao desmatamento, ao desrespeito à demarcação, aos conflitos, às invasões, violências e às tantas injustiças político-socioeconômicas atuais, procuramos pensar e apresentar, sucintamente, neste artigo, algumas ideias que cientistas da religião podem desenvolver na academia e em seu exercício profissional para promover relações de alteridade que respeitem o perspectivismo do outro, e resultem em coexistência pacífica e salutar a todos.

Uma história de vida e luta

Povos indígenas habitam as Américas há muitos séculos. Estimativas mais conservadoras apontam para uma ocupação em torno de 12 mil anos, mas já há pesquisas que indicam que o Continente Americano pode ter sido ocupado há mais de 30 mil anos (SCHWARCZ e STARLING, 2015). Por esse motivo, povos indígenas também são denominados *povos originários*. A palavra indígena refere-se àquele ou àquela que é originário ou originária do país ou que neste se estabeleceu, por exemplo, antes de um processo de colonização (DA CUNHA, 2019). É o contrário de alienígena.

A partir da chegada dos colonizadores europeus no “novo” continente (“novo” em contraposição ao “velho” continente, a Europa) iniciou-se um verdadeiro morticínio das diversas comunidades indígenas de norte a sul.

Nos incríveis relatos do Frei De Las Casas dos anos iniciais do século XVI, é possível sentir a dor e o medo de homens, mulheres e crianças indígenas que tiveram suas vidas ceifadas por conquistadores estrangeiros, homens cruéis, insensíveis e crentes na palavra de que os povos a quem atacavam não seriam dignos da misericórdia divina e, portanto, do compromisso humano de respeito e compaixão. Em suas palavras,

De Las Casas relata que “ainda hoje em dia, outra coisa não fazem ali senão despedaçar, matar, afligir, atormentar e destruir este povo”. (DE LAS CASAS, 2021). Obviamente, no Brasil não foi diferente. Na Tabela 1 abaixo, está ilustrada a sensível diminuição da população indígena no Brasil e a dinâmica de outras populações a partir dos anos 1500.

Tabela 1 - Brasil 1500-1800. Dinâmica populacional no Brasil, que destaca o crescimento da população integrada no empreendimento colonial e a diminuição da população originária (adaptada de Ribeiro, 2015).

	1500	1600	1700	1800
“Branços” do Brasil	-	50.000	150.000	2.000.000
Escravizados	-	30.000	150.000	1.500.000
Indígenas “integrados”	-	120.000	200.000	500.000
Indígenas isolados	5.000.000	4.000.000	2.000.000	1.000.000
Totais	5.000.000	4.200.000	2.500.000	5.000.000

O “desaparecimento” das populações indígenas deve-se claramente ao horrendo contato com “gentes brancas”, que além dos assassinatos, também estavam sujeitas a uma verdadeira guerra biológica a partir da contaminação de doenças endógenas ao continente, tais como a varíola, o sarampo, a coqueluche, a catapora, a difteria, a peste bubônica, ou uma simples gripe (SCHWARCZ e STARLING, 2015).

É consenso na historiografia atual que não foram as armas e pólvoras transportadas nas caravelas dos europeus que romperam a resistência de muitos povos do Novo Mundo. [...] A doença epidêmica ou infecciosa, os germes eurásianos ou patógenos do Velho Mundo são a chave para se compreender as transformações decorrentes e o imperialismo ecológico que se sobrepôs na América e, conseqüentemente, no Brasil. (ALMEIDA, 2021)

Povos indígenas não são seres do passado, mas do presente! São fortalezas ricas em história, embasadas nas tradições e, sobretudo, na profunda ligação e respeito com a terra e ambientes onde vivem.

É falso afirmar que terras indígenas (seus territórios) são improdutivas e que poderiam servir à produção do agronegócio ou da mineração. Indígenas têm por princípio o cuidado e o respeito com a terra, que chamam de *Avó*. Portanto, são guardiões e guardiãs da natureza e suas terras produzem uma das maiores dádivas da humanidade: um ambiente purificado conservado, protegido, preservado (CLASTRES, 2017).

O ataque aos corpos físicos não representa a totalidade das investidas aos povos originários. Mais recentemente, os processos de homogeneização cultural ferem (por vezes, mortalmente) as comunidades tradicionais e, em particular, aos povos indígenas. Esse “nivelamento” tende a cancelar tradições seculares e é fruto dos objetivos do capitalismo que, nestes tempos, se apresenta com sua mais nova face: o neoliberalismo. Esses objetivos são o consumo exacerbado e descarte quase imediato de bens e produtos formatados num padrão universal, que não dialoga nem mesmo com a própria natureza humana.

Atualmente, o remanescente dos povos originários no Brasil luta contra uma lógica perversa de não reconhecimento, que o exclui socialmente e é preconceituosa com sua cultura e tradições. Essa lógica de superioridade de não-indígenas (os alienígenas) é como a poluição que se espalha por um lago de águas límpidas: atinge lentamente, até contaminar todo o lago. É assim que jovens das comunidades tradicionais se vêem engajados ou integrados num empreendimento (ainda em curso) de (neo)colonialismo, que conquista, principalmente, mentes e corações e apreende esses jovens em gaiolas de ouro.

Mas as comunidades resistem! Internamente, se mantêm firmes no profundo respeito ao sagrado do solo, das plantas, dos animais, do vento,

do outro e da outra, da vida que pulsa em todo lugar. Externamente, várias associações se põem à luta por justiça no campo, respeito às tradições, preservação de seus territórios, acesso à educação e à saúde.

A terra, para os povos indígenas, é o eixo norteador. Terra é a “casa mãe” de todos e fonte de uma magnífica biodiversidade; na sua integridade, ela providencia todas as condições essenciais para a vida plena em todos os seus aspectos, desde que respeitada em sua natureza de ser “ventre fecundo da vida”. Esta relação de pertença ocorre em constante diálogo com as forças espirituais.

Deve-se destacar que os ensinamentos mais que concretos de amor à Mãe-Terra e à vida dos povos originários, que hoje compõem 0,5% da população brasileira, devem contagiar os 99,5% restantes, num processo inverso dos primeiros anos da colonização europeia: o uso de todos os meios tecnológicos para a máxima proteção ao meio ambiente; a construção de políticas públicas, principalmente, na parte de assistência à saúde física e mental de indígenas; a formulação de currículos escolares para todas e todos que destaquem a enorme importância dos povos originários na formação da identidade do povo brasileiro. Por fim, o reconhecimento integral dos direitos desses povos, tornando políticas de Estado a garantia de justiça e voz ativa a esta população.

Perspectivismo ameríndio

O perspectivismo é uma visão filosófica que se aproxima e se diferencia do objetivismo/realismo e relativismo, na medida em que considera a realidade como sendo uma, mas leva em conta pontos de vista alteráveis conforme as percepções e pensamentos de diferentes seres sobre os fatos.

Conforme os antropólogos Philippe Descola (1998) e Eduardo Viveiros de Castro (2004), na mitologia ameríndia, humanos e não humanos

(plantas, animais, pedras, artefatos...) veem a si mesmos como pessoas e aos outros como animais ou espíritos, onde todos têm uma alma comum, sem as distinções dualísticas (corpo/espírito, objetivo/subjetivo, animalidade/humanidade, universal/particular, cultura-natureza, imanência/transcendência), próprios da lógica ocidental, etnocêntrica, antropocêntrica e multicultural, onde só se valoriza o que o ser humano deseja, sem considerar a perspectiva de outros seres.

Pelo contrário, no perspectivismo dos povos originários, a espiritualidade/cultura/essência é a mesma para todos os seres, sendo que varia o corpo/a natureza/biologia (multinaturalismo) de cada um deles. Assim, a alma compartilhada entre todos os seres se comunica com intencionalidade e reflexividade, influenciando os sentimentos, o estado de espírito e o comportamento do outro, sejam humanos ou não (DESCOLA, 1998).

De acordo com Viveiros de Castro (2004), o perspectivismo ameríndio aponta que seres humanos e não humanos são todos sujeitos e não objetos, diferindo no corpo (considerado um invólucro), que possibilita perspectivas diferentes dentro de uma unidade quanto a cultura, alma, valores e espírito. Os xamãs conseguem detectar e incorporar as diferentes subjetividades e naturezas biológicas dos seres, para comunicar-se com elas na perspectiva delas em favor de todos, sejam humanos, animais ou até inimigos.

Descola (1998) aponta que nesse perspectivismo, mesmo que um ser mate ao outro para alimentar-se, tudo ocorre com respeito, reciprocidade, sem causar sofrimento desnecessário, pois todos são natureza, sujeitos, partes um do outro e de um todo, onde tudo se transforma, um sofre influência do outro, e o espírito de um corpo morto pode reencarnar em outro.

Em uma reportagem preparada pelo Observatório Transdisciplinar das Religiões sobre os Xukuru (2009), o vice Cacique Zé de Santa esclarece

que quando um pajé ou cacique morre, ele não é sepultado, mas plantado como semente, tornando-se um “Encantado” presente em toda parte na natureza, especialmente nas matas, que autorizado por Tupã, se incorpora em pessoas aptas – tuxauas – para revelar mensagens importantes ou apontar pessoas especiais na aldeia.

Assim, o pesquisador da religião não estuda a pessoa indígena como se ela fosse um objeto a ser analisado por meio de bases ocidentais, mas procura assimilar o que ela, como sujeito, pensa, reflete, trata aos outros e interpreta a sua própria cultura. Esse processo envolve uma desconstrução crítica no cientista, já que, dentro do possível, ele precisa pensar como ameríndio na cosmovisão ameríndia.

Ao adentrar numa aldeia, possibilita-se experimentar a hierofania, onde mistérios sacralizam o tempo, os objetos e o espaço entre o céu e a terra. Através do artesanato, das danças, dos gestos, dos olhares, da culinária, do ritmo de tambores, maracás e pés batendo no chão – ritos que são expressões criativas e eloquentes da cultura indígena – reatualizam-se e rememoram-se mitos que ressignificam o passado, reforçam a identidade e descortinam a esperança de um horizonte solidário e inclusivo, sem a lógica da dominação, da competição e da violência (PESTANA, 2017, p. 96).

Na referida visita à aldeia, Iran falou que os colonizadores não entendiam a perspectiva dos povos originários da terra, pois tinham a visão de que “o índio é ôco”, ou seja, não tem alma, espírito, interioridade e nem cultura. Tudo teria que ser dado pelo invasor-colonizador. Essa é uma conclusão imprópria, vinda de quem não tem abertura para o perspectivismo, para a visão do povo indígena.

Ao longo do dia, presenciando as explicações, os ritos e a forma como todos se relacionam em seu espaço, evidenciava-se uma cosmovisão singular: um modo próprio de compreender o mundo, a si mesmo e aos seus como parte da natureza, que por sua vez, é regida por numes e forças espirituais presentes em toda parte.

Percorrendo os espaços da aldeia, percebemos que tudo tinha algo de sagrado e de unificado com o todo. Nada era “ôco”! O povo e a mata estavam plenos de valores, divindades, religiosidade, cultura e de sementes de Encantados.

O povo Xukuru no cuidado de si e sua espiritualidade

Oferecemos à sociedade envolvente uma opção de vida, um novo caminho para o convívio harmônico com a natureza e tudo o que há nela. Oferecemos o nosso bem viver, onde os recursos naturais não são mercadoria, mas parte integrante da cosmologia que nos garante o bem viver” (Carta dos Povos Indígenas do Nordeste - CIMI, 2000).

No Brasil, existem cerca de 700 mil indígenas pertencentes a 235 povos e falando 180 línguas. Muitos desses povos não têm seus territórios regularizados, o que ocasiona sérios conflitos. Existem hoje, espalhados pelo Brasil, aproximadamente, 65 povos resistentes. Entre eles, o povo Xukuru do Ororubá.

Na Serra da Boa Vista, em Pesqueira/PE, ecoa o grito de um povo que há décadas resiste. O povo indígena, Xukuru de Ororubá, tem negado as lógicas estruturais de um mundo de desencanto, que nos desconecta do eu, do próximo e da natureza; em vez disso, escolheu manter suas tradições e caminhar com seus ancestrais num mundo de encanto, em constante ligação com o sagrado.

Ao entrarmos no território Xukuru, percebemos que a terra é um espaço sagrado, partindo da ideia de que somos a natureza, somos partes de um todo, onde matéria e espírito só podem existir em coesão com a natureza. É preciso viver e permitir sentir o encanto que vem das matas, do solo, da chuva e de outros elementos naturais.

Todos esses aspectos podem ser vistos no Toré, dança indígena ritualística que promove uma ligação com o sagrado, guiado pelos cânticos e o som do Maracá, convoca as divindades e as celebra. “Nós índios não estamos sós”, esse trecho de um cântico entoado no momento do Toré revela como a espiritualidade é a força motriz da aldeia (GENNEP, 1987).



Figura 2 - Toré, dança ritualística praticada durante a visita de professores e estudantes da UNICAP em abril de 2022 à Aldeia Xukuru.

Fonte: <https://www1.unicap.br/observatorio2/?p=6721>

As primeiras referências históricas da habitação do povo Xukuru no agreste de Pernambuco remontam ao século XVI. O processo demarcatório da Terra Indígena Xukuru, localizada em Pesqueira/PE, iniciou-se em 1989, pouco após a promulgação da Constituição de 1988, que garante aos indígenas a posse das terras tradicionalmente ocupadas. A demarcação, que transcorreu de forma lenta, somente foi finalizada 16 anos depois, em 2005. Nesse meio tempo, a demora no processo provocou atritos entre indígenas e não indígenas, resultando na morte de lideranças Xukuru, inclusive de seu cacique.

Mesmo depois da finalização, o Estado não promoveu a desintrusão completa do território nos anos subsequentes, até a sentença da Corte

Interamericana. Além disso, dois processos judiciais: um de reintegração de posse e outro de anulação do processo administrativo de demarcação, ainda não tinham solução definitiva à época.

Em outubro de 2002, o Movimento Nacional de Direitos Humanos/Regional Nordeste, o Gabinete de Assessoria Jurídica das Organizações Populares (GAJOP) e o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) entraram com petição na Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), denunciando as violações de direitos humanos sofridas pelos membros do Povo Xukuru (SILVA, 1998).

É dentro desse contexto que o Povo Xukuru do Ororubá pratica a sua espiritualidade como um modo de viver. O Povo Indígena Xukuru tem demonstrado altivez ao enfrentar muitas situações adversas. Isso tem resultado em uma resistência combativa na vivência de uma espiritualidade com os pés no chão. É fundamental ter presente que a experiência que o sujeito faz de si mesmo é inseparável do processo de sua formação. Portanto, sua própria luta política realizase como um exercício espiritual (FOUCAULT, 2008).

Em suma, os povos originários deste continente resistem secularmente a todos os projetos de extermínio. Conseguiram isso de maneira especial, através de suas espiritualidades e culturas. Suas raízes profundas impediram a destruição física (genocídio) e cultural (etnocídio). O sistema colonial e o atual neoliberalismo pisaram fundo em seus coração e alma, mas não conseguiram destruir sua espiritualidade, sua identidade e seus valores.

O povo Xukuru do Ororubá é um povo valoroso que manteve sua crença, tradição e cosmovisão próprias, com suas formas de ver o mundo e seus significados. Oferecem à sociedade uma opção de vida, um novo caminho para o convívio harmônico com a natureza e tudo o que há nela, bem como sua arte do bem viver, onde os recursos naturais

não são mercadoria, mas parte integrante da cosmologia que lhes garante o bem viver.

Os Impactos aos Povos Originários da Aldeia Xukuru de Ororubá na Pandemia de Covid-19

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) caracteriza como pandemia a doença causada pelo novo coronavírus em vista da velocidade e escala de transmissão que atinge toda população mundial. Os povos indígenas que sempre enfrentaram grandes desafios relacionados à saúde, somados a experiências de discriminação e exclusão social, desigualdades em diversos âmbitos como o trabalho e a renda, tiveram que enfrentar os desafios da pandemia da Covid-19.

De dentro do Espaço Mandaru, um dos locais sagrados para o povo Xukuru, na aldeia Pedra D'Água (em Pesqueira, Agreste de Pernambuco), nesse mesmo ano, aconteceu a Assembleia Xukuru, que se reúne sempre no mês de maio para discutir ações afirmativas e políticas de saúde, educação e do direito à terra. Essa assembleia discutiu a “Pandemia Neste Ano” tema de uma videoconferência com a participação de profissionais de saúde da região e antropólogos que falaram sobre as ações sanitárias nas aldeias e reforçaram a conscientização sobre os cuidados para evitar contágio do vírus. Ao contrário de 2019, quando 2.300 pessoas participaram do evento, dessa vez, os interlocutores do cacique assistiram sua fala pelas telas do computador e do celular. Por causa da pandemia do novo coronavírus, a 20ª Assembleia Xukuru foi reformulada para uma versão online, que durou três dias começando em um domingo.

Naquele momento, apesar de não haver casos de Covid-19 no território, o cacique Marcos contou que toda a comunidade esteve mobilizada em ações de prevenção da doença. Medidas de prevenção foram tomadas

nas aldeias onde tinha maior fluxo de visitação, moradores restringiram a entrada de pessoas de fora, enquanto eles mesmos se revezavam no controle das porteiras. Três equipes médicas estiveram presentes orientando a população sobre os riscos e formas de evitar a contaminação do vírus, além de fazer monitoramento constante do Distrito Especial Sanitário Indígena, unidade de saúde responsável pela comunidade.

Um dos grandes impactos vividos por eles foi a interrupção dos seus rituais sagrados como o Toré, as escolas, as práticas culturais e de cultivos por conta da obrigatoriedade do distanciamento social que alterou o cotidiano das comunidades tradicionais.

O distanciamento social suscitou variadas reflexões acerca da educação escolar indígena específica e diferenciada no contexto pandêmico. Sendo a educação e o direito ao território duas das lutas mais densamente travadas pelos povos indígenas, podemos nos perguntar: como continuar as atividades educativas coerentemente aos modos de vida tradicionais uma vez que as práticas culturais indígenas foram sensivelmente alteradas nesse momento? De quais ferramentas podemos lançar mão no monitoramento dos direitos indígenas à educação durante o distanciamento social frente às ações dos órgãos públicos indigenistas? É possível a continuidade de uma educação escolar comunitária e intercultural à distância?

Prática Escolar no Curso de Ciências da Religião

Ensino, Pesquisa e Extensão compõem o chamado tripé de sustentação das Universidades. Isso é certamente uma ótima metáfora, mas não reflete o verdadeiro intrincado no qual essas áreas se encontram, no sentido que seus objetivos e suas justificativas estão correlacionados e, portanto, as metodologias devem ser convergentes.

Ao apresentar-se a experiência de visita *in loco* de uma aldeia Xukuru, neste trabalho é indicado um método de ensino/aprendizagem que dialoga plenamente com uma atividade de extensão e com princípios científicos da pesquisa científica, relativamente à observação, experimentação e registro.

A sala de aula sempre pode ser do tamanho do mundo, como muito se preconiza. Geralmente, essa ampliação das paredes e muros das escolas é efetivada pelo uso da Internet (VALENTE, 2002; PICARELLI, 2010). Mas a possibilidade de vivências concretas com culturas, objetos, locais e, principalmente, com as pessoas é radicalmente mais significativa. Deve-se notar que da mesma forma que o domínio da aprendizagem está nas mãos do aprendiz (essencialmente), essas práticas também devem ser incentivadas como buscas pessoais de educandos e educandas (HOOKS, 2017). Esses pensamentos estão nas bases do Curso de Licenciatura em Ciências da Religião da UNICAP e, particularmente, na Disciplina de *Textos e Narrativas Indígenas* foram desenvolvidas, entendendo que a espiritualidade e a religiosidade indígenas possuem princípios e práticas próprias com ampla variação entre povos indígenas no Brasil (DA MOTA, 2020; DE OLIVEIRA, 2014).

Questões como a de demarcação e aldeamento; verdade, realidade, história e mitologia; identidade, arte, cultura e religião; alma, visão de mundo e animismo; homossexualidade, sexualidade e questões de gênero são temas trabalhados na referida Disciplina e podem compor, individualmente ou em conjunto, motes para proposta de trabalhos em ensino, pesquisa ou extensão. Assim, a formação de professores e professoras de Ensino Religioso aproxima-se do princípio áureo da Educação: a valorização da vida, do ser humano, de suas crenças e culturas!

Considerações finais

Hoje, Padre, entra nessa casa comigo. Vou mostrar-te as cartas, o tormento de meu povo, do homem perseguido. Vou mostrar-te as dores antigas. E para não tombar, para firmar-me sobre a terra, continuar lutando, deixa em meu coração o vinho errante e o pão implacável de tua doçura” (Pablo Neruda, Frei Bartolomé de Las Casas, in Canto Geral).

Diante de tamanha importância da terra (no século XVI, na longa faixa litorânea compreendida entre os atuais Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul, encontrávamos uma exuberante mata rica não só em espécies vegetais, mas em espécies animais), podemos afirmar que ela cativa e/ou liberta, e fundamentalmente, tem determinado a situação socioeconômica.

Em meio a silêncios, gestos, palavras, sentimentos, pensamentos, fica a sensação de tocar e ter sido tocado por uma oportunidade sagrada e, junto com ela, florescer, secar, sentir a alegria e a dor do outro, experimentar a força delicada da mãe-terra e a brutalidade da civilização ao longo da história. Uma partilha que perpassa mitos, ritos e a espiritualidade de cada ser; que integra, recria, organiza e banha indivíduos com respeito, fraternidade, paz, alegria, inspiração, harmonia e aprendizados, tornando-nos mais humanos.

A espiritualidade indígena se traduz dentro de uma concepção harmoniosa do ser humano com a natureza. Antes de tudo, parte do princípio de que o direito de propriedade não é sagrado, pois a terra não pertence a ninguém a não ser Tupã, que entregou a terra para que todos, sem distinção, possam viver bem, sob a mesma esperança por uma “terra sem males”.

Resta agora um convite à reflexão e à ampliação das discussões aqui apresentadas. As práticas escolares podem (e devem) espelhar uma necessidade de nossa sociedade para preservar a vida, combater o precon-

ceito e o racismo, acabar com a intolerância religiosa, valorizar e preservar a cultura de todos os povos e comunidades no Brasil. Seria o pleno conhecimento e a experimentação estratégias para esta proposta? Será que a pandemia pôde ensinar a todos e todas que atitudes de solidariedade e proteção à Natureza são fundamentais para nosso futuro na Terra?

Sigamos juntos na busca por respostas...

Referências

ALMEIDA, Carina Santos de. Povos Indígenas, entre histórias e epidemias. *In* BARROS, Elissandra (org.) **Fala parente! A covid-19 chegou entre nós**. Iepé, 2021.

BOFF, Leonardo. **Covid 19: a humanidade contra-ataca**. Petrópolis: Vozes, 2021.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. Ubu Editora LTDA-ME, 2017.

DA CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lexikon Editora, 2019.

DA MOTA, Clarice Novaes. Religiosidade indígena nas Américas. **PARALELLUS Revista de Estudos de Religião-UNICAP**, v. 11, n. 26, p. 029-044, 2020.

DESCOLA, Philippe. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Rev. Mana*, v. 4, n. 1, abr. 1998, UFRJ. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/yFVLXtKkeyTLBYhYc8Hd8XN/>. Acesso em: 24 jul. 2022.

DE LAS CASAS, Bartolomé. **O paraíso destruído: brevíssima relação da destruição das Índias: a sangrenta história da conquista da América espanhola**. 3ª Ed. Trad. Heraldo Barbuy. L & PM, 2021.

DE OLIVEIRA, David Mesquiati. Ensino religioso escolar e religiosidades indígenas. **UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 2, p. 126139, 2014.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2008

- GENNEP, Arnold Van. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolia. 2ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- OBSERVATÓRIO TRANSDISCIPLINAR DAS RELIGIÕES. **Xukuru**. 2009. Disponível em: https://www1.unicap.br/observatorio2/?page_id=226. Acesso em 18 jun 2022.
- PEREGRINO, Artur. **O sangue que clama da terra**. Recife: CPT, 1996.
- PESTANA, Linda S. T. C.. Reflexões sobre mitos, ritos e espiritualidade indígenas. **Rev. Identidade!** v. 20, n. 2, p. 95-102, jul./dez., 2015. Disponível em: <http://est.com.br/periodicos/index.php/identidade/article/view/2607>. Acesso em 16 jun. 2022.
- PICARELLI, Ivete. Ambientes Complexos e Virtuais de Aprendizagem. In: **Anais da Conferência Internacional sobre os Sete Saberes Necessários, Conferência Internacional**. 2010. p. 21-24.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 3 Ed.. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia: com novo pós-escrito**. Editora Companhia das Letras, 2015.
- SILVA, Edson. Resistência indígena no NE: os Xukuru do Ororubá. **Revista Interface de Saberes**. v. Z., p. 11-22, 1998.
- VALENTE, José Armando. Uso da internet em sala de aula. **Educar em revista**, p. 131-146, 2002.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Exchanging perspectives: the transformation of objects into subjects in Amerindian ontologies. In: Symposium: Talking Peace with Gods, Part 1, **Common knowledge**, 2004, p. 463-484. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/common-knowledge/article-abstract/25/1-3/21/140004/Exchanging-PerspectivesThe-Transformation-of>. Acesso em: 25 jul 2022.

Ações de extensão voltadas para a saúde da mulher durante a pandemia de covid-19: desafios e readaptações

Alícia Laís de Araújo Magalhães¹; Amanda Larissa Nunes Silva¹; Andressa Andrade Cavalcanti Bastos de Oliveira¹; Carmem Laryssa Lima de Queiroz²; Júlia Oliveira Cruz¹; Larissa Valeska da Silva Moura¹; Lucas Machado Farias¹; Maria Victoria Azevedo de Araújo Arcoverde¹; Maria Zilda Lacerda Assunção de Mello¹; Vitória Maria Gomes Rabelo¹; Carlos Alberto de Sá Marques²; Alex Sandro Rolland de Souza³.

Os projetos de Extensão Universitária são fundamentais para proporcionar aos alunos desafios referentes ao desenvolvimento e implementação de estratégias que possibilitem a integração entre a universidade e as comunidades em seu entorno. Tal atividade é fundamental para a transformação dos discentes em participantes ativos nos problemas da comunidade, protagonistas de projetos de mudança e inclusão social favorecendo uma comunidade específica, seja na saúde ou outros aspectos. Esses aspectos são primordiais para docentes, discentes e a comunidade.

¹ Estudantes do curso de medicina da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP.

² Professor Coorientador - Unicap.

³ Professor Orientador - Faculdade Pernambucana de Saúde - FPS.

Nesse sentido, ressalta-se a área de saúde da mulher, pois através das vivências intermediadas por projetos de extensão, torna-se possível a formação de profissionais mais humanos, engajados e conscientes dos problemas vivenciados pela comunidade a qual irão servir ao final do curso superior (NUNES, SILVA, 2011).

A pandemia da doença infecciosa do coronavírus-19 (Covid-19), impôs novos hábitos sociais de vida para a prevenção da doença como o distanciamento social, uso de máscaras faciais, *lockdown*, lavagem das mãos e uso de álcool gel para limpeza das mãos e superfícies (Souza *et al*, 2021). Isso representou um desafio iminente para toda sociedade, para os professores universitários no processo de ensino, para os alunos no processo de aprendizagem e para as práticas no processo de relacionamento professor-aluno-paciente, as quais deixaram de ser presenciais e afetaram os projetos universitários de extensão. Palestras, seminários e aulas práticas presenciais não eram mais possíveis, pois alternativas precisavam ser encontradas (RIEDEL *et al.*, 2021). Dessa forma, a pandemia impôs uma nova ordem e um novo ritmo para a humanidade. O cotidiano pessoal mudou e as escolas/universidades haveriam de encontrar um novo significado (SOUZA, 2020).

Os projetos de extensão foram bastante prejudicados com a pandemia da Covid-19, todas as atividades presenciais foram suspensas com o intuito de preservar a saúde da comunidade e manter as atividades dos voluntários, alunos e professores. Muitas das assistências acabaram sendo reduzidas, quando, não, suspensas.

Diante deste cenário, o presente capítulo trata-se de um relato de experiência acerca das vivências, em tempos de pandemia, dos discentes do Projeto de Extensão em Ginecologia e Obstetrícia da Universidade Católica de Pernambuco (PEGO-PE).

O PEGO-PE é uma organização acadêmica sem fins lucrativos criada em abril de 2017, com duração ilimitada e autonomia administrativo-financeira. Inscrito na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), atendia, inicialmente, pela razão social de Liga Acadêmica de Ginecologia e Obstetrícia (LAGO-PE), sendo seu nome modificado, devido às mudanças de sua filosofia, antes centrada no ensino-aprendizagem e atualmente, na comunidade.

O projeto conta com 19 alunos e dois orientadores que se dividem em atividades periódicas entre ações de extensão voltadas para a comunidade isoladas, ou em conjunto com outros projetos e atividades práticas no Hospital da Mulher do Recife, maternidade de alto risco na cidade do Recife, Pernambuco.

As atividades teóricas são realizadas de forma quinzenal por meio de aulas expositivas e outras metodologias propostas tanto pelos próprios discentes envolvidos como também pelos orientadores responsáveis pelo projeto, além de eventos científicos destinados a todos os alunos da graduação da UNICAP e de outras instituições de ensino superior (IES).

O PEGO-PE foi criado a partir do interesse dos alunos na busca de maiores entendimentos sobre a saúde da mulher, tanto no âmbito teórico e prático, quanto no social e ético, bem como na formação acadêmica, objetivando maior contato com os pacientes e com a rotina médica vivenciada pelos profissionais da área. Essas atividades contribuem para o amadurecimento e aprendizado dos alunos através do contato direto com os pacientes e pela transferência dos conhecimentos entre os profissionais e os estudantes envolvidos, mas também trazem benefícios sociais de cuidados com a saúde da mulher para a comunidade.

Com o cenário da pandemia do novo coronavírus, da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2), surgiram desafios, em especial, no que

tange à maneira em que se transmite a educação, sua aplicação prática e a relação social dos discentes com a comunidade. Isso implicou no desenvolvimento de novos métodos, o que foi centrado com a popularização do método de ensino à distância (KAUL, 2020). Dessa forma, como em outros Projetos de Extensão, o PEGO-PE passou por adaptações em todas as suas vertentes, que serão o foco da abordagem deste capítulo.

Ensino durante a pandemia

Durante a pandemia da Covid-19, com o intuito de dar continuidade ao pilar de ensino do PEGO-PE, o grupo precisou aderir às novas tendências tecnológicas. As reuniões e aulas, antes realizadas presencial e quinzenalmente, após o turno das aulas, no ambiente da universidade, passaram a ocorrer *online* com a mesma frequência por meio da plataforma Google Meet disponibilizada pela universidade, da mesma forma que alguns eventos científicos. Assim, o primeiro semestre de 2020, devido às restrições, dificuldades de acesso às comunidades, ausência de campos de práticas e as incertezas sobre as evidências científicas da pandemia da Covid-19, associada a mortalidade que a doença causava, principalmente em pacientes de risco, e sendo nossos dois orientadores do grupo de risco, restringimos nossas atividades ao método *online* com discussões e aulas com convidados.

Tal adaptação nos trouxe algumas vantagens: primeiro houve uma flexibilização nos horários, permitindo o acesso às reuniões e aulas de qualquer localidade, “encurtando as distâncias”. Isso determinou uma maior adesão dos integrantes aos encontros, tendo em vista não mais ser necessário permanecer na UNICAP após turnos intensos e exaustivos de aulas e/ou se deslocar para participar das reuniões no caso dos membros de outras IES, ou aqueles que estivessem em atividades fora

do campus. Outrossim, facilitou à participação dos orientadores e professores convidados nas aulas internas do projeto, bem como em aulas abertas e simpósios, podendo os palestrantes realizarem a transmissão no conforto de suas casas ou em quaisquer que sejam os locais de sua preferência/disponibilidade. Destaca-se a facilidade de termos professores convidados externos de outras IES de Recife ou mesmo de outros estados.

Uma das grandes realizações do projeto foi o II Simpósio Sobre Saúde da Mulher (Figura 1) em agosto de 2021 com a proposta de discutir os temas mais prevalentes dentro da obstetrícia e ginecologia de forma gratuita e *online*. O evento foi realizado pela plataforma *YouTube* e permitiu a interação direta dos palestrantes com o público nas discussões dos temas.

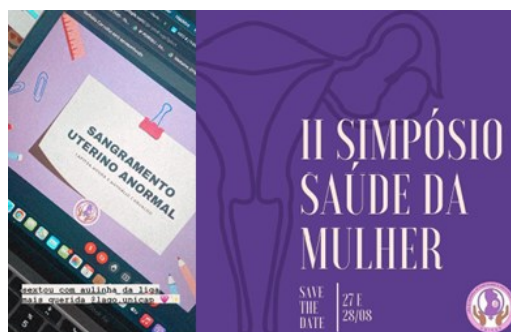


Figura 1. Aulas e simpósios promovidos pelo Projeto de Extensão em Ginecologia e Obstetrícia da Universidade Católica de Pernambuco (PEGO-PE).

Devido à paralisação temporária das práticas em campo, dificultando o processo de assimilação dos conhecimentos, o conteúdo das reuniões também sofreu adaptações. As pautas, antes divididas com discussões

burocráticas e de planejamento, passaram a dar enfoque maior às formações teóricas (seminários ministrados pelos alunos integrantes e/ou professores orientadores/convidados), associadas a metodologias ativas, tais quais resolução/discussão de questões de provas de residência e de casos clínicos, permitindo assim uma maior discussão teórico-prática dos temas abordados.

É importante ressaltar que houve um aumento no número de eventos e aulas abertas em parcerias com outros projetos de extensão, uma vez que o método remoto organizado pela universidade para as aulas de graduação e pós-graduação, também foi acessível aos projetos de extensão, o que favoreceu o contato com profissionais da área e facilitou a logística para todos os envolvidos.

Dessa maneira, foram realizadas três aulas abertas durante o período da pandemia, cada uma abordando temas relevantes no cenário atual, com professores especialistas convidados. A primeira contou com a participação da professora doutora Melania Amorim, tendo como tema abordado a relação da Covid-19 e a gravidez – perspectivas atuais e futuras, assunto ainda pouco conhecido e disseminado, em 08 de junho de 2020 (Figura 2). Já a segunda aula aberta foi realizada em conjunto com o projeto de extensão em Geriatria, da UNICAP, que teve como palestrante a professora Juliana Schettini, a qual abordou o tema sobre Sexualidade no Idoso, no dia 24 de novembro de 2021. Por fim, a terceira aula aberta abordou o tema de Gravidez na Adolescência, em parceria com o projeto AVIVAR – Grupo Incentivador ao Protagonismo e Resiliência Adolescente, também da UNICAP, com participação da palestrante Jeanine Trindade, em 10 de fevereiro de 2022.

Também durante o período pandêmico, o PEGO, originalmente fundado e orientado pelo Prof. Dr. Alex Sandro Rolland de Souza – médico obstetra especialista em saúde materno fetal, ganhou um coorientador,

o Prof. Dr. Carlos Alberto de Sá Marques – médico ginecologista especialista em saúde feminina e infecções sexualmente transmissíveis, ampliando os temas e discussões abordados pelo projeto. Fator que propiciou a integração de um novo orientador ao projeto foi a flexibilidade de horários das reuniões virtuais, expandindo a compatibilidade do cronograma de atividades com a agenda dos docentes.

No entanto, apesar de existirem benefícios com o método virtual, sabe-se que existem desvantagens ao método, principalmente quanto ao fortalecimento do vínculo entre discentes e docentes. Isso ocorre, uma vez que, a interação humana se torna prejudicada sem um espaço definido para o compartilhamento de pensamentos, maior conforto de debates e ideias para aplicação do próprio Projeto de Extensão (Santos et al., 2020).

Destaca-se que a metodologia virtual atrelada ao distanciamento social e todas as medidas referentes ao protocolo para prevenção da Covid-19 (Souza et al., 2021), também agregou aumento de sinais e sintomas de estresse, ansiedade e depressão, que devem ser identificados, tratados e prevenidos (Souza et al., 2022). Estudo realizado com estudantes de medicina do estado de Pernambuco, sugeriu que fatores sociais, culturais e relacionados ao desempenho acadêmico, bem como as mudanças metodológicas de ensino estão entre as variáveis significativas para o acometimento psicológico dos estudantes de medicina durante a pandemia da Covid-19. Assim, o PEGO-PE, sempre estimulava a identificação desses fatores para permitir uma elaboração de estratégias, objetivando atenuar os distúrbios psiquiátricos, de nossos membros (Souza et al., 2022).

Por outro lado, quando as aulas presenciais foram sendo permitidas, pode-se ter alguns encontros físicos, principalmente de caráter mais prático. Dessa forma, realizou-se uma discussão sobre a cesariana e curetagem, possibilitando uma aprimoração das habilidades dos membros do projeto (Figura 3).



Figura 2. Aulas práticas presenciais realizadas nos laboratórios da universidade. Procedimentos cirúrgicos em obstetrícia.

Práticas no Hospital da Mulher do Recife

Em relação ao contexto epidêmico, no que diz respeito à necessidade de adaptações, houve a interrupção das atividades práticas presenciais hospitalares no principal campo do projeto anteriormente à pandemia, a Policlínica e Maternidade Professor Arnaldo Marques, uma maternidade de baixo risco localizada no bairro do Ibura, na cidade de Recife, Pernambuco.

Após o início da pandemia, em março de 2020, a instituição tomou medidas de restrição, a fim de reduzir riscos de contaminação. Logo, as práticas hospitalares tiveram que ser interrompidas e o PEGO-PE perdeu seu importante campo de prática. Contudo, em novembro de 2020, foi conquistado o espaço em um hospital maternidade de alto risco na

Região Metropolitana do Recife, sendo assim, as práticas retornaram, dessa vez em um centro obstétrico de alto risco, alterando, em parte, as vivências e os aprendizados adquiridos, o Hospital da Mulher do Recife. Destaca-se que foram respeitados todos os protocolos de segurança exigidos no período.

Mesmo assim, as práticas na maternidade permaneceram restritas, uma vez que em decorrência do cenário pandêmico, o serviço limitou a quantidade de pessoas que circulavam no ambiente hospitalar. Contudo, no final do primeiro semestre de 2021, as práticas voltaram a ser normalizadas. Então, os membros passaram a desenvolver atividades práticas de saúde e tiveram a oportunidade de atuar na emergência/triagem da obstetrícia, tendo contato com gestantes no início, meio e fim da gravidez.

No centro de parto normal (CPN), obteve-se a maravilhosa experiência da assistência ao trabalho de parto, parto e puerpério inicial, além dos cuidados imediatos ao recém-nascido. Observou-se toda a assistência humanizada prestada pelos profissionais nesse processo, extremamente importante para o binômio mãe-bebê, além de aprender sobre as vias de parto e poder auxiliar em cesarianas (Figura 3).



Figura 3. Campo prático no Hospital da Mulher do Recife.

No alojamento conjunto também se desenvolveu atividades durante o acompanhamento do processo no pós-parto, onde houve o envolvimento com as puérperas e as mudanças do corpo imediatamente após a gravidez.

Assim, ficou evidente, que apesar das restrições impostas pelo momento epidemiológico que o mundo atravessou durante a pandemia, o serviço observou que o PEGO poderia contribuir com seus recursos humanos, na figura dos integrantes do projeto, para o manejo das pacientes e, conseqüentemente, ajudando ativamente na condução das gestantes junto à equipe obstétrica. Aos poucos, com a confiança da equipe em nossos membros, fomos deixando de ser aprendizes observadores e passamos a atuar de forma mais ativa sob orientação, prestando uma assistência humanizada às gestantes e puérperas, e assim, sendo uma prática de extensão para aquele grupo de pacientes. A conversa, o olhar, o toque, o carinho, o estímulo e até mesmo um conselho para que as orientações médicas fossem realizadas da melhor maneira, passaram a fazer parte de nossas vidas, culminado com o nascimento que foi nossa recompensa.

Mídias sociais

Sabe-se que durante a pandemia houve um aumento e uma transformação na utilização das redes sociais, sendo estas utilizadas não apenas para convívio e contatos sociais, mas também para educação e produções de conteúdos acadêmicos. Dessa forma, a equipe de mídia do PEGO-PE reinventou-se, inovando as publicações nas redes sociais do projeto, principalmente no Instagram, trazendo casos clínicos comentados, conteúdos informativos, campanhas de conscientização e enquetes para fixação de conteúdo, com participação dos seguidores (Figura 4).

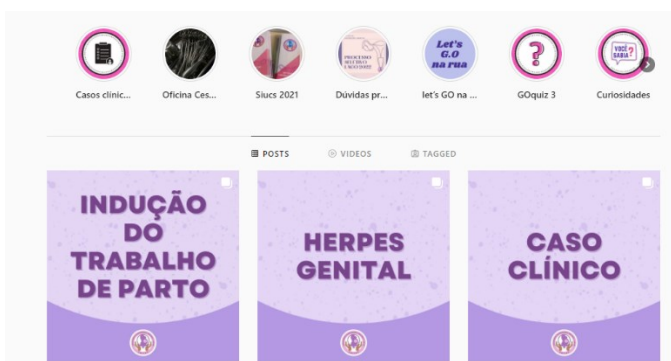


Figura 4. Mídias sociais na época da pandemia da Covid-19.

Cada postagem e produção de conteúdo acadêmico passaram por todos os participantes do projeto, e não apenas pelos membros da equipe de mídia, a fim de integrar todos os participantes e estimular a busca por conhecimento ativo, mesmo que com atividades remotas. Desta forma, o nosso projeto atingia não apenas aos estudantes de medicina, mas a toda população que desejasse adquirir alguma orientação baseada em evidências. Destaca-se que o conteúdo se apresentava com linguagem simples e objetiva para que todos tivessem acesso.

Nesse contexto, foram abordados temas como Síndromes Hipertensivas na Gestação, Pré-Natal, Hiperprolactinemia, Hemorragia Pós-Parto, Síndrome do Ovário Policístico, Doença Inflamatória Pélvica, entre outros assuntos de extrema relevância na área de Ginecologia e Obstetrícia, para os estudantes e a sociedade.

Ademais, foram realizadas enquetes abordando os conteúdos postados, esses mais destinados aos estudantes de medicina, as quais foram denominadas como “GO quiz”, a fim de fixar o conhecimento dos leitores e estimular a metodologia ativa na rede social.

Por fim, as mídias também foram utilizadas como meio de divulgação das atividades do PEGO, como da arrecadação de fundos para ações sociais, do II Simpósio de Saúde da Mulher, dos processos seletivos para ingresso de novos participantes e, por fim, das campanhas de conscientização do “Outubro Rosa” e de ações a respeito do combate à violência contra a mulher. Essas duas últimas ações foram bastantes relacionadas com a extensão para a comunidade, no qual foi esclarecido pontos importantes para a comunidade das mídias sociais sobre o câncer de mama e a violência contra a mulher.

Produção científica

A produção de evidências científicas por meio de trabalhos científicos é mais aplicada quando em contato com a parte prática e, dessa forma, apesar dos avanços vistos anteriormente, esse eixo foi prejudicado durante o contexto pandêmico. Isso foi em decorrência de um menor período no principal campo de prática do projeto, associados ainda à dificuldade de vínculo à área de ginecologia. Consequentemente, houve menor possibilidade para a elaboração de estudos.

Diante desse contexto e tendo em vista o cenário apresentado, a produção científica do projeto de extensão esteve muito associada aos estudos, aulas abertas, discussões e promoção de eventos educativos e simpósios, como o II Simpósio Sobre Saúde da Mulher.

Apesar dos fatores de impedimento apontados, o projeto atualmente se dedica a reerguer o eixo de pesquisa à medida que o processo de reabertura para os campos de prática aconteça, e o contato com novas possibilidades de orientação e de temáticas se firmam.

Ações de extensão

Quanto à parte da extensão, propriamente dita, de início foi dada uma pausa devido à crescente onda de casos da Covid-19, entretanto, quando houve uma redução nos índices de contaminação e mortalidade pelo SARS-CoV-2, surgiu a oportunidade de retomar a sua atuação. Todas as ações seguiram os protocolos de segurança do estado de Pernambuco para a época de realização e as orientações da UNICAP.

Sabe-se que, devido ao momento vivenciado, as ações a serem desenvolvidas teriam de ser com um número limitado de participantes, no entanto, a qualidade das informações não deveria ser perdida. Destacase que devido a necessidade de se aprimorar os meios digitais e de comunicação do nosso PEGO-PE, ocorreram melhorias na elaboração de materiais para distribuição ao público, como é o caso de panfletos educativos.

Primeiramente, a ação LET'S GO na Rua, realizada em 2021, que foi voltada à educação em saúde para a população feminina em situação de rua, em extrema vulnerabilidade, com palestras e rodas de conversa sobre diversos temas relacionados à saúde da mulher, de acordo com a demanda, no bairro de Santo Antônio, Recife, Pernambuco. Além disso, foram arrecadados e distribuídos itens de higiene pessoal, incluindo, principalmente, íntimo feminino, como absorventes, toalhas, sabonetes, roupas íntimas, etc. Teve como objetivo principal a orientação de mulheres em situação de rua com higiene precária, sanando dúvidas sobre ginecologia e obstetrícia, guiando sobre a melhor forma de prevenção e tratamento de doenças dessa área. Não podemos deixar de destacar a parceria com o projeto ReconstRua – saúde na rua, também da UNICAP, e da Liga Acadêmica de Práticas de Cuidado (LIPRAC) da Universidade Maurício de Nassau (UNINASSAU) que ajudou na distribuição dos materiais na comunidade “Entra Apulso”, Boa Viagem, Recife, Pernambuco (Figura 5).



Figura 7. Ação LET 'S GO na Rua, 2021.

Em seguida, na Semana de Integração UNICAP e Sociedade (SIUCS) a ação foi voltada para a saúde da mulher, com a realização do exame clínico das mamas, rodas de conversa sobre sexualidade, contracepção e prevenção do câncer de mama e colo de útero. Essa oportunidade, que é organizada pela UNICAP, teve a colaboração dos alunos de enfermagem do projeto de extensão UNICAP salvando vidas. Outrossim, foram distribuídos folhetos educativos preparados pelo nosso projeto, acerca de cada um desses temas, além de métodos contraceptivos de barreira, preservativos masculinos e femininos .

Ademais, em conjunto com o LudEduc, houve também uma atuação na casa de acolhimento às mães vítimas de violência, na qual existiu uma roda de conversa sobre contracepção, autocuidado das mamas, entre outros temas de acordo com a demanda das mulheres, no bairro de Campo Grande, Recife, Pernambuco.

Por fim, o LET'S GO na Rua de 2022 que foi uma ação voltada para as mulheres em situação de vulnerabilidade, novamente para a população em situação de rua, no bairro de Santo Antônio, Recife, Pernambuco, com palestras e rodas de conversa sobre diversos temas voltados à saúde da mulher e também em parceria com o ReconstrUA.

Todas essas atuações foram voltadas à educação em saúde para a população feminina e foram abordados temas como infecções sexualmente transmissíveis, sexualidade, contracepção, câncer de mama, dentre outros temas. Ademais, buscou-se sempre deixar as mulheres livres para realizarem perguntas e tirarem quaisquer dúvidas sobre a saúde feminina. É válido salientar que como a maioria da população atendida vive em situação de vulnerabilidade social, em muitas das ações foram distribuídas doações para essa população.

Considerações Finais

O PEGO-PE vem a cada ano melhor se estruturando em organização, atividades e mudança de filosofia, a qual, antes da pandemia era centrada no ensino-aprendizagem dos discentes, e durante a pandemia, houve a necessidade de a comunidade ser o centro de nossas ideias.

Apesar das restrições impostas pelos protocolos preventivos da Covid-19, o projeto observou uma carência de educação, dificuldades econômicas e falta de assistência básica à saúde por parte das mulheres, a qual foi agravada com a pandemia da Covid-19, o que motivou nossas ações.

Dessa forma, inicialmente as atividades voltadas para a saúde da mulher promovidas pela PEGO durante o período pandêmico contribuíram para o amadurecimento e aprendizado dos alunos, através do contato direto com o público-alvo e pela transferência dos conhecimentos entre os profissionais e os estudantes envolvidos. Entretanto, tudo foi organizado de forma que o maior beneficiado fosse as mulheres participantes.

Conforme citado, espera-se que o Projeto de Extensão em Ginecologia e Obstetrícia da Universidade Católica de Pernambuco (PEGO-PE), torne-

se um meio no qual os discentes estejam presentes à população atendida, atuando de modo a promover saúde e transformação social através da prática médica na área da ginecologia e obstetrícia. Além disso, é importante reconhecer o público-alvo como protagonista no processo saúde-doença, o qual envolve aspectos biopsicossociais, culturais e ambientais, e, ainda, ajudando a desconstruir paradigmas e estereótipos das doenças ginecológicas e possíveis intercorrências obstétricas que venham a existir durante o processo.

Mediante o interesse dos acadêmicos acerca dos inúmeros assuntos que possam vir a ser abordados na esfera da ginecologia e obstetrícia, a vontade de estudar possíveis quadros que acometem a população brasileira e objetivando entender e aprofundar os conhecimentos teórico-práticos em tal área, o PEGO-PE apresenta interesse em atividades que envolvam pesquisa, extensão e ensino. A importância dessa temática exerce nos alunos da graduação em Medicina um forte papel de intervenção social, a partir de projetos socioeducativos, visitas hospitalares, produção científica e atuação na Saúde Pública brasileira.

Diante do cenário da pandemia de SARS-CoV-2, surgiram novos desafios, em especial no que tange à maneira de transmitir conhecimentos, possibilitar a educação e sua aplicação prática. Dessa forma, o PEGO-PE, assim como outros projetos de extensão da UNICAP, teve de adaptar a sua atuação, de modo que os objetivos propostos fossem atingidos e pudesse haver transformação social nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, propiciando maior interesse dos alunos de medicina pelo tema, e melhor qualidade de vida para o público-alvo. Destaca-se que nesse momento de pandemia o PEGO-PE buscou principalmente soluções que não colocassem alunos e a população em maior exposição, assim, além de seguir todos os protocolos de segurança, os métodos online foram os preferidos para atividades educativas e, quando presenciais, buscou-se parcerias com outros projetos visando uma menor exposição,

pois a comunidade ganhava por ter acesso a diferentes informações no mesmo momento.

Referências

DE SOUZA, E. P. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, p. 110-118, 2020.

DINIZ, E. G. M. A extensão universitária frente ao isolamento social imposto pela COVID-19. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.6, n.9, p.72999 - 7301, sep.2020.

KAUL, V. et al. Medical education during the COVID-19 pandemic. **Chest**, v. 159, n. 5, p. 1949-1960, 2021.

NUNES, A. L. P. F.; DA CRUZ SILVA, M. B. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. **Mal-Estar e Sociedade**, v. 4, n. 7, p. 119-133, 2011.

RIEDEL, Maximilian et al. Experiences with alternative online lectures in medical education in obstetrics and gynecology during the COVID-19 pandemic – possible efficient and student-orientated models for the future?. **Archives of Gynecology and Obstetrics**, v. 305, n. 4, p. 1041-1053, 2022.

SOUZA, A. S. R.; AMORIM, M. M. R.; MELO, A. S. O. M.; et al. Aspectos gerais da pandemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 21, p. 29-45, 2021.

SOUZA, G. F. A.; SOUZA, G. F.; ALVES, A. C. S.; et al. Fatores associados a ansiedade/depressão nos estudantes de medicina durante distanciamento social devido a COVID-19. **Revista Brasileira de Educação Médica**, 2022 (no prelo).

Tecendo redes de empoderamento: uma experiência com mulheres em Salgadinho

Valdênia Brito Monteiro¹

Compartilhar a experiência “Mulheres em Vulnerabilidade: Tecendo Redes de Empoderamento”, iniciado em 2021, ainda na pandemia do covid19, com um grupo de mulheres que vivem no bairro de Salgadinho, é uma tentativa de registrar a percepção das escutas no que diz respeito às narrativas de dores, dissabores, desânimos que acompanham a vida de cada uma daquelas mulheres, entrelaçando com sentimentos de força e perseverança para continuarem vivendo no lugar de extrema pobreza. Escutar o silêncio que pulsa e, muitas vezes, chora sangue, diante da vida, faz-me vivenciar a história de luta pela sobrevivência e também despir-me de práticas contaminadas de dominação e observar as rachaduras do projeto hegemônico de sociedade (cultura patriarcal, racista, discriminatória...).

¹ Doutoranda pela Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP, Mestra em Direito Público pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Professora da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), coordenadora do Curso de Especialização em Direitos Humanos (Unicap), colaboradora do Humanitas/Unicap. Valdenia.brito@unicap.br

Quando este projeto foi gestado, o intuito era aprender a escutar e, ao mesmo tempo, contribuir para a construção de uma rede de convivência comunitária que proporcionasse o empoderamento coletivo e a redução da vulnerabilidade. O projeto, no seu arcabouço, visualizava um tecer de redes que é uma maneira de entrelaçar as cordas, de tal modo, que pudesse construir capacidades individuais e coletivas. Este tecer me incluía enquanto mulher.

A experiência é a partir da possibilidade de uma pedagogia decolonial, que implica assumir caminhos que vão contra aprendizados exclusivamente acadêmicos. Boaventura Souza Santos (2013, p. 15), expressa que “a grande maioria da população mundial não é sujeito de direitos humanos. É objeto de discurso de direitos humanos”. Mesmo muitos de nós, comprometidos com a humanidade, nossos lugares muitas vezes impedem de aprendermos no processo. É mais fácil realizarmos o discurso dos direitos humanos.

No caso da universidade, território da construção do conhecimento, a prática político pedagógica é uma forma de refletir as vivências extensionistas da ação- reflexão, articulando o ensino, a pesquisa e a extensão.

A partir de uma vivência comprometida com os direitos humanos, o marco orientador da experiência é Paulo Freire, quando discute a “cultura do silêncio” que retira dos/das subalternizados/as a possibilidade de se pronunciarem de forma crítica sobre o seu mundo, para a construção de “dizer sua a palavra” como ato de desobediência e humanização. Neste sentido, os estudos decoloniais foram/são referenciais para as vivências das rodas de empoderamento, bem como para o olhar sobre a realidade.

Esta sistematização faz uma cartografia breve do lugar onde moram as mulheres- Salgadinho, lugar de muitas histórias; quem são as Marias do

Projeto e por fim, algumas análises provisórias dos relatos apresentados a partir das rodas de compartilhamento.

Agradecimento de modo especial, ao Instituto Humanitas -IHU- pela parceria nesse projeto-, espaço de lutas políticas, nas pessoas do Vice-reitor e Coordenador do IHU, Pe. Lucio Cirne, pelo carisma e compromisso com os direitos humanos, principalmente na área da justiça socioambiental e a Irmã Rozário, pela militância na questão de gênero, capacidade de articulação com os movimentos sociais e pela habilidade de escuta das mulheres. Os agradecimentos também à Irmã Amara Melo, a qual tem um trabalho sociopolítico na comunidade paroquial, especialmente com a juventude. E por fazer a articulação com o pároco da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, Frei Carlos Antônio Silva Santos, OFM, que acreditou na proposta e me aceitou de braços abertos para a realização do trabalho. À Maria Socorro Brito, que colaborou com a proposta do diagnóstico participativo e a Maxwell Vignoli, que contribuiu com a capacitação de práticas de rodas de convivência. A Escola de Ciências Jurídicas, local onde sou professora, meu muitíssimo obrigada.

Salgadinho Lugar de muitas Histórias

As rodas de empoderamento são realizadas na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, no bairro de Salgadinho, município de Olinda. Considerada Região Metropolitana do Recife, é a terceira cidade de Pernambuco, com seus 400.000 habitantes, e a segunda cidade brasileira a ser declarada Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela Unesco, em 1982.

Seu acervo arquitetônico, urbanístico e paisagístico é extremamente esplêndido e não poderia ter outro nome da cidade: “Oh! Linda situação

para se construir uma vila"! A cidade antiga com sua ambiência paisagística e a vista para o mar, faz de Olinda a cidade de beleza plástica, de edifícios coloniais do século XVI e de fachadas de azulejos imponentes. Do outro lado da cidade, não se pode dizer o mesmo. O cartão postal da periferia é a pobreza e/ou a miséria, como qualquer cidade do Brasil.

O bairro de Salgadinho, considerado um dos 30 bairros localizados na cidade, a população é de 9.217 habitantes, sendo composta de 54.56% de mulheres e 45.44% de homens, segundo o Censo (2010). É um bairro com diversos estabelecimentos comerciais, distribuídos entre vários segmentos da cadeia do comércio, serviço, indústrias dentre outros. Como o bairro de Salgadinho tem uma população e extensão territorial grande, não se pode dizer que o grupo de mulheres representa a comunidade.

É um território que também traz suas contradições: pobreza, violência policial, tráfico de drogas, prostituição infantil, entre outras situações. As mulheres moram no entorno da Paróquia, sua maior parte, no local chamado antiga Fábrica de Velas. O cotidiano é igual a qualquer favela que não sabe o que significa os serviços básicos como educação, saúde, lazer e segurança. A arbitrariedade e a brutalidade são as marcas da polícia nesse local. O medo leva a uma situação de "asfixia". Uma das mulheres falou: "Eu ainda estou doente e com as carnes tremendo. Aconteceu a entrada da polícia no sábado. Ela (polícia) desconfia de todo mundo. É terrível. "

O tráfico de drogas compõe o cenário de quem entra no bairro. Olhares suspeitos, toque de recolher, autorização para entrar. A paisagem é pesada e inóspita. A prostituição infantil como retrato triste do bairro. A infância roubada.

A Paróquia Sagrado Coração de Jesus, localizada em frente ao Centro de Convenções, é reconhecida pelo seu papel pastoral (de jovens e adultos). Comprometida com a população do entorno, busca formar e acompanhar a juventude para diversas atividades da paróquia.

É no salão paroquial que são realizadas as rodas de empoderamento. A proposta do projeto nasceu com o intuito de propiciar espaços/momentos de partilhas, escutas e diálogos para identificar as necessidades/vulnerabilidades das mulheres e contribuir para a construção de uma rede de solidariedade, com ênfase na redução da vulnerabilidade. São nessas partilhas que as vivências de violência aparecem e são nesses momentos que se realizam as possibilidades de construção coletiva, de união entre elas.

Quem são as Marias do Projeto

A realização do diagnóstico participativo fez compreender a realidade de um grupo de mulheres multiplicadoras, cujo alcance das ações não se consegue contabilizar. Muitas vezes um trabalho que parece insignificante para nós, tem um poder de multiplicação na comunidade por atingir indiretamente outras pessoas, como familiares e vizinhos do entorno.

O questionário foi dividido em três partes: a. dados das entrevistadas (idade, estado civil, n. de filhos, escolaridade, profissão e ocupação); b. dados sociais (tempo de moradia e o bairro); e c. dados sobre políticas públicas (serviços públicos de saúde, limpeza urbana, iluminação, água, esgoto, equipamentos de apoio comunitário).

Os resultados reforçam a feminização da pobreza na pandemia, isto é, a realidade das mulheres pobres, na sua maioria negras e responsáveis

pela família, cuidando dos filhos ou/e netos sem a presença dos companheiros nas periferias de vários países do mundo. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), afirma que 1,3 bilhão de pessoas vivem na pobreza. O Índice de pobreza demonstra desigualdades acentuadas entre grupos étnicos e observa que mulheres são mais vulneráveis (ONU NEWS, 2021).

A idade das mulheres atendidas varia entre 20 e 65 anos, desempregadas, sem escolaridade. O que chama atenção é o analfabetismo. As atividades não podem ser realizadas a partir de pequenas leituras ou mesmo de utilização de palavras. Muitas não sabem escrever o nome e o sobrenome. Desejam empregos, mas não são qualificadas. Sempre falam que podem fazer faxina ou ser cuidadora.

“O país tinha mais de 14 milhões de famílias em situação de extrema pobreza, inscritas no Cadastro Único em outubro de 2020, com renda per capita de até R\$ 89” (G1, 2021). Esses dados refletem as Marias de Salgadinho. Predominantemente, sobrevivem das cestas básicas proporcionadas pela paróquia. Uma delas agrega à renda o apurado dos filhos que catam lixo. As que tomam conta dos netos recebem ajuda das filhas que trabalham.

A maioria mora no local há mais de 10 anos, em casa alugada. Só uma tem casa própria e outra tem casa emprestada. Falaram que não gostam do lugar. Expressaram que o lugar é péssimo ou regular. “Os vizinhos são fofoqueiros, as ruas sujas e com lixo, a polícia é violenta e o tráfico de drogas toma conta da rua”. Sobre o que o bairro tem de melhor, “não sabem dizer”. A maioria expressa que “não existe nada de bom”. As condições reforçam uma situação de vulnerabilidade, que “refere-se aos indivíduos e às suas suscetibilidades ou predisposições a respostas ou consequências negativas” (JANCZURA, 2012, p.302). É a capacidade de autodeterminação reduzida, podendo apresentar dificuldades para proteger seus próprios interesses, devido a déficits de poder, inteligência,

educação, recursos, força ou outros atributos (BARCHIFONTAINE, C. P. 2006, apud RODRIGUES; NERI).

Quanto às políticas públicas, no campo da saúde existe uma Clínica, mas informaram que os serviços são péssimos ou regulares. No caso das escolas, sabem da existência, mas não sabem dizer se são boas. Sobre as creches, informaram que são péssimas. O esporte e o lazer não existem. Quanto à segurança pública, a delegacia não fica próxima. A polícia entra na “comunidade sem pena”. “Não respeitam as casas”. “Pensam que a gente esconde o traficante”.

Entre os mortos pela polícia em Pernambuco em 2020, 97,3% eram pessoas negras. No total, 113 pessoas foram vítimas de ações policiais no estado. Dessas, 109 eram pessoas negras, três brancas, e em um caso não foi possível identificar a cor da pele. (REDE DE OBSERVATÓRIOS DA SEGURANÇA, 2021, p.23).

No caso da coleta de lixo, a maioria falou que a limpeza urbana passa todos os dias e que o “problema é da vizinhança”. Quanto aos serviços de água, esgoto e iluminação expressaram como péssimos. A água “muitas vezes passa semanas sem um pingo d’água na torneira”. A falta de iluminação deixa a população com mais medo. “Faz medo a gente sair de casa”. Quanto aos equipamentos de apoio comunitário, só conhece a paróquia. “É o lugar que a gente pede ajuda”. “A cesta básica recebida aqui é que ajuda no sustento da casa”.

Para a Organização das Nações Unidas (2020), cerca de 40% dos habitantes do globo vivem sem água. Metade da população mundial não tem acesso a esgotos tratados. Existe uma “crise global” sobre água e saneamento. “Pobreza extrema na região da América Latina subiu para 86 milhões em 2021 como consequência do aprofundamento da crise social e sanitária derivada da pandemia da COVID-19” (CEPAL, 2022).

Quanto à participação em outras atividades de apoio para melhorar a comunidade, a maioria disse que “não sabe como pode participar, mas acha importante”.

A realidade vivida por essas mulheres é o retrato da extrema pobreza do mundo. No caso da Covid 19, percebe-se que além do sofrimento vivido pela epidemia com a perda de pessoas queridas, a população ficou mais pobre. As mulheres de Salgadinho, podem representar as Marias do mundo. As condições de vida das pessoas mais pobres resultam em mais risco e menos opções para recuperar os impactos econômicos, sociais, culturais e subjetivos.

As Rodas de Compartilhamento

O encontro coincide com o dia da entrega das cestas. Articular as reuniões das rodas de compartilhamento com a entrega dos alimentos foi importante porque politiza o sentido da doação. Não é dádiva, afinal, elas dão uma hora de trabalho como voluntárias na paróquia, colaborando com a limpeza da igreja. A primeira coisa pensada foi criar uma ambiência para que todas sentissem um pertencimento. A proposta das rodas sempre foi a partir de músicas, poesias, contação de histórias, de cheiros no ar e meditação.

O início do projeto foi um pouco estranho, tanto para elas quanto para mim. Entender o porquê do olhar assustado, o silêncio paralisante e incômodo, não foi tão fácil. Um lugar sem falas. No primeiro encontro houve uma dinâmica sobre a arte de fiar e tecer. Era necessário construir os mosaicos daquele grupo a partir de pedaços de um território não revelado. O território não como espaço geográfico, mas como um espaço subjetivo, da esfera do vivido e das práticas. As rodas foram sendo rea-

lizadas a partir de algumas dinâmicas e foram saindo palavras, sentimentos, frases e choros. O empoderamento não surge sem trabalhar o território interior.

Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido*, discute o significado da “cultura do silêncio, que se gera na estrutura opressora, dentro da qual e sob cuja força condicionante vem realizando sua experiência de ‘quase-coisas’, necessariamente os constitui desta forma” (FREIRE, 2005, p. 101). O autor, ratifica o uso da palavra verdadeira como fundamental para o diálogo. “Não há palavra verdadeira que não seja práxis”. Daí, que dizer a palavra verdadeira transforma o mundo” (FREIRE, 2005, p.50). Mais adiante expressa que “o diálogo não impõe, não maneja, não domestica, não sloganiza” (FREIRE, 2005, p. 97).

Foi a partir do cuidado com cada uma delas que pequenos diálogos foram surgindo. Fals Borda, comprometido com a educação popular, juntamente com Paulo Freire, acredita nas vivências da investigação participativa, nos vínculos afetivos com a comunidade e em outro tipo de militante, intelectual ou educador. Ele usa o termo *sentipensantes*, “*aquella persona que trata de combinar la mente con el corazón, para guiar la vida por el buen sendero y aguantar sus muchos tropeços*” (2003, p. 9). Paulo Freire expressa de outra forma sobre ser intelectual comprometido. “Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso. Eu amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade” (2005, p.44).

E assim, as rodas buscaram reforçar a autoestima e a autoconfiança, como forma de reforçar a “fala”, a valorização pessoal e o reforço aos potenciais individuais. As rodas são propostas educativas para entender a realidade. Como diz Paulo Freire, sobre a importância de

[...] Uma educação que possibilite ao homem discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o coloque em

diálogo constante com o outro. Que o predisponha a constantes revisões. À análise crítica de seus ‘achados’. A uma certa rebeldia no sentido mais humano da expressão. [...] (FREIRE, 2003, p. 38).

O construir da proposta foi sendo gestado a partir de cada encontro e com base em uma pedagogia decolonial, uma pedagogia crítica iniciada com o contributo do pensamento de Paulo Freire e retomada por outros ativistas intelectuais que acreditam em outro projeto sociedade, como possibilidade de outras formas de conhecimento. De uma educação subversiva.

Os saberes locais, marginalizados pelo movimento hegemônico, são protagonistas nos cotidianos. No entanto, é difícil perceber e apreender a sonoridade naquilo que é silenciado por imposição. Para que o silêncio seja habitado por vozes e os saberes não hegemônicos rompam o anonimato, convertendo o silêncio em polifonia, é indispensável rejeitar e repelir hierarquias, diferenças de poder e, assim, criar horizontalidades entre os saberes, identificações, reconhecimentos, coexistências. Reinventar os saberes significa atribuir-lhes o mesmo peso, para que se desenvolva o diálogo entre eles. Desse modo, todos os saberes seriam convertidos em protagonistas (PIDNER, 2010, p. 13).

Significa apreender com as conversas, por outros caminhos e possibilidades. Enfrentando um saber tradicional e monocultural. Dialogar significa refletir práticas hegemônicas. O projeto decolonial, busca que os subalternos tenham um pensamento crítico da realidade e que faz agir, resistir às discriminações e desigualdades.

[...] ou seja, uma práxis baseada numa insurgência educativa propositiva – portanto, não somente denunciativa – em que o termo insurgir representa a criação e a construção de novas condições sociais, políticas, culturais e de pensamento. Em outros termos, a construção de uma noção e visão pedagógica que se projeta muito além dos processos de ensino e de transmissão de saber, que concebe a pedagogia como política cultural. (OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p.28).

Com base nesse olhar, cada encontro foi realizado numa duração de aproximadamente 1 hora e 30 minutos. Diante do silêncio incômodo, foi necessário refletir a confiança. O potencial escondido, levou a pensar a autoestima, a motivação como combustível pessoal e coletivo. Discutir a confiança e a crença em si levou a refletir o medo. A valorização individual puxou a reflexão sobre a valorização social. O tema sonho, estimulou a pensarem as mudanças e capacidades individuais. Alguns fragmentos das falas expressam as dores contidas por muitos anos.

- Eu esqueci de mim.
- Eu já não sorria mais.
- Eu não olhei para minha saúde. Preciso me cuidar
- Eu sempre preocupada com o outro.
- Saindo um peso de mim.
- Tranquilidade. Já consigo ouvir o canto do bem te vi.
- Eu preciso de mim.
- Não sei falar meu sentimento.
- Vivia mais assustada.
- Preciso pensar em mim.

Mesmo no contexto de pobreza e limitações, muitas mulheres são capazes de vivenciarem momentos festivos e praticarem a gratidão, como crédito a um recebimento de um benefício que alguém fez de bom para elas. Um dos exemplos concretos foi na Semana da Mulher na Unicap, quando se sentiram gratificadas por estarem em uma universidade participando de oficinas e conhecendo o campus. Explicitaram:

- Pensei que a gente, pobre, nunca podia entrar num lugar desse. Mas vi que pode através desses encontros. Gostei muito e quero participar mais. Obrigado.
- Fiquei muito feliz. É lugar de rico, mas a gente também pode. Um dia num lugar desse, fora do nosso lugar, é uma bênção!

- Eu gostei de ver o pavão branco. Quando eu ia conhecer um animal desse? Agradeço por entrar aqui.
- Depois desse trabalho muita coisa mudou. Este presentinho é para lembrar da gente. É uma porta retrato.

A integração entre a Universidade e comunidades pode contribuir a uma multiplicidade de ações, gerando um laboratório de práticas pedagógicas em constantes processos de diálogo e aprendizado.

Considerações Gerais

Acredito que o trabalho é disruptivo, com o intuito de uma construção coletiva de aprendizados, aparentemente incipiente e sem números para colocar em relatórios.

Através do diálogo consciente, traduzido pela cooperação, respeito, direito à palavra e reciprocidade, é possível uma reflexão crítica sobre a realidade. Dizer a sua palavra é insurgir ao silêncio, não é repetir a palavra qualquer, mas ir tecendo uma consciência do ser e saber.

O projeto decolonial traz uma virada epistêmica que não só reconhece a opressão como causa impeditiva para a emancipação de homens e mulheres que tiveram suas vozes suprimidas, como também reconhece as epistemologias subalternizadas como necessárias para a construção de um projeto de sociedade na perspectiva libertadora. Só será possível o empoderamento quando for possível se conhecer e perceber as possibilidades. O grupo precisa trilhar um grande caminho de autoconhecimento para poder sair desse lugar de atomização. No momento, a fase é de perplexidade sobre a vida e as perspectivas. Existe ainda um senti-

mento que precisa compreender os potenciais. Há incômodos e incertezas; como sair do lugar, como sobreviver sem a ajuda da paróquia, que possibilidade de trabalho, como virar a chave?

Referências

COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E CARIBE - CEPAL, 2022. Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br>. Acesso em: 8.abr.2022.

FALS BORDA, Orlando. **Ante la crisis del país: ideas-acción para el cambio**. Bogotá: El Áncora Editores; Panamericana Editorial, 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. **Educação e atualidade brasileira**. 3. Ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.

_____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/01/06/mais-de-14-milhoes-de-familias-vivem-na-extrema-pobreza-maior-numero-desde-2014.ghtml>. Acesso em: 8.abr.2022.

JANCZURA, Rosane. **Risco ou vulnerabilidade social?** Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 301 - 308, ago./dez. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 29.abr.2022.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera M. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.26, n.1, p.15-40, abril, 2010.

ORGANIZAÇÃO DA NAÇÕES UNIDAS. **Notícias**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/101526-mais-de-42-bilhoes-de-pessoas-vivem-sem-acesso-saneamento-basico>. Acesso em 8. abr.2022.

_____. **ONU NEWS**. Perspectiva Global Reportagens Humanas. Disponível em: <https://news.un.org/pt/>. Acesso em: 8.abr.2022.

PIDNER, F. S. **Diálogos entre ciência e saberes locais**: dificuldades e perspectivas. [s.l.] Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

RAMOS, Silvia...[et al.]. Pele-alvo: a cor da violência policial. **Rede de Observatórios da Segurança**. Rio de Janeiro: CESeC, 2021. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2021/12/relatorio-Rede-Observatorios-Seguranca-violencia-policial-14-dez-2021.pdf>. Acesso em.08.abr.2022.

RODRIGUES, N. O. ; NERI, A. L. **Vulnerabilidade Social, Individual e Programática em idosos da comunidade**: Dados do instituto FIBRA, Campinas, SP, Brasil. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232012000800023&script=sci_arttext. Acesso em 15. abr. 2022.

Prevenção de quedas em idosas institucionalizadas

Cristiana Maria Macedo de Brito¹; João Victor Barbosa dos Santos²; Maria Vitória dos Santos Silva³; Larissa Almeida Dias ⁴; Ana Elizabeth de Araújo Pessoa⁵

O envelhecimento revela um padrão gradual de crescimento no país e no mundo, como enfatizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), segundo o qual o Brasil assume uma posição intermediária em relação aos países da América Latina, obtendo a quantidade de 8,6% da população total. Nesse sentido, pesquisas revelam uma expectativa para 2025, mostrando que o Brasil ocupará o sexto lugar com maior número de idosos, equivalendo a um percentual de 15% dos cidadãos brasileiros. Nessa perspectiva, a expectativa de vida da população será tanto maior, quanto melhor for o acesso aos serviços de saúde por parte desse público (PIMENTEL; SCHEICHER, 2009; LEIVA-CARO et al., 2015; SANTOS et al., 2015).

¹ Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco; professora do curso de Fisioterapia da Universidade Católica de Pernambuco; coordenadora do Projeto de Extensão “Prevenção de quedas em idosas institucionalizadas” cristiana.brito@unicap.br; ²Estudante do curso de Fisioterapia da Universidade Católica de Pernambuco, joao.2020280135@unicap.br; ³Estudante do curso de Fisioterapia da Universidade Católica de Pernambuco, maria.2019211467@unicap.br; ⁴Estudante do curso de Fisioterapia da Universidade Católica de Pernambuco, larissa.2019280197@unicap.br; ⁵Estudante do curso de Fisioterapia da Universidade Católica de Pernambuco, ana.2019211233@unicap.br

O envelhecimento é considerado um processo multifatorial, progressivo e subjetivo, que traz consigo muitos comprometimentos, visto que implica em muitos fatores intrínsecos associados, decorrentes do aumento da idade, levando a uma diminuição da reserva funcional dos órgãos e aparelhos, afetando a independência funcional e também leva a mudanças relacionadas às questões psicológicas. Isso pode ser evidenciado pela diminuição da força muscular, da flexibilidade articular, do equilíbrio e mobilidade, além de segurança na marcha, o que, conseqüentemente, favorece o evento de queda (BRASIL, 2003; LOPES et al., 2009; MACIEL, 2010; LIMA JUNIOR et al., 2019).

A queda consiste na incapacidade de correção do deslocamento do corpo, durante seu movimento no espaço, considerada um dos principais problemas de saúde pública na população idosa por conta de sua elevada incidência e sérias conseqüências, trazendo implicações na saúde do idoso e no aumento dos custos assistenciais com essa população (CARREGARA; TOLEDO, 2008).

O risco de quedas em idosos apresenta como fatores predisponentes as doenças crônicas degenerativas e as próprias limitações musculoesqueléticas da senilidade, que afetam o grau de mobilidade, a função motora, o desempenho fisiológico, a funcionalidade, bem como o nível de independência, diminuindo assim o equilíbrio e os controles posturais (CUNHA et al., 2009; MARQUES et al., 2016; LIMA JUNIOR, 2019). Nesse contexto, é recomendado o acompanhamento da Fisioterapia a fim de desenvolver atividades físicas, melhorando as condições neuromusculoesqueléticas e funcionais e assim, contribuindo para a redução do número de quedas em idosos (LIMA JUNIOR, 2019).

De acordo com a Organização mundial de saúde (OMS), para uma boa qualidade de vida, são necessárias boas condições de saúde física e psicológica da pessoa idosa (MARQUES et al., 2016). Nesse sentido, o estudo de Pimentel e Scheicher (2009), feito no Rio de Janeiro, visando

mostrar dados sobre a saúde do idoso, revelou que 71% dos idosos eram independentes na realização das atividades do dia a dia, dos quais 27% eram classificados em condição física boa por realizarem atividade física moderada; 10,8% fisicamente frágeis e com certa dependência; e 18,2% foram considerados fisicamente incapazes, consistindo exatamente na população que não praticava atividade física (PIMENTEL; SCHEICHER, 2009).

As atividades físicas ao longo da vida são de extrema importância na vida do idoso, incluindo a prática de exercícios físicos e mentais, seja individual ou em grupo, favorecendo o envelhecimento saudável. Dados da OMS revelam que a prática regular de atividades físicas pode prevenir, minimizar e até evitar problemas de saúde, que surgem durante o envelhecimento, melhorando a qualidade de vida e bem-estar do idoso, além de favorecer a cognição e memória, normalmente comprometidas pelo envelhecimento (MEDEIROS et al., 2015).

Nesse sentido, a Fisioterapia pode atuar, por meio de exercícios fisioterapêuticos, que envolvem alongamentos, exercícios isométricos e isotônicos, beneficiando as condições de saúde, conservando as condições motoras, estimulando a funcionalidade para as atividades de vida diária, auxiliando na correção postural, além de contribuir para a redução do índice de quedas e acidentes domésticos (CUNHA et al., 2009; RIBEIRO, 2012).

No contexto da população geriátrica, a institucionalização é uma realidade, atualmente seja em casas de repouso, asilos ou abrigos, consideradas Instituições de Longa Permanência (ILP's), que abrigam ambos os sexos, embora pesquisas evidenciam uma prevalência maior do feminino. Sendo que, a rotina nesses locais, no geral, predispõe o idoso ao sedentarismo, visto que não dispõem de atividades diárias que estimulem os aspectos físicos, funcionais e cognitivos do indivíduo, restringindo-se muitas vezes aos cuidados básicos de alimentação, higiene e

vestuário. Assim, os idosos institucionalizados são mais susceptíveis à síndrome de fragilidade, que promove agravos à sua saúde, além de predispor a sentimentos de solidão, abandono e ausência da família, sendo de suma importância um suporte adequado à saúde desses idosos institucionalizados (LENARDT et al., 2010; FHON, 2012; FOCHAT, 2012).

Um fator que agravou a saúde do idoso, no contexto atual, foi o advento do COVID-19, que surgiu no ano de 2020, em Wuhan, China, com um surto de síndrome respiratória aguda grave, denominada de coronavírus-19, que logo em seguida se alastrou pelo mundo e com rapidez acometeu muitas pessoas em diversos países. Posteriormente, entre janeiro e março de 2020, a OMS declarou uma emergência na saúde pública e logo em seguida a classificou como uma pandemia com elevado grau de contágio (PAZ et al., 2021). Assim, por medida de segurança, a fim de diminuir os efeitos de contaminação do covid-19, foi decretado o estado de isolamento, e os indivíduos, de uma forma geral, foram privados da assistência aos atendimentos habituais de saúde, de forma presencial, incluindo a Fisioterapia.

Diante dessas circunstâncias, com a finalidade de diminuir os efeitos de contaminação do covid-19 e favorecer a saúde da população, os conselhos profissionais de Fisioterapia no Brasil autorizaram os serviços de teleconsultas, teleconsultoria e telemonitoramento, como ferramentas aplicáveis e reproduzíveis para permitir a supervisão e atenção aos pacientes que necessitam de alguma intervenção (COFFITO, 2020).

Considerando que a população geriátrica apresenta um risco iminente de quedas, que idosos institucionalizados vivenciam uma rotina de sedentarismo, e que a Covid-19 privou essa população de assistência fisioterapêutica, o presente projeto teve como objetivo oferecer novas possibilidades de atividades, de forma remota, nessa fase de pandemia, no

sentido de promover o bem-estar físico e emocional, favorecendo a qualidade de vida de idosas institucionalizadas.

Desenvolvimento

Metodologia utilizada

O projeto de extensão “Prevenção de quedas em idosas institucionalizadas”, proposto pelo curso de Fisioterapia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), oferece intervenção fisioterapêutica preventiva à comunidade idosa no Lar das Doroteias, situado na Rua da Soledade (ao lado da Igreja da Soledade), no sentido de minimizar o risco de quedas, favorecer o bem-estar geral das idosas e melhorar sua qualidade de vida, recorrendo a diversos tipos de recursos fisioterapêuticos e atividades lúdicas.



Em tempos normais (desconsiderando a pandemia), as atividades são desenvolvidas pelos alunos voluntários, sob a supervisão da coordenadora do projeto, no Lar das Doroteias, no turno da manhã, duas vezes

por semana, com duração de duas horas cada dia, atendendo a um público de cerca de 10 a 15 participantes.

Os objetivos do projeto consistem em: orientar as idosas e cuidadores a respeito do processo natural do envelhecimento e dos riscos e consequências para o evento de quedas; investigar o medo e a insegurança das idosas em relação às quedas e a interferência na execução de suas atividades de vida diária; identificar fraqueza muscular, limitações funcionais, déficits de equilíbrio e na marcha; intervir, por via de programa fisioterapêutico em grupo e atividades específicas para prevenção de quedas; promover a socialização das idosas; estimular a cognição e memória; orientar as idosas e cuidadores sobre as condições de saúde e acessibilidade (ruas, calçadas, ambientes domiciliares), além de cuidados pessoais em relação ao risco de quedas e orientações quanto aos exercícios domiciliares.

Para tanto, é conduzida uma sequência de atividades que incluem: alongamentos, a fim de flexibilizar a musculatura e preparar para os exercícios; exercícios para os membros superiores, inferiores e tronco, para fortalecer a musculatura e estimular a movimentação ativa; treino de marcha, através de circuito com obstáculos, para melhorar o equilíbrio dinâmico; atividades lúdicas como pintar, desenhar, atividades manuais e jogos, estimulando a cognição, memória e raciocínio; dinâmicas de grupo para favorecer a socialização entre as idosas; e momento de oração para finalizar as atividades do dia.

Além disso, são conduzidas ao longo do semestre, palestras educativas sobre os diversos temas para a saúde das idosas, com enfoque especial na prevenção de quedas, com distribuição de panfletos/cartilhas educativas; esclarecimentos junto às idosas sobre seu estado de saúde cinético-funcional e possíveis queixas; orientações de como proceder em ambiente domiciliar para favorecer a autonomia e independência funcional com exemplos de exercícios que podem ser realizados diariamente.

No entanto, nessa fase de pandemia, que vem compreendendo o período de 2020 a 2022, essa população, considerada de risco elevado para a Covid-19, foi privada dos atendimentos presenciais e para tanto, foi pensada uma alternativa para que não ficassem sem assistência, o que consistiu em uma programação de atividades, que obedecessem aos mesmos objetivos da prática presencial, habitualmente realizada, sendo que de forma remota.

Nesse sentido, considerou-se a dificuldade de manusear a tecnologia para conduzir a prática online de forma síncrona, visto que se trata de uma população idosa com limitações no âmbito tecnológico, e optou-se pela programação das atividades de forma assíncrona. Esta programação é desenvolvida pelos alunos, no horário do projeto, com supervisão da coordenadora do projeto, através da confecção de vídeos e materiais, sendo posteriormente transmitidos pelo Whatsapp para a coordenadora do convento, que repassa para as idosas, as quais se reúnem semanalmente para executar as atividades propostas.

Ademais, os materiais selecionados pelos alunos para trabalhar aspectos como cognição, raciocínio, memória e atividades lúdicas são entregues de forma presencial pela coordenadora do projeto para serem usados pelas idosas no momento reservado na rotina delas para essas atividades, supervisionadas pela coordenadora do convento.

Assim sendo, as atividades foram programadas em etapas, que consistiram em:

- Demonstração de alongamentos e exercícios para membros superiores, inferiores e tronco com auxílio de material disponível no convento (faixa elástica, bastão, bola, bambolê).

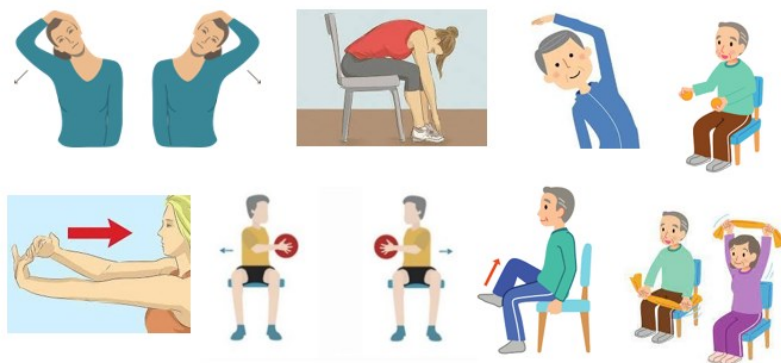


Figura 1: Ilustrações de movimentos

Ressalta-se que foram considerados apenas os alongamentos e exercícios realizados na postura sentada no sentido de garantir mais segurança para as idosas, que não estarão assessoradas presencialmente pelos alunos.

- Atividades manuais de coordenação motora fina com uso de materiais como pregador de roupa, bolinha de papel crepom colorido, palitos de picolé, algodão, realizando atividades funcionais, que envolvem os movimentos finos dos dedos.

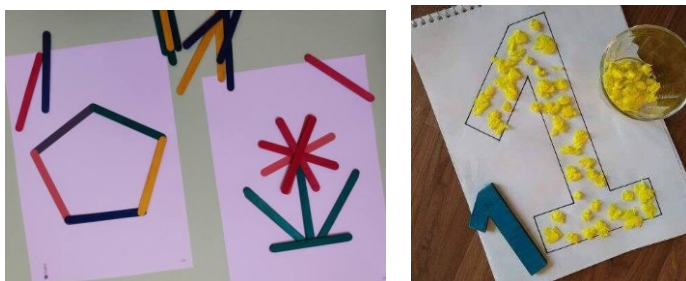
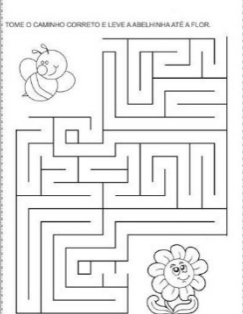


Figura 2: Atividades manuais

- Atividade para cognição, memória e raciocínio, de forma lúdica, tais como: formar palavras a partir de letras ou sílabas, caça palavras, palavras-cruzadas, copiar desenho, jogo dos sete erros, ligar figuras, completar desenhos, seguir labirinto, jogo de memória, dominó, colorir desenho, desenhar, pintar com lápis ou tinta guache.

Escola: _____
Data: _____ Turma: _____ Aluno: _____

TOME O CAMINHO CORRETO E LEVE A ABELHINHA À FLOR.



Encontre as palavras no Emaranhado de Letras.

X	P	E	B	G	X	E	F	X	L	R	E	X	F	B
U	X	Z	A	X	G	W	Y	E	X	F	R	R	Q	D
D	R	N	L	T	C	J	C	V	Y	V	O	O	J	X
C	C	S	O	T	E	D	E	Z	C	B	V	N	N	C
F	M	Q	E	Y	W	L	L	G	L	J	R	A	G	J
X	R	A	S	R	G	N	C	L	P	A	A	I	M	S
Q	O	C	H	Y	I	O	A	I	V	A	I	C	M	L
Z	C	G	W	L	K	I	I	L	C	D	I	N	H	X
A	B	A	N	D	E	I	R	A	D	I	V	A	C	W
H	S	O	R	Q	L	B	J	P	B	I	B	L	M	C
N	W	V	B	R	H	G	A	B	E	G	P	U	A	R
A	X	J	S	Y	O	I	K	J	B	D	J	B	Y	D
R	X	M	W	U	M	Q	Z	T	E	K	W	M	E	F
A	M	L	A	U	J	Z	I	L	I	O	D	A	P	P
W	N	K	S	U	W	W	A	A	N	W	V	H	E	Y

ABELHA
AMBULANCIA
ARANHA
ARVORE
CARRO
AVIAO
BALOES
BANDEIRA
BEBE
BICICLETA

Figura 3: Atividades para cognição

- Dinâmicas de grupo, estimulando a interação social como: adedonha, adivinhar a palavra/ música/ personagem a partir de mímica, contar histórias, passar a bola e pagar prendas.

- Orientações sobre prevenção de quedas, através de cartilhas ilustrativas com informações básicas do que se evitar (uso de tapetes no chão, calçados escorregadios, andar de meia, andar no escuro, piso molhado) e do que fazer (manter o quarto iluminado, usar cadeira com apoio para os braços, manter objetos pessoais ao alcance, usar tapete antiderrapante no banho), entre outras.



Figura 4: Orientações sobre prevenção de quedas

- Orientações sobre alimentação saudável, por meio de cartilhas, contendo informações sobre: fazer pelos menos três refeições ao dia; comer cereais, tubérculos e raízes; alimentos reguladores (frutas, verduras, legumes); ingerir proteínas (carnes, peixes, ovos); evitar alimentos industrializados, excesso de açúcar e sal; beber pelo menos dois litros de água ao dia; evitar bebida alcoólica e fumo; manter o peso dentro do limite saudável, entre outras.



Figura 5: Orientações sobre alimentação saudável

- Mensagens para as idosas, nesse momento de pandemia, com citações de trechos bíblicos, além de conteúdos de encorajamento, carinho, acolhimento, amizade e resiliência.

“O dia de hoje nunca vai se repetir. Faça o melhor dele, bom dia!”

“Desistir não é permitido. Bom dia!”

“Se precisar, descanse, mas não desista!”

“Esforçai-vos, e ele fortalecerá o vosso coração, vós todos que esperais no Senhor.” (Salmos 31:24)

“Não há causas perdidas, falhas ou fracassos com Jesus.” (Romanos 8:37)

Salienta-se que, os alongamentos, exercícios e dinâmicas de grupo foram gravados em vídeos, confeccionados pelos alunos e repassados pela coordenadora do projeto à coordenadora do convento. Já as atividades lúdicas, cognição/memória/raciocínio, prevenção de quedas, alimentação saudável e mensagens foram confeccionadas pelos alunos e repassadas por meio de material impresso e cartilhas, entregues de forma presencial pela coordenadora do projeto à coordenadora do local para que fossem executados pelo menos uma vez por semana, sob a supervisão da coordenadora do local.

Resultados obtidos

No período de pandemia, com a realização das atividades propostas pelos alunos, de forma assíncrona, verificou-se que, embora as atividades não tenham sido feitas de forma presencial, como de costume, nem na frequência habitual de duas vezes por semana, com a supervisão de um aluno para cada idosa, as sugestões de alongamentos e exercícios forne-

cidas por vídeos favoreceu as condições musculoesqueléticas de manutenção da amplitude de movimento, força muscular, equilíbrio e coordenação motora, amenizando o sedentarismo e prevenindo o risco de quedas.

Nesse sentido, a literatura aponta que a Fisioterapia tem um papel crucial na atenção à saúde do idoso, atuando na diminuição dos possíveis comprometimentos adquiridos com a institucionalização, além de adaptar o idoso a essa fase da vida por meio da preservação ou da recuperação da capacidade funcional. Essa melhora da capacidade funcional, potencializada pelas atividades físicas da Fisioterapia, ajuda o idoso a viver de forma mais independente para realizar suas atividades de vida diárias e instrumentais, que envolvem higiene, vestuário, alimentação, além de transferências e hábitos como preparar refeições, arrumar a casa e caminhar a uma determinada distância, tornando, portanto, o idoso mais saudável (FARIA et al., 2003; TRIZE et al., 2014; MARQUES et al., 2016).

As atividades realizadas no projeto de extensão, ainda que de forma remota, propiciaram uma certa movimentação para as idosas, dentro de sua rotina de sedentarismo, o que fortaleceu as condições musculoesqueléticas, minimizando o risco de quedas, embora isso não tenha sido quantificado por meio de instrumentos de avaliação, como de costume. Nessa perspectiva, é relatado pela literatura que através dos exercícios físicos, a população idosa é beneficiada com a melhora da mobilidade global, influenciando a redução do número de quedas por conta do incremento na força, no equilíbrio, na flexibilidade e na melhora da aptidão física, sendo isso conduzido através de um bom programa de exercícios com orientação adequada (MAZO et al., 2007; LIMA JÚNIOR, 2019).

Outrossim, os materiais impressos com atividades lúdicas, entregues no convento, serviram de estímulo para a cognição, memória e raciocínio,

que consistem em aspectos bem vulneráveis nessa população idosa, favorecendo ainda a interação entre as idosas, que nessa fase de pandemia permaneceram mais isoladas.

Nesse contexto, a literatura ressalta que um dos fatores essenciais para o envelhecimento saudável é a prática de exercício físico e mental, seja no âmbito individual ou em grupo. Isso favorece os aspectos físicos, como também traz repercussões na função cognitiva, evidenciadas pelo aumento no tempo de reação e otimização da memória, por conta da melhora da circulação cerebral e alterações na síntese e degradação de neurotransmissores (MARTELLI, 2013).

Assim sendo, a realização de atividades de alongamento, exercícios ativos para a amplitude de movimento, fortalecimento muscular e treino de equilíbrio, além das atividades para a memória como contagem de séries, jogo da memória e palavras-cruzadas ajudam tanto na capacidade funcional, como na preservação da memória e estado de alerta do idoso (MEDEIROS et al., 2015).

Dessa forma, a realização desse projeto de extensão, nessa fase de pandemia, ainda que de forma remota, funcionou como um estímulo para que as idosas continuem a manter uma rotina de atividades em grupo no sentido de melhorar as condições musculoesqueléticas, a qualidade de vida e a interação entre elas, além de contribuir para o aprendizado dos alunos com atividades de promoção e prevenção à saúde numa população tão vulnerável às adversidades impostas pela pandemia.

Entretanto, como limitações dessas atividades do projeto, nessa fase de pandemia, foram apontadas várias pela coordenadora do convento, que estão relacionadas à dificuldade prática de executar as atividades semanalmente, como uma rotina; a adesão das idosas às atividades, na ausência da equipe de alunos do projeto, de forma presencial; a disponibilidade de cuidadoras suficientes para fiscalizar as atividades das idosas, entre outras. Isso reforça a importância da presença física dos alunos no

projeto, desenvolvendo as atividades lado a lado com as idosas, supervisionando o desempenho delas, respeitando suas limitações, reforçando suas capacidades, favorecendo a socialização e servindo de estímulo para a prática saudável de atividades físicas e lúdicas.

Considerações Finais

Realizar o projeto “Prevenção de quedas em idosas institucionalizadas” de forma remota consistiu em um grande desafio para todos os envolvidos no projeto, considerando que, enquanto fisioterapeutas, temos a característica peculiar de desenvolver abordagens com o contato físico com o paciente.

A princípio, a proposta de fazê-lo de forma remota pareceu impossível, mas como em muitas situações ao longo dessa pandemia, tivemos que nos reinventar e pensar novas possibilidades de atuação na prevenção de quedas e promoção da saúde do idoso a fim de dar continuidade a prestação de assistência a essa população tão carente de atenção e de serviços especializados.

Nessa perspectiva, com a realização do projeto, ainda que de forma remota, foi possível enfatizar a importância da indicação e manutenção de atividades terapêuticas contínuas e direcionadas para as idosas institucionalizadas no sentido de estimular a funcionalidade, favorecer a autonomia na realização de atividades de vida diárias, prevenir quedas e melhorar a sua qualidade de vida.

Contudo, faz-se necessário considerar as limitações impostas pela forma remota de atuação, considerando que as atividades foram improvisadas da forma que foi possível, mas de longe, não são as ideais para a condução da assistência ao idoso, que necessita de uma atenção especial, devidamente supervisionada, o que só é possível na forma presencial.

Não podemos deixar de lamentar profundamente, nessa fase de pandemia, o distanciamento físico em relação a essas idosas, que nos acolhem com tanto carinho, atenção e disposição para se submeterem às atividades por nós propostas, tornando a nossa missão de fisioterapeuta cada dia mais viva no sentido de melhorar suas condições de saúde e qualidade de vida, além de nos incrementar enquanto pessoas por meio da troca de experiências de vida com esse público, que tanto tem a nos oferecer.

Referências

AVEIRO, M. et al. Perspectivas da participação do fisioterapeuta no Programa Saúde da Família na atenção à saúde do idoso. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v.16, n.1, p.1467-1478, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL (COFFITO). **Resolução no 516, de 20 de março de 2020 - Teleconsulta, Telemonitoramento e Teleconsultoria** [acesso 30 abr 2020].

FARIA, J. C. et al. Importância do treinamento de força na reabilitação da função muscular, equilíbrio e mobilidade de idosos. **Acta Fisiátrica**, São Paulo, v.10, n.3, p.133-7, 2003.

FHON, J.R.S.; DINIZ, M.A. LEONARDO, K.C.; KUSUMOTA, L.; RODRIGUES, R.A.P. Síndrome de fragilidade relacionada à incapacidade funcional no idoso. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.25, n.4, p.589-94, 2012.

FOCHAT, R.C.; HORSTH, R.B.O.; VIANNA, C.L.C.; RAPOSO, N.R.B.; VIEIRA, R.C.P.A.; CHICOUREL, E.L. Perfil sociodemográfico de idosos frágeis institucionalizados em Juiz de Fora - Minas Gerais. **Revista de Atenção Primária à Saúde**, v.15, n.2, p.178-84, 2012.

LENARDT, M. H.; MICHEL, T.; WACHHOLZ, P. A. Autoavaliação da saúde e satisfação com a vida de idosas institucionalizadas. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 9, n. 2, p. 246-254, 23 set. 2010.

LIMA JUNIOR, B. A. et al. Caracterização dos principais exercícios terapêuticos na diminuição de quedas em idosos: Revisão Integrativa. **Brazilian Journal of health Review**, v. 2, n. 4, p. 2365-2375, 2019.

MACIEL, M. Atividade física e funcionalidade do idoso. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.4, p.1024-1032, 2010.

MARTELI, A. Alterações Cerebrais e os Efeitos do Exercício Físico no Melhoramento Cognitivo dos Portadores da Doença de Alzheimer. **Revista Saúde e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.49-60, maio 2013.

MARQUES, H. et al. Escala de equilíbrio de berg: instrumentalização para avaliar qualidade de vida de idosos. **SALUSVITA**, **Bauru**, v. 35, n. 1, p. 53-65, 2016.

MAZO, G.Z. et al. Condições de saúde, incidência de quedas e nível de atividade física de idosos. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v.11, v.6, p.1-11. nov. /dez 2007.

MEDEIROS, I. M. P. J. et.al. A influência da fisioterapia na cognição de idosos com doença de Alzheimer. **Revista UNILUS Ensino e Pesquisa**, v. 12, n. 29, p. 15-21, 2015.

OLIVEIRA, H. et al. Fisioterapia na prevenção de quedas em idosos: revisão de literatura. **Revista Interdisciplinar de Estudos Experimentais**, v. 9, n. único, p. 43-47, 2017.

PAZ, L.E.D.; BEZERRA, B.J.S.; PEREIRA, T.M.M.; SILVA, W.E. COVID-19: a importância da fisioterapia na recuperação da saúde do trabalhador. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, v.19, n.1, p.94-106, 2021.

PIMENTEL, R. M, Scheicher, M. E Comparação do risco de queda em idosos sedentários e ativos por meio da escala de equilíbrio de Berg . **Fisioterapia e Pesquisa**, São Paulo, v.16, n.1, p.6-10, jan./mar. 2009.

TRIZE, D. M. et al. Fatores associados à capacidade funcional de idosos cadastrados na Estratégia Saúde da Família. **Fisioterapia e Pesquisa**, São Paulo, v.21, n.4, p.378-383, 2014.

Liga acadêmica de infectologia da UNICAP: atuação frente à pandemia do COVID-19

Laura Brito Barreto Maranhão, Gabriel Coelho de Alencar, Jennifer Tuane Felipe de Góis, Luiza Maria Lopes Padilha, Mariana Peixoto Dantas, Maria Clara Siqueira, Laura Mendes Rodrigues, Amanda Larissa Nunes Silva, Sílvia Maria Gonçalves Luz Barros Bezerra, Regina Coeli Ferreira Ramos¹

A extensão universitária, prática pautada no diálogo entre os estudantes e a comunidade, surgiu a partir da necessidade de se fornecer apoio socioeducativo às classes populares, as quais são frequentemente privadas de direitos e de informações confiáveis (RODRIGUES *et. al*, 2013). Através da extensão, torna-se possível a junção entre o saber acadêmico e o saber popular, o que faz com que tanto a sociedade quanto a universidade se beneficiem: enquanto a população é assistida, os graduandos ampliam suas perspectivas e desenvolvem habilidades fundamentais para uma formação crítica, reflexiva e humanista (GADOTTI, 2017; GUIMARÃES *et. al*, 2020).

Dentro das inúmeras possibilidades de construção de um currículo paralelo, grupos estudantis que visam à indissociabilidade entre a pes-

¹ Acadêmicos do curso de Medicina Unicap

quisa, o ensino e a extensão têm se destacado: as ligas acadêmicas (HAMAMOTO, 2011). Enquanto associações, as ligas abordam temas recorrentemente negligenciados pelo conteúdo programático do curso médico, fornecendo aos estudantes aulas, cursos e atividades extracurriculares que proporcionam mais conhecimento e experiências (FERREIRA *et. al.*, 2011).

Nesse contexto, ressalta-se a importância das aulas teóricas e das práticas dos ligantes no âmbito hospitalar. Porém, nos momentos mais críticos da pandemia, essas práticas precisaram ser interrompidas (retornando apenas em outubro de 2021 com uma melhora do cenário), mantendo-se apenas as aulas teóricas, ministradas online.

O ensino à distância não é comumente utilizado nos cursos e programas de educação superior da área da saúde no Brasil, pois os currículos exigem formação clínica e socialização profissional. É um desafio para professores e alunos introduzir estratégias de ensino à distância em um programa educacional de repente, sem preparação e treinamento prévios (PELOSO, *et al.*, 2020). As informações colhidas pelos ligantes no período pandêmico foram essenciais para manter um acesso confiável de informações sobre a COVID-19 para a população em geral, considerando que houve um excesso de disseminação de *fake news* sobre essa patologia durante o período pandêmico.

A partir do reconhecimento da necessidade de se trabalhar a educação em saúde com a população da região metropolitana do Recife, estudantes de medicina filiados à Liga acadêmica de infectologia da Unicap (LAIN-UNICAP) idealizaram variadas atividades voltados à educação em saúde e abordagem de temas como a poliomielite, as infecções sexualmente transmissíveis, as doenças exantemáticas, hanseníase, COVID-19 e tuberculose.

Diante do exposto, o relato de experiência a seguir objetiva discorrer quanto às atividades extensionistas desenvolvidas pela LAIN-UNICAP dentro das condições primariamente impostas pelo período pandêmico.

Metodologia

Este capítulo trata de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, referente às práticas da LAIN-UNICAP. A LAIN é uma organização estudantil sem fins lucrativos que atua no tripé acadêmico de aprendizado: ensino, pesquisa e extensão. Este projeto é composto por 15 estudantes de medicina da própria UNICAP e também de outras faculdades médicas da Região Metropolitana do Recife.

As temáticas trabalhadas pelo projeto são focadas nas doenças infecto-contagiosas mais prevalentes ao nível municipal, estadual e nacional. Assim, no que se refere às ações de extensão, a LAIN apresenta grande responsabilidade social, sobretudo quanto à prevenção e a promoção de saúde acerca das doenças negligenciadas.

Diante desse cenário, as principais ações sociais de extensão do projeto tiveram que ser readaptadas durante o período da pandemia do Covid-19. Uma alternativa para continuidade das atividades foi a parceria com o Unificados-PopRua. Esta organização trata-se de um coletivo de ONGs da cidade do Recife com atuação voltada para as pessoas em situação de rua (PSR).

Relato de caso

O projeto de extensão visa estender os conhecimentos e as práticas universitárias para a população dos nossos arredores. No decorrer da pandemia, vimos a necessidade de pôr mais em prática esse conceito, já que

nos deparamos com um período de várias dificuldades, principalmente no âmbito da saúde.

Uma das principais participações como extensionistas, foi com a parceria junto ao projeto Unificados PopRua. Esse projeto surgiu diante do cenário pandêmico com a proposta de unir ONGs e grupos de ajuda social da região metropolitana do Recife para manter o atendimento e alimentação das pessoas que vivem em situação de rua e vulnerabilidade.

A aliança com essa organização se deu através da prestação de serviços e orientações básicas em saúde, supervisionada, em troca dos espaços físico e logístico da ONG para os alunos exercerem suas atividades, até então drasticamente reduzidas, ao nível hospitalar, pelo contexto sanitário.

Inicialmente os membros voluntários da organização nos apresentaram o espaço e os serviços que ofereciam que eram: doação de máscara e materiais de higiene pessoal, doação de vestimentas, espaço para banhos semanais, doação de alimentos e água, serviços de assistência social e legal; serviços de atendimentos em saúde básica. A equipe de alunos da LAIN, integrou a equipe de saúde, comparecendo um sábado por mês, promovendo os atendimentos de acolhimento e ausculta da população, aferição de pressão, supervisões de lesões de pele e, quando necessário, referenciando para unidades já previamente acordadas e da região. Isso sob supervisão de enfermeiras ou assistentes sociais capacitadas.

Ao decorrer das participações nos atendimentos, foi observada a necessidade de orientações gerais ao nível de educação em saúde. Com isso, surgiu a vontade de promover ações mais participativas com a população atendida pelo do Unificados PopRua.

Nossa primeira ação, em pandemia, foi voltada para a explanação lúdica da correta técnica de lavagem de mãos (Figura 1). Nosso público, na maior parte das vezes, não tinha acesso a instruções técnicas ou poder econômico para a compra constante de álcool em gel e na época, com os preços inflacionados, de fato não foi realidade para eles. O mesmo acontecia com o isolamento social, uma vez que sua grande maioria vive em situação de rua e o distanciamento social é algo inviável.



Figura 1: dinâmica sobre lavagem correta das mãos.

Para essa dinâmica, fizemos uma atividade com tinta, água e sabão. Primeiramente dois dos nossos voluntários eram vendados e tinham as mãos pintadas como uma simbologia à sujeira invisível aos nossos olhos, depois era fornecido sabão e água para a higienização através da técnica de lavagem de mãos preconizada. Após a lavagem das mãos, caso houvesse resquício de tinta, mostramos que eram os pontos em que a higienização não foi feita corretamente, e que era assim que as sujeiras se comportavam, mesmo nós não conseguindo ver. Depois da demonstração, como uma forma de promover envolvimento, interação e fixar o conhecimento, pedimos pela participação dos usuários com a participação de dois deles.

Ainda no Unificados PopRua, tivemos a experiência de dialogar sobre a Tuberculose. Sabemos que é uma doença infectocontagiosa muito es-

tigmatizada, porém ainda muito comum no Brasil. Estávamos trabalhando com uma sabidamente população de risco, em que a incidência da doença nesse grupo epidemiológico é de 56% mais chances de contrair tuberculose e de óbito 2,5 vezes maior (DE LIMA FILHO, *et al.*; 2022). Para isso, fizemos mais uma intervenção lúdica e interativa. Dessa vez, levamos um banner com doze questões sobre tuberculose, seis verdadeiras e seis falsas e um dado de tamanho grande. A atividade aconteceu com a jogada do dado e o número determinado por ele daria uma sentença, para o participante falar se achava que era verdadeiro ou falso. Após a opinião do participante, nós falávamos a resposta e dávamos uma explicação sobre o tema tratado. Fora o banner e o dado, levamos também vários panfletos ilustrativos do Ministério da Saúde ou Prefeitura do Recife sobre tuberculose para nos auxiliar na explicação.

Percebemos nessa ação que a tuberculose ainda traz muitas dúvidas, mesmo sendo bastante conhecida, isso carrega consigo muitos estigmas e conseqüentemente muitas curiosidades. Despertamos curiosidades até dos voluntários do UnificadosPopRua. A proposta da brincadeira de verdadeiro ou falso foi ótima para chamar a atenção dos participantes, mas uma vez que já tinham respondido a sua pergunta sempre surgia outra pergunta e acabava em um diálogo bastante produtivo sobre tuberculose. Nós, enquanto estudantes, tivemos que nos aprofundar no assunto para montar o material e se dispor a ensinar e tirar as dúvidas demandas da população, servindo de ambiente de aprendizagem.

Neste sentido, os participantes da LAIN viram a necessidade e os benefícios da educação em saúde aos usuários do Unificados PopRua, pois as ações tornaram-se meios importantes no repasse de informações e na possibilidade de tirar dúvidas quanto aos temas abordados. Ações como “Você sabe quando deve procurar uma UPA no Recife?”, possibilitam instruir sobre o acesso aos serviços de saúde, tipos de setores disponíveis e em quais situações devemos buscá-los. Nesta ação, o projeto

atuou em conjunto com a Liga Acadêmica de Psiquiatria e Saúde Mental (LAPSAM) da UNICAP.

Além dessa atividade, outras foram sendo realizadas como uma forma de orientação àqueles que utilizam o serviço do Unificados PopRua, como “Verdades e Mitos sobre o HIV” e “Verdades e mitos sobre infecções sexualmente transmissíveis”, sempre buscando parcerias com outros projetos da UNICAP que também atuam na ONG, como o ReconstRUA, extensão voltada para população em situação de rua (Figura 2). Sabemos que a população em situação de rua possui uma alta vulnerabilidade às patologias colocadas em tema nesta ação. Isso ocorre tanto pelo tabu existente em torno dos temas que envolvem a sexualidade, quanto às vulnerabilidades sociais: difícil acesso às medidas de proteção, baixo entendimento da transmissão das infecções sexuais/HIV, das profilaxias quanto à exposição e, principalmente, de qual serviço procurar atendimento.



Figura 2: estação informativa e tira-dúvidas sobre ISTs.

É importante ressaltarmos, ainda, a importância de uma ação que realizamos também com o UnificadosPopRua durante a pandemia, em que foi realizada a testagem de Sífilis e HIV em conjunto com uma equipe

de saúde do Estado. Nessa, tivemos uma procura e participação marcante dos usuários do serviço. Toda a atividade foi realizada com orientação pós-resultado e notificação dos participantes da testagem.

Neste contexto de atuação com a população em situação de rua, a coordenação de pesquisa da LAIN produziu um trabalho sobre “Educação em saúde para quem não pode ficar em casa: relato de experiência”, o qual foi submetido e aprovado na modalidade E-pôster (pôster eletrônico) no XII Congresso Catarinense e Paranaense de Educação Médica, sendo ele apresentado no primeiro semestre de 2021. O presente trabalho abordou como as palestras, a escuta, as orientações e os atendimentos de triagem foram necessários para a população beneficiada em tempos de pandemia e isolamento social.

Além dele, outros projetos científicos foram executados, como a pesquisa “Análise epidemiológica e dos principais desfechos clínicos da co-infecção HIV/SARS-COV-2 em um hospital de referência da cidade do Recife”, o qual teve o objetivo de analisar a sobrevida global entre os pacientes portadores do HIV em uso regular de TARV *versus* aqueles com carga viral detectável e contagem de linfócitos TCD4<200. Como também, “Elaboração de minicurso online como ferramenta alternativa no aprendizado de infectologia durante a pandemia de COVID-19”, sendo este submetido e aprovado no XXII Congresso Gaúcho de Educação Médica, apresentado na modalidade e-pôster.

Além das ações realizadas para a população de rua, algumas atividades foram ministradas para a população em geral. Dentre elas, uma a convite da sede Recife do Rotary Internacional sobre a Poliomielite e atualização da caderneta vacinal, realizada no dia 24 de outubro de 2020 na praça do Parnamirim.

Também firmamos, em setembro de 2021, uma parceria em aula prática da disciplina de Ensino, Serviço e Comunidade II (ESC II) comandada

pela Prof^a. Leila Novaes. Nessa, o enfoque foi educação em saúde sobre o Calendário Vacinal e distribuição e orientação sobre uso de preservativos. O público-alvo específico foi de transeuntes do campus universitário da UNICAP, orientando desde funcionários aos alunos.

Ainda em 2021, promovemos mais duas ações. A primeira, “Unidos pela Rua”, teve a participação da LAIN com o Unificados Pop Rua e a IFMSA Brazil FPS, uma organização estudantil vinculada à Faculdade Pernambucana de Saúde. A intervenção objetivou promover o acesso à informação em saúde e orientar a população em situação de rua (PSR) da cidade do Recife quanto à hipertensão arterial, à higiene bucal e às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) mais relevantes ao contexto epidemiológico pernambucano, bem como organizar uma estação de curativos e de tratamento de feridas.

A segunda, “Dezembro Vermelho: na Luta contra o HIV”, aconteceu na Unidade de Saúde da Família (USF) COHAB Peixinhos, Olinda. Essa foi voltada para o público adolescente e realizada conjuntamente a dois outros projetos de extensão da UNICAP, o Projeto de Extensão em Medicina de Família e Comunidade da Universidade Católica de Pernambuco (LAMFC-UNICAP) e o AVIVAR: Grupo Incentivador ao Protagonismo e Resiliência Adolescente (AVIVAR-GIPRA). Nela a LAIN participou da testagem e conscientização quanto às principais IST’s que acometem os jovens de Olinda, Pernambuco. Para que a intervenção fosse viabilizada, a equipe da USF Cohab Peixinhos prontamente disponibilizou testes rápidos de HIV, sífilis e hepatite B e C, assim como cedeu preservativos e panfletos para posterior distribuição entre os alunos do ensino médio da Escola Monsenhor Arruda Câmara, grupo-alvo da ação realizada.

É válido pontuarmos ainda que o projeto de extensão promoveu seminários com eixos temáticos importantes para a formação dos estudantes

durante a pandemia de forma remota, para abrandar os efeitos do isolamento, tornando-se ativa e efetiva mesmo em contexto pandêmico. Estas atividades possuíram como temas Infecções Sexualmente Transmissíveis, HIV, TORCH, Tuberculose, Arboviroses, Doenças Reincidentes e HIV/AIDS, sendo elas ministradas pelos integrantes do projeto que recebiam a orientação de profissionais na produção dos seminários e da disponibilização de materiais. Estes trabalhos eram apresentados via Google Meet e tinha como objetivo debater temas importantes, na prática da infectologia, executados nos meses de setembro e outubro de 2020.

Realizamos nosso primeiro simpósio online em julho de 2020, cuja programação contou com diversos temas e participação de variados profissionais, sendo estes respectivamente "Imunopatogênese do HIV" pelo médico infectologista Raphael dos Anjos, "Infecção e erro inato a imunidade, quando investigar?" pela médica Ana Carla Moura, "Testes sorológicos COVID-19" pelo médico Paulo Baptista, "Chikungunya" pela médica Viviane Vasconcelos, "Paramentação em tempos de COVID-19" pela médica residente em infectologia pediátrica Diana Novais e "COVID-19 em crianças" pela nossa orientadora Regina Coeli.

Outra atividade promovida pela LAIN foi o Minicurso de Férias em janeiro de 2021 que abordou temas como Hepatites virais, Doenças reincidentes, AIDS: diagnóstico de doenças oportunistas e atualizações epidemiológicas, Terapia antirretroviral. Atualizações sobre AIDS, COVID-19 e atualizações com oferecimento de uma mesa redonda para debates. Além dele, aulas abertas foram desenvolvidas para o público, sendo uma realizada em conjunto com a Liga de Dermatologia da UNICAP (LIDERM) com o tema "Simplificando a Hanseníase".

O segundo simpósio online foi realizado em setembro de 2021, devido ainda às restrições de aglomeração. A programação contou no primeiro dia com uma "Mesa redonda" que possibilitou um debate sobre "O que

aprendemos com a COVID-19 até agora?”. O segundo dia foi marcado por aulas com temáticas sobre Sepse, Manejo da exposição sexual e dos acidentes perfurocortantes e Arboviroses.

Durante o segundo semestre de 2021, reuniões internas precisaram ser mantidas de forma remota, via Google Meet, sendo ministradas por profissionais convidados com temas como temas HIV, produção científica, Covid e Influenza. Aliado à isso, os integrantes do projeto tiveram a possibilidade de participar e apresentar palestras na Semana Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho (SIPAT) no Hospital Infantil Jorge de Medeiros, com a orientação voltada aos trabalhadores do hospital a respeito da “Prevenção e manejo de acidentes com materiais perfurocortantes” e “HIV/AIDS: acabando com o preconceito - Prevenção e Tratamento”.

No início de 2022 pudemos realizar em conjunto com a Liga Acadêmica de Dermatologia da UNINASSAU uma atividade de conscientização sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis na praça Rio Branco (Marco Zero) do Recife. Os ligantes, separados em duplas ou em trios, distribuíram panfletos sobre hepatite C, hepatite B, HIV/AIDS e sífilis, bem como distribuíram preservativos nas proximidades do Marco Zero, em Recife.

Além desta ação, fizemos uma mobilização contra a Tuberculose, sendo ela realizada em conjunto com os unificados Pop Rua, o Medicina em Cores e o ReconstRUA. E, também, participamos do 10º Ventura em conjunto com os unificados Pop Rua e os Samaritanos. O Ventura é um evento organizado pelo grupo Samaritanos, que consiste num grande mutirão de resgate da cidadania, contando com atendimentos médicos, odontológicos, jurídicos e estéticos. Ele foi realizado na Praça do Arsenal e a LAIN pode contribuir levando informação em saúde sobre Hanseníase, Tuberculose e Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).

Nossa primeira aula presencial foi no dia 29 de março de 2022, com os temas Insuficiência Respiratória Aguda e Coqueluche, ministrada por palestrantes convidados pela orientadora do projeto. Além dela, tivemos sobre Doenças Exantemáticas com a orientadora do projeto, Regina Coeli. O projeto de extensão felizmente e energicamente voltou às aulas presenciais, no entanto, ainda seguindo os protocolos de segurança como o uso de máscara e higienização das mãos com álcool em gel.

Considerações Finais

As condutas adotadas no enfrentamento à pandemia do covid-19 impuseram desafios para a formação médica. As universidades tiveram que suspender suas atividades presenciais e aderir ao ensino remoto, fato que afetou diretamente a extensão. E apesar de toda adversidade, os integrantes da LAIN conseguiram cumprir seu papel baseado no tripé ensino, pesquisa e extensão.

Faz-se necessário salientar que diante do contexto vigente, profissionais de saúde na linha de frente no combate à pandemia, os integrantes reafirmaram e fortaleceram seu vínculo com a comunidade e tiveram papel de destaque como agentes ativos na promoção de educação em saúde.

Diante de tudo que foi relatado, fica evidente a importância da extensão universitária para uma formação crítica, reflexiva e humanista. Sendo de suma importância o apoio e reconhecimento por parte dos professores, gestores e instituições.

Referências

DE LIMA FILHO, Carlos Antonio et al. Perfil epidemiológico da tuberculose em um município prioritário de Pernambuco no período de 2015-2020. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 2, p. e11111225480-e11111225480, 2022.

FERREIRA, Diogo Antonio Valente et. al. Ligas acadêmicas: uma proposta discente para ensino, pesquisa e extensão. HAMAMOTO, Pedro Tadao. Ligas acadêmicas: motivações e críticas a propósito de um repensar necessário. *Rev. Brasileira de Educação Médica*, 35 (4) : 535-543; 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbem/a/RcH7qnHW8tnC6hvM8kJGHWb/?format=pdf&lang=pt>>

GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê?. Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: <<https://www.paulofreire.org/noticias/557-extensao-Universitaria-para-que>>

GUIMARÃES, Mateus Polvore de Oliveira et al. Engajamento e protagonismo estudantil na promoção da educação médica em tempos de pandemia da covid-19. **Revista brasileira de educação médica**, v. 44, 2020.

HAMAMOTO, Pedro Tadao. Ligas acadêmicas: motivações e críticas a propósito de um repensar necessário. **Rev. Bras. de Educação Médica**, 35 (4) : 535; 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbem/a/RcH7qnHW8tnC6hvM8kJGHWb/?format=pdf&lang=pt>>

PELOSO, Renan Moraes et al. Notes from the field: concerns of health-related higher education students in Brazil pertaining to distance learning during the coronavirus pandemic. **Evaluation & the Health Professions**, v. 43, n. 3, p. 201-203, 2020.

RODRIGUES, Andréia Lilian Lima et. al. Contribuições da extensão universitária na sociedade. **Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais**, v. 1, n.16, p. 141-148. Mar. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/494/254>>.

Relato de Experiência: criação da Liga Acadêmica de Terapia Cognitivo-comportamental durante a pandemia de COVID-19

Davi Italo S. B. da Silva¹; Artur Bezerra²; Karolayne de Luna Barros³; Vinícius Silva⁴; Gabriel Medeiros⁵; Luiz Evandro de Lima Filho⁶; Suely de Melo Santana⁷

A graduação em psicologia foi oficializada e regulamentada no ano de 1962 e após 47 anos surgiram mais de 300 graduações em todo o país (LISBOA; BARBOSA, 2009). Em 2016, sete anos após o levantamento citado anteriormente, o número de instituições que ofereciam a graduação de nível superior em psicologia já chegava a 512 (TRAVASSOS; MOURÃO, 2018). Ano após ano a necessidade de profissionais da área aumenta, seja por fatores diretos, como projetos sociais e ações governamentais que estimulam a área, seja por fatores indiretos, como a pandemia de COVID-19 que afetou a saúde mental da

¹ Mestrando, Universidade Católica de Pernambuco, davi.2022605169@unicap.br

² Mestrando, Universidade de São Paulo, arturbezerra@usp.br

³ Graduanda, Universidade Católica de Pernambuco, karolayne.2017130468@unicap.br

⁴ Graduando, Universidade Católica de Pernambuco, vinicius.2017112067@unicap.br

⁵ Doutorando, Universidade Católica de Pernambuco, antonio.2020803012@unicap.br

⁶ Mestre, Universidade Católica de Pernambuco, luiz.filho@unicap.br

⁷ Doutora, Universidade Católica de Pernambuco, suely.santana@unicap.br

população global (BARBOSA *et al.*, 2021). Tornando a psicologia uma área cada vez mais requisitada e a qualidade desses profissionais sendo diretamente relacionada a sua formação (TRAVASSOS; MOURÃO, 2018).

Assim como nas outras áreas da saúde, a formação em psicologia é extensa e sinuosa, demandando do corpo docente grande esforço em apresentar diversas áreas, tornando-a uma graduação generalista (CAVALCANTE *et al.*, 2018). Embora existam possibilidades de prática durante a formação, é inegável que boa parte da carga horária vem de forma teórica. Abbad e Mourão em 2010, levantaram uma série de problemáticas durante a formação do psicólogo: a falta de estágios, currículos desatualizados, falta de intervenções durante a formação e a dificuldade de interações com outras áreas do saber.

Em 2011 foram aprovadas novas diretrizes curriculares para as graduações em psicologia (MEC, 2011), visando melhor identidade na capacitação dos novos profissionais. Essas diretrizes colocavam novos pré-requisitos para o ensino, pesquisa e atuação profissional (TRAVASSOS; MOURÃO, 2018). Os novos parâmetros fizeram as graduações se comprometerem a multidisciplinaridade da psicologia, em suas questões teóricas e práticas, o que em tese, deveria assegurar uma melhor qualidade no ensino e nos profissionais gerados. No entanto, em 2012 os resultados do Exame Nacional de Desempenhos dos Estudantes (ENAD) mostraram o contrário. Os resultados de formação geral e específica no ano de 2006 caíram de 47,2 e 52,7 pontos para 42,1 e 52,7, respectivamente, em 2012 (TRAVASSOS; MOURÃO, 2018).

O trabalho de Travasso e Mourão (2018) mostram que mesmo com todos os avanços que foram conquistados para as graduações em psicologia, ainda existem diversas lacunas durante esse processo. A pesquisa apontou para lacunas em áreas, como a formulação de questões

empíricas de investigação científica, a elaboração de relatos científicos, a elaboração de pareceres técnicos/laudos e a comunicação profissional. Um aspecto importante levantado nessa pesquisa é a diferença que existe entre as instituições de ensino públicas e privadas. As instituições de ensino superior públicas fornecem uma grade curricular mais livre, permitindo que os alunos realizem mais disciplinas de suas eletivas. Por outro lado, as privadas possuem mais disciplinas obrigatórias, sendo possível observar uma média de percepção de domínio de competências menor em egressos de instituições privadas (TRAVASSOS; MOURÃO, 2018).

Outra questão importante a ser analisada, é a evasão de estudantes do curso de psicologia. Observa-se que aqueles que não realizam atividades extracurriculares de qualquer tipo, possuem uma taxa de evasão muito maior. Dos 167 entrevistados, 70% não haviam realizado nenhuma forma de extensão na graduação (CAMPOS, 2018). Pode-se interpretar esses dados da seguinte forma: os estudantes que possuem mais engajamento com as atividades extraclasse e mais liberdade na escolha de seu percurso acadêmico, não só possuem uma maior taxa de adesão ao curso, como também adquirem um maior domínio de competências.

Entre as diversas formas de extensões, as Ligas Acadêmicas (LA) são uma das mais conhecidas e firmadas no Brasil. A primeira LA da área de saúde nas universidades brasileiras foi criada em 1920, na Faculdade de Medicina de São Paulo, no Centro Acadêmico Oswaldo Cruz: a Liga Acadêmica de Combate à Sífilis (QUEIROZ *et al.*, 2014). As LA são protagonizadas pelos alunos, que partilham de um interesse comum em um determinado tema e se unem com o objetivo de aprofundar o conhecimento nessa área. Embora seja similar a um grupo de estudos, as ligas também têm como função a promoção de práticas para a população, visando não apenas uma interação teórico-

prática. Para garantir o encaminhamento correto das práticas, conceitos e os usos de técnicas corretas é necessário a participação de um ou mais supervisores. Nas palavras de Filho (2011):

As ligas passaram a ser uma opção adotada pelos acadêmicos para constituir um currículo diferenciado e são formadas por estudantes, geralmente, do mesmo curso, onde ocorre o aprofundamento do aprendizado em determinado tema, visando o aperfeiçoamento do conhecimento pessoal em prol da sociedade, sendo assim vale ressaltar que o caminho de percurso escolhido pela liga é definido pelos alunos com orientações realizadas por um ou mais professores (FILHO, 2011 apud QUEIROZ *et al.*, 2014)

Para a psicologia, devido ao seu caráter multidisciplinar, à constante evolução de suas práticas, e ao desenvolvimento de correntes teóricas antagônicas, as ligas acadêmicas têm um potencial enorme de complementar a formação. Com a terceira geração de Terapias Cognitivas Comportamentais ganhando cada vez mais espaço e gerando novas intervenções, como a Terapia Comportamental Dialética (DBT) e a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT). Com isso, as LA que tem como foco esse campo de conhecimento, ganham um enorme valor, pois, estão gerando conhecimento prático/teórico em um campo recente e com poucos profissionais especializados. Pensando nesses aspectos, o Serviço de Intervenção Cognitivo Comportamental (SICC) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) decidiu acolher a ideia de um grupo de alunos para fundar a Liga Acadêmica de Terapia Cognitiva-Comportamental da UNICAP.

Em março de 2020 é declarada oficialmente a pandemia de COVID-19 no Brasil. O Sars-CoV-2 causou impacto para quase todos os sistemas do globo: saúde, arte, economia e educação foram severamente abaladas. Para os diversos setores da educação, a mudança repentina de aulas presenciais para o ensino à distância foi uma surpresa desagradável. A falta de preparo das escolas e universidades para esse novo e forçado

modelo, junto às dificuldades de adaptação dos alunos com essa nova forma de aprender, gerou uma crise nos sistemas educacionais. Em meio a esse cenário, em 2021 surge a primeira Liga Acadêmica de Terapia Cognitivo-Comportamental da UNICAP, visando promover o desenvolvimento da TCC. Entretanto, como foi o processo para criar um grupo que requer bastante interação, em um curso que necessita do contato em meio a uma pandemia que restringiu a maioria das interações interpessoais? Quais as adversidades que existiram na sua criação e produção?

Metodologia

O presente trabalho discute a criação da primeira Liga Acadêmica vinculada ao curso de Psicologia da UNICAP. Desse modo, compreende um relato de experiência a respeito das atividades desenvolvidas pela Liga Acadêmica de Terapia Cognitivo-Comportamental (LIGA TCC-UNICAP) durante a pandemia de COVID-19. O projeto foi iniciado em maio de 2021, sendo caracterizado como uma organização científica, sem fins lucrativos, que visa à transmissão de conhecimentos referentes à prática clínica cognitivo-comportamental de modo a contemplar o tripé universitário ensino, pesquisa e extensão.

Participantes

A criação da LIGA TCC-UNICAP se deu a partir da iniciativa da Prof^a Dr^a Suely de Melo Santana e de alunos interessados na temática. Sua fundação contou com 11 membros discentes e 3 professores orientadores. Entre os alunos ligantes, 9 eram estudantes da graduação, 1 era estudante de pós-graduação (mestre) e 1 era estudante de pós-graduação

(doutor). Todos os membros fundadores estavam vinculados à graduação em Psicologia ou à pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco. No segundo semestre de 2021, houve a realização de um processo seletivo que resultou na efetivação de mais 6 ligantes, alunos de graduação do curso de Psicologia da UNICAP. Desse modo, entre o final de 2021 e início de 2022, a LIGA TCC-UNICAP foi composta por 17 ligantes e 3 professores orientadores, totalizando 20 membros.

No que se refere à estrutura interna da organização, os ligantes compuseram uma Diretoria disposta da seguinte forma: Presidente, Vice-presidente, 1º Secretário, 2º Secretário, Coordenação de pesquisa, Coordenação de ensino, Coordenação de marketing e Coordenação de ensino e extensão. A cada mês ocorria uma reunião na qual o planejamento das atividades mensais era exposto, discutido e decidido mediante votação. Dito isso, vale ressaltar que cada membro da Diretoria possuía atribuições descritas pelo Estatuto.

Em resumo, o Presidente e o Vice têm o dever de representar a Liga, presidir as reuniões e assinar documentos oficiais. O 1º e 2º Secretário devem registrar as atas de presença de modo a controlar o número de faltas dos ligantes, bem como organizar a seleção de novos ligantes quando necessário. A Coordenação de pesquisa, por sua vez, deve elaborar materiais de caráter científico em formato de e-books, resumos e artigos. Referente ao ensino, cabe a organização da capacitação interna dos membros a partir dos interesses destes. Quanto ao marketing, compete a administração das redes sociais da Liga e estar acessível às tentativas de comunicação de outros. Por fim, concerne a Coordenação de ensino e extensão planejar eventos e atividades de caráter extensivo, geralmente abertas ao público. Ressalta-se que todos os cargos devem atuar em conjunto visando contemplar os objetivos propostos.

Materiais e local de atuação

Tendo em vista a pandemia e os imperativos de isolamento social, todas as atividades da liga tiveram que ser pensadas para o formato remoto. Plataformas como o Google Meet, Google Classroom e Whatsapp foram utilizadas para a sistematização de projetos, comunicação entre membros e condução das reuniões da Diretoria e de grupos de estudo. O Instagram se tornou o principal meio de contato da organização com o seu público, assim como um local para divulgação de conteúdos e eventos relacionados à liga. O Google Meet também foi utilizado para a transmissão de atividades e palestras abertas ao público. Não obstante, o Youtube foi a plataforma escolhida para eventos com grande número de espectadores.

Procedimentos

A seguir, descreve-se a atuação da LIGA TCC-UNICAP desde a sua criação até o presente momento. No que concerne à formação interna dos ligantes, fora decidido que se dividiria entre aulas com especialistas e grupo de estudos. Os temas foram decididos pelos ligantes através de votação. Acerca das aulas, foram abordadas as seguintes temáticas: Psicofarmacologia: conceitos gerais e aplicações práticas; Lidando com crises emocionais intensas; Introdução à Terapia de Aceitação e Compromisso; e Avaliação comportamental do transtorno depressivo maior. Somado a isso, realizou-se, quinzenalmente, um grupo de estudos sobre a Terceira Onda das Terapias Cognitivo-Comportamentais, utilizando artigos e capítulos de livros sobre o assunto.

Quanto às atividades abertas ao público, iniciaram a partir de uma colaboração com o Serviço de Intervenção Cognitivo-Comportamental (SICC) que resultou na realização da Oficina de Férias Desembola TCC

- o SICC é outro projeto de extensão da UNICAP, que desenvolve atividades para a comunidade local, baseando-se no referencial teórico cognitivo-comportamental. As oficinas ocorreram em julho de 2021, tendo como objetivo apresentar conteúdos práticos que pudessem facilitar a jornada acadêmica/profissional do corpo discente da UNICAP. Algumas das oficinas ofertadas foram: Criatividade na prática; Psicologia e sono; Criação no Canva; Escrita científica, entre outras.

No mês seguinte, foi realizado o primeiro grande evento da organização, intitulado “TCC além da clínica”. Teve como finalidade expor possíveis áreas de atuação pouco conhecidas dentro da Terapia Cognitivo-Comportamental. Foram quatro dias de evento, transmitido através do YouTube, que abordaram os seguintes tópicos apresentados em ordem cronológica: Psicologia escolar; Psicologia jurídica; Psicologia do esporte; e Psicologia hospitalar. A partir da experiência de profissionais renomados em cada um desses contextos, centenas de estudantes puderam enxergar a TCC enquanto abordagem que não se limita unicamente à prática clínica.

Em setembro, novamente em parceria com o SICC, foi realizada uma roda de conversas sobre adolescência e suicidalidade, tendo em vista a importância do mês para a conscientização sobre o suicídio. Em outubro, a LIGA TCC-UNICAP foi convidada pela Liga Acadêmica de Terapia Cognitivo-Comportamental da Universidade de Pernambuco (LATC-PE) para participar de uma mesa sobre a experiência das Ligas Acadêmicas Pernambucanas de TCC no “I Simpósio da LATC-PE”. O evento permitiu o compartilhamento de histórias, atividades, dificuldades e outras questões relativas ao percurso da Ligas Acadêmicas presentes.

Em dezembro, as atividades de 2021 da LIGA TCC-UNICAP foram finalizadas por meio da I Jornada de Aplicações Clínicas em TCC. O

evento contou com mesas sobre a atuação do Acompanhante Terapêutico (AT) e a sua importância para diferentes faixas-etárias, mesas sobre a prática do Plantão Psicológico na abordagem cognitivo-comportamental e exposições de casos clínicos. Dessa forma, estudantes e profissionais puderam compartilhar as suas experiências de atendimento.

No início de 2022, a Liga TCC-UNICAP continuou a aumentar o alcance de seus eventos abertos ao público, organizando a palestra “Psicofármacos: princípios gerais e aplicações” ministrada pelo Prof.º Me. Luiz Evandro, um dos orientadores da liga. A palestra alcançou estudantes de diversos estados do Brasil. Em seguida, no mês de maio, foi promovido o maior evento da LIGA TCC-UNICAP até o momento. A I Jornada de Terapia Comportamental Dialética contou com palestrantes e instituições de renome nacional/internacional, como o Prof.º Dr.º Wilson Melo, a DBT Brasil e a RO DBT Brasil. Algumas das exposições apresentadas foram as seguintes: A 3ª Geração da Terapia Cognitivo-Comportamental e como surge a DBT; O que é a DBT; A conscientização do Transtorno de Personalidade Borderline; e RO DBT e o super controle emocional. Ao todo, foram dois dias de evento e mais de mil inscritos.

Por fim, em junho, foi realizado o último evento do semestre, uma roda de conversa multidisciplinar sobre a formação em Saúde Mental, focando no diálogo com outras duas ligas da Universidade Católica de Pernambuco que estudam a mente e o cérebro humano: a Liga de Psiquiatria e Saúde Mental (LAPSAM-UNICAP) e a de Anatomia e Neurociências (LIANN-UNICAP).

Resultados e discussão

Como apresentado anteriormente, a Terapia Cognitivo-comportamental (TCC) é uma psicoterapia baseada em evidências. Portanto, profissionais competentes devem estar em constante atualização, bem como possuir a capacidade de psicoeducar pacientes para uma melhor compreensão de suas enfermidades. Para Barletta, Fonseca e Delabrida (2012), a formação em TCC busca exercitar três competências principais: conhecimento, habilidade técnica e habilidade de inter-relação. Infelizmente, no processo formativo dos estudantes de psicologia, essas competências não são ensinadas com profundidade devido à natureza generalista da graduação.

O ensino dessas competências ficou ainda mais defasado durante o período crítico da pandemia de COVID-19, pois os estudantes ficaram reclusos. Desse modo, o contato com os pares, essencial para o desenvolvimento de habilidades interpessoais e para a troca e síntese de conhecimento, foi perdido (DEL-PRETTE A.; DEL-PRETTE, Z.A.P., 2017). Nesse cenário, enquanto as instituições de ensino superior se adaptavam às novas formas de ensino-aprendizagem, as práticas extracurriculares se tornaram indispensáveis.

Assim, um projeto de extensão como a primeira liga acadêmica de psicologia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) permitiu que os estudantes desenvolvessem habilidades para sua formação pessoal e para sua formação acadêmica/profissional. Por meio da Liga Acadêmica de Terapia Cognitiva-comportamental (LIGATCC-UNICAP) foi possível trabalhar habilidades como liderança, inovação, trabalho em equipe, comunicação, produção de cursos e palestras e disseminação de conhecimento por meios digitais.

Com os obstáculos impostos pela pandemia, a criatividade se tornou um conceito chave para o sucesso da LIGATCC-UNICAP, que se aventurou a desenvolver atividades de extensão exclusivamente no formato remoto. Não haviam modelos prontos a serem seguidos, requisitando dos integrantes disposição e proatividade para organizar estratégias que permitissem o cumprimento das metas traçadas.

A coordenação de ensino teve como principal função suplantiar lacunas teóricas deixadas pela formação universitária em psicologia. Apesar das Terapias Cognitivas-comportamentais estarem se tornando mais populares mundo afora, o Brasil ainda carece de grades curriculares que atendam as demandas dos alunos que desejem se especializar em TCC (NEUFELD *et al.*, 2018). Em vistas disso, por meio da coordenação de ensino, buscou-se o aperfeiçoamento interno dos ligantes, utilizando a troca de conhecimentos entre pares como principal meio de disseminação de conteúdos relacionados às Terapias Cognitivo-comportamentais (TCCs). Esse processo deu origem a um grupo de estudos online a respeito da 3ª onda das TCCs, que visou discutir os princípios epistemológicos por trás da abordagem, suas principais roupagens e seus procedimentos clássicos e modernos.

A condução do grupo de estudos por tecnologias de comunicação remota priorizou a diversidade de opiniões, uma vez que plataformas como o *google meet* possibilitam a expressão de ideias por mais de um canal. Assim, os ligantes que não se sentiam à vontade compartilhando suas opiniões através da fala, tinham a sua disposição um chat no qual era possível escrever, em tempo real, complementos, concordâncias e objeções ao que estava sendo debatido (K. MILLER *et al.*, 2021). Ademais, o acesso imediato à internet significou que informações novas poderiam sempre ser trazidas para a discussão, embasando e enriquecendo opiniões. Benefícios similares da comunicação online também fo-

ram verificados nas aulas com profissional especialista. O formato remoto permitiu a gravação das aulas e uma maior flexibilização dos horários disponibilizados pelos profissionais, assegurando a presença e interação nas aulas, bem como possibilitando o armazenamento do conhecimento produzido para consulta em momentos futuros.

A coordenação de marketing teve um papel crucial na divulgação e sistematização das atividades e eventos propostos pela liga. Com as restrições impostas pela pandemia, muitas formas tradicionais de divulgação, como passar nas salas de aula ou utilizar murais dos corredores para convidar a comunidade acadêmica para atividades de extensão, tiveram que ser repensadas. Novas formas de divulgação através das redes sociais e plataformas como o Youtube e/ou o Even3 foram utilizadas para suprir essa necessidade. Nesse período, o Instagram se tornou um espaço de interação importante entre a liga e o seu público alvo, permitindo recolher *feedbacks*, verificar o engajamento de indivíduos interessados no projeto e compreender a relevância do conhecimento sendo produzido.

Coman *et al.* (2021) indicam que, em tempos de pandemia, estudantes e acadêmicos se viram compelidos a considerar as redes sociais como ferramentas auxiliares ao processo de ensino-aprendizagem. De acordo com os autores, além de serem utilizadas para divulgação de informações, as redes podem ajudar na manutenção de um contato contínuo e autêntico, transformando o aprendizado em um processo ativo e aumentando a independência daqueles que estão à procura de novos conhecimentos.

Ademais, no começo da pandemia, os eventos *online* se tornaram muito frequentes e, diante de centenas de eventos acessíveis e de alta qualidade, fez-se necessário conceber estratégias para garantir a adesão às atividades promovidas pela liga. Garcia-Marques (2013) defende que a memória está intrinsecamente associada ao efeito de exposição, ou seja,

quanto mais um estímulo é apresentado, mais familiar ele se torna, facilitando a consolidação mnemônica. Ao longo da vivência da liga, foi possível perceber que a lembrança através da exposição cumpria um papel fundamental na adesão dos participantes. Portanto, foram desenvolvidas estratégias de marketing que se fundamentaram na repetição de informações e conceitos chaves. Por exemplo, se houvesse um evento no final da semana, conteúdos relacionados à sua temática seriam produzidos e postados no instagram diariamente. Dessa forma, durante toda a semana as pessoas seriam lembradas e estimuladas a participar.

Em momentos tão inesperados como a pandemia de COVID-19, pouco se sabe sobre o futuro e, devido à urgência apresentada pela situação, o conhecimento científico produzido está em constante mudança (FREIRE *et al.*, 2021). As incertezas a respeito dos impactos duradouros da pandemia – sejam eles econômicos, sociais, mentais e/ou físicos – têm sido um catalisador de ansiedade no mundo inteiro (BARBOSA *et al.*, 2021). Assim, é inevitável que as pessoas busquem recursos psicológicos para lidar com o estresse crônico causado pela pandemia, bem como com a ansiedade exacerbada ocasionada pelo medo ou trauma de perder um ente querido.

Baseando-se nessas informações, os integrantes da coordenação de pesquisa utilizaram as redes sociais da liga para disseminar conhecimentos científicos que demonstrassem o valor da terapia cognitiva-comportamental em tempos de crise. Técnicas de regulação como a respiração diafragmática ou o *grounding* são referências nos protocolos de tratamento de sintomas ansiosos (LINEHAN, 2018). Por isso, foi desenvolvido no instagram da liga uma linha editorial denominada “Guia Psicoeducativo”. Os *feedbacks* relacionados aos guias foram positivos, principalmente da comunidade não acadêmica que se beneficiou com o aprendizado de várias técnicas de regulação emocional.

As mesmas condições que guiaram a atuação da coordenação de pesquisa, garantiram o alcance das atividades propostas pela coordenação de eventos e extensão. As palestras, aulas e jornadas abertas ao público tiveram grande índice de participação e engajamento, em grande parte por conta do interesse pela promoção de saúde mental em tempos de crise global. Além disso, as tecnologias de comunicação remota e as ferramentas de transmissão online permitiram ultrapassar barreiras geográficas, viabilizando aos espectadores acompanhar a liga de vários estados brasileiros. Os *feedbacks* recebidos indicam que tanto psicólogos formados quanto estudantes no início da graduação acompanharam os eventos promovidos pela liga ativamente. Assim, novamente, a experiência da liga reforça o potencial das tecnologias de comunicação como instrumentos pedagógicos. Abascal *et al.* (2021) reforçam que, mesmo após a obrigatoriedade do isolamento social ter sido terminada, muitos profissionais, alunos, pesquisadores e professores favorecem a inclusão permanente dos eventos *online* no mundo acadêmico, defendendo um modelo híbrido que adote as melhores práticas para uma interação genuína remota e/ou presencial.

Considerações Finais

A pandemia de COVID-19 impõe muitos desafios à psicologia enquanto ciência e profissão. Em relação à formação de novos bacharéis em psicologia, a falta de contato direto com os outros estudantes e o acesso restrito a conteúdos acadêmicos mais específicos foram desafios marcantes. Nesse sentido, as atividades de extensão desempenharam um papel chave em instituições de ensino superior, possibilitando a manutenção de uma pedagogia de qualidade.

De modo geral, as atividades extracurriculares contribuem para a ampliação na formação pessoal e profissional do estudante, pois possibilitam entrar em contato com diversas temáticas e práticas que extrapolam o conteúdo da graduação (CAVALCANTE *et al.*, 2018). Ademais, essas atividades oferecem uma interação altruísta com o mundo externo, já que o participante é direcionado a oferecer serviços e/ou conhecimento de forma voluntária. Dentre as atividades de extensão comuns no país, a liga acadêmica se destaca por sua adaptabilidade às vontades de seus alunos integrantes, que internamente decidem as diretrizes e prioridades do projeto (BASTOS *et al.*, 2012).

Nossa experiência evidencia que a implementação da Liga Acadêmica de Terapia Cognitivo-Comportamental, durante o período pandêmico, resultou, entre outras coisas, na troca de experiências através de eventos científicos e sociais, na expansão do conhecimento acerca da TCC de forma comprometida e íntegra, e no afinamento do embasamento teórico-prático para aqueles que desejam se especializar na abordagem. A boa recepção ao projeto indica a procura por conhecimentos baseados em evidências científicas na psicologia, assim como favorece o processo formativo dos estudantes da graduação e de toda a comunidade não acadêmica.

A Universidade Católica de Pernambuco já apresenta iniciativas bem consolidadas de extensão e formação em Terapia Cognitivo-comportamental, como a especialização em TCC e o Serviço de Intervenção Cognitivo Comportamental (SICC). Entretanto, é perceptível a necessidade de uma articulação estudantil maior, visando a promoção da TCC desde a graduação. Nesse sentido, por meio deste artigo e de nossa experiência, evidenciamos como a Liga Acadêmica de Terapia Cognitivo-comportamental da UNICAP pode ser uma ferramenta única e eficaz para o ensino da TCC na instituição. Isso porque, diferentemente de outras

atividades de extensão, a LIGA TCC-UNICAP oferece grande independência e liberdade a seus integrantes, dando a eles a responsabilidade e o direito de escolher como irão protagonizar seu processo de aprendizagem.

Referências

ABBAD, G. S.; MOURÃO, L. Competências profissionais e estratégias de qualificação e requalificação. In: **O trabalho do psicólogo no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 380-401.

ABASCAL, J. *et al.* Remote Conference in the Times of the Pandemic. In: ARDITO, C. *et al.*, (ed.). **Human-Computer Interaction**. 13. ed. Itália: INTERACT, 2021. cap. 5, p. 575-578.

BARBOSA, L. N. F. *et al.* Brazilian's frequency of anxiety, depression and stress symptoms in the COVID-19 pandemic. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 21, n. 2, p. 413-419, 2021.

BARLETTA, J.B.; FONSECA, A.L.B.; DELABRIDA, Z.N.C. A importância da supervisão de estágio clínico para o desenvolvimento de competências em terapia cognitivo-comportamental. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 153-167, 2012.

BASTOS, M.L.S. *et al.* O papel das ligas acadêmicas na formação profissional. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, Brasília, v. 38, n. 6, p. 803-805, 2012.

CAMPOS, C. A. **Motivos da evasão**: um estudo com estudantes evadidos do curso de graduação em psicologia da universidade federal de santa catarina. 2018. 173 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2018.

CAVALCANTE, A. S. P. *et al.* As ligas acadêmicas na área da saúde: lacunas do conhecimento na produção científica brasileira. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 42, n. 1, p. 197-204, 2018.

COMAN, C. *et al.* Dear student, what should I write on my wall? A case study on academic uses of Facebook and Instagram during the pandemic. **PLOS ONE**, Estados Unidos, v. 16, n. 9, p. 1-20, 2021.

DEL-PRETTE A.; DEL-PRETTE, Z.A.P. **Competência Social e Habilidades Sociais: Manual Teórico-prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2018. ISBN 9788532658845.

FREIRE N. P. *et al.* A infodemia transcende a pandemia. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 9, p. 4065-4068, 2021.

GARCIA-MARQUES, T. O paradigma associado ao efeito de mera-exposição. **Laboratório de Psicologia**, Lisboa, v. 10, n. 2, p. 123-134, 2013.

HAMAMOTO-FILHO, P. T. Ligas Acadêmicas: Motivações e Críticas a Propósito de um Repensar Necessário. **Revista Brasileira de Educação Médica**, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 535-543, 2011.

MILLER, K. Meeting you, seeing me: the role of social anxiety, visual feedback, and interface layout in a get-to-know-you task via video chat, 2021. **Proceedings of the 2021 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems**, Japão, p. 1-14, 2021.

LINEHAN, M. **Treinamento de habilidades em DBT: Manual de terapia dialética comportamental para o terapeuta**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018. ISBN 978-8582714522.

LISBOA, F. S.; BARBOSA, A. J. G. Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 29, n. 4, p. 718-736, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/gXB9MC5P7jb3vffbhpyh3yn/?lang=pt>.

MEC, 2011. BRASIL. **Resolução CNE/CES 5/211** - Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia. MEC: Brasília - DF, 2011

NEUFELD, C.B. *et al.* Terapia Cognitivo-Comportamental nos cursos de graduação em Psicologia: Um mapeamento nacional. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 86-97, 2018.

QUEIROZ, S. J. D. *et al.* A Importância Das Ligas Acadêmicas Na Formação Profissional E Promoção De Saúde. **Fragmentos de Cultura**, v. 24, n. 8, p. 73-38, 2014.

TRAVASSOS, R.; MOURÃO, L. Lacunas de Competências de Egressos do Curso Psicologia na Visão dos Docentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 2, p. 233-248, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/cQ64yTxQpbdGTjxnHxWshH/?lang=pt>.

Liga de gerontologia PSI UNICAP: relato de experiência de extensão em tempos de pandemia

Rodrigo de Oliveira Aureliano¹
Cirlene Francisca Sales da Silva²
Ricardo Delgado Marques³

O crescente envelhecimento da população é um fenômeno observado de forma multidimensional por diferentes profissionais e pesquisadores. Elementos como a educação, as políticas públicas, a saúde coletiva e qualidade de vida estão em constante adaptação ao crescimento e envelhecimento populacional, no sentido de criar modelos de atuação e apoio ao público idoso. Na perspectiva da educação, para o envelhecimento, temos a gerontologia e a psicologia como disciplinas que buscam trazer ao campo dos saberes as temáticas do envelhecimento, da adaptação e continuidade das pessoas idosas nos aspectos biopsicossociais, ao longo do processo.

Entende-se que a promoção de direitos e garantias são fundamentais para a sociedade manter-se de forma profícua e sistemática. A educação,

¹ Acadêmico de Psicologia UNICAP; Mestre em Psicologia Clínica pela UNICAP, Presidente do Projeto Liga de Gerontologia Psi UNICAP.

² Doutora em Psicologia Clínica, Professora, Coordenadora do PPGPSI UNICAP, Coordenadora do Projeto Liga de Gerontologia Psi UNICAP

³ Doutor em Psicologia, Professor, Coordenador do Curso de Psicologia UNICAP, Coordenador do Projeto Liga de Gerontologia Psi UNICAP.

a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social e a assistência aos desamparados, (BRASIL, 1988), são direitos fundamentais que precisam ser suportados pelo Estado e apoiados por iniciativas sociais públicas e privadas.

Com este entendimento, buscou-se nas Diretrizes Curriculares Nacionais, os diferentes modelos de promoção à educação com foco no aspecto da educação social, e entre as orientações, encontra-se o reconhecimento à atividade e à importância das ligas acadêmicas, motivo pelo qual incentivem essas ações nas entidades de ensino superior por se tratar de um importante meio para agregar conhecimento e valor à vida do estudante. Além do exposto, proporcionar apoio à educação nas dimensões que ultrapassam as práticas da sala de aula. Dito isso, entendemos que este modelo de extensão funciona como coadjuvante na garantia dos demais direitos fundamentais, ao promover a integração do conhecimento com a produção teórica e a prática dos saberes nas instituições acadêmicas.

Nesse sentido, o objetivo geral do presente capítulo, é descrever o relato da experiência acerca da construção do Projeto de Extensão intitulado “Liga de Gerontologia Psi UNICAP”, iniciativa que se deu em tempos da pandemia do COVID-19, no ano de 2021. Especificamente, este trabalho pretende contribuir com reflexões dos benefícios proporcionados por este projeto aos estudantes e à comunidade em geral, inclusive no sentido de manter a continuidade da extensão universitária, independente do afastamento social.

Uma liga acadêmica propõe ser uma organização estudantil, sem fins lucrativos, que tenciona a promoção de aprofundar determinadas temáticas relacionadas aos interesses dos acadêmicos em seus respectivos cursos, e de alguma forma, criar oportunidades de atividades didáticas, científicas, culturais e sociais, com vistas ao aprendizado e desenvolvimento dos participantes (PÊGO-FERNANDES; MARIANI, 2011).

Entre outras ações e atividades propostas pela Liga, uma das principais, foi a criação do grupo de estudos por meio de ferramentas de comunicação *on-line* que objetivou discutir, com os participantes ligantes e com a comunidade, temas atuais e transversais no universo da velhice, baseados no tripé do conhecimento, da produção e da ação social. Desse modo, a liga organizou e promoveu atividades de caráter social e acadêmico que visaram o desenvolvimento científico, técnico, cultural e profissional dos discentes, de modo complementar aos seus compromissos curriculares. Dessa forma, desenvolveram-se atividades que contemplaram o ensino, a iniciação à pesquisa, inovação e a extensão universitária como: atividades teóricas, aulas, seminários, discussões de textos, apresentações de *cases*, desenvolvimento de projetos científicos, e assim por diante.

Nesta perspectiva de promoção das atividades, foram realizados encontros a partir de um modelo de grupos de estudos multidisciplinares e interdisciplinares, denominados de encontros temáticos, que de forma sistemática, ocorreram com a participação de integrantes em palestras e seminários, principalmente nos desenvolvidos pelo SAI - Serviço de Atenção ao Idoso UNICAP e da UNICAP Prata 50+, espaços ligados aos cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia da Universidade Católica de Pernambuco, que assim como a liga de gerontologia, promovem ações de conhecimento, desenvolvimento e apoio em saúde mental inclusive no modelo de clínica social, com atendimento ao público em geral.

Ocorreu também, por iniciativa dos ligantes e de forma espontânea, o envolvimento na participação e realização de congressos e fóruns com o objetivo de aprofundar conhecimentos específicos no campo da Gerontologia, como: CIEH-Congresso Internacional de Envelhecimento Humano e Simpósio da Psico Gerontecnologia UNICAP.

O objetivo de promover um caráter multidisciplinar e interdisciplinar ao projeto, buscou ampliar os horizontes dos integrantes, no afã de contribuir na promoção de conhecimentos amplos e ações conjuntas para melhor qualidade de vida e dignidade da pessoa idosa. Com este sentido, a iniciativa de um projeto de extensão em tempos de pandemia, exigiu dos integrantes uma adaptação ao novo e principalmente a adequação a um modelo de extensão que surgiu de forma remota, e que sofreria uma mudança em seu funcionamento na perspectiva de uma retomada da normalidade das atividades presenciais. Assim, o foco principal, foi a integração e manutenção, mesmo à distância, dos envolvidos, além de promover o sentimento de que os integrantes estavam conectados à instituição de ensino.

A seguir apresentamos os materiais e métodos utilizados neste relato e o modelo adotado no projeto da Liga de Gerontologia Psi UNICAP, como oportunidade de desmistificar o processo de envelhecimento para jovens e adultos, divulgar e promover esta iniciativa.

Para compor este item de nosso texto, optamos por uma revisão narrativa da literatura e, na busca de um entendimento crítico sobre a temática, selecionamos artigos que contemplassem as várias possibilidades a constituição de uma liga acadêmica.

Conforme proposto pelas autoras Koller, Sabadini e Sampaio (2009), sobre os critérios para publicar em psicologia, optamos pela revisão de literatura, visto que este tipo de revisão, reserva espaço à subjetividade dos autores, dessa forma não esgota as fontes de informações sobre o tema, e não pretende exaurir o assunto proposto. Desse modo, a revisão narrativa da literatura se deu nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), no *SciELO - Scientific Library Electronic*, e no Portal PeP-SIC - Periódicos Eletrônicos em Psicologia, como estratégia de busca aplicou-se os termos “gerontologia”, “ligas acadêmicas” e “estudantes”. Após a leitura prévia dos resumos, foi realizada a triagem dos artigos

pertinentes ao objetivo do presente capítulo. Em seguida, realizou-se a presente redação atravessada pelo relato de experiência dos autores sobre a criação, enquanto fundantes, da Liga de Gerontologia Psi UNICAP.

Liga acadêmica de Gerontologia

O Brasil, assim como outros países, apresenta uma crescente tendência ao envelhecimento populacional. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020) enumera na população um montante de 34 milhões de idosos. As projeções indicam que esta população idosa tende a crescer nas próximas décadas, atingindo brevemente o patamar de um quarto da população com mais de 60 anos (IBGE, 2020). Nesse cenário, percebe-se o incremento exponencial e a adesão às práticas psicológicas e gerontológicas de apoio, suporte, acolhimento e também a utilização do campo social como estrutura de apoio à saúde mental (CARDOSO, 2014), entre outras práticas preconizadas na literatura, com o objetivo de criar estratégias de apoio ao público idoso. Esse é um caminho seguro para abordar os desafios na qualidade de vida da pessoa idosa.

As diferentes instituições acadêmicas ao abordarem o envelhecimento, entendem esta temática de forma departamental com amplo foco na saúde física e no bem-estar social, os aspectos psicológicos permanecem no campo da psicologia, assim ao propor uma Liga de Gerontologia Psi, o projeto de extensão intencionou na prática, realizar um fazer interdisciplinar que buscou contemplar o sujeito de forma integral.

Na perspectiva da formação acadêmica, Gondim (2002) nos apresenta que o papel da universidade além da formação acadêmica e/ou formação para o mercado de trabalho, concomitantemente se dá na criação de uma identidade profissional e do perfil profissional dos universitários. Assim, ao propormos que acadêmicos pesquiassem, desenvolvessem,

produzissem conhecimento e experiências acerca dos diferentes atravessamentos do processo de envelhecimento, de forma paralela ao conhecimento desenvolvido na sala de aula, criou-se um olhar diferenciado sobre a temática do envelhecimento. Entendendo que este conhecimento certamente reverberará sobre as práticas profissionais futuras dos acadêmicos, bem como, no caso dos integrantes que já atuam profissionalmente nas suas respectivas áreas, ao se depararem com questões do envelhecimento, no geral, puderam refletir e repensar suas práticas no atendimento ao público idoso.

O ensino superior, possui a capacidade de exercer grande influência no âmbito coletivo, oferecendo meios para a inovação e modernização da sociedade (CAVALCANTE et al; 2018). A LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) definiu, entre outros aspectos, o papel essencial da formação acadêmica, determinando que o ensino superior deve contribuir de forma positiva para o contexto social em que está inserido.

Com esse entendimento e ciente da responsabilidade social dos acadêmicos em formação, pautados nos referenciais da Psicologia e da Gerontologia, criou-se em 2021 a Liga de Gerontologia Psi UNICAP, na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, vinculada à Graduação em Psicologia e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica - PPGPSI, através da linha de pesquisa e Laboratório de Família, Interação Social e Saúde (LAFAM). A Liga tem como objetivo promover a ampliação de formas de atuação do profissional de Psicologia, desenvolver novas modalidades de práticas extracurriculares que favoreçam cada vez mais o voluntariado e a prestação de serviços à comunidade, além de promover a dimensão de extensionalização da formação do Psicólogo e Psicóloga.

Ao propor a criação da Liga de Gerontologia Psi UNICAP, observou-se a necessidade de que este constructo fosse baseado inicialmente por três

pilares de atuação: 1) acesso ao conhecimento temático, oferecido com a indicação de leitura de capítulos da literatura pertinente ao tema proposto (dimensão de ensino); 2) produção de conhecimento com o incentivo à publicação de relatos e artigos diversos sobre o tema envelhecimento em diferentes eventos e meios de comunicação (dimensão de pesquisa); 3) ações inovadoras que possam ser postas em prática junto aos parceiros do SAI – Serviço de atenção ao Idoso UNICAP, Instituto Humanitas e Clínica de Psicologia Manoel de Freitas Limeira UNICAP (dimensão de extensão). Com base nestes três pilares, a Liga propõe aproximar a comunidade acadêmica com a população idosa, produzindo a intergeracionalidade prática conectada com a promoção da qualidade de vida para o público idoso e aos que adentram na envelhescência.

Liga de Gerontologia Psi UNCAP na Pandemia

No contexto do afastamento social promovido pelo *lockdown*, imposto pela pandemia da COVID-19, que ocorreu nos anos de 2020 e 2021, ao iniciar a liga e definir seu funcionamento, optou-se pelo ambiente das plataformas virtuais para realização dos encontros temáticos, especificamente pela plataforma *Google Meet*, onde os organizadores, criaram salas de encontros temáticos, com a participação dos voluntários ligantes, participando também nesses eventos, de forma voluntária, relevantes profissionais de diferentes áreas de atuação, entre elas a medicina, psicologia, serviço social, terapia ocupacional, fisioterapia, gerontologia, entre outras. Esses encontros aconteceram mensalmente, desde agosto de 2021, nesse formato, os inscritos no projeto de extensão, receberam via grupo de mensagens, orientação para leitura prévia dos capítulos do Tratado de Geriatria e Gerontologia, capítulos estes pertinentes ao tema proposto, os quais o palestrante voluntário convidado, utiliza como referência do pilar de conhecimento do grupo, para condução de sua fala nos encontros temáticos.

Nos meses iniciais de atuação foi realizada uma seleção de ligantes voluntários, acadêmicos e não acadêmicos, que participaram das atividades. Para viabilizar o grupo de debates foi elaborado um cronograma anual abrangendo os seguintes assuntos: “O que é a Gerontologia”; “Aspectos Biomédicos e Saúde no envelhecimento”; “Políticas públicas, leis e garantias da pessoa Idosa”; “Cuidados Biopsicossociais”; “Inclusão Social; Aspectos psicológicos do envelhecimento”; “Curso de vida: jovem, Adulto e Idoso”; “Educação em prol do envelhecimento”; “Violência contra e pela pessoa idosa”; “Aposentadoria e pós-carreira”; “O idoso e a família”. Com este arco temático a liga pretendeu dar visibilidade ao espectro de conhecimentos teóricos imbricados no campo da Gerontologia, no intuito de favorecer o processo formativo dos participantes. Estes, de certa forma e em sua maioria, tiveram melhores condições para desenvolver um olhar crítico sobre o envelhecimento e para vislumbrarem novas possibilidades de atuação junto à comunidade. O momento inicial teve o caráter introdutório dos ligantes ao campo de estudo e objetos teóricos necessários para a melhor compreensão do fenômeno estudado, cumprindo uma parte dos objetivos relacionados ao eixo do ensino, na formação dos alunos envolvidos.

Gerontologia e Educação apresentam uma série de temas em comum. E as possibilidades de contribuições vêm de ambos os lados. A Gerontologia pode demonstrar à Educação a importância de abordar o envelhecimento como uma base fundamental para viver bem em uma sociedade que envelhece cada vez mais. E a Educação pode ajudar a Gerontologia a compreender a vida como um processo de aprendizagem constante, ajudando, a partir das suas bases teóricas, a melhor entender esse processo. Como o presente trabalho apontou, há uma aproximação entre Gerontologia e Educação, tendo em vista o envelhecimento populacional e as rápidas mudanças nas sociedades contemporâneas. (DOLL, 2018, PP. 1603)

Desse modo, a Liga Acadêmica de Gerontologia Psi da UNICAP afirma o compromisso com um aprendizado teórico-prático acurado em torno

das nuances que perpassam o cotidiano das pessoas idosas. A proposta tencionou envolver os quatro níveis de ensino (graduação, especialização, mestrado e doutorado), além de estimular esforços que retroalimentem o tripé universitário constituído de ensino, pesquisa e extensão, com foco na educação e na qualidade de vida.

A Universidade Católica de Pernambuco, em diferentes projetos, já desenvolve iniciativas bem consolidadas de extensão calcadas em um modelo teórico-prático que discute questões referentes ao processo de envelhecimento e à fase da velhice, como o curso de pós-graduação ao nível de especialização em Gerontologia, a UNICAP Prata 50+ - universidade aberta ao público idoso, e o SAI - Serviço de Atenção ao Idoso. Contudo, é perceptível a necessidade de uma maior articulação estudantil para promover uma aprendizagem mais ampla e robusta sobre as potencialidades de ações de promoção, prevenção e tratamento no campo da Gerontologia e Psicologia de forma interdisciplinar.

Diante do exposto, esperamos que a Liga de Gerontologia Psi UNICAP contribua de forma solidária para a formação social e acadêmica dos estudantes de Psicologia, Gerontologia e demais cursos de formação, oportunizando, de forma integrada, uma articulação entre conhecimento e prática, colaborando para o amadurecimento acadêmico e prestação de serviços à comunidade.

Considerações Finais

Ao propormos a criação de uma Liga de Gerontologia Psi UNICAP, inicialmente com a perspectiva de agrupar pessoas com interesse sobre a temática do envelhecimento, em um contexto de afastamento social, em nenhum momento, imaginávamos agregar um grupo tão heterogêneo

que permanece composto por jovens, adultos e idosos, com escolaridades variadas incluindo graduandos, graduados, especialistas, mestrandos, mestres, doutorandos e doutores, os quais possuem diferentes conhecimentos e perspectivas sobre o envelhecimento.

Nos primeiros encontros percebemos que existe uma crescente demanda pelo conhecimento da Gerontologia relacionada à Psicologia e pelo desenvolvimento de estratégias de intervenção relacionadas ao curso da vida e aos processos de envelhecimento saudável.

No primeiro semestre de atuação, a Liga de Gerontologia Psi UNICAP promoveu a inscrição de trinta participantes voluntários denominados ligantes, bem como a participação de mais de oitenta ouvintes nos cinco encontros temáticos realizados. No mesmo período, houve espontaneamente a publicação de pôster em Congresso Internacional (VIII CIEH, 2021) sobre a experiência de formação de um liga acadêmica. Nesse mesmo tempo, foi criado um canal de comunicação com a comunidade via aplicativo social de comunicação – *Instagram* – onde são noticiados ao público em geral o cronograma das atividades e demais informes pertinentes à atividade da liga.

Entendemos como grande a importância de implementar um projeto de extensão no contexto da Pandemia da Covid-19 no sentido dos acadêmicos e do público em geral permanecerem em continuidade das suas relações sociais, além do ambiente privado e dos locais onde estes passavam pelos seus confinamentos. Desta forma, o projeto de extensão conseguiu, além de atingir o objetivo dos seus pilares de atuação, promover a interdisciplinaridade e a integração social da comunidade com a UNICAP, impactando na qualidade de vida de seus integrantes.

O grande desafio para o retorno às atividades presenciais consiste na manutenção deste grupo inicial, no entendimento que num cenário de pós-pandemia, muitos participantes das atividades remotas tendem a

retomarem suas atividades presenciais e desse modo poderá ocorrer alguma dificuldade em conciliar a participação em eventos virtuais. Nesse sentido, a possibilidade de criar um espaço para a integração dos ligantes com a comunidade deverá ocorrer no planejamento e na criação de grupos de trabalho presenciais, com o objetivo de promover ações e serviços comunitários à população idosa, fomentando também o debate público acerca desta relevante temática presente na sociedade.

Entendemos que a produção e a realização de ações voluntárias é uma necessidade emergente para o desenvolvimento social, não apenas no tocante à qualidade de vida, mas à evolução do conhecimento e ao compromisso de abordar diferentes demandas contemporâneas, além de que, em momentos que vivenciamos eventos não-normativos, como na pandemia da COVID-19 no ano de 2021, alicerçar uma possibilidade de integração social e continuidade das relações faz-se fundamental e necessário para a comunidade.

Todos os parceiros relacionados a seguir possuem um papel fundamental e especial para a concretização do Projeto de Extensão Liga de Gerontologia Psi UNICAP. Agradecemos: Universidade Católica de Pernambuco; Curso de Graduação e Pós-Graduação em Psicologia UNICAP na Escola de Saúde e Ciências da Vida; o Laboratório de Família, Saúde e Interação Social (LAFAM); o Laboratório de Ciberpsicologia e Humanidades Digitais (CIBERPSI); o Serviço de Atenção ao Idoso (SAI); o Instituto Humanitas UNICAP; a Clínica de Psicologia UNICAP - Manoel de Freitas Limeira e a UNICAP Prata 50+.

Referências

AURELIANO, R. O.; LOPES, L.F.; SILVA, C. F. S. **Liga de gerontologia psi unicap: um relato de experiência**. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/77198>. Acessado em 10, abr. 2022.

BERLINCK, M. T. **A envelhescência**. *Psicopatologia Fundamental*, p. 193-198, 2000.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional, LDB**. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 13, set. 2021.

CARDOSO, A. J. C. et al. Reforma Psiquiátrica e a Política Nacional de Saúde Mental. **Tempus Actas de Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 8, n. 1, p.57-63, 29 mar. 2014. Núcleo de Estudos em Saúde Pública. <http://dx.doi.org/10.18569/tempus.v8i1.1453>. Disponível em: . Acesso em: 23 abr. 2022.

CAVALCANTE, A. S. P. et al. Ligas acadêmicas na área da saúde: lacunas do conhecimento na produção científica brasileira. **Revista Brasileira de Educação Médica**. v. 42, n. 1, 2018.

DOLL, J. A Educação no Processo de Envelhecimento. In: FREITAS, E. V.; PY, L. (Orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018. p. 1598-1603.

FREITAS, E. V.; PY, L. (Orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018

GONDIM, S. M. G. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. **Estudos de Psicologia** (Natal) [online]. 2002, v. 7, n. 2 [Acessado 9 abril 2022] , pp. 299-309. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200011>>.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Com envelhecimento, cresce número de familiares que cuidam de idosos no país, 2020**. Disponível em: <<https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/27878-com-envelhecimento-cresce-numero-de-familiares-que-cuidam-de-idosos-no-pais.html> > Acesso em 19/06/2021.

KOLLER, S. H.; SABADINI, A. A. Z. P.; SAMPAIO, M. I. C. (Orgs.). **Publicar em psicologia : um enfoque para a revista científica**. Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia-Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

NERI, A. L. FONTES, A. P. Resiliência Psicológica e Velhice bem-sucedida In: FREITAS, E. V.; PY, L. (Orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018. pp. 1468-1475.

NERI, A. L.; PAVARINI, S. C. L. Formação de Recursos Humanos em Gerontologia e Desenvolvimento da Profissão | O Brasil em Face da Experiência Internacional. In:

FREITAS, E. V.; PY, L. (Orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018. pp. 1587–1597.

PAPALÉO-NETTO, M. Estudo da Velhice | Histórico, Definição do Campo e Termos Básicos. In: FREITAS, E. V.; PY, L. (Orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018. p. 03–13.

PÊGO-FERNANDES P. M.; MARIANI A. W. O ensino médico além da graduação: ligas acadêmicas. **Diagn. Tratamento** 2011;16(2)50-51. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2011/v16n2/a2048.pdf>

COVID e seu impacto no assoalho pélvico feminino e masculino

Valéria C. Passos de Carvalho; Silvana M Macêdo Uchôa; Laysa Palmira Nogueira de Aquino; Andreza Paula Gomes de Sá; Amanda Maria Alves daSilva; Tayná Suely Correia da Silva; Gabriele Gonçalves de Melo; Thayna Maria Praia Baratella; Paloma Barreto Gouveia da Silva; Bruna Raffaella Fialho de farias; Ana Carolina Araujo da Silva; Emanuely Laissa de Oliveira; Paulo Vitor Silva de Santana; Adrielly Cristina Silva do Nascimento; Ana Gabriela Alves de lima; Ana Keyla Rodrigues Cabral

O Assoalho Pélvico (AP) é um conjunto de estruturas formado por músculos, ligamentos e fâscias tecidos que envolvem a pele e que servem para segurar os órgãos como: útero, bexiga e ampola retal (CUNNINGHAM et.al., 2021).

O AP contém três estruturas tubulares: a uretra, sendo a porta de saída da urina, que se localiza para fora do corpo, com sua terminação na vulva, fazendo assim parte da região do sistema urinário. A vagina, anteriormente, e o ânus, posteriormente. A fâscia pélvica é formada por lâminas de tecido fibroso na qual se fixam alguns músculos e faixas de músculos de reforço, com a função de prevenir choques de lesões naquela região pélvica. Na parte superior do AP, encontra-se a fâscia endopélvica, que é uma malha fibrosa (que inclui elastina e colágeno) na qual localizam-se os nervos e vasos sanguíneos (SILVA, et al., 2003).

Os tipos morfológicos da pelve são: Ginecóide, descrita como a pelve normal feminina, também conhecida como típica, ela tem o superior arredondado e o diâmetro transverso equidistante do promontório e do pube; Andróide, mais masculina, pois tem o superior triangular, com o diâmetro transverso próximo ao promontório, paredes pélvicas convergentes, espinhas ciáticas salientes e ângulo sub-púbico fechado; Antropóide tem como principal característica o estreito superior oval, diâmetros transversos máximos, anteroposteriores diminuídos e ângulo sub-púbico muito aberto; E por fim a Platipelóide, é mais arredondada, apresentando um aspecto que lembra um prato. Nesta forma de bacia, o diâmetro transverso é maior do que o diâmetro anteroposterior (ALBUQUERQUE et al., 2013).

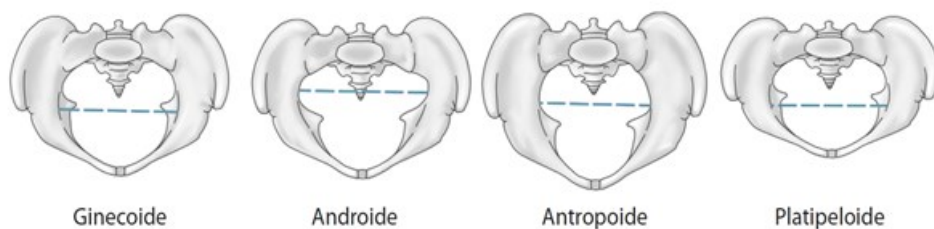


Figura 1: Imagem dos tipos morfológicos da pelve humana
Fonte: Carmo, 2022.

Desta forma é possível observar as diferenças entre pelve feminina e masculina. As mulheres apresentam uma pelve maior, mais larga, mais rasa, abertura superior oval, forame obturado oval. Já os homens possuem uma pelve mais pesada, arco púbico mais estreito, ângulo sub-púbico menor, espaço entre as tuberosidades isquiáticas menor, abertura superior menor e arredondado (CARMO, et al., 2022).

O Sistema Urinário tem a função de transformar e evacuar fluidos (líquidos) ou substâncias metabólicas da corrente sanguínea, e para armazenar, transportar e excretar a urina do corpo para fora. Ele é dividido no Sistema Urinário Superior (rins e ureter) e Sistema Urinário inferior (Bexiga e Uretra) (ALBUQUERQUE,2013).

A uretra feminina é muito pequena, possuindo apenas 4 centímetros, o que é um fator predisponente para contrair infecções do trato urinário, primeiro passa através do assoalho pélvico e depois através do espaço perineal profundo, sendo envolvida pelo esfíncter externo da uretra, encontrado entre os pequenos lábios, anteriormente à abertura vaginal. Já a uretra masculina é muito mais longa, possuindo 15 centímetros e divide-se em quatro partes: A Pré-prostática (intramural), parte da uretra que se estende desde o orifício interno da uretra até à próstata; A Prostática, que parte da uretra que penetra na próstata e se junta ao ducto ejaculatório do sistema reprodutor masculino; A Membranosa, que parte da uretra que passa através do espaço perineal profundo rodeada pelo esfíncter externo da uretra. E, por fim, o Esponjosa (peniana), uretra que viaja através do corpo esponjoso do pênis (CARMO, et al., 2022).

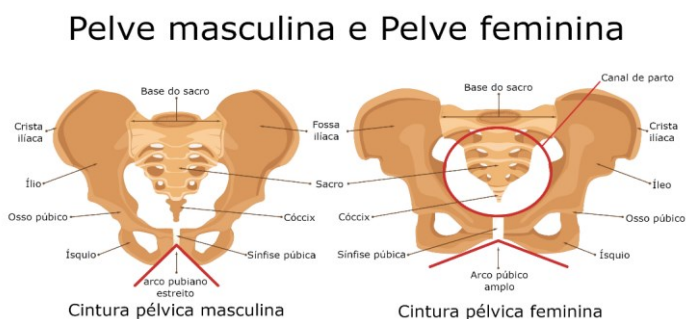


Figura 2: Imagem das estruturas ósseas que formam a pelve masculina e feminina.
 Fonte Google imagens, 2022.

Na figura acima é possível observar as estruturas ósseas que compõe a pelve masculina e feminina, destaca-se a Pelve, que tem um formato de caixa, fechada posteriormente pelo Sacro e Cócix, lateralmente pelas Cristas Ilíacas o Íleo, na face anterior é fechada pelos Ossos do Ísquio e a Sínfise Púbica. Sendo dividida em Pelve Verdadeira, que abriga em seu interior o Sistema Reprodutivo (útero), Sistema Urinário (bexiga e uretra), o final do Sistema Digestório (ampola retal) e a Pelve Falsa que compreende as alças intestinais (LEMOS, 2017).

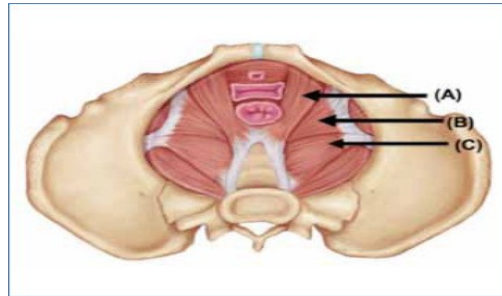


Figura 3: Imagem dos músculos em diafragma pélvico principal.
Fonte: Linhares,2022

Os músculos do diafragma pélvico principal são puborretal e pubococ-
cígeo (A), o músculo iliococígeo, que forma o levantador do ânus com
os músculos anteriores (B) e o coccígeo (C), que, juntamente com o ele-
vador do anus, forma o diafragma pélvico (CARMO, et al., 2022).

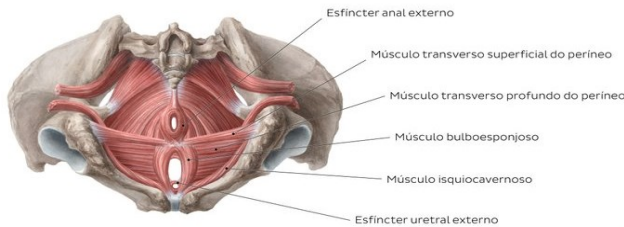


Figura 4: imagem dos músculos em diafragma urogenital.
Fonte: Kenhub, 2022.

Na figura 4 observa-se os músculos que compõem o diafragma urogeni-
tal, são M. Bulbo esponjoso; M. Isquiocavernoso; M. Transverso superfi-
cial do períneo; M. Transverso profundo do períneo; M. Esfíncter ex-
terno da uretra. (CARMO, et al., 2022).

Nos tempos atuais, fomos surpreendidos com a COVID-19, uma doença
infecciosa causada pelo vírus SARS-COV 2, que promove uma infecção
viral das vias aéreas, afetando principalmente as células epiteliais, resul-
tando na descamação de pneumococos presentes na membrana hialina

(ENGSTROM, et al., 2020). A sua infecção ocorre através do contato direto pela boca ou nariz de uma pessoa já infectada, expelindo partículas líquidas quando espirram, falam ou tosse. Essa doença pode ser classificada em leve, moderada e grave (QUININO, et al., 2021).

Sua repercussão foi mundial, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) a COVID-19 atingiu toda a população do planeta, sendo decretada como pandemia no dia 11 de março de 2020, com quadros graves da doença e sem informações concretas sobre seu tratamento (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022). No Brasil, o primeiro caso notificado foi em 26 de fevereiro de 2020, de acordo com o site do Governo Federal, temos até a data de 12 de julho de 2022, 32.940.507 pessoas infectadas e 44.043 de casos novos, quando avaliamos esses dados por região, temos que no Nordeste esses valores chegam a 6.530.972 de infectados.

É importante ressaltar que, além dos óbitos a pandemia da COVID, tiveram grandes impactos econômicos, culturais e principalmente sociais. O distanciamento, por sua vez, aumentou o sofrimento das pessoas que possuem Disfunções dos Músculos do Assoalho Pélvico (DMAP), bem como o aumento da obesidade, sedentarismo, diminuição das práticas de atividades físicas e estresse psicológico. Dados epidemiológicos mostram que ocorreu um aumento de 53% da frequência urinária, urgência em 75% por noctúria 14,5%. Os impactos da Covid-19 no AP se dão de forma indireta, devido aos sintomas da Covid-19 como o espirro e tosse (STEIN, et al., 2019).

A patologia do covid-19 é uma doença multissistêmica, desta forma, também afeta a região pélvica, feminina e masculina e suas funções, o comprometimento do AP devido às disfunções respiratórias causadas pela doença, acabam por desencadear um aumento de pressão abdominal sobre o AP através de esforços repetitivos como tosses, espirros que acabam aumentando a fraqueza muscular, o que pode ocasionar diversas disfunções musculares, como o surgimento de Incontinência Urinária de Esforço (IUE), Bexiga Hiperativa (BH), ou até mesmo a Incontinência Urinária Mista (IUM) (STUBER et al, 2020).

Observa-se que, ao se falar das Disfunções do Assoalho Pélvico, temos como principais queixas, em relação aos atendimentos médicos, as infecções do trato urinário, incontinência urinária e prolapso dos órgãos pélvicos. Com o início da pandemia, a procura por hospitais ficou mais intensa, dificultando o tratamento para as pessoas com essas alterações. A fisioterapia pélvica conservadora é a primeira linha de abordagem para a realização do tratamento das Disfunções que ocorrem no assoalho pélvico através do Treinamento dos Músculos do Assoalho Pélvico que se apresenta como de fácil utilização e baixo custo para a população afetada (ZERATI FILHO, 2010).

A Liga de Fisioterapia Pélvica (LAFIP) da Universidade Católica de Pernambuco, durante a pandemia desenvolveu ações para a comunidade em geral, bem como, para a comunidade acadêmica, com a intenção de trazer conhecimentos acerca dos temas trabalhos e poder contribuir de modo positivo na formação acadêmica, colabora, sendo preconizados o atendimento humanizado e comprometido com o outro, favorecendo a implantação de medidas de promoção à saúde junto às comunidades beneficiadas

Ações da liga de fisioterapia - LAFIP UNICAP

A LAFIP é a Liga de Fisioterapia Pélvica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), constituída por quinze estudantes do curso de Fisioterapia. Orientados por duas professoras do curso de Fisioterapia da própria Universidade, Professora Valéria Conceição Passos de Carvalho e Professora Silvana Maria e Macedo Uchôa. A Liga tem como objetivo realizar pesquisas, ações comunitárias e publicações relacionadas à fisioterapia pélvica feminina e masculina.

No dia 27 de outubro de 2021 foi realizada uma ação, proposta pela LAFIP, no Hospital Santa Casa de Misericórdia, do Recife, sobre Incontinência Urinária feminina, em comemoração ao outubro Rosa. Nessa ação foi instruído e demonstrado conhecimento, utilizando banners e cartilhas construídas pelos membros da LIGA, com o objetivo de levar conhecimento a comunidade feminina sobre O que é a Pelve, Região Pe-

rinal e Quais são os tipos de Incontinência Urinária, como, por exemplo, as de Esforço (IUE), de Urgência (IUU) e mista (IUM) e como ocorre a IU.

Foi feita uma oficina de exercícios fáceis de aprendizagem por parte das mulheres e homens que estiveram presentes, enfatizando que esses exercícios servem também como prevenção para o futuro desenvolvimento de disfunções nos músculos do assoalho pélvico e, por fim, foram dadas orientações de como realizar as atividades da vida diária e profissional sem trazer esforços aos músculos do assoalho pélvico.

No dia 03 de novembro de 2021 foi realizada uma ação, proposta pela LAFIP, no Hospital Santa Casa da Misericórdia, do Recife, sobre incontinência urinária masculina, em comemoração ao novembro Azul. Na ação, foi abordado, com auxílio de banner sobre o músculo da Bexiga e para que serve, O que é a IU, quais os tipos de IU existentes, tais como os de Esforço (IUE), de Urgência (IUU), Mista (IUM) e por Transbordamento, e de como ocorre e em quais casos os homens podem ser afetados.



Figura 5: Banner e cartilha

Foi demonstrado também algumas prevenções e exercícios que podem ser feitos para não acarretar piora do quadro do homem. Criou-se uma cartilha para auxiliar sobre o que é a IU e os exercícios que ajudam a fortalecer os músculos do assoalho pélvico para contribuir Atividades

de Vida Diária (AVD) e profissional desses homens e da população em geral.



Figura 6: ação no Hospital Santa Casa da Misericórdia

No dia 24 de Novembro de 2021, foi realizada uma ação, proposta pela LAFIP, na Casa de Apoio a Idosos, em Olinda, sobre Incontinência Urinária Masculina, em comemoração ao Novembro Azul. Na ação foram abordados, com auxílio de banners, assuntos sobre o músculo da bexiga e para que serve; o que é a IU; quais tipos de IU existentes, tais como o de Esforço (IUE), de Urgência (IUU), Mista (IUM) e por transbordamento e como ocorre. Foi demonstrado, também, algumas prevenções e exercícios que podem ser feitos para não acarretar a piora do quadro do idoso. Houve participação de idosos também nos exercícios.



Figura 7: ação na Casa de Apoio a Idosos

No dia 09 de março de 2022, foi realizada uma ação, proposta pela LAFIP, na Clínica Corpore Sano de Fisioterapia, da UNICAP, sobre o Impacto da Síndrome Respiratória Aguda Grave, O coronavírus (SARS-CoV 2), no Assoalho Pélvico. Na ação foram abordados temas sobre as consequências que o vírus trouxe para essa estrutura, tais como a Infecção do trato urinário (ITU), Incontinência urinária (IU) e Prolapso de Órgão Pélvico (POP). Também foi demonstrado exercícios que ajudam na prevenção e fortalecimento dos músculos do assoalho pélvico.



Figura 8: ação Clínica Corpore Sano de Fisioterapia

No dia 18 de maio de 2022, no horário de 20h às 23h, a LAFIP realizou uma Live sobre "Constipação e suas consequências no Assoalho Pélvico" ministrada pela palestrante e fisioterapeuta Marcell Schuster, na plataforma Sympla. Após a palestra, houveram comentários sobre o tema entre os telespectadores que estavam acompanhando a palestra e as duas professoras doutoras orientadoras de Fisioterapia Pélvica e Uroginecologia da LAFIP. Por fim, foi realizado um sorteio de uma camisa da Liga no instagram da LAFIP para os participantes da palestra.

Referências

ALBUQUERQUE, P.V. de. Morfometria da pelve para diagnóstico sexual. **Repositório Digital da UFPE**, ATTENA. 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/18125>>

CARMO, L. L. Pelve. **KENHUB**, 2022. Disponível em: <<https://www.kenhub.com/pt/team/livia-lourenco-do-carmo>>. Acesso em: 1 ago. 2022

CUNNINGHAM, F.; YATES, A.D.; ZERBINO, D.R.; FLICEK, P. Conjunto 2021, *Nucleic Acids Research*, Volume 49, Edição D1, 8 de janeiro de 2021, Páginas D884–D891. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/nar/gkaa942>>

ENGSTROM, E.; MELO, E.; GIVANELLA, L.; MENDES, A.; GRABOIS, V.; MENDONÇA, MHM. **Recomendações para a organização da Atenção Primária à Saúde no SUS no enfrentamento da Covid-19**. Disponível em: <<https://www.arca.fio-cruz.br/handle/icict/41404>> Acesso em: 1 ago. 2022

LEMOS, A. Q. **Parâmetros angulares da pelve e a função muscular do assoalho pélvico em mulheres com incontinência urinária**. 2017. Disponível em: <<https://repositorio.bahiana.edu.br:8443/jspui/handle/bahiana/783>>. Acesso em: 1 ago. 2022

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em 12 de jul. 2022.

QUININO, L.R.M.; SCONCELLOS, F.H.M.; DINIZ, I.S.; AGUIAR, L.F.; RAMOS, Y.T.M.; BASTIANIA, F. Aspectos espacial e temporal e fatores associados à interiorização da Covid-19 em Pernambuco, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 2171-2182, 2021.

STEIN, S. R.; PAVAN, F. V.; CARNEIRO-NUNES, E. F.; LATORRE, G. F. S. Entendimento da fisioterapia pélvica como opção de tratamento para as disfunções do assoalho pélvico por profissionais de saúde da rede pública. **Revista de Ciências Médicas**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 65-72, 2019.

STUEBER, K; SILVEIRA, F; XERXENESKIE; TEIXEIRA, M. R.F., revisão de literatura da comunicação científica sobre Covid-19. **Ciência Aberta** 2022, v. 46, n. spe1, pp. 348-367.

ZERATI F, M; NARDOZZA J, A.; DOS REIS, R. B. Urologia fundamental. editora **São Paulo** ; Planmark, 2010.

A Música na Construção de Material Lúdico em Meio à Pandemia: Ludicizando a Saúde, um Projeto LudEduc Em Saúde

Paloma Sthefany Lucas de Barros¹; Ana Beatriz Monteiro de Oliveira¹; Vinícius Marques Cardoso¹; Alexandre Barbosa Beltrão²; Shalom Pôrto de Oliveira Assis³.

No início do ano letivo de 2020, o mundo se deparou com uma das maiores crises de saúde da história, a Pandemia do COVID-19, que foi responsável por tantos desastres em todos os âmbitos das vidas de todos os cidadãos, desde as perdas incomensuráveis às consequências de um mundo despreparado para um vírus de tal letalidade e impacto social, econômico e cultural. Dentro desse contexto, os universitários vivenciaram desafios múltiplos, seja em função da educação prejudicada pelos meios virtuais ainda em maturação para a realidade do COVID, seja pela ausência das suas atuações extracurriculares na modalidade presencial (MÉLO et al., 2021).

¹ Discentes da Graduação em Medicina na Universidade Católica de Pernambuco

² Docente da Graduação em Medicina na Universidade Católica de Pernambuco

³ Orientadora do Projeto de Extensão LudEduc em Saúde.

Uma vez estabelecida a realidade caótica a ser vivenciada de 2020 até hoje, muitas foram as incertezas, sobretudo no que concerne à educação. Contudo, diante da adversidade, o inusitado aconteceu e frutos de esforço, dedicação e empenho valoráveis foram colhidos. E assim foi para os estudantes que, em meio a uma situação jamais vivida em termos de globalização e de impactos econômicos, culturais e sociais, arranjam meios resilientes de moldar sua carreira universitária e seus benefícios à comunidade. Portanto, na Pandemia, surgiram ferramentas excepcionais e reinventaram-se estratégias para disseminação de conhecimento perante a comunidade na forma de atuação extensionista mesmo na maior atribulação já vivida nos últimos anos (DA SILVA SOTERO et al., 2021)

Na busca por estratégias para tornar o aprendizado, em saúde, lúdico e efetivo, diversas ferramentas estão disponíveis para os interventores, sejam eles professores, profissionais de saúde ou os próprios pais e responsáveis. Nesse sentido, a música é uma ferramenta de excelente atuação, visto que é objeto de estudo inesgotável e é evidentemente impactante na construção do conhecimento. A utilização da musicalidade, da melodia e de versos para diversificar o aprendizado criam uma memória afetiva no processo de construção do saber, o qual amplia as realidades da criança no presente e no futuro (JURDI et al., 2018).

São necessários diversos artifícios para tornar a educação e o aprendizado em saúde efetivos (ANTUNES, 2017). Para tanto, a música se caracteriza por uma estratégia de excelente prognóstico na educação em saúde. Isso porque, embora não se tenha uma área específica de atuação da música no córtex cerebral, a neurociência já demonstrou que a música tem um efeito sinérgico e estimulante entre as diversas áreas encefálicas, estabelecendo uma espécie de diálogo entre elas. Assim, a música transcende a estimulação auditiva e percorre o córtex de maneira ainda desconhecida, mas inegavelmente impactante.

Grandes estudiosos da pedagogia ressaltam a importância de direcionar o aprendizado na primeira e na segunda infância em função de representarem grandes marcos da cognição (DA SILVA et al., 2016). A primeira fase é mais caracterizada pelo crescimento e com ele a nítida neuroplasticidade, enquanto a segunda infância é marcada pelo aprendizado que impacta sensivelmente no desenvolvimento da criança (CASAMAYOR, 2020). Nesse contexto, a música se constitui de uma estratégia fantástica no aprendizado e no fomento à cognição das crianças.

Uma maneira efetiva de estimular o aprendizado é interpor um mediador entre a educação e a criança, isto é, estabelecer uma ponte entre o conhecimento e o público-alvo. A música é um mediador efetivo, ao passo que atrai a atenção, diverte e constrói conhecimentos simultaneamente. A construção de saberes é válida quando incentiva a autonomia do indivíduo (DA SILVA et al., 2016). Por meio da música, é possível, então, repassar noções básicas sobre a saúde em geral, como de higiene, boas maneiras, alimentação saudável, entre outros temas que são essenciais à formação cidadã e aos cuidados em saúde. Por conseguinte, a utilização de melodias em canções voltadas aos temas da educação em saúde é um instrumento educacional e lúdico para atuar não só na disseminação das informações, mas na captação, na interpretação e na internalização delas.

A construção do Guia Musical Ludicalizando a Saúde propôs trazer ao ensino em Saúde para crianças o elemento lúdico não só para atrair o público infantil, mas para desenvolver conhecimento. O alinhamento do conteúdo educacional às estratégias lúdicas da música e temas de saúde é de benefício inegável, de valor teórico e prático ao desenvolvimento de atividades educacionais no ensino em saúde. A composição das músicas que podem ser reproduzidas e adaptadas às atividades em qualquer sala de aula ou outro ambiente voltado à educação em saúde viabiliza o aprendizado e promove divertimento entre os alunos e os aplicadores das atividades (ASSIS et al., 2021). Com o objetivo mor de

proporcionar educação em saúde para crianças e, assim, contagiar seus responsáveis e a comunidade, por meio da musicalidade como ferramenta lúdica e efetiva na aprendizagem, foi construído o material Ludicalizando a Saúde, a fim de manter acesa a chama do conhecimento lúdico mesmo no cenário pandêmico (DE SOUZA et al., 2021).

Estabelecer um vínculo criativo e educacional com a música, ao criar subsídio lúdico para pais, professores e outros responsáveis, além de fomentar o repertório de ferramentas lúdicas e educacionais no ensino da saúde, foram as metas lançadas e atingidas pelo Projeto LudEduc pautado na elaboração de um material que pudesse se disseminar transcendendo as barreiras que a Pandemia criou (ASSIS et al., 2021). Trabalhar temas essenciais na Saúde Pública para promoção do cuidado com a comunidade foi um desafio, mas nunca uma tarefa impossível.

Desenvolvimento e apresentação da cartilha ludicalizando

O Projeto LudEduc em Saúde, inovadoramente, trouxe a proposta de um guia musical repleto de ludicidade e de conteúdo, voltado para educação em saúde de crianças em idade escolar (ASSIS *et al.*, 2019). Através de significativos esforços, os integrantes do Projeto construíram um guia de músicas inéditas e autorais, com melodias facilmente reproduzíveis, a fim de levar às crianças e aos educadores conceitos básicos em saúde estrategicamente selecionados, para o estímulo à aprendizagem de forma lúdica.

A proposta foi construída durante os anos de 2020 e de 2021, com empenho e dedicação para levar às crianças o “Som da Educação em Saúde”, lema indissociável ao subprojeto, a fim de diversificar as estratégias de abordagem ao ensino em saúde e de transmitir o conhecimento com bastante criatividade e divertimento (ASSIS et al., 2021).

Inicialmente, a utilização da música já era ferramenta insubstituível do Projeto LudEduc, presente em diversas ações por meio de paródias e cantigas pertinentes às temáticas desenvolvidas em salas de aula dos colégios parceiros do projeto (ASSIS et al., 2019). Diante da pandemia e da impossibilidade de realizar ações presenciais, com base no distanciamento social, houve uma pausa na atuação presencial nas escolas. Contudo, diante do empenho e da urgência dos integrantes em promover educação em saúde, independente do contexto, reinventou-se a forma de atuar nos colégios e na comunidade.

Dessa maneira, a música deixou de ser ferramenta interativa em conjunto às ações para se tornar um braço especial do LudEduc, autossuficiente e facilmente propagável nos meios virtuais. Isto é, mesmo diante do cenário pandêmico, integrantes e orientadores buscaram incessantemente maneiras de distribuir conhecimentos lúdicos em saúde, ainda que a forma presencial não fosse possível. Esse foi o início do Ludicalizando, uma ideia reinventada e reestruturada para alcançar as crianças, professores e responsáveis dentro das possibilidades de um contexto pandêmico.

Reuniram-se os alunos com aptidão musical e mais experientes na criação de cifras e de melodias para construção de um material inédito. A intenção, no contexto pandêmico, foi disseminar músicas com o conteúdo educativo para as escolas antes visitadas pelo Projeto. Contudo, tamanha foi a proporção após o lançamento e a disponibilização, que colégios distantes, do interior de Pernambuco, por exemplo, foram atingidos. Professores e outros agentes promotores da saúde contactaram integrantes do Projeto para utilizarem o material elaborado em escolas de municípios do Sertão de Pernambuco.

A criação das cifras durou entre 5 e 8 meses, no total, com a criação de dez letras autorais. Munidos de voz e violão, integrantes criaram dez melodias diferentes, mas pautadas em notas facilmente reprodutíveis, a

fim de que qualquer agente promotor de atividades lúdicas, com algum conhecimento musical, conseguisse reproduzir com empenho e contagiar as crianças. Os versos musicados trazem informações simples, mas sumárias ao conhecimento em saúde, eles foram especialmente estudados para harmonizar as palavras e o som, a fim de facilitar memorização tanto para as crianças, quanto para os agentes promotores da educação.

Com melodias harmônicas, animadas e de fácil memorização, o grupo de alunos integrantes iniciou a construção do material em formato de e-book. Com a produção musical e a técnica completas, iniciou-se a construção do design da Cartilha Ludicalizando. Cartilhas educativas foram um ponto-chave para disseminação de informação durante o contexto pandêmico, pelo LudEduc, uma vez que a propagação on-line, hoje em dia, é mais acessível e garantidora da comunicação em diversas condições. Com dois a três meses de trabalho visual na construção do e-book, o resultado da capa está na Figura 1.



Figura 1. Capa da Cartilha Ludicalizando a Saúde.

A cartilha, em termos visuais, foi construída para trazer figuras e desenhos interativos, cujo aspecto gráfico fosse limpo, mas trouxesse interesse da criança ao visualizar. Contudo, o material não traz apenas uma identidade visual para chamar atenção das crianças, seu conteúdo traz as letras para memorização e as cifras para orientar os agentes promotores das ações. É possível adaptar cada letra a diferentes instrumentos, uma vez que traz apenas as notas mais básicas de dó até si, mas é possível adaptar a outros instrumentos. No processo de construção, a base instrumental foi voz e violão, mas foi possível ensaiar a adição do ukulele para verificar a possibilidade de participação de outros instrumentos de corda na harmonização das melodias.

É possível, portanto, cantarolar as cifras apenas com voz, utilizar voz e violão, voz, violão e ukulele e, ainda mais, a cartilha traz as músicas inéditas e o tom no qual as letras foram pautadas, permitindo adaptações por quem for utilizá-las. Cada letra contém um tema diferente da saúde pública, trazido de forma lúdica para o contexto de crianças na primeira e na segunda infância, mas com conteúdo importante para qualquer idade. Cada refrão de cada cifra foi cuidadosamente elaborado para fixar na mente a melodia e, por conseguinte, a informação, quem utilizar-se da cartilha perceberá a facilidade de memorizar os versos, pois esse objetivo permite que as crianças participem das ações desde a primeira vez que escutam as músicas elaboradas.

Em relação ao conteúdo das músicas, cada cifra abarca um tema a ser reproduzido tanto virtualmente, quanto sugestão de aula, possibilitando a música ser, então, reproduzida ao fim de atividades voltadas para a temática. Objetiva-se solidificar o conhecimento, divertir a criança e fixar, divertidamente, o conteúdo ministrado. É, inclusive, uma maneira de fortalecer o vínculo entre o educador/promotor do ensino

em saúde e o público, pois torna a abordagem à educação em saúde dinâmica.

Cada cifra foi criada de maneira a ser facilmente reproduzida em qualquer ambiente, bastando, por exemplo, o violão e a voz. A intenção é de que o conhecimento seja passado de forma lúdica, com conteúdo interativo e bem trabalhado, para que o cenário da Educação em Saúde seja fortalecido e inspirado por este Projeto progressivamente em diversificação, estratégia e ludicidade.

Em função de no início da Pandemia não haver aulas híbridas, puramente remotas, a disseminação do conteúdo não objetivou apenas o material *e-book*. Nesse sentido, os integrantes iniciaram a gravação de vídeos educativos nos quais as músicas presentes em cartilha foram reproduzidas e ensinadas. Conforme o alcance foi ampliado, a resposta do público e das instituições foi extremamente positiva, em 2021, ainda, foram iniciadas as gravações das músicas em estúdio.

Com a repercussão do lançamento *on-line* da cartilha e o retorno das escolas às quais o material físico foi enviado, notou-se a relevância do projeto perante a comunidade mesmo em tempos pandêmicos. O motor que manteve ativa a extensão mesmo em momentos de distanciamento social e impossibilidade de realização das ações nas escolas, conforme sempre ocorreu para o LudEduc, tocou o coração e o instinto de tantos educadores mais. O *feedback* de professores e outros educadores em saúde para os integrantes do Projeto Extensionista foi extremamente positivo e motivou a gravação das músicas originais em estúdio.

No canal do Projeto LudEduc em Saúde, na plataforma *Youtube*, há vídeos educativos de outros braços da extensão e, dentre eles, as músicas para publicação da cartilha. Assim, não só o material virtual foi enviado às escolas destino, mas qualquer instituição com acesso à internet pode utilizar as ferramentas de audiovisual disponibilizadas on-line. Como evidenciado na Figura 2, há uma série de vídeos de cunho educativo,

que se valeram de diversos artifícios para disseminar conhecimentos em saúde de forma lúdica. Dentre eles, as músicas gravadas em estúdio com o integrante e compositor Vinícius Cardoso, intituladas “Médico Amigo” e a música tema do Projeto, “LudEduc em Saúde”. Por meio dos acessos à plataforma, é possível que os professores e responsáveis se utilizem dos recursos lúdicos tanto na compreensão dos temas para repassar em aula, quanto na utilização dos recursos audiovisuais tanto no ensino remoto, quanto na modalidade presencial.

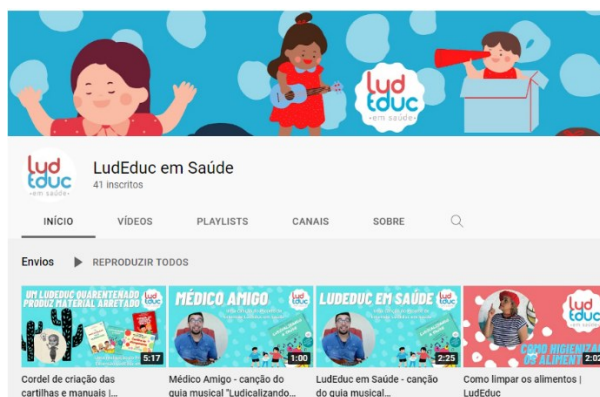


Figura 2. Canal do LudEduc em Saúde na Plataforma Youtube.

Dessa maneira, desde 2021 a Extensão organiza-se para completar a gravação das dez músicas em estúdio a fim de disseminar os clipes com o objetivo de sempre, de promover educação lúdica em saúde. Trata-se de um incentivo à utilização de estratégias lúdicas das mais diversas para promover conhecimento em saúde para crianças e promover qualificação dos agentes promotores, uma vez que com a cartilha cifrada em mãos e a melodia gravada, o exercício da música nas ações é facilitado.

A disseminação dos conteúdos para a comunidade é objetivo principal da Extensão para munir a população de informações sobre a saúde e o diferencial do LudEduc, como o próprio nome sugere, é alcançar tal meta de forma lúdica. Atrair a criança, divertir o público e os agentes

promotores da ação são metas indissociáveis do projeto. Tanto pelo compartilhamento do material do Projeto quanto pelo conteúdo didático e instrutivo da Cartilha Ludicalizando, é possível propagar um ensino lúdico e necessário na formação cidadã.

Ainda em função de um retorno tão satisfatório dos beneficiados pela propagação da cartilha e das músicas, criou-se um ambiente favorável na Extensão para a criação de novas letras, novas melodias e novas temáticas dentro do universo da educação em saúde.

O Ludicalizando nasceu em 2020, em tempos pandêmicos, mas sem permitir que as dificuldades vencessem o desejo da educação, ele continua em 2022 a construir novas canções para adaptação em ações de ensino à saúde e, hoje, visando qualificar professores e responsáveis, não só com as cifras, mas também com variação dos temas em saúde, o que permite que um grande rol de temas seja trabalhado. Ainda assim, com o retorno das atividades presenciais do projeto, as canções têm sido utilizadas pelos integrantes do projeto, com uma ótima repercussão entre professores e alunos.

Com o apoio indissociável da Extensão da Universidade Católica de Pernambuco, com o empenho dos integrantes do LudEduc em Saúde e orientação de excelência dos coordenadores do Projeto, o benefício à comunidade, mesmo em tempos remotos, foi alcançado. Não só a formação profissional dos integrantes foi acrescida de desafios superados e improvisos de grande competência, mas as crianças e adolescentes antes beneficiados pelas ações extensionistas presenciais não perderam o apoio e suporte educacional diante da Pandemia.

O LudEduc em Saúde esteve presente desde o momento de sua criação, na propagação do ensino em saúde, pois os impedimentos de uma Pandemia não conseguiram embargar o desejo e o empenho dos agentes promotores do conhecimento. A necessidade de se reinventar no remoto

foi natural para quem sempre objetivou o benefício da comunidade. Assim, nem mesmo as barreiras sanitárias impediram o conteúdo lúdico em saúde de atingir quem mais precisa.

Considerações Finais

Muitas foram as incertezas durante os meses iniciais da Pandemia, o que provocou uma série de angústias no cenário da educação. Anteriormente ao aparecimento do vírus, o Projeto de Extensão da Universidade Católica de Pernambuco, o LudEduc em Saúde, visitava periodicamente escolas e lares com crianças e adolescentes, preconizando educação em saúde de forma lúdica. O contato visual e físico era imprescindível nas ações, nas quais o público participava ativamente, compreendia os temas e se contagiava pela alegria e ludicidade das ações. O maior desafio enfrentado pelos integrantes e coordenadores foi transformar tudo já vivenciado em modalidade remota, tarefa de grande seriedade, comprometimento e, inegavelmente, dificultosa, porém, diante dos atuais resultados, não foi impossível.

Mesmo com tantos cenários de incerteza trazidos pelo alastramento do vírus, responsável por tantas perdas vitais, econômicas, sociais e por tantas mudanças significativas no cotidiano de absolutamente todos, alguma âncora era preciso resistir. Assim, o braço musical da Extensão LudEduc reinventou-se para não só se adequar ao ambiente virtual, mas para manter resiliente e ativo o benefício à Comunidade (DE SOUZA et al., 2021).

O Ludicalizando surgiu para entreter e ensinar em meio físico, contagiando as crianças durante as ações (ASSIS et al., 2021). Diante do caos instaurado pela Pandemia, urgiu a necessidade de adaptar o subprojeto às condições que atualmente perpetuam, considerando o distancia-

mento virtual. Embora tenha sido extremamente desafiador, a resiliência do grupo e o interesse em manter ativo o motor do ensino em saúde, independente das condições, trouxe ao âmbito on-line, às plataformas digitais e tantos outros canais uma nova fonte de conhecimento, uma forma de alastrar ensino em saúde sem se dissociar do lúdico.

É de extrema relevância destacarmos o impacto do Ludicalizando, uma vez que foi possível atingir um público maior pela disseminação do material criado em meios digitais, mas também a distribuição do material físico para adaptação dos professores no próprio ensino remoto. O benefício não veio apenas para as crianças, seus responsáveis e educadores obtiveram acesso a materiais instrutivos com base no lúdico para garantir um ensino em saúde mesmo em condições desfavoráveis, em função da ausência do contato físico. Assim, esses responsáveis conseguem ter como apoio um material lúdico para a educação dessas crianças, tanto em casa, quanto nas escolas.

O impacto do desenvolvimento do subprojeto Ludicalizando, dos vídeos com as músicas temas e a difusão do e-book é inegavelmente significativo. Foi possível estender a área influenciada pelo Projeto de Extensão além das escolas dos municípios de Recife e Olinda. Com o canal na Plataforma *Youtube* e a versão on-line da cartilha, a propagação do material inédito, autoral e extremamente rico de informações na saúde lúdica, a Extensão ultrapassou barreiras físicas no momento mais crucial do ensino. Ultrapassou o presencial, ultrapassou o remoto. O subprojeto Ludicalizando abriu portas para a disseminação de conteúdo informativo, divertido e essencial ao ensino em saúde para crianças, adolescentes e tutores.

Referências

ANTUNES, Celso. **O jogo e a educação infantil: Falar e dizer; olhar e ver; escutar e ouvir**. Editora Vozes Limitada, 2017.

ASSIS, Shalom Pôrto Oliveira de et al. **Ludicalizando a saúde [recurso eletrônico] : o som da educação em saúde: guia musical para educação em saúde de forma lúdica e criativa**. Recife: FASA, 2021. ISBN 978-65-86359-41-1 (E-Book).

ASSIS, Shalom Pôrto Oliveira de et al. **LudEduc em Saúde: nova visão de promover educação em saúde para crianças**. Recife: FASA, 19. ISBN 978-85-7084-399-9.

CASAMAYOR, Regina Márcia. A MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Aprendizado Real**, p. 126, 2020.

DA COSTA, Júlia Mata et al. Vivências lúdicas compartilhadas: as experiências do brincar em prol da formação médica.

DA SILVA, Marco Aurélio; KAYSER, Aristéia Mariane Kayser Aristéia Mariane. O papel da educação contemporânea uma reflexão a partir da Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire. **Revista Dynamis**, v. 21, n. 2, p. 3-15, 2016.

DA SILVA SOTERO, Ana Paula et al. A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PANDEMIA DO COVID-19: A REINVENÇÃO DAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS. **PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO: Experiências e transformação**, p. 62, 2021.

DE SOUZA, Maria Cristina Almeida et al. Operacionalização de atividades extensionistas durante a pandemia da COVID 19. **Revista Fluminense de Extensão Universitária**, v. 11, n. 1, p. 2-5, 2021.

JURDI, Andrea Perosa Saigh; SILVA, Carla Cilene Baptista; LIBERMAN, Flavia. Inventários das brincadeiras e do brincar: ativando uma memória dos afetos. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, 2018.

MÉLO, Cláudia Batista et al. A extensão universitária no Brasil e seus desafios durante a pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 3, p. e1210312991-e1210312991, 2021.

MOUTINHO, Flavio Fernando Batista. Extensão universitária: uma luz na escuridão da pandemia de covid-19. **Intermedius-Revista de Extensão da UNIFIMES**, v. 1, n. 1, p. 63-72, 2021.

PAULINO, Danilo Borges et al. WhatsApp® as a Resource for Health Education: Contextualizing Theory and Practice in a New Teaching-Learning Scenario. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 42, n. 1, p. 171-180, 2018.

Jardim de Ideias: biblioteca, leitura e sustentabilidade na Universidade Católica de Pernambuco

Alba Rejane Valério de Souza³; Ana Beatriz de Araújo Silva Nascimento⁴; Cirlene Francisca Sales da Silva⁵; Lucia Freire Belian⁶; Pedro Manoel da Silva⁷; Tiago José do Nascimento Silva⁸

Diante da Pandemia da COVID-19, o ensino superior teve que se adequar aos novos modelos de ensinar, aprender e desenvolver habilidades em uma sociedade em constante transformação. Nesse cenário de mudanças, encontram-se também as bibliotecas universitárias como promotoras de informação e agentes de incentivo e promoção à leitura.

Assim, a Biblioteca Central Pe. Aloísio Môsca de Carvalho, S.J. (BC), se encontrou estimulada a prestar novos serviços informacionais e promover a leitura. O presente artigo tem como objetivo principal compartilhar a experiência da BC da Universidade Católica de Pernambuco

³ Especialista em Gestão de Unidades de Informação (UFPB) e diretora da Biblioteca Central da Unicap - alba.rejane@unicap.br.

⁴ Mestranda em História (Unicap) e bibliotecária da Unicap - ana.nascimento@unicap.br.

⁵ Doutora em Psicologia Clínica (Unicap), professora e assessora do Unicap Prata - cirlene.silva@unicap.br.

⁶ Mestranda em História (Unicap) e bibliotecária da Unicap - lucia.belian@unicap.br.

⁷ Mestre em Ciência da Informação (UFPE) e bibliotecário da Unicap - pedro.silva@unicap.br.

⁸ Especialista em Gestão de Arquivos Públicos e Privados (Universo) e bibliotecário da Unicap - tiago.silva@unicap.br.

(UNICAP) em tempos de pandemia, bem como refletir sobre a resignificação das novas práticas e funções da biblioteca universitária no tocante à promoção do hábito da leitura.

Durante a Semana de Integração Universidade Católica e Sociedade (SIUCS), a BC-UNICAP promoveu a ação intitulada “Jardim de Ideias” que consiste em criar um ambiente no jardim da Universidade para troca de livros entre estudantes, professores, funcionários e comunidade em geral.

O Jardim de Ideias, já na sua primeira edição, tornou-se uma ação de integração no campus revelando um número expressivo de amantes dos livros e da literatura. Além disso, a ação chama a atenção do público por trabalhar com a pauta da sustentabilidade, incentivando a redução do consumo e o reuso das obras, sem contar na partilha de experiências de leitura durante as trocas de livros.

Salienta-se que esta ação aconteceu presencialmente, durante o plano de convivência e retorno às atividades presenciais, com as devidas medidas de segurança. Observou-se que, mesmo na pandemia, o Jardim de Ideias superou as expectativas em número de adesão.

Universidade e biblioteca de mãos dadas

O ensino superior no Brasil sempre foi acessível a uma parcela privilegiada da população. Com a democratização do acesso à informação, a ampliação do sistema de ensino, a criação do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), a Lei de Quotas e demais políticas de Ação Afirmativa, que possibilitaram a inclusão de alunos egressos de escolas públicas, um novo perfil de aluno foi se construindo nas Universidades, independentemente da natureza jurídica institucional, se pública, privada ou comunitária.

A diversificação do corpo discente face a essa nova realidade, apontou novos desafios institucionais, tais como a criação de mecanismos de permanência sustentável desse alunado, visando reduzir o número da evasão e desistência dos alunos.

Nesse contexto, a Universidade Católica de Pernambuco através da sua Carta de Princípios (UNIVERSIDADE..., 1995) reforça sua tradição humanista,

[...] acolhe sem discriminação, toda a diversidade de culturas, de raças, de classe e de gênero, e reclama igual reconhecimento e direito para todas as pessoas humanas. Atualmente, a tradição humanista ainda se amplia mais pelo melhor conhecimento da diversidade cultural dos povos, e pelo reconhecimento dos direitos das minorias, e também abrange a dimensão ecológica, a integração do homem e da natureza, corrigindo o antropocentrismo antigo. O humanismo assim ampliado tem grande atualidade como antídoto ao positivismo, à tecnocracia e aos totalitarismos que desconhecem a dignidade da pessoa humana e seus direitos invioláveis.

Partindo-se do princípio de que a Universidade, em sua missão, se coloca como um espaço de ensino, aprendizagem, produção e compartilhamento de conhecimento que vai além do cumprimento de tarefas acadêmicas, cabe à Biblioteca o importante papel de colaborar de forma proativa, provendo os recursos informacionais necessários à produção acadêmica e científica, bem como participando do processo de integração e desenvolvimento cultural dos seus públicos.

Segundo Veríssimo (2012, p. 55) essa ampliação do papel da Biblioteca é “[...] uma oportunidade para o bibliotecário afirmar a sua importância no ambiente acadêmico, mostrando que tem o conhecimento e as competências para ajudar a universidade a cumprir sua missão [...]”. Por isso, entender a biblioteca universitária como um espaço de informação, formação e transformação é condição indispensável para a prática de uma pedagogia humanizadora, propósito maior da instituição.

A Biblioteca da Unicap

A BC-UNICAP é um órgão suplementar subordinado à Reitoria da UNICAP, uma instituição jesuíta. Tem como objetivo básico proporcionar suporte informacional às atividades de ensino, pesquisa e extensão da instituição. Funciona das 8h às 21h, de segunda às sextas-feiras e, aos sábados, das 8h às 12h, para atender cerca de 10.000 usuários inscritos, entre alunos de graduação, pós-graduação, professores e pessoal técnico-administrativo, ex-alunos e comunidade externa. Com isso, contabiliza, aproximadamente, 400.000 consultas por ano, mais de 700.000 empréstimos domiciliares ano e tem uma frequência média de 3.500 leitores dia (UNICAP, 2022).

Dispõe de um espaço físico com quatro pavimentos e oferece aos usuários, ambientes climatizados, com 790 lugares para estudo individual e em grupo, 19 terminais para consulta ao catálogo, duas salas para atividade de extensão com capacidade para 35 pessoas, 4 salas de informática com 82 microcomputadores de uso dos alunos de graduação para digitação de trabalhos escolares e acesso à Internet, além de espaço para jogo de xadrez. Possui, ainda, 30 cabines individuais, espaço para leitura de jornais e Estação de Pesquisa, equipada com microcomputadores para professores e alunos da Pós-graduação. Afora o uso dos ambientes, a Biblioteca dispõe de atendimento em guichês para realização de empréstimo, renovação e devolução de obras (UNICAP, 2022a).

Além de disponibilizar apoio informacional às atividades acadêmicas, a Biblioteca diversifica seu repertório de serviços através da realização de ações culturais promovidas nos seguintes eventos: Semana da Mulher na Unicap, Católica In, Semana de Integração, Semana da Consciência Negra, entre outros.

Com a suspensão das aulas presenciais da UNICAP em 16 de março de 2020, em virtude da pandemia, a Biblioteca foi se adequando às novas regras de convivência social e adaptando às novas práticas acadêmicas. Face à realidade que se apresentou de forma intempestiva, a Biblioteca da Unicap, durante este período, desenvolveu os seguintes serviços:

- a) Postagens temáticas “Campanha #ficaemcasa: série de postagens para redes sociais, com indicação de leituras e serviços que os usuários poderiam desfrutar durante a pandemia. A campanha foi destaque na fanpage da @somentebiblio, página que reúne ideias de marketing para Bibliotecas que têm presença em mídias sociais;
- b) Vídeo institucional: vídeo de divulgação das medidas sanitárias e higiênicas adotadas na Biblioteca durante a pandemia, visando apresentar à comunidade acadêmica, as ações realizadas para assegurar a devida proteção dos funcionários e usuários;
- c) Bibliocast: o Podcast da Biblioteca da UNICAP - programa quinzenal, com duração média de 30 minutos, produzido por bibliotecários sobre assuntos relacionados com a Biblioteca e a Universidade. O objetivo do podcast é intensificar os canais de comunicação e informação, ampliando a oferta de produtos acessíveis disponibilizados pela Biblioteca;
- d) Participação em lives: reconfiguração para o formato de lives da Visita Dirigida e das Oficinas de Fontes de Informação para Pesquisa Acadêmica e Currículo Lattes;
- e) Guia de serviços online: produto elaborado para divulgação de todos os serviços que foram adaptados para o formato remoto, com orientações e telas de demonstração, desenvolvido em aplicativo gráfico gratuito, em formato de apresentação responsivo e linguagem adaptada às redes sociais;
- f) Atendimento híbrido: política de atendimento presencial com agendamento, com a finalidade de atender os usuários que necessitavam de publicações que não constavam nas plataformas de e-books e bases de dados assinadas pela Biblioteca. (NASCIMENTO, 2020, p. 7).

Diante do caos inesperado da pandemia e com isso, do fechamento das bibliotecas universitárias, resignificar a prática tradicional deixou de ser uma opção e tornou-se uma questão de sobrevivência dessas unidades de informação. Para tanto, fez-se necessário um novo olhar para sua

própria história com seus produtos e serviços oferecidos à comunidade e encontrar a melhor forma de continuar atendendo ao público, de agora em diante de forma totalmente remota, através da internet. Não se tratava de uma ação de substituição de tudo aquilo que já havia sido feito, mas de mudar a configuração e oferecer à comunidade novos serviços a partir daqueles já existentes.

A experiência da ação “Jardim de Ideias” durante o evento Semana de Integração, nos anos de 2020 e 2021, teve uma característica inédita, pois enquanto a programação do evento estava ocorrendo em formato remoto, essa atividade foi operacionalizada de forma presencial, com as devidas medidas de segurança. A história da Biblioteca na Semana de Integração e a concepção e adaptação do Jardim de Ideias, visando a integração do público durante a pandemia, serão os temas dos próximos capítulos.

Semana de integração e o jardim de ideias

A Semana de Integração Universidade Católica e Sociedade (SIUCS) é o maior evento de Extensão da UNICAP, aberto para toda a Sociedade e acontece anualmente, desde 2003. Com o objetivo de divulgar a produção de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNICAP, os temas abordados no evento representavam temáticas de interesse em pesquisa científica e tecnológica, normalmente em formato de minicursos e palestras. Somavam-se a essas atividades, os eventos culturais e esportivos.

A SIUCS agregava outros eventos como a Jornada de Iniciação Científica do Programa PIBIC, a Semana do Estudante de Administração, a Mostra de Pesquisa dos Trabalhos Científicos de pesquisadores da UNICAP e a Semana Inaciana.

Em 2013, a UNICAP tornou-se Universidade Comunitária, com a aprovação da lei nacional das IES comunitárias, assinada pela ex-presidenta Dilma Rousseff. Entre as mudanças implementadas após essa titulação,

destaca-se o novo formato da “Semana de Integração Universidade Católica e Sociedade” com ofertas de serviços gratuitos à população, realizados pelo corpo docente e discente por meio de programas permanentes de extensão e ação comunitária. Destacam-se entre esses serviços, atendimento médico, realização de consultas (psicologia e fonoaudiologia), orientação jurídica, emissão de documento de identificação, programação infantil, exposições artísticas, shows, entre outros.

A Biblioteca Central Pe. Aloísio Môsca de Carvalho, S. J. participou desde a primeira edição da SIUCS, com a apresentação de minicursos e oficinas voltadas ao desenvolvimento e produção do conhecimento na Universidade, tais como: o uso das normas da ABNT, fontes de informação para pesquisa e preenchimento do currículo lattes. Esse perfil de trabalho com atendimento às necessidades do público da Academia se manteve até o ano de 2014.

A partir de 2015 observou-se mudanças significativas e estruturais, tendo como marco o uso do jardim da Universidade para realização de atividades culturais e a ampliação de prestação de serviços gratuitos à sociedade civil. Destaca-se a participação de alunos, professores e funcionários através do programa de voluntariado Transforma Recife. Neste mesmo ano, em sua 13^a edição, o evento contou com uma programação diversificada, unindo o saber acadêmico com o popular. Apresentou a temática *De braços para a Sociedade*, com atividades para públicos diversos e todas as faixas etárias.

Influenciada pelo novo formato da Semana de Integração, a Biblioteca repensou sua participação no evento, tendo em vista a ampliação e diversificação do público e a promoção de serviços voltados à área cultural. Neste mesmo ano, 2015, lança o *Jardim de Ideias - Feira de troca de livros e audiovisuais*.

A 14^a edição SIUCS se utilizou da mesma temática da edição anterior “De braços para a Sociedade”, diferenciando-se por abrigar a 1^a Semana de Estudos Amazônicos, na qual as atividades foram norteadas pela temática ambiental. Nesta edição, o evento passou a ser distribuído em

polos, a saber: Cidadão, Gastronômico, Cultural, Saúde, Discursivo, Literário, Cinema, Artesanato, Família UNICAP, Economia Solidária, Criança e Esportivo. A Biblioteca participou dos polos discursivo, literário e cultural. No polo discursivo contribuiu organizando o espaço e equipamentos para realização das oficinas sobre plantas medicinais e montagem de arranjos florais com palha e promoveu a oficina de compostagem.

À frente do Polo Literário, abrigou a 2ª edição da Feira e Troca de Livros e Audiovisuais e organizou a ação de contação de histórias para as crianças.

No Polo Cultural, em parceria com a Assessoria Cultural, apresentou diversas atrações artísticas, tais como *As meninas do Pará*, *Mestre Curisco*, *Maracatu do Centro da Juventude de Santo Amaro*, além da participação de Percy Marques e do violoncelista Sebastian Poch.

No ano seguinte, 2017, na 15ª SIUCS, a temática trabalhada foi *Memória e Futuro: a UNICAP em "Reconstrução"*, em seu Jubileu de Diamante o evento contou com a presença ilustre do Superior Geral da Companhia de Jesus, Pe. Arturo Sosa. A Biblioteca, mais uma vez, se envolveu nas atividades dos Polos Cultural e Literário, destacando nesta edição, as atividades vinculadas ao Cinema, por meio da integração ao evento da IV Mostra Itinerante de Cinema Curta Vazantes.

No Polo Cultural, ressalta-se a presença de atrações circenses, fruto da parceria com a Escola de Circo do Recife e a participação de bandas compostas por alunos da Universidade. Outro aspecto interessante foi a participação de manifestações artísticas populares. Entre as atrações do corpo discente, cita-se a banda Gelo Baiano, o cantor Geraldinho Lins e o Forró Mazza. Os grupos convidados na categoria cultura popular foram o Grupo de Coco Caboatã Raiz e a ONG CAVIDA. Também contou com a participação do Madrigal Lindbergh Pires.

O Polo Literário contou com a 3ª edição da Feira de Troca de Livros e Audiovisuais, lançamento de livros e contação de histórias.

Em 2018, a 16ª SIUCS trouxe a temática Excelência acadêmica e Excelência humana, em clima comemorativo dos 75 anos da UNICAP, mais uma vez cumprindo sua missão educativa enquanto universidade comunitária. Na ocasião, a Universidade comemorava o conceito 5 do MEC, fato que justificou a temática do evento.

A Biblioteca, diferente dos anos anteriores, produziu uma exposição que se destacou em qualidade e criatividade, chamando a atenção espontaneamente da mídia local. Trata-se da Exposição Memória e Esquecimento: fragmentos nos livros que apresentou mais de 1000 objetos (fragmentos) encontrados nas coleções doadas à Biblioteca. Dentre eles destacam-se, fotografias, cartões postais, recortes de jornais, cartas, bilhetes amorosos, bem como rosas, flores, folhas, entre outros achados.

Seguindo o padrão dos anos anteriores, o Polo Cultural continuou mesclando a programação com artistas da Unicap e da cidade. Nesta edição, contou-se com a participação da Família Acioly, do Coral Madrigal Lindbergh Pires, da Orquestra do Movimento Pró-Criança, do sambista Rui Ribeiro, Sebastian Poch e Percy Marques.

Na 17ª SIUCS, em 2019, a Biblioteca apoiou o Polo Criança, as atividades aconteceram ao lado da Biblioteca, onde ocorreram atividades lúdicas, com a participação de *DJs* e animadores culturais. A temática desta edição foi “Nos caminhos para a igreja e para uma ecologia integral”, inspirada na campanha lançada pelo Papa Francisco.

A Biblioteca também tornou-se um polo, agregando as seguintes apresentações: Orquestra do Movimento Pró-criança, Família Acioly, Coral Madrigal Lindbergh Pires, Show no Timbre - com Lucinha Guerra, Beth Coelho e Percy Marques - e a atração francesa Donatienne Milpied e Percy Marques. Destacou-se também as oficinas do Polo Discursivo, a saber: Tutorial de maquiagem, Restauração e encadernação de livros e Transformando lixo em adubo: a prática da compostagem.

No Polo Literarte, sob coordenação da Direção da Biblioteca e Coordenação do Curso de Letras, o público pôde conferir espetáculos de mágica com Rapha Santacruz, Música com a Orquestra Anjo Luz (Compaz)

e o Grupo Palha de Coco, exposição Vila do Sino, lançamento de livros e a Feira de Troca de Livros e Audiovisuais.

Em 2020, com a pandemia do novo coronavírus, a 18ª SIUCS foi realizada de forma remota e com apresentação diferente, trazendo depoimentos e retrospectivas das edições passadas. A Biblioteca da Unicap redefiniu os serviços oferecidos, bem como sua participação na SIUCS e, atendendo às medidas de segurança no enfrentamento ao vírus, o Jardim de Ideias foi cancelado devido à natureza da ação presencial e da troca de materiais.

A 19ª SIUCS foi realizada no período de 18 a 22 de outubro de 2021, de forma híbrida, com atividades transmitidas pelas plataformas digitais, atividades gravadas e atividades presenciais. As atividades presenciais seguiram rigorosamente os Protocolos de Biossegurança da Unicap e ocorreram por meio de agendamento, em função do limite estabelecido de participantes. Com relação ao Jardim de Ideias, a ação foi adaptada para atender as normativas no combate ao vírus, sendo reduzida à troca de livros e sem arrecadação prévia. O Jardim de ideias teve seus dias e horário reduzidos, porém manteve seu público. As obras intercambiadas eram higienizadas no ato da troca, com papel toalha e álcool 70.

Outras atividades presenciais ofertadas pela Biblioteca, na programação do Polo Cultural, foram a Oficina de Papercraft e o Pocket Show com Cy Andrade e Percy Marques. No polo Pernambucanidades, ocorreu a Oficina de Cultivo Prático de Orquídeas com Karime Soares - Presidente da Associação Orquidófila de Pernambuco (Assope). O Polo Literarte foi representado através da ação UNICAP em verso, recital virtual de poesia.

O Jardim de Ideias: só serei flor quando tu flores no verão

O Jardim de Ideias - Feira de troca de livros e audiovisuais - tem por objetivo incentivar o hábito da leitura de forma sustentável, através da

troca de livros ou materiais audiovisuais. Para participar da ação, a pessoa interessada comparece à Biblioteca no prazo estabelecido, com os exemplares disponibilizados para a troca. A equipe organizadora faz uma avaliação das condições físicas e entrega um vale por título, para ser utilizado como moeda de troca nos dias da ação.

Entre os critérios estabelecidos para a doação de livros e audiovisuais, está o estado de conservação e a temática. Além disso, os livros devem ser exclusivamente paradidáticos.



Figura 1 – Fotos de algumas edições do jardim de ideias - Fonte:@bcunicap

Considerações finais

O estado de pandemia, decretado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no início do primeiro semestre de 2020, trouxe ao mundo

novas configurações em diversos segmentos e evidenciou as desigualdades estruturais e políticas existentes. De maneira geral, desde o decreto de pandemia até o ciclo avançado de imunização da população e retorno à convivência social, ainda não foi possível retomar a produtividade esperada, seja no ambiente familiar, no trabalho e, principalmente, no que se refere à vida escolar.

Enquanto para algumas pessoas o isolamento social fez despertar o hábito pela leitura, em grande parte da população, principalmente crianças e jovens, essa prática se reduziu, sendo observado um consequente déficit no aprendizado.

As Bibliotecas, da mesma forma que as escolas e universidades, sofreram o impacto da pandemia, tendo em vista a redução do número de frequentadores e, por conseguinte, de leitores. Refletindo sobre as urgências sociais decorrentes das crises sanitária e econômica, a Biblioteca assume seu compromisso social colaborando com várias ações para incentivar o retorno às atividades acadêmicas e, principalmente, à prática da leitura, pois enxerga-se a leitura como ato de exercício da cidadania, propulsora da transformação social.

Por isso, justifica-se a identificação do Jardim de Ideias: feira de troca de livros e audiovisuais como uma ação que vai além da sustentabilidade econômica ou ambiental, pois este é, de fato, o objetivo da ação. No entanto, o que não está descrito nos relatórios é o resultado observado pelas equipes de voluntários que, ao longo de seis anos, trabalharam no Jardim de Ideias. Viu-se que os jovens se interessam por livros que, além de folhear as obras, existia um diálogo sobre as temáticas. Percebeu-se que leitores de ideias divergentes defendiam a leitura de determinada obra em detrimento a outras. Houve os que visitavam a feira todos os dias para ver os novos exemplares, os que lamentavam não ter realizado a troca no mesmo dia, e os que ganharam livros mesmo sem ter o vale ou livros para realizar a troca.

Socialização, debate de temáticas transversais, convivência pacífica de leitores com ideias divergentes, emoção de encontrar uma obra

rara e memórias afetivas, foram as experiências que fizeram e fazem do Jardim de Ideias uma iniciativa de sucesso.

Que venham mais leitores, mais livros e mais afeto.

Referências

CHAVES, Maria. Pólo cidadão oferece serviços de beleza. **Boletim Unicap**, Recife, 27 out. 2016. Disponível em: <https://www1.unicap.br/assecom1/polo-cidadao-oferece-servicos-de-beleza/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

FRANÇA, Daniel. 13ª semana de integração: nunca a universidade esteve tão viva. **Boletim Unicap**, Recife, 23 out. 2015. Disponível em: <https://www1.unicap.br/assecom1/13a-semana-de-integracao-nunca-a-universidade-esteve-tao-viva/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

NASCIMENTO, Ana Beatriz de Araújo Silva; DE SOUZA, Alba Rejane Valério; SILVA, Pedro Manoel da. Desafios e enfrentamentos em tempos de pandemia. **RevIU: Revista Informação & Universidade**, São Paulo, v. 2, p. 1-12, 2020. Disponível em: <http://reviu.febab.org.br/index.php/reviu/article/view/39>. Acesso em: 18 jun. 2022.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO. Biblioteca Central. **Apresentação**. Disponível em: https://www1.unicap.br/Biblioteca/?page_id=2. Acesso em: 19 jun. 2022.

_____. Biblioteca Central. **Área física e infraestrutura**. Disponível em: https://www1.unicap.br/Biblioteca/?page_id=93. Acesso em: 19 jun. 2022a.

_____. **Carta de Princípios**. Recife: UNICAP, 1995. Disponível em: <https://portal.unicap.br/web/unicap/nossa-missao>. Acesso em: 19 jun. 2022.

VERÍSSIMO, J. M. D. **As bibliotecas universitárias face ao desafio do Google Scholar: ameaça ou oportunidade?** 2012. 90 p. Dissertação (Mestrado em Informação, Comunicação e Novos Media) - Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012. Disponível em: Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2017/09/pdf_19b32a6dcd_0000026879.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

Contribuições da Extensão na Pandemia: análise das ações realizadas pelo projeto da Física “Astronomia Padre Machado”

Dra. Énery Gislayne de Sousa Melo¹; Dr. Antônio José da Cruz Filho² ; Ms. Antonio Carlos da Silva Miranda³

Um dos desafios atuais das universidades é a curricularização da extensão determinada pelo Ministério da Educação, por meio da publicação da Resolução MEC/CNE/CES nº 7, de 2018. O documento define uma carga horária mínima - 10% da carga horária total dos cursos - para a realização de ações extensionistas e constitui um desdobramento de discussões mais antigas sobre a institucionalização da extensão universitária, geradas no seio do Fórum de Pró-Reitores de Extensão - Forproex, e que têm como referências o Plano Nacional de Educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - a LDB (Lei nº 9.394/1996), entre outros documentos.

A extensão universitária, desde suas origens na Europa e Estados Unidos, tem carregado uma discussão em torno de seu conceito e das características essenciais de suas ações (PAULA, 2013). A partir de um

¹ Docente da Unicap - enery.melo@unicap.br

² Docente da Unicap - antonio.filho@unicap.br

³ Docente UFRPE - antonio.smiranda@ufrpe.br

estudo histórico percebemos uma tendência de concepções de extensão como uma via de desenvolvimento da relação entre universidade e sociedade (NOGUEIRA, 2001). A Universidade produz conhecimentos a partir de processos estruturados e do outro, mas de que forma esses conhecimentos relacionam-se com os saberes da sociedade?

Uma resposta consensual é de que a deve ser um elemento de interação dialógica entre a comunidade acadêmica e a sociedade (FERNANDES, et. al., 2012). Uma ação é considerada extensionista quando dialoga diretamente com as comunidades externas à universidade, que desenvolve processos pedagógicos interdisciplinares, contribui para a formação cidadã dos estudantes e para a promoção de mudanças da própria instituição e da sociedade. Além disso, também é consenso a necessidade de uma maior aproximação da extensão com o ensino e a pesquisa (BRASIL, 2018).

Essas concepções reverberam no âmbito da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, que em seu Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI (UNICAP, 2017) destaca algumas características essenciais que uma atividade de extensão deve contemplar, entre as quais: a interdisciplinaridade; a participação efetiva da sociedade; a transferência do conhecimento científico e tecnológico e o diálogo com a comunidade.

É nesse contexto, que situamos as atividades de extensão realizadas pelo Licenciatura em Física da UNICAP. O curso, em 2018, criou dois projetos de extensão - o Vivenciando a Física e Astronomia Padre Machado - com o propósito de contribuir para uma formação mais ampla e sólida de seus estudantes, bem como proporcionais mais oportunidades para o cumprimento do disposto na nova Resolução.

O projeto Vivenciando promove oficinas e palestras que tratam da aplicação de conhecimentos da física e demonstram as diversas possibilidades de áreas de atuação acadêmica e profissional. Enquanto o

projeto Astronomia Padre Machado tem contemplado iniciativas de divulgação e popularização de temas relacionados à astronomia.

Originalmente, as atividades promovidas pelos dois projetos consistiam em palestras e oficinas presenciais, oferecidas para estudantes e professores de ciências, bem como, para a população geral.

Em 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou estado de Emergência de Saúde Pública devido contaminação pelo SARS-CoV-2. Em Recife, a pandemia implicou na suspensão das aulas presenciais, podendo ser realizadas através da modalidade de ensino remoto (RECIFE, 2020).

Diante do decreto de suspensão das aulas presenciais, a UNICAP migrou suas atividades acadêmicas para o modo remoto, o que lançou um desafio para o ensino e para a extensão: Como desenvolver atividades extensionistas, garantindo o envolvimento de estudantes e a ampla participação da comunidade, no modo remoto no período pandêmico? E quais contribuições advindas dessas atividades para a formação dos estudantes?

Na tentativa de compreender tais questionamentos, estudamos as atividades desenvolvidas, especificamente, pelo projeto de extensão Astronomia Padre Machado e discutimos as contribuições trazidas para a formação dos estudantes do curso de Física, tendo a pandemia – de agosto de 2020 até maio de 2020 – como período de análise. Destacaremos as contribuições do projeto relacionado à astronomia, pois ele adquiriu maior engajamento de estudantes, técnicos e professores durante o período da pandemia, garantindo um maior impacto de suas ações.

Este trabalho está organizado em uma seção inicial na qual apresentamos uma discussão histórica sobre a institucionalização da extensão

no contexto universitário, para que o leitor tenha condições de entender a concepção de extensão que fundamenta nossa perspectiva; a seção seguinte informa sobre algumas diretrizes que norteiam a extensão na UNICAP e sobre o projeto Astronomia Padre Machado do curso de Licenciatura em Física; por fim, em outra seção, relatamos as vivências experimentadas pelos estudantes durante o período da pandemia no projeto e discutimos possibilidades de contribuições para a formação dos discentes.

Surgimento e institucionalização da extensão universitária

É preciso sublinhar que, neste trabalho, estamos apresentando um recorte resumido sobre a institucionalização da extensão nas universidades, constituído das principais ações que culminaram na regulação atual para a extensão no país.

De acordo Mira (2009), os primeiros cursos de extensão - de Literatura, de Ciências Física e de Economia Política - foram oferecidos pela Universidade de Cambridge na Inglaterra, em 1871, destinados às populações de diferentes regiões. Essa experiência espalhou para a Bélgica, depois para a Alemanha e para todo o continente europeu. No Brasil, os registros indicam que as atividades de extensão foram iniciadas, em 1911, nas instituições de ensino superior em São Paulo, depois no Rio de Janeiro, Viçosa e Lavras, em Minas Gerais. Essa abordagem extensionista seguiu a experiência europeia que concebia a extensão como uma forma de promover a educação continuada e voltada para as classes populares e para a prestação de serviços na área rural (NOGUEIRA, 2005).

Do ponto de vista legal, a extensão está prevista nas bases do sistema universitário desde 11 de abril de 1931, quando foi prevista no ensino por meio do Decreto nº 19.851. Décadas depois, mais precisamente em

1968, a obrigatoriedade da realização da extensão nas universidades foi instituída pela Lei Básica da Reforma Universitária, a Lei nº 5.540/68, que estabelecia que as instituições deveriam ofertar cursos e serviços especiais, atividades de ensino e os resultados da pesquisa à comunidade. Além disso, as atividades extensionistas deveriam proporcionar aos estudantes, oportunidades de contribuir para a melhoria das condições de vida da sociedade (SILVEIRA et al., 2019).

Por um lado, defende-se a implantação da extensão nos sistemas de ensino da educação superior como uma necessidade de transferência dos conhecimentos produzidos nas universidades e de promover o desenvolvimento de tecnologias e de ajudar na resolução de problemas da sociedade (PAULA, 2013). Outra perspectiva é de que a universidade não deve isolar-se da sociedade, da sua cultura e do contexto político e econômico. Ao contrário, propõe-se uma abertura das instituições, a partir da qual seja facilitada o diálogo entre o saber científico e o saber popular.

Nesse contexto destacam-se alguns trabalhos de Paulo Freire, que durante sua gestão no Serviço de Extensão Universitária da Universidade do Recife, desenvolveu várias atividades de alfabetização popular e aproximou a universidade das grandes questões nacionais, como a reforma agrária e a divisão de classes. A partir de suas vivências no Chile, onde atuou nos projetos de alfabetização dos povos camponeses, Freire conseguiu desenhar “metodologias de interação entre o saber científico e as culturas populares” (PAULA, 2013, p.17) descritas na sua obra “Extensão ou Comunicação” (FREIRE, 1969), na qual discute possibilidades de estratégias para uma efetiva entre o saber agrotécnico e os saberes dos camponeses. Além disso, Freire questiona o conceito de extensão universitária, pois a maioria das práticas desenvolvidas consistiam no repasse de informações das universidades às comunidades, a partir de um processo invasivo e descuidado, no sentido de não se preocupar em estabelecer uma relação de diálogo e de compreensão

da cultura local (PAULA, 2013). É necessário destacar que nesse período, o país vivenciava a repressão da Ditadura Militar, e por isso, as ideias de Freire, bem como de outros estudiosos, vieram a ser discutidos mais abertamente posteriormente, a partir do início da redemocratização do país.

A partir da década de 1980, ganha força a discussão sobre as concepções e práticas de extensão universitária, com destaque para as visões de uma extensão dentro de um contexto do ensino e da pesquisa, bem como, sob uma relação dialógica com os processos e atores sociais (NOGUEIRA, 2001). Em 1987, foi criado o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras - Forproex para discussão do conceito de extensão, sobre as políticas de fomento e de institucionalização.

No Forproex tomaram assento ideias consensuais sobre a extensão e seu papel na comunidade onde a universidade está inserida (MEDEIROS, 2017), também foram definidas áreas temáticas que abrangem as atividades de extensão universitária: saúde, educação, trabalho, meio ambiente, comunicação, direitos humanos e justiça, tecnologia de produção e cultura (PAULA, 2013). Ainda no âmbito do Forproex, a extensão passou a ser relacionada como fator de promoção do compromisso social das universidades; da indissociabilidade entre as atividades de Ensino, da Pesquisa e da Extensão; da natureza interdisciplinar inerente às atividades extensionistas e do respeito aos saberes populares (NOGUEIRA, 2005).

Tais ideias foram repercutidas nos instrumentos legais de formalização da extensão nas universidades, como é o caso da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – a LDB (Lei nº 9.394/1996), que determinou a extensão como uma das finalidades da universidade, com o objetivo de aproximar a educação básica da educação superior e de di-

fundir os conhecimentos resultantes da pesquisa científica e tecnológica produzidas nas universidades (BRASIL, 1996). Em 2008, o Governo Federal emitiu o Decreto nº 6495, que instituiu o Programa de Extensão Universitária - Proext, com o objetivo de apoiar às instituições públicas para o desenvolvimento de programas e projetos de extensão para ampliar a integração com a sociedade. Nos anos seguintes foram promovidas políticas públicas para favorecer o engajamento de estudantes nos projetos de extensão, como a previsão de bolsas aos que desenvolvessem atividades de extensão (BRASIL, 2010).

Nesse cenário, destacamos o Plano Nacional de Educação - PNE de 2014, referente ao período de 2014-2024, que estabeleceu um percentual mínimo de 10% da carga horária total dos cursos superiores horas destinadas à realização de ações de extensão e previu apoio financeiro para a realização das práticas extensionistas. As previsões do PNE-2014 foram regulamentadas, no ano de 2018, a partir da Resolução das Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, que trouxe em seu texto, a concepção, os princípios, os fundamentos e procedimentos relativos à extensão das universidades. De acordo com tal dispositivo legal, a extensão é

a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (BRASIL, 2018, p.1)

No texto é possível perceber alguns elementos levantados no Forproex, como a interdisciplinaridade e a relação da extensão, com o ensino e a pesquisa. O artigo 5º, que apresenta as diretrizes da extensão, traz a interação dialógica entre a comunidade acadêmica e a sociedade; a formação cidadã dos estudantes; a produção de mudanças na própria ins-

tituição e na sociedade e o processo pedagógico interdisciplinar, político educacional, cultural, científico e tecnológico. Dessa forma, são consideradas intervenções extensionistas aquelas que estabeleçam um diálogo direto com as comunidades externas à universidade e que estejam vinculadas à formação do estudante.

As ações extensionistas, do ponto de vista da Resolução, deve atentar-se ao princípio da promoção da interculturalidade entre as diferentes culturais as quais participam das atividades, do compromisso social das instituições com todas as áreas, em especial, as de comunicação, cultura, direitos humanos e justiça, meio ambiente, saúde, tecnologia e produção, e trabalho, em consonância com as políticas ligadas às diretrizes para a educação ambiental, educação étnico-racional, direitos humanos e educação indígena (BRASIL, 2018).

Espera-se que as atividades abranjam tais temas, a partir de uma perspectiva interdisciplinar e do diálogo entre os conhecimentos acadêmicos e os contextos locais das comunidades e setores da sociedade envolvidos. Dessa forma, a extensão deve estar sujeita à uma práxis reflexiva, da reflexão-ação-reflexão, que pode ser desenvolvida por meio de momentos de planejamento, acompanhamento e avaliação, mas também, pela articulação com o ensino e a pesquisa. A extensão passa a ser vista como objeto de valorização do corpo técnico-administrativo e estimular a mobilidade interinstitucional de estudantes e docentes. Os resultados devem ter em vista os objetivos propostos, a qualificação docente, a formação do estudante, a transformação do meio.

Essas considerações devem ser refletidas nos documentos institucionais, em especial, nos objetivos propostos pelo Projeto Pedagógico Institucional e nos Projetos Pedagógicos dos Cursos. Este último deve descrever as estratégias de creditação curricular da carga horária da extensão e as formas de participação dos estudantes. Por fim, a Resolução determinou um período de 3 anos, a partir da data de sua publicação

em 2018, para adequação e implementação da extensão nas universidades.

A extensão no curso de Licenciatura em Física da UNICAP

A extensão no âmbito da Licenciatura em Física da UNICAP tem como objetivo atender à necessidade de disponibilizar para a sociedade, em nível local e regional, as conquistas resultantes da criação cultural e das pesquisas científica e tecnológica geradas no contexto acadêmico (UNICAP, 2019). O curso estimula práticas extensionistas que conversem com a sociedade e que convirjam para o desenvolvimento da transformação da realidade. No âmbito do próprio curso, espera-se que as vivências extensionistas tenham condições de problematizar o conhecimento presente, além de propiciar o surgimento de novos problemas e de novos conhecimentos.

O curso de Licenciatura em Física, em 2018, criou o projeto de extensão Escola Padre Machado de Astronomia, atualmente denominado de Astronomia Padre Machado. A astronomia é um tema transversal que perpassa várias áreas do conhecimento, como a matemática, a física, a química, a biologia, a história, entre outras, por isso, percebe-se um forte potencial de interdisciplinaridade em torno desse tema. Além disso, esse tema tem o poder de atrair atenção de um público mais especializado, mas também de leigos interessados de diversas idades. Tais fatos são facilmente observados nas atividades realizadas pelo projeto de extensão “Desvendando o Céu Austral” da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, exemplo de projeto bastante consolidado e de sucesso regional, na popularização da astronomia e ciências afins e divulgação científica no Estado de Pernambuco e no Nordeste.

Em consonância com o Desvendando o Céu Austral, o projeto Padre Machado foi criado situando-se na linha de extensão Ciência, Tecnologia e Inovação para a Inclusão Social e Popularização da Ciência e Tecnologia, tendo como objetivo disseminar conhecimentos relacionados à astronomia e incentivar jovens ao aprofundamento dos estudos nesta área, de proporcionar uma possibilidade de fortalecimento da formação de professores, bem como, satisfazer à ânsia de conhecimento dos amantes do tema e na contribuição para um aumento de sua cultura científica.

O nome da Escola é uma homenagem ao Padre José Nogueira Machado (1914 - 1996), ex-professor do Centro de Ciência e Tecnologia (CCT) da UNICAP, cuja biografia está relacionada ao desenvolvimento da ciência do Nordeste e do Brasil. Nascido no Ceará, o Padre Machado estudou filosofia em Braga, Portugal, matemática e física na Sorbonne, França, onde estudou com o físico Louis de Broglie, um dos criadores da mecânica quântica. O professor Machado tinha amplos conhecimentos em física nuclear e cosmologia e foi um dos responsáveis pela formação do mestrado em física da UFPE. Para além disso, o Padre Machado era amante da astronomia, por isso, o projeto leva o seu nome.

O projeto oferece atividades destinadas ao público em geral, com prioridade à comunidade (estudantes, professores, técnicos, terceirizados e demais colaboradores) e aos professores da educação básica de todas as áreas, estudantes do ensino médio, graduação e de pós-graduação, especialmente nas áreas de astronomia, ensino de ciências e de física. Como já mencionado anteriormente, o projeto é resultado de uma parceria com o projeto Desvendando o Céu Austral da UFRPE, coordenado pelo professor e astrofísico Antônio Miranda. Inicialmente, a UNICAP abrigava as turmas do curso de introdução à astronomia ofe-

recidas pela UFRPE, a partir do envolvimento dos estudantes e da coordenação de curso foi possível criar o projeto de divulgação e popularização da astronomia específico da UNICAP.

A primeira ação do projeto Padre Machado foi a oferta de curso introdutório em astronomia, realizado no semestre de 2019.1, no modo presencial, nos finais das tardes das segundas-feiras. O programa do curso consiste em 8 (oito) encontros com palestras de professores e pesquisadores sobre tópicos relacionados à astronomia. Nessa fase presencial, os palestrantes eram professores da própria Instituição e, também, da UFRPE ou da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Toda organização era realizada por estudantes do curso de Licenciatura em Física e pela coordenação do curso, o professor Antônio Cruz, em parceria com o professor da UFRPE, Antonio Miranda. A atividade acontecia de modo presencial e destinava-se a um público leigo, abrangendo temas interdisciplinares.

Com o advento da pandemia, o curso de extensão migrou seu funcionamento para o modo remoto. Com isso, os organizadores, os palestrantes e participantes precisaram se adaptar ao novo processo. Por exemplo, as inscrições dos cursistas, controle de frequência e outros processos foram desenvolvidos via formulários *online* e as aulas passaram a acontecer por meio do Google (*Google Meet*). Essas e outras mudanças podem ter implicado, sobretudo no momento inicial, em dificuldade, mas também trouxe algumas contribuições, as quais serão discutidas em detalhes na seção seguinte.

Contribuições do projeto de extensão no período da pandemia

Em março de 2020, tem início a terceira turma do projeto no modo remoto, com a palestra Visão Geral do Universo, proferida pelo professor Antonio Miranda – UFRPE. O encontro seguinte coincidiu com a

determinação de pandemia, devido à contaminação pelo vírus SARS-CoV-2.

Nesse contexto, os organizadores migraram o curso para o modo remoto e adaptações foram realizadas com o objetivo de aproveitar de forma mais eficiente as potencialidades do novo formato e garantir a participação do público. As aulas passaram a ser oferecidas por meio de recursos disponibilizados pelo *Google-Suite*, como o *Meet*, o que possibilitou o aumento do número de vagas, passando de 40 para 100 vagas e a gravação dos encontros.

Consideramos que o uso das ferramentas do modo remoto promoveu o autoconhecimento e fortalecimento da identidade do projeto no âmbito da UNICAP. Em 15 de março de 2021, foi realizado um evento em homenagem ao professor Padre Machado, com a realização da palestra Padre Machado, Padre Polman e Astronomia de Pernambuco, transmitido no canal oficial do YouTube da UNICAP. O evento contou com a presença de muitos ex-alunos e professores que conviveram com o Padre e que puderam explicar sobre quem foi o Padre Machado e sobre a sua importância para a astronomia de Pernambuco e para a formação de jovens cientistas e professores.

No modo remoto, pesquisadores de instituições de destaque na área localizadas em pontos distantes do país, como o Observatório Nacional do Rio de Janeiro, puderam contribuir com o projeto Astronomia Padre Machado, por meio da realização de palestras de pesquisadores no curso de Introdução à Astronomia. Dessa forma, o projeto pode contar com a parceira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; do Instituto Federal de Santa Catarina, entre outras. Pesquisadores dessas instituições puderam dialogar sobre temas não antes abordados pelas edições anteriores do curso, como:

- Astronomia Observacional no Brasil – Profa. Dra. Teresinha Rodrigues / ON-RJ;
- A Astronomia como Instrumento do Diálogo Intercultural – Prof. Dr. Allan Alves Brito / UFRGS;
- O Trânsito de Vênus Observado em Nagasaki em 1874: uma análise da participação do astrônomo brasileiro D’Almeida na missão francesa – Profa. Dra. Maria Romênia da Silva / UFRN;
- Ondas Gravitacionais – Prof. Dr. Daniel Turolla Vanzela / IFSC
- *Gravity Spy*: integrando ciência cidadã à classificação de ondas gravitacionais – Profa. Hozana Delgado – SEDUC/MT

A palestra da professora Teresinha Rodrigues descreveu a história do Observatório Nacional do Rio de Janeiro – ON/RJ, apontando o potencial do Estado de Pernambuco para as pesquisas astronômicas. Na cidade de Itacuruba, localizada a 467 km do Recife, está localizado o Observatório Astronômico do Sertão de Itaparica – OASI, coordenado pelo ON/RJ, que abriga pesquisas nacionais e internacionais, principalmente, referentes ao monitoramento de asteroides em risco de colisão com a Terra.

O OASI foi construído em uma região próxima ao território de vários povos indígenas, como o Xucuru. O diálogo com a cultura indígena é fomentado pelo projeto. Nesse sentido, temos a palestra proferida pelo professor Allan Alves da UFRGS, cujo título é A Astronomia como Instrumento do Diálogo Intercultural, em que foi evidenciada os saberes indígenas da astronomia. Eles usavam os astros para organizar as suas rotinas e, assim como, temos constelações com nomes de personagens advindos da cultura grega, eles também identificaram suas constelações e deram nomes significativos para seus povos, como a Ema ou o

Veado. Demonstrar a cultura e saberes de povos considerados distantes do mundo acadêmico pode redirecionar o olhar da academia sobre si mesma, fazer perceber que ela não é a única produtora de conhecimento e que a educação privilegia a difusão de uma cultura específica, historicamente dominante.

Entre as palestras, destacamos ainda a participação da professora Hozana Delgado, que leciona física na educação básica na rede pública de Mato Grosso. Essa professora faz um trabalho com seus alunos de incentivá-los à cultura aeroespacial e astronômica, seus estudantes participam das olimpíadas de Astronomia e de Aeroespacial e do projeto *Gravity Spy* de identificação de ondas gravitacionais disponibilizado pelo Observatório de Ondas Gravitacionais por Interferômetro a Laser - LIGO, aberto para participação do público geral. Essa contribuição pode demonstrar ao público que astronomia não é apenas para professores doutores, mas para pessoas de todas as idades e perfis e que é possível haver uma relação mais próxima entre universidade e sociedade, como preconiza as diretrizes sobre a extensão universitária (PAULA, 2013).

Consideramos que essa perspectiva promoveu uma nova participação dos estudantes que passaram a assumir o protagonismo do projeto, ministrando palestras e cursos ou desenvolvendo ações criativas, como a criação de jogos ou de mecanismos de divulgação do projeto e de informações. Por exemplo, um estudante, do segundo período do curso de Licenciatura em Física, realizou a palestra intitulada Primeiros Passos para se Tornar um Astrônomo Amador sobre instrumentos telescópios e como realizar as primeiras observações.

Como já dissemos a Astronomia é um tema que abrange conhecimentos de várias áreas diferentes. Esse aspecto foi explorado pelo projeto, a partir da oferta de outras palestras de temas afins: Água no Sol - palestra proferida pelo professor Dr. Bruno Leite do Departamento de

Química da UFRPE; Homem no Espaço e a Saúde Espacial – palestra proferida pela professora Aneide Rabelo do Departamento de Terapia Ocupacional da UFPE. A interdisciplinaridade, característica buscada atualmente para a formação acadêmica (NOGUEIRA, 2005), foi promovida por essas e outras ações contribuiu para atrair um público bastante variado, estudantes de diferentes cursos e pessoas com vários graus de formação.

Um fato importante que contribuiu para o fortalecimento do projeto foi a aquisição de dois telescópios em 2021, que demandou uma formação de monitores para o uso dos instrumentos. Assim, com a diminuição da pandemia e liberação da realização de atividades presenciais de pequenos grupos com equipamentos de proteção, foi possível formar monitores voluntários. A oficina sobre manuseio de telescópios e introdução à prática de observação astronômica ministrada por dois estudantes do curso de Licenciatura em Física, Rafaela Crisóstomo e Edvaldo Nazário.

O principal resultado dessa ação foi a formação de um grupo de monitores voluntários bastante heterogêneo, constituído por 7 estudantes: 1 estudante do ensino médio e 6 estudantes dos cursos de licenciatura da UNICAP, sendo 1 da Biologia; 3 da Química e 3 da Física. Esses novos membros foram responsáveis por levar os telescópios 1 vez ao mês para realizar observações nas dependências da UNICAP ou em locais externos, como no estacionamento do Museu de Arqueologia e Ciências Naturais, na escola de ensino básico Liceu de Artes e Ofícios ou no parque Dona Lindu, localizado no bairro de Boa Viagem. Esse mesmo curso foi ofertado em 2022, incrementando o grupo com mais 3 monitores, 1 estudante de Engenharia Civil e 2 estudantes do curso de Licenciatura em Física.

Vale a pena destacar uma ação realizada por alguns estudantes do curso de Licenciatura em Física, monitores do projeto. Eles desmontaram, limpam e consertaram o antigo telescópio do curso de Licenciatura em Física, que pertenceu ao Padre Machado. O telescópio é do tipo refletor, datado de 1986, do modelo Celestron-C6 de 150mm, o último da Celestron na cor laranja, por isso, possui um valor específico para colecionadores. A manutenção foi realizada em tardes alternadas do período de 27 de outubro a 09 de novembro de 2021.

Outros estudantes do grupo preocuparam-se com a divulgação das ações realizadas, por isso, foi criado um perfil do projeto na rede social *Instagram* - *@astronomia.pemachado* -, no qual divulgamos conteúdos específicos sobre astronomia e chamadas para as observações astronômicas programadas. Entre as publicações, destacamos algumas produções de tirinhas, idealizadas e criadas por uma estudante do curso de Licenciatura em Química, que versam sobre questões da astronomia. O roteiro gira em torno de um rápido diálogo entre uma menina e um robô, que responde sempre algum questionamento. Essa iniciativa pode representar um início de aproximação entre a astronomia com as artes, a partir de uma perspectiva educativa. A estudante ao elaborar a tirinha exercita uma habilidade artística e criativa, evoca seus conhecimentos sobre o tema para criar os roteiros e falas dos personagens e preocupa-se em como esse conhecimento será interpretado, será aprendido por outras pessoas.

Algumas outras iniciativas realizadas no âmbito do projeto estão relacionadas com a aproximação da extensão com o ensino e com a pesquisa. No contexto do ensino, destacamos a elaboração de um jogo de cartas com perguntas e respostas relacionadas às principais características dos planetas do sistema solar, com o objetivo de promover a aprendizagem a partir do uso de recursos lúdicos; e a proposta de construção de um telescópio de baixo custo. Essa atividade foi resul-

tado de um projeto de uma disciplina de Física, que trabalhava os conteúdos de óptica geométrica. Os estudantes, após estudarem a teoria sobre formação de imagens em lentes e espelhos, foram incentivados a desenvolver um telescópio de baixo custo que tivesse potencial de ser construído por professores de escolas públicas. Os estudantes desenvolveram vários projetos de telescópios, testaram alguns protótipos e o modelo aprovado foi montado e utilizado para observações na própria instituição. O projeto está em fase de revisão para divulgação em escolas do Recife e de cidades do interior de Pernambuco.

No contexto da pesquisa, durante os dois anos da pandemia, o projeto teve dois trabalhos aprovados e apresentados em eventos acadêmicos, organizados pela Sociedade Brasileira de Física. O primeiro foi escrito por três estudantes do grupo com orientação da coordenadora do projeto e publicado no Encontro de Outono de Físicos de 2022, realizado no período de 10 a 14 de abril; o trabalho escrito em inglês tem como título *Scientific Literacy and Interdisciplinarity by Way of the Astronomy Activities* e discute as contribuições para a alfabetização científica e do ponto de vista da interdisciplinaridade, promovidas pelas ações envolvendo a astronomia. O segundo trabalho tem como título *Reflexão sobre os Conhecimentos Teóricos e Práticos para a Formação de Monitores em Observações Astronômicas*, e foi apresentado no XIX Encontro de Pesquisa em Ensino de Física, em 2022. Esse trabalho consiste em um estudo exploratório em artigos e trabalhos acadêmicos sobre os principais tópicos e temas abordados em cursos de formação de monitores em astronomia de grupos astronômicos do Brasil. Os resultados têm servido de orientação para a formatação dos cursos e oficinas organizados pelo projeto.

Diante desse cenário, podemos destacar algumas contribuições das atividades extensionistas para a formação dos estudantes participantes do projeto durante o período da pandemia:

- Formação interdisciplinar – promovida pela convivência entre estudantes e professores de áreas diferentes, bem como, devido à abordagem interdisciplinar sobre temas da astronomia;
- Aprendizagem com a prática – mobilização de conhecimentos para a construção, manutenção e operação de telescópios;
- Articulação extensão, ensino e pesquisa – desenvolvimento de artefatos ou produtos com o objetivo educativo; elaboração de trabalhos acadêmicos de divulgação de resultados e o desenvolvimento de pesquisas;
- Interação com a comunidade – lidar com o público; dialogar com seus conhecimentos; conhecer outras culturas;
- Criatividade e inovação – exercitar livremente a criatividade para exprimir seus conhecimentos ou solucionar problemas práticos (na fabricação de um telescópio) ou de ordem teórica (ensinar sobre os movimentos dos corpos celestes); elaborar roteiros, desenhar personagens, criar jogos etc.
- Valorizar a sua cultura e história – conhecer os personagens e a história da astronomia de Pernambuco; as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas; o potencial para novas pesquisas.

Essas são algumas contribuições que percebemos no desenvolvimento das ações do projeto Astronomia Padre Machado realizadas no período da pandemia. As atividades descritas constituem demonstrações que convergem para a formação prevista nos documentos oficiais e do curso, conforme apresentado anteriormente.

Considerações finais

Neste trabalho, procuramos explorar uma concepção de extensão que resulte em uma revisão da Universidade sobre si mesma, como não detentora do saber absoluto e independente da sociedade, mas muito pelo contrário, que é política e ideológica. Os saberes de povos indígenas ou afrodescendentes, por exemplo, foram colocados em segundo plano pela história de dominação. A extensão invasiva, como fora alertado por Paulo Freire, torna-se também um ato de dominação. Essa visão serviu de orientação para as práticas realizadas pelo projeto Astronomia Padre Machado durante o período da pandemia.

Identificamos que foi possível alcançar a interdisciplinaridade; a mobilização de conhecimentos teóricos em atividades práticas; o protagonismo dos estudantes e um diálogo entre os saberes das comunidades e da academia; e uma aproximação entre as artes e o conhecimento acadêmico. Não pretendemos dizer que tais competências seriam impossíveis de desenvolver com o modo presencial de funcionamento, mas percebemos que o modo remoto proporcionou um maior alcance do projeto, oportunizou a participação de palestrantes e de público de lugares mais distantes. E, assim quando permitido os encontros presenciais, os monitores aproveitaram a ocasião para conhecer os espaços da universidade, estabelecer relações com os demais, de modo ativo e criativo. O resultado foi a formação de vínculos de amizade entre integrantes do grupo, mesmo de cursos diferentes, e a realização de atividades inesperadas, como o conserto do telescópio que pertenceu ao professor Machado.

A pandemia representou um período de muita dor e dificuldades. A extensão, por ter um viés tão abrangente que permite o contato entre as pessoas e as trocas de saberes, permitiu que os participantes desenvolvessem um sentimento de pertencimento à universidade e a criação

de vínculos. Esses elementos são essenciais que dão significado, produzem uma sensação de bem-estar e uma vontade de nos entregarmos ao que nos propomos fazer. De modo que é comum escutarmos dos que participam do projeto “eu visto a camisa do Padre Machado”.

Referências

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, 1996.

BRASIL. **Decreto nº 7.233, de 19 de julho de 2010**. Dispõe sobre procedimentos orçamentários e financeiros relacionados à autonomia universitária, 2010.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação, 2014.

BRASIL. **Resolução MEC/CNE/CES nº 7 de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, 2018.

FERNANDES, M. C. et al. Universidade e Extensão: a visão de moradores das comunidades circunvizinhas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 28, n. 04, p. 169-194, dez. 2012

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. p. 150

MEDEIROS, M. M. A Extensão Universitária no Brasil: um percurso histórico. **Revista Barbaquá**, vol. 01, n. 01, p. 09-16, jan-jun 2017

MIRRA, E. **A Ciência que sonha e o verso que investiga**. São Paulo: Editora Papagaio, 2009.

NOGUEIRA, M. D. P. **Políticas da Extensão Universitária Brasileira**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005

NOGUEIRA, M. D. P. Extensão universitária no Brasil: uma revisão conceitual. In: FARIA, D. S. (Org.) **Construção conceitual da extensão universitária na América Latina**. Brasília: UNB, v.1, p. 91-105, 2001.

PAULA, J. A. A Extensão Universitária: história, conceitos e propostas. **Interfaces - Revista de Extensão**, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013

RECIFE. **Decreto nº 33.512, de 15 de março de 2020.** Estabelece medidas no âmbito da Secretaria de Educação em face da Situação de Emergência” no município do Recife.

SILVEIRA, A. L. M. et al. Diretrizes para orientar a formulação e implementação de ações de Design na Extensão Universitária. **Educação** (UFSM), Santa Maria, p.1-20, fev. 2019.

UNICAP. **Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI: 2017-2022.** Universidade Católica de Pernambuco. Recife: FASA, 2017

_____. **Projeto Pedagógico Curricular do curso de Licenciatura em Física.** 2019

Relato de experiência: projeto avivar-gipra como surgimos e contornamos o cenário pandêmico em prol de educação em saúde para adolescentes

Gabriel Coelho de Alencar¹, Laura Brito Barreto Maranhão¹, Laura Mendes Rodrigues¹, Maria Eduarda Bezerra do Nascimento¹, Vivian Marielly Bezerra dos Santos¹, Maria de Fátima Marinho de Souza².

Paulo Freire, em sua pedagogia, defende que o homem, ao compreender a sua realidade, torna possível a criação de hipóteses sobre os desafios existentes e a procura de suas respectivas soluções (GOMES, REGO, 2014). A partir desse princípio que, no contexto academicista sob a ótica da formação humanística, a extensão universitária ganha destaque, visto que se comporta como instrumento de integração entre a comunidade universitária e a sociedade, como forma de gerar ensino-pesquisa para a prestação de serviços junto à população (DE SOUSA SANTOS, ROCHA, PASSAGLIO, 2016).

As condições de vida e saúde se relacionam diretamente com o processo de saúde-doença, sendo importante a percepção acerca de como essas variantes agem na comunidade para um completo entendimento

¹ Acadêmicos do curso de Medicina - UNICAP.

² Mestre em Hebiatria. UNICAP. E-mail: fatima.souza@unicap.br

de saúde. Nesse aspecto, a extensão também auxilia os estudantes a ampliarem o conhecimento sobre tal processo de forma crítica, além de permitir a atuação dos alunos como agentes de transformação social com conhecimento para sanar as demandas populacionais (HAMAMOTO FILHO, 2011).

Dessa forma, esse pilar institucional é uma das bases, juntamente com ensino e pesquisa, para formação de profissionais capazes de atender às verdadeiras necessidades de uma população (TAVARES, 2007). Além de promover mudanças nos currículos tradicionais, promove o aprimoramento dos conhecimentos psicossociais e humanísticos, bem como a aproximação com a realidade social. Havendo, portanto, uma compreensão mais ampla tanto das condições que orientam uma boa e adequada responsabilidade social, como da atuação da multidisciplinaridade, sobretudo, em saúde (GOMES; REGO, 2014).

Assim como Rios e Caputo (2019) defendem, não basta apenas transformar as metodologias e a grade curricular, é imprescindível a inserção dos estudantes em espaços de, não somente prática, mas também reflexão para possibilitar o diálogo com a realidade e criação de cenários nos quais diferentes sujeitos de diversas origens e campos do saber podem interagir entre si e com as condições de vida e saúde de uma população, melhorando tanto o papel social da Universidade como a própria formação dos envolvidos.

Uma das aplicações na produção de cenários é na adolescência, fase da vida na qual há crescimento da autonomia e independência em relação ao ciclo familiar, assim como a experiência de novos comportamentos e vivências que podem representar importantes fatores de risco à saúde e, conseqüentemente, prejuízo da transição para vida adulta. Como sexo desprotegido, a alimentação inadequada, o sedentarismo, obesidade,

dislipidemia, consumo de álcool e tabaco, uso de drogas lícitas e/ou ilícitas, infecções sexualmente transmissíveis, violência e gravidez indesejada (VIERO, 2015).

Ademais, como contraponto a tal aplicação, a pandemia, ocasionada pelo SARS-COV-2, e seus fatores estressores, como o distanciamento social, o fechamento das escolas e das universidades, provocam a necessidade de uma maior criatividade e adequação na elaboração de estratégias as quais possam alcançar o público alvo mencionado anteriormente no que tange à educação em saúde, principalmente diante do novo cenário digital (SOARES, 2021).

Relato de Experiência

Nesta porção do capítulo, temos como objetivo relatar a experiência de cinco acadêmicos de medicina sobre a idealização, fundação e atuação de um projeto de extensão universitária voltado à promoção da saúde e bem-estar de adolescentes. Assim como descrever as estratégias adotadas no enfrentamento aos desafios impostos pelo cenário pandêmico desencadeado pelo SARS-COV-2.

Idealização e fundação

A ideia do Avivar: Grupo Incentivador ao Protagonismo e Resiliência Adolescente (AVIVAR-GIPRA) surgiu durante o primeiro semestre de 2021, a partir do interesse de acadêmicos do curso de medicina em trabalhar com adolescentes, 10 a 19 anos, e da percepção de que muitas das informações pertinentes para o desenvolvimento pleno desse público-

alvo, em sua maioria, não são ofertadas de forma satisfatória, principalmente pelo fato de muitas das temáticas ainda despertarem receio e desconforto. Portanto, o projeto tem como principal finalidade proporcionar à comunidade, adolescentes e seus responsáveis, educação em saúde de qualidade. Além disso, os integrantes do projeto têm, desde a sua fundação em agosto de 2021, a oportunidade de aprofundar o conhecimento teórico e prático das peculiaridades envolvidas na população dessa faixa etária que, em geral, são pouco trabalhadas durante a formação acadêmica.

Multidisciplinaridade: inserção de acadêmicos de outros cursos

O nosso projeto de extensão reconhece a saúde como um estado complexo e multifatorial relacionado aos aspectos de bem-estar físico, mental e do contexto social do indivíduo. E é justamente a partir dessa percepção que AVIVAR-GIPRA não ficou limitado apenas à participação de discentes do curso de medicina. A multidisciplinaridade será benéfica para todos: o público-alvo será contemplado com uma visão holística e particular sobre suas demandas; os discentes serão beneficiados com a possibilidade de uma formação acadêmica mais crítica por meio da discussão e troca de conhecimentos para a resolubilidade de uma mesma situação problema.

Primeiramente foi confeccionada uma carta de apresentação direcionada aos coordenadores dos cursos de saúde da Escola de Saúde e Ciências da Vida da Universidade Católica de Pernambuco. Em um segundo momento, fevereiro de 2022, iniciou-se a divulgação, por meio das redes sociais Instagram e WhatsApp, do processo seletivo para ingresso no projeto.

Optou-se por realizar o processo seletivo de forma remota em decorrência das medidas ainda vigentes que visavam mitigar os riscos de infecção/transmissão do SARS-COV-2. Na primeira etapa, o candidato foi submetido a um formulário composto por perguntas relacionadas à adolescência e ao interesse e disponibilidade para atuar no AVIVAR-GIPRA. A segunda etapa consistiu em uma entrevista realizada pelo Google Meet, na qual os candidatos tiveram que desenvolver a capacidade de raciocínio e argumentação para lidar com situações problemas questionadas.

Ao todo, 33 acadêmicos participaram do processo seletivo que culminou com a aprovação de 07 participantes que começaram a atuar no projeto desde março de 2022, sendo eles pertencentes aos cursos de enfermagem, nutrição, psicologia, medicina e fisioterapia.

Usos das redes sociais e a apropriação do Instagram como instrumento de educação em saúde

Outra especificidade do AVIVAR-GIPRA é que ele não se restringe aos muros da escola. Reconhecendo o uso das novas tecnologias da informação e comunicação, o projeto utiliza as redes sociais como espaço seguro para os adolescentes buscarem educação em saúde. O Instagram é a rede social escolhida pelo fato de os adolescentes serem usuários assíduos e pela possibilidade de interação e recursos oferecidos. Tal abordagem tornou-se ainda mais relevante durante os momentos mais críticos da pandemia onde o distanciamento social demandou que a comunicação e a busca por informação fossem realizadas através das redes sociais e internet.

E no Instagram encontramos um meio propício para a apresentação do projeto e seus objetivos, além de disseminar informações sobre a hebiatria e adolescência. O Transtorno do Espectro Autista (TEA), Papilomavírus Humano (HPV), Suicídio e a Gravidez na adolescência foram algumas das temáticas já desenvolvidas até o momento. A partir de reuniões internas com os membros e a orientadora do projeto já foi confeccionado e programando as próximas postagens que contarão com a indicação de livros, filmes e séries. Além da abordagem de conteúdo relevantes para nosso público alvo como o tempo de tela e uso eletrônicos, distúrbios psiquiátricos e alimentares na adolescência, infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e cigarro eletrônico, por exemplo.

Vivenciando a Extensão

Os encontros são construídos em cinco momentos: i. Descontração (técnica recreativa); ii. Sensibilização (técnica relacionada ao tema); iii. Discussão do tema escolhido; iv. Avaliação da reunião (oportunidade de avaliar as atividades do grupo de forma individual ou em grupo) e; v. Retorno do observador (sempre haverá um dos técnicos envolvidos nessa função que resultará em relatório do encontro).

Em outubro de 2021, o AVIVAR-GIPRA foi convidado a participar de uma ação em conjunto com o projeto LudEduc em Saúde na Casa Doce Lar que é responsável por acolher crianças e adolescentes que foram retirados das suas famílias por causa de maus-tratos. Por ser um primeiro encontro e o público alvo demandar uma abordagem mais cautelosa pela situação de vulnerabilidade, optou-se por trabalhar uma temática mais branda: distribuição, explicação e preenchimento da Caderneta de Saúde do Adolescente. Nessa experiência, os integrantes tiveram que se adequar ao surgimento de temáticas não programadas e a repulsa de

um dos adolescentes em participar da ação. Ocorreu um maior interesse em relação a anatomia, em especial a iniciação sexual, notou-se também dúvidas em relação aos métodos contraceptivos e pouca compreensão dos adolescentes em relação à importância da vacinação, principalmente de HPV e as novas vacinas do COVID-19.

Já em Dezembro de 2021, reconhecendo a necessidade de abordar a educação sexual com adolescentes, foi realizada, em parceria com a Liga Acadêmica de Medicina da Família e Comunidade (LAMFC) e a Liga Acadêmica de Infectologia (LAIN), uma ação com estudantes do ensino médico de uma escola pública da região metropolitana de Recife-PE, logo após o retorno das aulas presenciais, em ambiente aberto e respeitando as normas sanitárias até então impostas.



Figura 1: Debate sobre IST.

Nessa ação (Figuras 2 e 3), foram abordadas as Infecções Sexualmente Transmissíveis. Escolhemos o modelo de debate entre os membros do AVIVAR e o público assistido como meio de educar ativamente e criar uma visão crítica acerca da transmissão e prevenção das ISTs. Além

disso, os integrantes tiveram a oportunidade de realizar, sob a supervisão de profissionais da Unidade Básica de Saúde (UBS) próxima à escola, testes rápidos para HIV e Sífilis naqueles adolescentes que desejaram. Ocorreu a identificação de uma testagem positiva para o HIV, a comunicação e as devidas orientações de como proceder diante do caso foram realizadas pelos profissionais de saúde na própria UBS junto ao adolescente e seus responsáveis.



Figura 2: Testagem Sífilis e HIV.

Paralelamente a essas ações, foram realizadas reuniões com os gestores da escola Liceu Nóbrega para início das atividades presenciais, previstas para o mês de maio de 2022.

Ensino e Pesquisa

Quanto ao ensino e pesquisa, visando o compartilhamento da educação, foi promovido o I Simpósio AVIVAR - Saúde adolescente: uma perspectiva multidisciplinar, aberto para estudantes e profissionais da saúde em geral. Foi necessária a adaptação ao ambiente remoto devido ao contexto pandêmico na época no qual houve tal evento. Isso acabou por

proporcionar a participação de palestrantes e ouvintes não somente de outras instituições, mas também de outras regiões do país.

Os dois dias de evento foram transmitidos pelo YouTube, tal plataforma permite a interação entre os organizadores/palestrantes e os inscritos, na qual abordou os temas: características gerais e especificidades do atendimento médico ao adolescente, neurodesenvolvimento e o processo de adolecer, importância da psicoterapia no desenvolvimento do adolescente e repercussões da gravidez precoce na adolescência. O simpósio contou com 114 inscritos e uma média de 188 visualizações em cada dia.

Em fevereiro de 2022, foi promovido uma aula aberta, via Google Meet, em parceria com a Liga Acadêmica de Ginecologia e Obstetrícia (LAGO), com o tema “A Importância da Educação Sexual para Prevenção da Gravidez na Adolescência”.

Com relação à pesquisa, foram desenvolvidos trabalhos os quais abordaram o caráter epidemiológico dos adolescentes com AIDS no Brasil (Caracterização do perfil epidemiológico dos adolescentes com AIDS no Brasil: análise dos últimos 10 anos), a gravidez na adolescência (Gravidez na adolescência: características maternas dos nascidos vivos no Brasil durante os anos de 2010 a 2019), o suicídio na adolescência (Mortalidade por suicídio em adolescentes: análise das notificações entre 2010 e 2019, no Brasil) e a violência sexual na faixa etária pediátrica (Caracterização das notificações de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual no Brasil entre 2012 e 2021). Todos aceitos para apresentação em pôster eletrônico no Congresso Brasileiro de Pediatria, que acontecerá presencialmente de 04 a 07 de maio de 2022 em Natal-RN.

Discussão

A ideia do Avivar: Grupo Incentivador ao Protagonismo e Resiliência Adolescente (AVIVAR-GIPRA) surgiu durante o primeiro semestre de 2021, frente a indagação de acadêmicos do curso de Medicina da Universidade Católica de Pernambuco em relação ao potencial de uma extensão voltada ao nosso público alvo. Essa inquietação originou a idealização de um projeto para acolher e ser espaço de escuta para os adolescentes, tendo em vista que o trabalho em educação, sobretudo, na saúde requer vínculo, comprometimento e liberdade para dialogar (GOMES; REGO, 2014).

Frente a base teórica exposta neste capítulo, o AVIVAR-GIPRA foi idealizado como uma proposta multidisciplinar, integrando os acadêmicos dos cursos de medicina, psicologia, enfermagem, nutrição e fisioterapia. Essa alternativa propicia uma maior compreensão tanto do adolescente como sujeito, quanto em relação a sua saúde, que é um estado complexo e multifatorial relacionado aos aspectos de bem-estar físico, mental e do contexto social ao qual o indivíduo se insere. Essa proposta, portanto, visou transcender o conhecimento médico, que nem sempre pode dar respostas a todas as situações, e promover diálogo com outros atores e saberes (RIOS, CAPUTO, 2019).

A adolescência, compreendida como aquela com período da vida entre 10 e 20 anos incompletos (WHO, 1986) foi escolhida como público-alvo por suas peculiares e complexas características.

No campo da pediatria, a adolescência é dividida em precoce, dos 10 aos 14 anos, caracterizada pela maturação física, descoberta das fantasias sexuais e estabelecimento de relações platônicas; média, dos 14 aos 17 anos, em que a menarca/semearca acontece e há ainda maior ênfase nos contatos físicos e exploração sexual; e etapa tardia, dos 17 aos 20 anos, finalizando a maturação física e alterando o comportamento se-

xual para um formato mais expressivo com relações de afeto duradouras (COSTA, M.C.O. et al., 2001). Nela, portanto, ocorre acentuado amadurecimento corporal, impactantes transformações emocionais, necessidade de integração social, construção de novas relações interpessoais, manifestações de novos sentimentos, atitudes e decisões, as quais confluem na importante construção de uma identidade própria (GONÇALVES, FALEIRO, MALAFAIA, 2013; SOARES, et al., 2015).

Assim, é preciso reconhecer que os adolescentes não são um grupo homogêneo, portanto a demanda de cada indivíduo é algo bastante particular que varia conforme subgrupo etário e principalmente pelo contexto a qual está inserido (SBP, 2019). Essa particularidade gera uma demanda, para o projeto, de direcionar suas ações a determinados grupos sociais dentre os adolescentes, para que se consiga desenhar melhor a atividade, a linguagem e os materiais a serem utilizados.

Com a consolidação das redes sociais, as informações tendem a se difundir rapidamente, o que muitas vezes ocorre sem que haja a correta aferição de sua veracidade (YABRUDE et al., 2020). Concomitantemente, a pandemia da covid-19 surgiu a infodemia - excesso de informações nas mídias e redes sociais que impossibilita a veiculação de notícias de fontes confiáveis, fortalecendo as fake news em detrimento das evidências científicas (ZAROCOSTAS, 2020).

Dessa forma, torna-se evidente a necessidade de intervenção, de modo que, a informação seja produzida e direcionada de maneira efetiva aos adolescentes que durante a pandemia aumentaram o tempo de tela e, conseqüentemente, a exposição a fake news (LIMA, SOARES, COSTA, 2021). Portanto, a atuação do AVIVAR-GIPRA no meio virtual e nas redes sociais surgiu como uma grande oportunidade de conseguir disseminar informações e educação em saúde diante do isolamento e distanciamento social vivenciado.

Frente ao todo exposto, consideramos um modelo no qual busque promover a transformação baseada na crítica e reflexão, o que acaba sendo uma troca de experiências entre o futuro profissional de saúde, seguindo os pilares da própria extensão, e o adolescente. Além de promover uma formação acadêmica mais dinâmica e criativa tem a capacidade de promover experiências de ação-reflexão e, com isso, contribuir para uma formação mais humanística (GOMES, REGO, 2014).

Considerações Finais

Ao expor os primeiros passos do projeto de extensão AVIVAR-GIPRA, relato de experiência em momento tão delicado da vivência humana, ocasionada pela pandemia da COVID-19, temos a certeza de que o caminho foi traçado e que muitos bons frutos podem ser colhidos nesse caminho: o incentivo ao encontro com a comunidade adolescente e seus cuidadores; o aprofundamento do conhecimento, na vasta área de saúde dos adolescentes, sua diversidade e singularidades; a multidisciplinaridade do cuidado; o ensino e a pesquisa.

Referências

COSTA, M. C. et al. Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. **Jornal de Pediatria**, v. 77, n. 2, p. 217-224, 2001.

DE SOUSA SANTOS, J. H.; ROCHA, B. F.; PASSAGLIO, K. T.. Extensão universitária e formação no ensino superior. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 7, n. 1, p. 23-28, 2016.

GOMES, A. P.; REGO, S.. Paulo Freire: contribuindo para pensar mudanças de estratégias no ensino de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [S.L.], v. 38, n. 3,

p. 299-307, set. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-55022014000300003>.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**, v. 5, p. 251-263, 2013.

LIMA, Rian Vilar; SOARES, Ana Lara Viera; COSTA, Lia Camurça. IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: uma revisão de literatura. Anais do I Congresso Brasileiro de Saúde Pública On-Line: Uma abordagem Multiprofissional, [S.L.], p. 177-177, 21 dez. 2021. Revista Multidisciplinar em Saúde. <http://dx.doi.org/10.51161/rem/s/2942>.

RIOS, D. R. de S., CAPUTO, M. C.. Para Além da Formação Tradicional em Saúde: experiência de educação popular em saúde na formação médica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [S.L.], v. 43, n. 3, p. 184-195, jul. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v43n3rb20180199>.

SBP. Sociedade Brasileira de Pediatria. **Consulta do adolescente: abordagem clínica, orientações éticas e legais como instrumentos ao pediatra**. Manual de Orientação: Departamento Científico de Adolescência. 10, Janeiro, 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21512c-MO_-_ConsultaAdolescente_-_abordClinica_orienteticas.pdf. Acesso em: 02 abr. 2021

SOARES, S. M., et al. Workshops on sexuality in adolescence: revealing voices, unveiling views student's of the medium teaching glances. **Escola Anna Nery**, v. 12, n. 3, p. 485-491, 2008.

TAVARES, D. M. dos S., et al. The interface of teaching, research and extension in undergraduate courses in health. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [S.L.], v. 15, n. 6, p. 1080-1085, dez. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-11692007000600004>.

VIERO, V. dos S. F., et al. Health education with adolescents: analysis of knowledge acquisition on health topics. Escola Anna Nery - **Revista de Enfermagem**, [S.L.], v. 19, n. 3, p. 484-490, 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20150064>.

WHO. World Health Organization. Young people's health-a challenge for society: report of a WHO Study Group on Young People and "Health for All by the Year 2000". World Health Organization technical report series, v. 731, 1986.

YABRUDE, Angela Theresa Zuffo et al. Desafios das Fake News com idosos durante infodemia sobre Covid-19: experiência de estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, 2020.

ZAROCOSTAS, John. How to fight an infodemic. *The Lancet*, [S.L.], v. 395, n. 10225, p. 676, fev. 2020. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736\(20\)30461-x](http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736(20)30461-x).

Juventudes em tempos de pandemia: acolhendo jovens do Ensino Integral

Albenise de Oliveira Lima¹, Ana Luísa, Lopes Varela², Carlos Alberto Pinheiro Vieira³, Denise Boff⁴, Ilcélia Alves Soares⁵, João Elton de Jesus⁶, Mariana Lima de Melo⁷, Paula Cristina Monteiro de Barros⁸

Coronavírus... Em março de 2020, em nível de Brasil, fomos invadidos e passamos a conviver com o fantasma tão real de uma pandemia que, até o mês de abril de 2022, havia interrompido 663.000 vidas no país, além de ter contaminado mais de 30,3 milhões de pessoas. No mês do ‘Setembro Amarelo’, em 2021, o G1 (Portal de notícias) anunciou que a

¹ Psicóloga Clínica; Professora Titular e Coordenadora do NEPEJ, da Universidade Católica de Pernambuco; doutorado em Família e Saúde pela Universidade de Deusto, Espanha. E-mail: albenise.lima@unicap.br

² Psicóloga Clínica; ex-aluna da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: analuissalopes1203@gmail.com

³ Doutorando em Ciências da Religião (UNICAP); Professor da Universidade Católica de Pernambuco e colaborador do Instituto Humanitas Unicap. E-mail: carlos.vieira@unicap.br

⁴ Psicóloga Clínica; Professora e coordenadora da Especialização em Juventudes: experiência, acompanhamento e projeto de vida (UNICAP); doutorado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: deniseboff@gmail.com

⁵ Psicóloga Clínica, Professora da Faculdade Frassinetti do Recife; mestrado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: ilceliaaaires@gmail.com

⁶ Doutorando em Psicologia Clínica (UNICAP), Professor da Unicap ICAM International School e Assessor de Extensão da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: joao.elton@unicap.br

⁷ Advogada, graduanda em Psicologia, Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: mariana.2018270060@unicap.br

⁸ Psicóloga Clínica; Professora da Graduação e Pós-graduação da Universidade Católica de Pernambuco; doutorado em Psicologia Clínica. E-mail: paula.barros@unicap.br

taxa de suicídio aumentou 111% no mês mais letal da pandemia em Rondônia (GALVÃO, 2021). Um caos pandêmico que, como todo caos, confrontou-nos com a complexidade, a instabilidade, a imprevisibilidade. Uma pandemia que nos pegou de susto, de sobressalto, que nos desalojou de nossa rotina, nos desterritorializou, nos obrigou a redimensionar as fronteiras e as dimensões de tempo e espaço, esfumou os limites entre dentro e fora, eu e outro, privado e público, passado, presente e futuro, vida e morte.

Um vírus que nos isolou do mundo, no mundo de cada um, impedindo a liberdade de ir e vir. O mundo virtual foi potencializado ao extremo. Passamos a ver o mundo pela tela do computador. No pico da pandemia, obrigatoriedade da convivência diária, em tempo integral, de famílias que ou se desorganizaram ou fortaleceram seus vínculos. O querer estar sozinho do jovem, o ir para a rua espairar, o fazer esporte para extravasar, a experimentação do 'ficar', as transgressões, tiveram que encontrar um espaço outro, num tempo outro, que pôs em questão não apenas o lugar físico, mas o lugar psíquico desses jovens. Afinal, que perspectiva de futuro? Que garantias os pais, principais referências simbólicas, também assolados pelo medo da morte, podiam dar? Que respaldo encontrar num Governo que insistia e insiste em sustentar uma política negacionista que, em muito, só fazia aumentar, de forma vertiginosa, o número de vítimas?

De acordo com Coutinho e Pisetta (2021, p.223), “a pandemia impôs um grau a mais na experiência de desamparo que já se fazia presente no laço social [...] Diante da ausência de políticas públicas protetivas e inclusivas, e sem também o reconhecimento de uma responsabilização coletiva pelo problema, nos sentimos mais desamparados”. Seguimos com as autoras, ao considerarem que, no cenário político atual, “[...] a saúde do laço social no Brasil, já frágil, agora parece mais comprometida. A precariedade das instituições de proteção e garantia de direitos sociais

ameaça nossos sentimentos de pertença e filiação, o que, diante da emergência do vírus, só se acentua” (COUTINHO; PISETA. p.226).

Isto posto, o presente artigo é fruto do Projeto de Extensão intitulado “Juventudes em tempos de pandemia: acolhendo jovens do ensino integral”, iniciado em setembro de 2020 e finalizado em dezembro do mesmo ano, desenvolvido pela equipe de professores, alunos e voluntários do Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Juventudes (NEPEJ), em parceria com o Instituto Humanitas Unicap (IHU), da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e uma Escola Técnica Estadual (ETE), situada no interior de Pernambuco, que por questões éticas, não divulgaremos seu nome.

O Projeto de Extensão surgiu em resposta à demanda da coordenadora da referida escola, que se encontrava, à época, às voltas com os inúmeros impasses, conflitos, inquietações e angústias que lhe chegavam, tanto dos professores, como dos alunos, somando-se às suas próprias questões frente ao desconhecido e ameaçador contexto pandêmico. A partir desse primeiro contato – que se fez um espaço importante de acolhimento e escuta – surgiu a proposta de um projeto de extensão que pudesse se fazer uma intervenção com os jovens estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, público que vivenciava, naquele momento, para além das questões advindas da pandemia, a proximidade da conclusão do Ensino Médio.

Foi a partir desse contexto que traçamos como principal objetivo do Projeto compreender, através do exercício da escuta, a realidade juvenil em tempos de reclusão social, dos alunos da Escola Técnica supracitada. A partir dessa compreensão, buscamos identificar a demanda dos alunos; trabalhar com os professores as suas expectativas em relação ao projeto apresentado e identificar, através da percepção dos pais dos alunos, a realidade juvenil. A nossa pergunta base foi: Como o jovem, no contexto de uma escola pública do interior do Estado, está vivenciando a pandemia? Como identificar o sofrimento desse jovem?

Como vem sendo delineada, a nossa intervenção está voltada para o público jovem. Mas, o que estamos considerando como juventude? Tomando como foco o contexto histórico, social ou econômico, o termo juventude pode assumir diferentes significados. Segundo Silva (2011, p.664), o sentido de juventude mais encontrado “é aquele que a define como uma fase de transição entre a adolescência e a vida adulta”. Dayrell e Gomes (*apud* SILVA, p.664) complementam esta afirmação dizendo que “o jovem é um vir a ser, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente”.

A Organização Pan-Americana de Saúde diz que a juventude é uma categoria sociológica e representa um momento de preparação para a vida adulta, abrangendo a faixa etária que vai dos 15 aos 24 anos de idade. Porém, a Política Nacional de Juventude do Brasil (PNJ) considera jovem todo brasileiro na faixa etária dos 15 aos 19 anos. Partimos da posição de que, apesar da inclusão por faixa etária, não se pode prescindir da singularidade de cada jovem, evitando assim, incorrer no risco de uma leitura simplista e equivocada que generaliza o público jovem. Em outras palavras, cada jovem possui características diferenciadas, de acordo com o contexto em que está inserido (SILVA; SILVA, 2011). Por este motivo, a literatura especializada tem acrescentado um “S”, sempre que discorre acerca da juventude.

O uso da expressão ‘juventudes’ representa o reconhecimento da necessidade de, ao se tratar de jovens, levar em conta que esse segmento constitui identidades e singularidades de acordo com a realidade de cada um (SILVA; SILVA, 2011, p.664).

Tomando como base o ciclo vital da família, é na fase da adolescência/juventude que ocorre a diferenciação da identidade do jovem em relação à família, resultando num realinhamento dos relacionamentos familiares, com vistas à inclusão dos amigos (CARTER; McGOLDRICK,

1995). Dito de outro modo, o jovem faz um movimento centrífugo, ampliando suas trocas com o ambiente externo à família. A busca por um primeiro emprego, a necessidade de trocas afetivas com os pares, a construção da autonomia, são exemplos do que caracteriza esta fase do desenvolvimento humano. O tempo da juventude, em meio a todas as demandas sociais, afetivas e psíquicas que esse tempo subjetivo suscita, confronta o jovem com a necessária (re) construção de um lugar no mundo, na relação consigo, com a família, com os pares, com a sociedade. Trata-se de um processo que, por si, já apresenta uma complexidade e uma série de conflitos com os quais o jovem é impelido a lidar.

Nesse sentido, uma pandemia que tomou a proporção da que vivenciamos desde o início de 2020, acarretou um forte impacto na vida dos jovens: a perda da rotina, o distanciamento social, o fechamento das escolas, a falta de convívio com os familiares que não moram na mesma casa, foram alguns fatores que abalaram e seguem tendo repercussões importantes na saúde mental dos jovens.

De acordo com Wunsch (2020, p.149), o jovem passou a vivenciar, na pandemia, um “[...] tempo que se teme, tempo que se estende. Tempo sem encontros marcados, sem corpos grudados, sem abraços enrolados, sem lábios molhados. Tempo isolado, tempo contido”.

Ressaltamos, nesse sentido, que, em se tratando do ser jovem numa pandemia, a todo o processo que delinea a juventude, é acrescido um tom de cruzeza, radicalidade, frente à ameaça iminente de contaminação, de perdas em vários âmbitos, do luto, da morte, configurando-se como algo da ordem do traumático.

Estudos da Universidade Federal de São Paulo (CAMPOS, 2019), realizados em 2019, concluíram que desesperança, sentimentos de inutilidade e falta de propósito são fatores que levam à ansiedade extrema,

podendo tornar os jovens mais vulneráveis ao suicídio. Essas conclusões podem ser aplicadas à situação atual, com o agravamento do estresse em não poder sair de casa, sem a devida preparação para isto. O que se tem presenciado nesta população etária é solidão, alteração do sono e alimentar, aumento da irritabilidade, entre outros. Foi na busca de reduzir estes danos que o presente projeto de intervenção se instalou.

Para atingir o objetivo geral, utilizamos uma metodologia de roda de conversa através do Google Meet. Esta metodologia consiste em reunir pessoas – no nosso caso específico, jovens – para dialogarem sobre determinada temática. Em outras palavras, a roda de conversa é uma prática dialógica (MOTTA, 2009). Como estímulo inicial para o diálogo, começávamos com uma pergunta disparadora sobre a pandemia. A pergunta possibilitava aos jovens falar sobre sua vida durante a pandemia, sobre suas repercussões no cotidiano escolar, familiar e social, bem como sobre perspectivas quanto ao futuro, num contexto pós-pandêmico. Também realizamos roda de conversa com os professores, com o objetivo de entendermos a demanda dos alunos e da Escola e com os pais, para que eles se inteirassem da nossa proposta e autorizassem a participação dos seus filhos, nesta dinâmica. A nossa intervenção foi voluntária e gratuita, a partir da demanda recebida, via Direção da Escola.

Metodologia

Em nosso contato inicial com a direção da Escola, conforme dito anteriormente, ficou definido que o trabalho de intervenção dar-se-ia com os(as) alunos(as) dos terceiros anos do Ensino Médio, os(as) professores(as) e os familiares (no caso, os pais ou responsáveis). O corpo discente da escola é distribuído nos seguintes cursos: Técnico em Administração (43 alunos), Redes de Computadores (83 alunos), Comércio (29 alunos).

Para atender aos objetivos propostos, as rodas de conversa foram realizadas nos seguintes segmentos e iniciadas com as seguintes questões disparadoras:

- Roda de conversa com professores, realizada em dois momentos, com o objetivo de fazer a escuta da realidade presente. A pergunta inicial foi: o que é ser professor em tempo de pandemia?
- Roda de conversa com os pais, num único encontro, com vistas a que autorizassem o trabalho com seus filhos, alunos da ETE, bem como a escutá-los em relação ao estado de afastamento social e aulas *on-line*.
- Roda de conversa com os alunos: três encontros quinzenais, com uma hora de duração cada. Em cada um dos encontros, trabalhamos objetivos diferentes, mas complementares entre si, norteados pelas seguintes questões: a) como é ser jovem em situação de pandemia? b) como é estudar remotamente e assumir outras responsabilidades: c) a sociedade dá crédito à juventude?

Após os encontros com os três segmentos, foi realizada outra rodada de conversas com professores/administradores e alunos, separadamente, para devolução e troca de experiências. Todos os encontros ocorreram de forma remota e foi utilizada a plataforma *Google Meet*.

Resultados

Roda de Conversa com Professores

No primeiro encontro, os professores (em número de sete participantes) estavam um pouco tensos, preocupados com a desmotivação dos alunos

e com as incertezas causadas pela falta de adesão às aulas remotas. Reforçaram aspectos positivos da Escola, entre eles a adesão dos pais às reuniões escolares. Foi ressaltada a criatividade entre eles – os professores – e a ajuda mútua.

Reinventar os trabalhos *on-line* cotidianamente foi percebido pelos professores como verdadeiro exercício de criatividade, investimento e disponibilidade de tempo. Para alguns, foi desafiador elaborar aulas no formato digital, principalmente quando pensavam na falta de contato visual com os alunos (as câmeras estavam sempre desligadas); além do excesso de trabalho, a casa tornou-se uma extensão da escola. Ou seja, enfrentar as dificuldades/sofrimento de trabalhar em casa, com limite tênue entre o público e o privado e, ao mesmo tempo, desempenhando tantos papéis: pai/mãe, professor/a.

De um modo geral, observamos que, embora esse momento tenha sido iniciado com uma questão direcionada ao ser docente na pandemia, passada a tensão inicial, os professores logo conduziram o discurso para a vida pessoal, em muito por eles apontada como estando misturada com a vida profissional. Nesse sentido, feitos os relatos, como vimos, sobre o despreparo tecnológico, a invasão do lar pelo trabalho, o acúmulo e o excesso de trabalho, o desafio para sustentar a atenção do aluno, as dificuldades para amparar afetivamente o corpo discente, a fala logo cedeu espaço para o desamparo, os medos e angústias vivenciados por cada um deles.

Na devolutiva, os professores apontaram “esse momento de escuta” como relevante, por perceberem que não estão sozinhos nesse contexto de pandemia e fragilidade humana, bem como a empatia com o sofrimento dos alunos diante do afastamento social vivido por todos. Foram ressaltados a sensibilidade e o cuidado entre os pares, as parcerias construídas, um maior sentimento, decorrente da roda de conversa, de que

as dificuldades não são individuais, mas falam dos sofrimentos e incertezas suscitados pela contingência do cenário de caos provocado pela pandemia.

Roda de Conversa com os pais

No encontro com os pais, tivemos a presença de 18 pais e mães. Apesar do número reduzido, eles participaram ativamente, agradeceram a ideia da escola em tornar realidade um trabalho desse porte.

A principal dificuldade apresentada foi em relação ao sinal de internet e à falta de equipamento (celular ou computador) para todos os filhos. Alegaram também a necessidade de os filhos fazerem pequenas atividades domésticas em/ou fora de casa, para ajudar no momento de instabilidade econômica da família. Compreendemos, a partir de suas falas, que nem sempre a aula à distância é percebida como aula. Nesse sentido, os alunos são solicitados pelos pais a realizar tarefas domésticas, em detrimento da aula que estavam assistindo. Esse desvio de função - aula/ trabalho - não ocorreu por falta de conhecimento dos pais. A escola promoveu reunião de pais e mestres, com o tema da importância de manter os filhos nas aulas remotas. O motivo alegado pelos pais foi a necessidade de que todos da família contribuíssem com o orçamento doméstico.

Roda de Conversa com os alunos

Com o intuito de propiciar um espaço de fala para os jovens (dez alunos por subgrupo, total de vinte e cinco alunos), entendemos que a roda de conversa não se constitui apenas um momento de escuta, mas uma grande possibilidade de construção e de reflexão sobre o lugar de cada

um diante daquilo que é falado na roda. Assim acolhemos as câmeras fechadas e a presença silenciosa de boa parte dos alunos, dada a compreensão de que as falas de alguns ressoavam na escuta dos demais. Assim, optamos por iniciar o relato dos encontros com os jovens, destacando alguns trechos de suas próprias narrativas:

“Você quer saber o que é ser jovem na pandemia? Pegue as complexidades do que é ser jovem e multiplique por 3. É isso um jovem na pandemia!”

“O Governo não nos dá segurança de nada. Estou estudando para o Enem, fazendo todas as atividades domésticas, às vezes assistindo aula enquanto varro a casa e não sei nem se vai ter vestibular”.

“Eu sei que a pandemia é um problema muito maior, que afeta o mundo inteiro. Mas estou concluindo o meu Ensino Médio. As pessoas não entendem que eu lamento muito por não poder ter minha festa de formatura”.

Nos primeiros encontros, os alunos discutiram sobre a falta de concentração para as aulas, a demanda da família para atividades domésticas, no horário das aulas, a falta de motivação, a saudade dos encontros no pátio da escola. Alguns destacaram um fortalecimento dos vínculos familiares em função de uma maior proximidade e convivência diária, ao passo que outros, em função mesmo dessa convivência e do isolamento social, referiram-se ao acirramento de conflitos preexistentes, bem como a falta de compreensão por parte dos pais em relação ao que estão vivendo em termos do ser jovem na pandemia em meio a todas as restrições sociais. Ressaltaram também uma maior aproximação com os professores, o reconhecimento pelo trabalho do professor para atraí-los às aulas, a insatisfação com a ação do MEC, com ênfase ao sentimento de desrespeito ao que os jovens solicitaram em relação ao ENEM.

Quanto às dificuldades, percebemos – através das suas falas – que as principais foram: a grande sobrecarga de atividades, mediante a junção das obrigações do lar e da escola; o desamparo governamental em proporcionar internet e equipamentos para esse ensino, na modalidade remota, bem como na escuta efetiva dos seus anseios sobre a prova do ENEM. Mesmo os alunos respondendo a uma pesquisa promovida pelo MEC, sobre a preferência para a época de realização do Enem, a data vencedora não foi acatada, causando grande frustração e prejuízo no tempo de preparação deles para a prova. Em continuação às dificuldades, os alunos falaram da saudade do encontro diário com os amigos e professores; e, por fim, da tristeza e frustração de não terem realizado um encerramento comemorativo, neste ano de conclusão do Ensino Médio.

O encontro da devolutiva contou com a presença de 17 alunos. Nem todos os alunos falaram, mas, unanimemente, os que falaram manifestaram muita gratidão pela oportunidade de terem tido um espaço de escuta e diálogo, neste ano desafiador de Enem e de Pandemia da COVID-19.

Nesse sentido, os alunos mencionaram a importância de perceber que os outros colegas também passavam por similares dificuldades. Inclusive, mencionaram que a partir dos diálogos promovidos por nossos encontros, puderam se aproximar de outras pessoas da turma, fazendo novas amizades. Por fim, mostraram-se agradecidos pelo esforço dos professores e da escola, em geral, nessa caminhada de ensino remoto.

Considerações Finais

Diante do que temos discutido no NEPEJ e do que foi experienciado ao longo do projeto de extensão, com as rodas de conversa, é importante

destacar que a pandemia não é sem repercussão para ninguém; também não é democrática como insistem em dizer, visto que as estatísticas apontam que quem morre hoje, no Brasil, são, em sua maioria, pessoas em situação de vulnerabilidade social. Seus efeitos na humanidade são imediatos e também o serão a curto, médio e longo prazos, de modo que não temos ainda o alcance dos efeitos psíquicos dessa pandemia.

No que tange especificamente ao Projeto de Extensão, concluímos que nosso objetivo de compreender a realidade juvenil em tempos de reclusão social dos alunos da Escola Técnica de Ensino Integral foi atingido. Ampliamos a percepção dos professores acerca do conhecimento do protagonismo dos seus alunos, bem como possibilitamos discussões sobre a temática das aulas remotas. Com relação aos alunos, promovemos discussões acerca da proximidade do ENEM, do primeiro emprego, das dificuldades com os aparatos tecnológicos: smartphone, computador, sinal de internet, entre outros.

Sentimos e nos preocupamos com a pouca adesão dos alunos. No entanto, no decorrer dos encontros, percebemos que muito se deveu à falta de tempo (excesso de tarefas extraclasse), como também a dificuldades com o sinal da internet. Nos sensibilizamos com alguns depoimentos dos alunos: trabalhar para pagar a internet e para comprar celular, para assistir às aulas; não ter a festa usual de final do Ensino Médio; reconhecer o esforço dos professores e sua criatividade em preparar e dar aulas remotas.

Tanto alunos como professores ressaltaram o aprendizado na área digital e o reconhecimento de que os erros serviram de aprendizagem.

Ficamos com o sentimento de termos promovido reflexões no campo da amizade entre os pares, como também de termos fortalecido o desejo de continuidade e participação às aulas, aprimorando o uso de tecnologias.

Ao final do que escutamos ao longo das rodas de conversas, destacamos a importância do acolhimento às demandas de fala, como possibilidade de resgatar a potência de vida, para além da ameaça iminente de contaminação e de morte que o vírus representou e representa. Trata-se da necessidade premente de abrir espaços de fala para as demandas do jovem, dos professores, dos familiares, como abertura para a elaboração dos lutos reais e simbólicos vivenciados ao longo da pandemia, mas, igualmente, como construção e resgate de projetos que ficaram em suspenso, numa espécie de limbo.

Nesse momento de escrita do presente texto, convém refletir esse cenário em que vivemos a flexibilização das medidas sanitárias: que acolhimento tem sido feito aos jovens, em seus diferentes contextos? Que leitura fazer do episódio ocorrido em escola pública do Recife, em que 26 jovens paralisaram, com sintomas de ansiedade, tremores, crises de choro e falta de ar, no período de retorno às aulas? “Histeria coletiva?” Uma possível leitura. Para além dela, entendendo o quão a morte e a finitude se fizeram presentes nesse contexto, em que a falta de ar, real e/ou simbolicamente se fez realidade, que espaço temos oferecido e devemos oferecer aos jovens em meio ao modo singular com que cada um vivenciou a pandemia?

Estaria o jovem, em tempos de pandemia, vivendo um “congelamento do tempo”, fixado no tempo presente, que o desgarra de referências passadas e o impede de lançar-se ao futuro, tamanhas as incertezas e faltas de garantia? Para alguns, um tempo muito melhor aproveitado, para outros, “tempo perdido”, para todos, arriscaríamos dizer, ao clique do mouse e do efeito *zapping*, um excesso de vivências que atropelam e suplantam cada vez mais a possibilidade de experiências.

Em entrevista concedida ao GZH Comportamento, em janeiro de 2021, o psicanalista Edson de Sousa afirmou que “a reflexão sobre nossa experiência com o tempo é uma questão complexa e desafia o pensamento.

Estamos todos vivendo uma situação traumática em que temos a sensação de perder o chão. O trauma desorganiza nossa relação com o mundo, com o tempo, com o espaço, com a memória. Produz um efeito de paralisia, de insegurança e de perturbação psíquica”.

Assim, diante do retorno que tivemos dos participantes das rodas de conversa, destacamos que oferecer um espaço de fala e de escuta é viabilizar, como possível resposta e construção para a situação traumática e para a paralisia, voltar a imaginar o amanhã, não como ideal inalcançável que a pandemia parece ter trazido para alguns, mas como utopia enquanto resistência, que nos desperta de nossa paralisia, tal como propõe Sousa (2007, p.248), “utopia de uma recuperação de lugares perdidos [...] instauração de uma interrupção no contínuo do presente, um sonho que acorda”.

Concluimos nosso relato e as elaborações que a partir das rodas de conversa com os jovens nos foi possível fazer, agradecendo à força de resistência dos que toparam, a despeito do cansaço cotidiano diante de uma tela, estar diante dela e dela fazer possibilidade de fala, espaço de escuta, lugar de trocas, reencontros de afeto, potência de vida. Aos jovens, sustentamos a aposta de poderem reatar laços, reconstruir encontros, fazer do luto e do limbo, um empuxo de volta para a vida. A eles, a nós todos, servimo-nos da bela construção de Slavutzky e Sousa (2021, p.7), que recebemos como saída possível para o caos pandêmico: “Imaginar é um ato de coragem, que nos coloca em movimento, instaura espaços de revolta e de esperança abrindo mundos até então desconhecidos. Imaginar o amanhã é trazer o passado para o presente, unindo experiências para pensar o futuro”.

Referências

CARTER, Betty; McGOLDRICK, Mônica. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CAMPOS, Matheus. Estudos detalham perfil de casos de suicídio na adolescência no Brasil. Unifesp. São Paulo, 23 Abril 2019. Disponível em: <https://www.unifesp.br/noticias-anteriores/item/3803-estudos-detalham-perfil-de-casos-de-suicidio-na-adolescencia-no-brasil>. Acesso em: 30 abr. 2022.

COUTINHO, Luciana Gargeiro; PISETTA, Maria Angélica Augusto de Melo. Os jovens e seus impasses no laço com a universidade: intervenção clinicopolítica em tempos de pandemia. *Estilos da Clínica*, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 219-232, 2021. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v26i2p219-232. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/178662>. Acesso em: 14 maio 2022.

FEIX, Daniel. Na pandemia, o tempo voa ou se arrasta? Psicanalista explica por que nossas percepções podem ser tão diferentes. **GHZ Comportamento**, Porto Alegre, 14 jan. 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2021/01/na-pandemia-o-tempo-voa-ou-se-arrasta-psicanalista-explica-por-que-nossas-percepcoes-podem-ser-tao-diferentes-ckjvjn7hr0006017wy2jrv2is.html>. Acesso em: 14 maio 2022.

GALVÃO, Beatriz. Setembro Amarelo: Taxa de suicídio aumenta 111% no mês mais letal da pandemia em Rondônia. **G1**, Rondônia, 23 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2021/09/23/setembro-amarelo-taxa-de-suicidio-aumenta-111percent-no-mes-mais-letais-da-pandemia-em-rondonia.ghtml>. Acesso em: 30 abr. 2022.

MOTTA, Flávia. Salada de crianças: a roda de conversa como prática dialógica. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 26 a 29 de outubro de 2009 PUCRR. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2115_1035.pdf. Acesso em: 30 abr. 2022.

SILVA, Roselani Sodré; SILVA, Vini Rabassa. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. **Caderno CRH**, Salvador, v.24, n. 63, p. 663-678, 2011.

SLAVUTZKY, Abrão; SOUSA, Edson Luiz André. **Imaginar o amanhã**. Porto Alegre: Diadorim, 2021.

SOUSA, Edson Luiz André. Escrita das utopias: litoral, literal, litoral. *In*: COSTA, Ana; Rinaldi, Doris. (org.). **Escrita e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud: UERJ, 2007. p.239-253.

VINTE e seis alunos de escola estadual passam mal e SAMU diz que eles tiveram 'crise de ansiedade'. **G1**, Recife, 8 abr. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/04/08/vinte-e-seis-alunos-de-escola-estadual-passam-mal-e-samu-diz-que-eles-tiveram- crise-de-ansiedade.ghtml>. Acesso em: 20 maio 2022.

WUNSCH, Claudia. Juventude do desejo e a pandemia. *In*: FÓRUM DO CAMPO LACANIANO – MS (org.). **Psicanálise e Pandemia**. São Paulo: Aller, p.147-151, 2020.

Plantão psicológico cognitivo-comportamental na pandemia da COVID-19

Antônio Gabriel Araújo Pimentel de Medeiros¹; Adriana Bezerra²; Amanda Pontes Bandeira³; Osana Alexia da Gama Vieira⁴; Luiz Evandro de Lima Filho⁵; Suely de Melo Santana⁶

Pandemia, do grego *panḗmía*, que significa “o povo inteiro”, “todo o povo” (PANDEMIA, 2022), traz em sua etimologia a amplitude do que ainda é vivido no ano de 2022 em caráter mundial, desde os primeiros relatos da Organização Mundial de Saúde (OMS), em 31 de dezembro de 2019. A nova cepa do coronavírus, denominada SARS-CoV-2, estendeu-se geograficamente acompanhada do seu elevado grau de mortalidade, sendo em 30 de janeiro de 2020 emitido o alerta da OMS de que se tratava de uma Emergência de Saúde Pública de Importância Inter-

¹ Mestre em Psicologia: Práticas e Inovação em Saúde Mental – Universidade de Pernambuco. Universidade Católica de Pernambuco. antonio.medeiros@unicap.br

² Estudante de psicologia. UNICAP. adriana.2018270310@unicap.br

³ Psicóloga. Universidade Católica de Pernambuco. amanda.oliveira@unicap.br

⁴ Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental – Faculdade Frassinetti do Recife. Universidade Católica de Pernambuco. osana.vieira@gunicap.br

⁵ Mestre em Ciências da Saúde – Universidade de Pernambuco. Professor da Universidade Católica de Pernambuco. luiz.filho@unicap.br

⁶ Doutora em Psicologia – Universidade do Porto. Professora da Universidade Católica de Pernambuco. suely.santana@unica.br

nacional (ESPII), é elevada à Pandemia em 11 de março de 2020 (ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE [OPAS], s.d.; SÁ, 2020). No Brasil, o primeiro caso foi registrado no estado de São Paulo, em 25 de fevereiro de 2020, dando início a um desafio com repercussões significativas na saúde mental da população (BBC NEWS, 2021).

Por motivo de biossegurança, mudou-se a dinâmica social, desde familiar à laboral, sendo necessário distanciamento e isolamento. Transformou rituais importantes de despedida: o “adeus”, por vezes, foi dado à distância; as cerimônias tradicionais foram interrompidas. Os danos ocorreram, com efeito, em todas as faixas etárias. Por exemplo, impactou o desenvolvimento infantil, com o fechamento das escolas, onde a necessária inserção nos processos de socialização fora restringida, assim como de sua expansão na adolescência e o aumento no uso de telas (CRUZ et al., 2021; DINIZ et al., 2021).

O *Corona Virus Disease* – CoViD19 (comumente escrito “Covid-19”) trouxe consigo medo, insegurança, desinformação, incertezas e colapsos nos serviços de saúde e assistência. Houve aumento no nível global de ansiedade – esta, apresentou-se enquanto principal demanda na experiência aqui relatada, assim como outros fatores em saúde mental de adultos, a saber: distúrbios do sono, conflitos interpessoais, violência, estigma, pensamentos disfuncionais frente à pandemia e diminuição de comportamentos saudáveis (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ [FIOCRUZ], 2020; TORALES et al., 2020). Aumenta-se também o fator de risco para suicídio, como, por exemplo, desemprego, desesperança, transtorno mental e dor emocional (BOTEGA, 2015).

O desespero inicial tomou grandes proporções onde o desconhecido se fez presente. Evidenciou uma população já vulnerável, seja por suas comorbidades ou predisposição genética, seja por vulnerabilidade social, insegurança alimentar e pobreza, precipitando transtornos mentais, bem como sua manutenção e piora em quadros pré-existentes.

Diante disso, o presente capítulo tem como objetivo relatar a experiência de um serviço de plantão psicológico realizado no ano de 2021, no período de junho a outubro, através do projeto de extensão denominado Serviço Integrado Cognitivo Comportamental (SICC). Intencionou-se descrever o serviço psicológico em caráter de plantão na abordagem Cognitivo-Comportamental, incluindo fluxo e protocolo de atendimento, perfil da clientela atendida e principais demandas apresentadas e considerações e reflexões a partir da experiência.

Plantão Psicológico

O plantão psicológico é uma prática oriunda do aconselhamento psicológico (ROSENTHAL, 1999), e por isso, desde a origem da modalidade, está relacionada às práticas humanistas e fenomenológico-existenciais (SILVA *et al*, 2020). No entanto, o plantão psicológico está também relacionado a abordagens teóricas de procedência psicanalítica, cognitivo-comportamental, dentre outras (SCORSOLINI-COMIN, 2015).

Como consequência da possibilidade de coexistência entre diversas perspectivas teóricas e de diferentes formas de funcionamento da instituição que oferece o serviço, encontra-se variações nos modos de caracterizar e operacionalizar o atendimento em plantão psicológico (SCORSOLINI-COMIN, 2015; ZANONI, 2008).

A despeito disso, algumas características predominantes podem ser apontadas. Nesse sentido, uma importante peculiaridade é indicada em Cury (2012), quando a autora afirma que

O plantão psicológico viabiliza um atendimento de tipo emergencial - compreendido como um serviço que privilegia a demanda emocional imediata do cliente - e que funciona sem necessidade de agendamento,

destinado a pessoas que a ele recorrem, espontaneamente, em busca de ajuda para problemas de natureza emocional (p. 132).

Na mesma direção, Furigo et al. (2008) elucida que as intervenções clínicas se dão perante situações de crise e a pessoa é recebida no exato momento de sua necessidade (FURIGO et al., 2008). O conceito de crise, assumido por este trabalho, se aproxima da compreensão de Carvalho e Matos (2016) em trabalho sobre o tema, conceituando-a enquanto um desequilíbrio emocional que denuncia a insuficiência ou dificulta a utilização de recursos pessoais e ambientais individuais de um indivíduo ou de um coletivo. Deve-se considerar que tal evento possui caráter de novidade, urgência e gravidade dos fatos, não havendo condições ideais de readaptação.

Do ponto de vista de quem presta o atendimento na modalidade de plantão psicológico, faz-se necessário estrutura (a ser discutida no decorrer do capítulo), equipe qualificada e, usualmente, direcionamento para atendimento único. A abertura a queixas inesperadas também compõe o leque do que caracteriza tal serviço (LIMA; SANTOS, 2012). Ademais, quando há retorno do cliente ao plantão, este pode se dar a qualquer momento, sendo assim caracterizado como um novo atendimento, podendo não ocorrer na mesma sala, hora e com o mesmo plantonista.

Direcionando esta prática à Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), uma abordagem psicológica advindas de teorias comportamentalistas e da Psicologia Cognitiva e alinhada ao paradigma da Psicologia Baseada em Evidências, o plantão passa a ser pensado a partir de seus pilares básicos. Isto auxilia a evocar o que há de mais importante a ser discutido e assim alcançar o que cliente e plantonista almejam. Alguns deles são: objetividade, estruturação, educação, foco no presente, em metas e nos problemas, limitada no tempo, colaboração e participação ativa e uso

ativo de técnicas cognitivas e comportamentais para avaliação, modificação e prevenção de recaídas (BECK, 2021).

Em suma, pode-se caracterizar o plantão psicológico como uma modalidade de atendimento clínico, ofertado por uma instituição de modo regular, que viabiliza o atendimento emergencial, entendido como a demanda emocional imediata do cliente, surgida frente a situações de crise. Requer do plantonista uma intervenção psicológica focal, compreendida como aquela centrada na problemática que emerge, que se baseie principalmente na escuta e no acolhimento, como também, disponibilidade para se deparar com o inesperado e para a possibilidade de o encontro com o cliente ser único.

Serviço Integrado Cognitivo-Comportamental (SICC)

O SICC é um projeto de extensão elaborado a partir da graduação em Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica (PPGSI), e vinculado aos Laboratórios de Família e Interação Social (LAFAM) e CIBERPSICOLOGIA, todos da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

Inaugurado em 2019, tem por objetivo traduzir os conhecimentos científicos produzidos no PPGSI em ações práticas e gerar novos saberes a partir das experiências vivenciadas, tendo como compromisso o retorno social à população que necessita de apoio psicoemocional e cuidar de sua saúde mental.

A partir disso, busca cumprir com sua responsabilidade social de transacionar os princípios da Psicologia Cognitiva e Comportamental e das diferentes modalidades de TCC, embasados numa prática científica baseada em evidências e lastreada numa aplicação ética e humanitária, à disposição das demandas comunitárias. Ademais, contribuir para uma

melhor formação profissional dos seus voluntários, graduandos e pós-graduandos nas áreas de saúde e educação, além de profissionais e egressos da UNICAP.

Em 2022, é integrado ao Instituto *Humanitas* e passa a propor trabalhos interdisciplinares com profissionais de fisioterapia, medicina e educação. Atualmente, possui sete subprojetos, dos quais o Plantão em Saúde Mental (anteriormente chamado Plantão Psicológico) compõe. Os demais são, a saber: Atendimento Individual, De Psi para Psi: psicoeducando e relaxando entre pares, Roda de Conversa, Liga Acadêmica de Terapia Cognitivo-Comportamental (Liga_TCC-UNICAP), Programa de Qualidade na Interação Familiar (PQIF), e Grupo de Apoio Materno – Sementinhas.

Atualmente, o SICC conta com cerca de 30 voluntários distribuídos entre os subprojetos. Ao longo de pouco mais de três anos em atividade busca se renovar e expandir a partir de um olhar sensível às demandas que surgem. Também está presente no campo das produções técnicas e bibliográficas, com a publicação de cartilhas, *e-books*, artigos científicos e apresentações em congressos. Para mais informações, sugere-se acessar o perfil no Instagram (@sicc.unicap), onde ocorre a ampla divulgação de todo o conteúdo acima mencionado.

Subprojeto Plantão em Saúde Mental

O subprojeto Plantão em Saúde Mental foi pensado e esboçado em junho de 2020, juntamente à experiência com a pandemia da Covid-19. A partir do Projeto guarda-chuva CO-VIDA UNICAP, coordenado pelo Instituto *Humanitas*, o SICC integra o PSI CO-VIDA, iniciativa que disponibiliza atendimento em plantão psicológico *on-line*, inicialmente para a comunidade acadêmica e posteriormente para o público em ge-

ral. Na oportunidade, seis voluntários foram responsáveis por 29 atendimentos. O projeto durou até o mês de junho (para mais detalhes, MEDEIROS *et al.*, 2021).

Em 2021, em meio a pandemia, nasce o plantão psicológico SICC, que passa a atuar com autonomia nas modalidades presencial, para o público em geral, e *on-line*, para a comunidade acadêmica, contando uma capacitação inicial, supervisões semanais e apoio psiquiátrico. Esteve ativo entre os meses de junho e outubro. Em seus dois últimos meses, contou com o apoio psiquiátrico para casos atendidos em ambos os formatos, realizando 14 atendimentos ambulatoriais. Esta é a experiência compartilhada neste capítulo.

Atualmente, o subprojeto continua a prestar atendimento nas duas modalidades acima mencionadas, bem como o apoio psiquiátrico. A escolha pelo novo nome se deu a partir da expansão do serviço de atendimento psiquiátrico de forma fixa, com a inserção de novos voluntários, graduandos em medicina, em esquema de rodízio, a partir do internato na referida especialidade. Já os do plantão psicológico são fixos e se dividem entre estudantes da graduação, pós-graduação e egressos.

Enquanto o plantão psicológico se caracteriza como um atendimento único e focal para crise, os atendimentos psiquiátricos ocorrem em formato ambulatorial. Por questões éticas e de estrutura, crises são encaminhadas aos dispositivos da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). O fluxo e a dinâmica de funcionamento serão apresentados nas próximas seções do capítulo.

Relato de experiência: plantão psicológico SICC 2021

Protocolo e fluxo

Devido a oferta do plantão psicológico em duas modalidades, algumas mudanças no fluxo de funcionamento foram necessárias, sendo sua estrutura do atendimento padronizada para ambas. Enquanto os atendimentos *on-line*, destinados à comunidade acadêmica, ocorreram mediante agendamento, os presenciais, aberto ao público, atendeu por demanda espontânea e agendamentos.

Para o atendimento *on-line*, realizados às terças e quartas-feiras, as inscrições foram efetivadas através de formulário de triagem disponibilizado nas redes sociais do SICC. Ocorreram em fluxo contínuo, que era interrompido quando o limite da capacidade de atendimentos semanais era atingido. Em alguns períodos, a alta procura ocupava a totalidade dos horários das duas semanas seguintes. Os atendimentos eram realizados via *Google Agenda*, que gera automaticamente um código para videochamada no *Google Meet* e *e-mail* com convite para cliente e voluntário. No dia anterior ao atendimento, uma mensagem via *WhatsApp* era enviada com fins de lembrete e confirmação.

Ao todo, seis psicólogas e psicólogos voluntários realizaram os atendimentos. Em concordância com o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2018; 2020), apenas profissionais devidamente registrados e autorizados podem prestar serviços *on-line*.

O atendimento presencial possibilitou o formato tradicional de atendimento, sem agendamento e contou com 24 discentes voluntários. Para a realização do mesmo, bastou aos clientes uma breve triagem ao chegarem ao serviço. Devido a solicitação das pessoas que procuravam o serviço, alguns horários foram disponibilizados mediante agendamento

através de formulário de triagem e confirmação via *e-mail* e *WhatsApp*. Alocado na Clínica de Psicologia da UNICAP, às segundas, terças, quartas e sextas-feiras.

No geral, os atendimentos duraram, em média, 30 a 40 minutos, variando de acordo com a demanda atendida. A partir da experiência adquirida em 2020 e no início do plantão de 2021, estruturou-se o protocolo de atendimento abaixo.

Quadro I - Protocolo de Atendimento Plantão SICC (Fonte: os autores)

Etapa	Descrição	Duração Média
Acolhimento	Apresentação do profissional e da(o) cliente, breve introdução a proposta de atendimento e estabelecimento do <i>Rapport</i> .	05 minutos
Escuta e Intervenção	Escuta e abordagem ativas e empáticas, utilização de técnicas cognitivas e comportamentais e instilação de esperança.	10 minutos
Psicoeducação	Informações sobre métodos de prevenção e promoção de saúde mental, explicações sobre sintomas, promoção de autocuidado e treino de estratégias de relaxamento, automonitoramento e etc.	10 minutos
Encerramento	<i>Feedback</i> , sugestões de técnicas e aplicativos para meditação e relaxamento e orientações quanto a continuidade do cuidado.	05 minutos

Seguindo os pressupostos da TCC, uma abordagem estruturada, diretiva e com postura ativa do terapeuta (Beck, 2021), a construção do quadro acima trouxe segurança aos plantonistas, além de uma maior organização do tempo de atendimento, a fim de aproveitá-lo da melhor

forma possível em prol do cliente atendido. Isso permitiu uma atuação colaborativa, focada na crise e no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento, acolhendo e validando o sofrimento, e personalizando a intervenção a cada novo atendimento.

Após a realização dos atendimentos em ambas as modalidades, os voluntários realizaram as evoluções dos mesmos, seguindo as diretrizes do CPF para elaboração, guarda e sigilo (2019). Para o plantão *on-line*, os clientes receberam por *e-mail* um formulário de satisfação com o atendimento. Um diferencial do Plantão SICC foi a possibilidade de envio de material psicoeducativo. Além dos impressos, foram distribuídos também por *e-mail*, cartilhas, *folders* e *e-books* produzidos pelo SICC ou por projetos de outras instituições de ensino superior. A figura 1 ilustra dois dos materiais disponibilizados.

As pessoas atendidas poderiam ser encaminhadas à psicoterapia e/ou atendimento psiquiátrico na Clínica de Psicologia da UNICAP, bem como orientadas a procurar a RAPS ou Atenção Básica do Sistema Único de Saúde (SUS), serviços do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e dispositivos de combate à violência, como a Delegacia da Mulher.

Figura 1 – produções psicoeducativas SICC



Durante os plantões um supervisor esteve à disposição para fornecer o suporte necessário. Semanalmente, houveram supervisões gerais *on-line*. Conforme a necessidade, casos discutidos em supervisão foram encaminhados à avaliação psiquiátrica voluntária. Esses atendimentos tiveram caráter ambulatorial e sua continuidade, quando possível, se deu na Clínica de Psicologia da UNICAP.

Atendimentos e perfil da clientela atendida

Ao todo, foram realizadas 268 triagens, sendo 178 para atendimentos *on-line* e 90 presenciais. Dessas, 141 se concretizaram: 89 *on-line* e 52 presenciais. A não verificação do *e-mail* e a desistência na fila de espera representaram os principais motivos de 127 atendimentos não terem sido concretizados. A tabela 1 apresenta o perfil da população atendida. Vale ressaltar que, devido a algumas solicitações, 10 atendimentos *on-line* foram realizados com pessoas externas à UNICAP.

Tabela I – Dados sociodemográficos (Fonte: os autores)

Dado	Plantão <i>on-line</i>	Plantão Presencial
Sexo e gênero	72 mulheres sis; 17 homens sis	46 mulheres sis; seis homens sis
Idade	27,58 (DP = 8,19)	28 (DP = 9,98)
Cor autodeclarada	42 negras; 48 brancas; 1 indígena	37 negras; 14 brancas; 1 indígena

Estado civil	solteiras(os); casadas(os); divorciadas(os); 1 viúva	35 solteiras(os); 12 casadas(os); 4 divorciadas(os); 1 viúva
Escolaridade	1 pessoas com 1º grau; 73 pessoas com 2º grau; 11 pessoas com 3º grau; 4 com pós-graduação	4 pessoas com 1º grau; 43 pessoas com 2º grau; 5 pessoas com 3º grau
Ocupação	-	26 empregados; 14 estudantes de graduação; 12 desempregados
Vínculo	80 discentes UNICAP; 10 pessoas sem vínculo*	4 discentes UNICAP

Tratando-se do motivo da procura do serviço, em ambas as modalidades a ansiedade foi a queixa principal com maior número de relatos. No plantão *on-line*, as queixas principais relatadas foram, a saber: 45 - ansiedade (50,56%); 15 - humor rebaixado (16,85%); 10 - dificuldades acadêmicas (11,24%); 7 - conflito interpessoal (7,86%); 4 - sintomas obsessivo-compulsivos (4,5%); 2 - estresse, hipomania ou solicitação por psicoeducação (2,25%, cada); 1 - insônia (1,12%).

Já nos presenciais, a relação ficou da seguinte forma: 21 - ansiedade (40,38%); 8 - pânico ou humor rebaixado (15,39%, cada); 7 - estresse (13,46%); 6 - conflito interpessoal (11,54%); 1 - dificuldades acadêmicas e insônia (1,92%, cada). Em complemento, ansiedade também foi a queixa que mais se relacionou às outras. Cerca de 30% de ambas as populações relataram ansiedade, em diferentes níveis, em complemento às queixas principais.

Percepções e desdobramentos

A experiência com o plantão psicológico em 2020 (Medeiros et al., 2021), mesmo que em um cenário inicial de pandemia, gerou expectativa sobre as queixas que seriam levadas à nova execução do serviço. Houve também a expectativa em torno das diferenças entre as populações atendidas, antes exclusivamente *on-line* e para a comunidade acadêmica. Um contexto de crise a nível global, por mais que reconhecido e estabilizado devido ao uso eficiente dos recursos disponíveis e desenvolvidos (p. ex. distanciamento e isolamento social, uso de máscara e vacinação em massa), afeta variáveis de bem-estar subjetivo e qualidade de vida.

A seriedade do momento fez com que não fosse razoável considerar as condições no período de junho a outubro de 2021 como ideais para readaptação. Logo, não foi incomum receber uma resposta afirmativa ao questionar se acreditava-se que a pandemia agrava a(s) queixa(s) trazida(s). No Brasil, além de uma alta taxa de infecções e mortalidade, a população precisou lidar com questões como desemprego, inflação, violência intrafamiliar, paralisação das aulas e insegurança alimentar (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE], 2021).

As modalidades apresentaram diferentes perfis de público. Enquanto no presencial houve um número considerável (12 pessoas, 23%) de desempregados. O número aumenta quando a dificuldade financeira é posta enquanto variável. Um total de 26 pessoas (50%) relataram algum nível de incômodo com sua condição financeira. Para os atendimentos *on-line*, com público majoritariamente da UNICAP, este não apresentou um dado relevante.

Isto mostra a importância de um serviço de plantão psicológico gratuito e aberto, guiado pelo valor da responsabilidade social que dá sentido ao trabalho dos projetos de extensão no ambiente universitário. O serviço

gerou encaminhamentos para apoio psiquiátrico, ofertados pelo próprio SICC ou pela Clínica de Psicologia da instituição, deu suporte a pessoas que aguardavam por tratamento psicológico e suprir demandas que não possuíam perfil para uma atuação continuada, como a psicoterapia. Mesmo que de forma modesta, auxiliou na redução da fila de espera da Clínica de Psicologia.

Com relação aos discentes UNICAP, muitos estavam cursando o terceiro ou quarto semestre seguido remotamente. Alguns não tiveram aulas presenciais até então. Corroborando com a revisão integrativa de Pessoa et al. (2021), composta por seis estudos, até a data de publicação, sintomas ansiosos e depressivos foram os mais recorrentes entre os universitários ao redor do globo. Os autores atentam ainda para a vulnerabilização dessa população ao desenvolvimento de sintomas e transtornos mentais, incluindo prejuízos cognitivos e déficits na aprendizagem.

A execução do plantão psicológico exigiu da equipe flexibilidade para identificar lacunas e adaptar todo o subprojeto de acordo com as contingências. Para tanto, foram ofertadas supervisões gerais semanais. Os 10 atendimentos *on-line* de pessoas externas à UNICAP são mais um exemplo das contínuas adaptações. Necessidades pontuais levaram à flexibilização e à realização do atendimento.

Um último exemplo foi o agendamento, algo até então incomum para um plantão psicológico. Normalmente um serviço de “portas abertas”, essa adaptação que exigiu da clientela antecedência no acesso ao serviço se fez necessário por ordem de organização e uma demanda maior que o esperado. Apesar disso, acredita-se que o plantão psicológico não sofreu descaracterização. Entendendo crise em seu sentido amplo, esta pode perdurar. Mesmo que apresente momentos de maior agudeza, ainda pode ser caracterizada como tal. A necessidade de organização

por agendamento auxiliou o público presencial a organizar seus horários de trabalho ou estudo, normalmente apresentados como motivos para abdicar do cuidado à saúde mental.

Para a modalidade virtual, o plantão psicológico ainda é um campo a ser desbravado, necessitando da experiência para adaptar e aprimorar o mesmo. Neste ponto, enfrentou-se alguma dificuldade. Ao se inscreverem, algumas pessoas interessadas não inseriram seus dados para contato corretamente ou não checaram seus endereços de *e-mail*. Apesar disso, o alcance representado pelos números apresentados surpreendeu a equipe levando à compreensão do êxito da proposta inicial do subprojeto.

O plantão na formação profissional dos voluntários

Um aspecto considerável a ser ressaltado no plantão psicológico é o seu importante papel na formação profissional. Neste sentido, é uma prática que ocorre em diversas universidades, ligada ao estágio curricular em cursos de psicologia e associada à extensão universitária (SCORSOLINI-COMIN, 2015). É valoroso reconhecer a influência positiva no desenvolvimento contínuo do estudante e profissional, em especial ao recém formado iniciando no mercado de trabalho, que a experiência do plantão psicológico exerce. Aptidões adquiridas e/ou aperfeiçoadas foram ponderadas entre o grupo de voluntários que atuaram direta e indiretamente no atendimento aos clientes. A exemplo disto: iniciou-se com reuniões que aproximam o teórico do prático; a construção colaborativa do plano de ação; novos vínculos foram formados entre profissionais já com expertise na área, estudantes e profissionais em início de carreira; supervisões visando uma ação competente e humanizadora; além das indispensáveis discussões de caso em que se entrelaçam a técnica e a ética.

Atendimentos pontuais em caráter de crise oferecem ao voluntário uma vivência em que suas habilidades profissionais vão sendo progressivamente exploradas, desde sua insegurança até sua destreza. Neste processo, o plantonista se depara com alguns desafios e com algumas potencialidades que a prática proporciona. Conforme relatado pela experiência de plantonistas, algumas dificuldades comumente enfrentadas podem ser apontadas: se deparar com queixas complexas como, por exemplo, clientes em situação de risco e de violência; lidar com as lacunas da formação, dentre elas o foco na psicoterapia em detrimento de outras modalidades, incluindo o plantão; administrar a própria ansiedade pelo encontro ser único, pela espera, e às vezes, o não comparecimento dos clientes. Ainda é importante levar em consideração na prestação do serviço *on-line*, a necessidade de uma conexão de internet razoável para o atendimento ocorrer de forma satisfatória, em que, por vezes, a tecnologia e as circunstâncias sociais não são favoráveis. Instruções dadas pelo CFP, a respeito da preparação do ambiente, uso de fones de ouvido e ausência de terceiros durante o atendimento, ainda se tornam um desafio em pessoas com vulnerabilidade socioeconômica.

Pontua-se ainda sobre a necessidade de encaminhamentos gerados no plantão. Como nem sempre as intervenções psicológicas são suficientes ou adequadas àquela demanda que se apresenta, surge a necessidade de encaminhamentos do cliente a outros serviços ofertados nas políticas públicas ou em outros setores da instituição onde o serviço é ofertado. Essa necessidade por vezes se contrapõe com a escassez de vagas nos serviços escolares, ou com o mau funcionamento daquele serviço que está sendo demandado, podendo gerar frustração no voluntário e no cliente.

Por outro lado, algumas das potencialidades da prática do plantão são: propiciar o desenvolvimento de autoconfiança e amadurecimento pessoal, além do profissional; a sensação de gratificação quando se percebe

que o cliente está mais esperançoso, orientado e tranquilo do que chegou, como também, com estar contribuindo com uma parcela da população que não pode muitas vezes pagar por serviços psicológicos. Perceber que, enquanto profissional ou a caminho de ser, consegue-se atingir o objetivo de devolver para sociedade, de alguma forma, o que ela precisa.

Considerações Finais

A pandemia da Covid-19 instaurou um cenário de crise, revelando lacunas e o agravamento de problemas relacionados à saúde mental da população, assim exigindo a identificação das demandas e prestação de serviços adequados ao contexto. A partir de uma experiência bem sucedida em 2020, o SICC buscou explorar a modalidade do plantão psicológico, ainda pouco estudada na perspectiva cognitivo-comportamental, alinhando seu potencial de atendimento em crise com o compromisso social assumido enquanto um valor do Instituto *Humanitas*, da UNICAP e do SICC.

Comum em graduações de psicologia, o plantão psicológico é uma intervenção estratégica que acessa a dimensão do sofrimento humano permitindo, através de escuta e intervenção qualificadas, promover esperança, reduzir a agudeza sintomática e direcionar as pessoas atendidas a perspectivas que podem auxiliar na resolução dos seus problemas, no enfrentamento de adversidades ou em estratégias para lidar com o que está além do controle. O plantão beneficia mutuamente o cliente, o voluntário e a instituição.

Por fim, a experiência aqui relatada também se apresenta enquanto um esforço na expansão do plantão psicológico enquanto uma prática cognitivo-comportamental. Enquanto um campo teórico e prático que se

preocupa cada vez mais com o seu compromisso social e em se constituir como uma prática baseada em evidências, a Psicologia Cognitiva e Comportamental necessita ter como objetivo a expansão de suas possibilidades interventivas, propiciando desde a formação, incluindo ensino, pesquisa e extensão, o plantão psicológico como possibilidade de ajudar terceiros em diversos contextos para além da clínica tradicional configurada enquanto psicoterapia.

Referências

BBC NEWS. **Covid: saúde mental piorou para 53% dos brasileiros sob pandemia, aponta pesquisa**, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56726583>. Acesso em: 11/07/2022

BECK, J. S. **Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2021.

BOTEGA, N. J. **Crise suicida: avaliação e manejo**. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.

CARVALHO, M. A. D.; MATOS, M. M. G. Psychosocial Interventions in Crisis, Emergency and Catastrophe. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 12, n. 2, p. 116-125, 2016.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Práticas e Estágios Remotos em Psicologia no Contexto da Pandemia da Covid-19**. Brasília: CFP, 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 11/2018** - Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP nº 11/2012, 2018. Disponível em: <https://e-psi.cfp.org.br/resolucao-cfp-no-11-2018/>. Acesso em: 29 jun. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 06/2019** - Orientações sobre elaboração de documentos escritos produzidos pela(o) psicóloga(o) no exercício profissional, 2019. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-n-06-2019-comentada.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2022.

CRUZ, W. P. et al. Uso excessivo de tecnologias por crianças e adolescentes. In: SILVA, A. P. O. et al. (orgs.). **O impacto da pandemia por Covid-19 na vida das crianças: considerações no âmbito da saúde**. 1ª ed. Cajazeiras: Ideia, 2021. p. 12-24.

CURY, V. E. Plantão Psicológico em Clínica-Escola. In: MAHFOUD, M. (org.). **Plantão Psicológico: novos horizontes**. 2. ed. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012. p. 131-150.

DINIZ, E. J. S. B. et al. O impacto da pandemia do covid-19 na atenção à saúde pediátrica. In: SILVA, A. P. O. et al. (orgs.). **O impacto da pandemia por Covid-19 na vida das crianças: considerações no âmbito da saúde**. 1ª ed. Cajazeiras: Ideia, 2021. p. 51-58.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: Recomendações gerais**. Fiocruz, 2020. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/40748/2/Cartilha_recomendacoes_gerais_Covid19.pdf. Acesso em: 12 jul. 2022.

FURIGO, R. C. P. L. et al. Plantão psicológico: uma prática que se consolida. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 58, n. 129, p. 185-192, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pnad Contínua 3º trimestre de 2021, 2021. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Novos_Indicadores_Sobre_a_Forca_de_Trabalho/pnadc_202103_trimestre_novos_indicadores.pdf#:~:text=Fonte%3A%20Pesquisa%20Nacional%20por%20Amostra%20de%20Domic%C3%ADlios%20Cont%C3%ADnua,O%20resultado%20consolidado%20dessas%20medidas%20por%20Grandes%20Regi%C3%B5es Acesso em: 15 jul. 2022.

LIMA, M. C. B.; SANTOSM G. M. Plantão psicológico sob o enfoque da análise do comportamento. **Revista de Psicologia**, vol. 3, p. E-3-46, 2012.

MEDEIROS, A. G. A. P. et al. Plantão Psicológico Cognitivo-Comportamental na pandemia da Covid-19. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, vol. 17, n. 1, p. 58-65, 2021.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE. **Histórico da pandemia de COVID-19**, s.d. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 02 jul. 2022.

PANDEMIA. In: **Dicionário Priberam**. Priberam Informática S. A., 2022. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pandemia>. Acesso em: 02 jul. 2022.

PESSOA, J. S et al. **Impacto do ensino remoto na saúde mental de discentes universitários durante a pandemia da Covid-19**. Reseach, Society and Development, vol. 10, n. 14, e413101422197, 2021.

ROSENTHAL, R.W. O Plantão de Psicólogos no Instituto Sedes Sapientiae: uma proposta de atendimento aberto à comunidade. In: MAHFOUD, M. (org.). **Plantão psicológico: novos horizontes**. 2. ed. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012. p. 31-44.

SÁ, D. M. Especial Covid-19: Os historiadores e a pandemia. **Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ**, 2020. Disponível em: <https://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1853-especial-covid-19-os-historiadores-e-a-pandemia.html>. Acesso em: 12 jul. 2022.

SCORSOLINI-COMIN, F. Plantão psicológico e o cuidado na urgência: panorama de pesquisas e intervenções. **Psico-USf**, v. 20, n. 1, p. 163-173, 2015.

SILVA, C. F. *et al.* Um encontro com o inesperado no plantão psicológico: uma revisão sistemática. **Revista em Saúde**, Anápolis, v. 1, n. 1, p. 1-25, 2020.

TORALES, J. *et al.* The outbreak of COVID-19 coronavirus and its impact on global mental health. **Intenational Journal of Social Psychiatry**, vol. 66, n. 4, p. 1-4, 2020.

ZANONI, M. R. L.. **Plantão Psicológico em um Serviço Universitário de Psicologia: a experiência de aprimorandas**. 2008. 82 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências da Vida, Puc-Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/15877>. Acesso em: 08 jul. 2022.

ReconstRUA e Unificados PSR no movimento #todospelarua: ações de combate à COVID-19 para pessoas em situação de rua na cidade do Recife-PE.

Leila Karina de Novaes Pires Ribeiro¹; Alexandre Barbosa Beltrão¹; Carina Gleice Tabosa Quixabeira²; Cintia Viana do Prado³; José Almeida da Silva Neto³; Luiz Vinícius de Lima Guido³; Luíza Pereira Gomes Ferreira Tavares³; Márcia Lúcia da Costa Cavalcanti Silva³; Maria Clara Nogueira Borges de Melo³; Mariana Machado Farias³; Mariana da Soledade Urquiza Lins³; Taciana Silva Ferreira de Moraes³; Vivian Marielly Bezerra dos Santos³; Thamara Riana de Aguiar Barbosa Interaminense Guerra³; Aline Souto Maior Florêncio³; Ana Beatriz Monteiro de Oliveira³

No início de 2020, o mundo se deparou com uma crise sanitária que trouxe vários desafios para a população como um todo. Tal situação desencadeou um colapso econômico que aumentou a taxa de desocupação no Brasil para 13,5% no ano de 2020, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), com a manutenção do crescimento desses valores até 2021.

A COVID-19, responsável pela pandemia vigente, tem como agente etiológico o vírus SARS-CoV-2, o qual causa uma infecção majoritariamente respiratória, que pode desencadear tanto quadros assintomáticos quanto quadros graves e fatais (SILVA *et al.*, 2021). Os desdobramentos da referida patologia causaram uma repercussão mundial devido ao seu forte poder disseminativo e à alta mortalidade decorrente, tendo sido,

assim, considerada uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2021).

É importante destacar que o Brasil, por ser um país com explícitas desigualdades sociais, apresenta um impacto proporcionalmente característico na pandemia da COVID-19 (SILVA *et al.*, 2021). A impossibilidade de estar isolado socialmente e com condições ideais de higiene, em casos de não existência de moradia (ou se encontrar em residências coletivas provisórias), acompanhada de uma repentina e árdua restrição dos meios de sobrevivência, só fortalece o abismo social vivenciado pela População em Situação de Rua (PSP) (SILVA; NATALINO; PINHEIRO, 2021).

Como relatado por Pinho (2019), A PSR convive com significativos enfrentamentos com o modo de vida capitalista, além dos percalços da globalização. Sabe-se que um dos grandes desafios para efetivação de uma atenção à saúde de qualidade à População em Situação de Rua é a formação de profissionais que conheçam as especificidades desse público (SILVA *et al.*, 2021). Nesse ponto, a Atenção Primária é um pilar fundamental para a promoção da saúde e porta de entrada preferencial do Sistema Único de Saúde (SUS) (OLIVEIRA; PEREIRA, 2013).

Assim, o projeto de extensão “ReconstRUA Saúde na Rua”, desenvolvido pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), está voltado para a atenção ampliada às Pessoas em Situação de Rua (PSR) na cidade de Recife-PE. O trabalho prestado tem o objetivo de exercer responsabilidade social em meio a exclusão desse público, que está submetido às condições de pobreza extrema pelos mais diversos motivos. Entre eles, se destacam os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados, os desamparos sociais, os quadros psiquiátricos, o uso de drogas e as crises financeiras, que levaram à inexistência de moradia convencional regular, tornando a utilização dos logradouros públicos e áreas degradadas espaço de moradia e de sustento (SCHUCH; SARMENTO, 2020).

Nesse contexto, o objetivo deste capítulo é relatar a experiência vivenciada pelo projeto de Extensão da Universidade Católica de Pernambuco

- UNICAP, o ReconstRUA: saúde na rua, voltada para a População em Situação de Rua na área central da cidade de Recife-PE no enfrentamento à COVID-19 durante a fase mais crítica da pandemia.

Procedimentos metodológicos

O ReconstRUA é um projeto de extensão universitária ligado ao curso de Medicina da Unicap e tem atuação desde 2018. O público-alvo inicial e principal são pessoas em situação de rua, localizadas no centro do Recife. Assim, o projeto funciona a partir da lógica da Atenção Primária à Saúde e da Clínica ampliada e os alunos planejam e desenvolvem ações de saúde com temas voltados para este público.

No geral, são realizadas atividades como aferição da pressão arterial, medição de glicemia, cálculo de IMC, orientações e encaminhamentos para a rede de saúde pública. Além disso, com base numa escuta ativa qualificada, são produzidos materiais educativos e ações de saúde com temas específicos direcionados para o público-alvo, assim como divulgação e sensibilização sobre as necessidades das pessoas em situação de rua para a sociedade civil.

Para que isto seja possível, são realizadas parcerias e articulações com organizações governamentais e não-governamentais. Entre os impactos esperados, pode-se destacar a melhoria do acesso das pessoas em situação de rua aos serviços públicos de saúde, o reconhecimento dos direitos à saúde pelo público-alvo, o desenvolvimento de habilidades e competências culturais, clínicas e humanísticas na formação dos estudantes para o atendimento de pessoas em situação de rua e o reconhecimento da sociedade civil quanto às necessidades de saúde específicas do público-alvo.

Relato de Experiência

Início da pandemia e a criação do movimento #todospelarua

Em meados de 2019, o coletivo Unificados PSR atuava por meio de reuniões entre ONGs e algumas iniciativas individuais que apoiavam socialmente a população em situação de rua e de extrema vulnerabilidade social. Seu objetivo inicial era articular as redes de apoio e firmar parcerias para promover acesso das pessoas em situação de rua aos direitos fundamentais.

Assim que a pandemia e a emergência em saúde pública foram declaradas, o coletivo somou forças a outros atores (ONGs, universidades, movimentos sociais, empresas, sociedade civil voluntária e governo) para fomentar estratégias que pudessem minimizar a contaminação pelo SARS-Cov-2. O movimento foi denominado de #todospelarua.

A coordenação geral das ações, que mobilizou mais de 40 organizações que atuam com pessoas em situação de rua, nesse momento crítico, foi dos Unificados e garantiu pontos de higienização e distribuição de milhares de refeições para as pessoas mais vulneráveis dessa pandemia.

Um dos pontos estratégicos para a logística que mobilizou centenas de voluntários e ocorreu numa dimensão impressionante e inédita na cidade, foi um prédio cedido pela Unicap no coração do Recife, o antigo Liceu, na Rua da Aurora. Nesse momento, o ReconstRUA, foi chamado a unir esforços e se integrou ao movimento, tornando-se também um dos integrantes do coletivo Unificados.

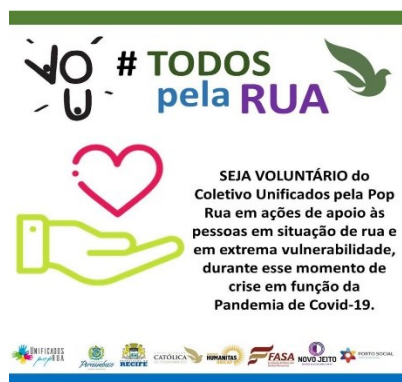


Figura 1: Postagem utilizada em redes sociais durante a pandemia.

Desse modo, o conjunto desses atores estruturou o ponto de higienização com a oferta de refeições à população que está atuante até os dias atuais. Por meio dessa ação, pessoas em situação de rua tiveram, e continuam tendo, acesso a insumos de higiene pessoal, banho, corte de cabelo, máquina para lavar roupas e o recebimento de doações de roupas limpas, calçados e cobertores. Além de ações e informações estratégicas de saúde, que serão descritas posteriormente.

Durante o período vigente do decreto que instituiu o *lockdown*, as atividades da ação não foram cessadas, pois esse apoio foi considerado pela prefeitura como um serviço essencial.

O ReconstrUA na pandemia e as atividades junto aos Unificados

As diretrizes governamentais sobre a prevenção da COVID-19, principalmente as orientações sobre higienização das mãos e isolamento em domicílio, evidenciaram a extrema desigualdade social em nossa cidade. Somando-se ao fato de que a maioria das orientações só estavam disponíveis para os letrados e aqueles com acesso à internet. E a população de rua?

A primeira ação do ReconstrUA, diante da paralisação das atividades presenciais e da incerteza do futuro próximo, foi selecionar, compilar e adaptar as informações de prevenção sobre a COVID-19 para a população em situação de rua e produzir folder em grande escala.

Neste momento inicial, as atividades estavam suspensas, entretanto o folder foi utilizado nas ações emergenciais do Consultório na Rua, Vigilância Epidemiológica e Centro POP, serviços governamentais voltados para população em situação de rua.

Entretanto, a crise sanitária que forçou o fechamento do comércio e levou pessoas a ficarem nos seus domicílios, reduzindo mais ainda o acesso das pessoas em situação de rua à alimentação, escancarou uma

crise humanitária e induziu uma mobilização social rápida dirigida pelos Unificados. E o ReconstRUA respondeu ao chamado para se unir ao grupo.



Figura 2: Folder produzido pelo ReconstRUA.

Dessa forma, no primeiro semestre de 2020, no período mais crítico da pandemia da Covid-19, as atividades do ReconstRUA somaram-se ao do grupo Unificados. O local de atuação passou a ser o antigo Liceu, ponto cedido pela Unicap para higienização e oferta de alimentação. Nesta fase inicial, ainda sem vacinação e com restrição do contato físico, as ações eram focadas nas orientações em saúde. Os principais temas abordados foram a prevenção da COVID-19 e mudança dos serviços de saúde por causa da pandemia. Também eram realizados acolhimento e escutas individuais para manejo de problemas específicos.

Uma atividade necessária para essas ações, que continuaram durante todo o processo, foi o monitoramento dos serviços de saúde que se reestruturaram para a pandemia. A prefeitura do Recife construiu um fluxo específico para pessoas em situação de rua, incluindo local para isolamento em caso de sintomas da COVID-19.

A comunicação entre os Unificados e os serviços assistenciais governamentais se estreitaram. E o ReconstRUA, junto com outros grupos e voluntários da saúde, se organizaram e repassavam as informações atualizadas para as pessoas em situação de rua, realizando articulações e encaminhamentos sempre que necessário.

Ações específicas da pandemia

O ReconstRUA, junto outros integrantes da comissão de saúde dos Unificados, contribuiu ativamente com o acesso das pessoas em situação de rua aos serviços específicos da COVID-19. Realizou identificação de casos suspeitos e encaminhamentos do PSR para testagem e isolamento nos abrigos.

Em parceria com o Consultório na Rua, equipamento governamental de atenção primária à saúde para pessoas em situação de rua, que também participou na organização e execução de ação de testagem para a COVID-19 que ocorreu no Liceu, reforçando o elo entre governo, universidade e sociedade civil.

A coordenação de saúde dos Unificados, da qual o ReconstRUA passou a fazer parte, participou da concepção da estratégia para a vacinação da população em situação de rua no Recife, que uniu esforços de entes governamentais e não-governamentais.

Os alunos participaram do processo de sensibilização, orientação e busca ativa dentro da ação, dos PSR para vacinação e ações contínuas

de sensibilização a lavagem das mãos (dinâmicas, demonstrações, banners), uso de máscara e importância do distanciamento social foram realizadas.

Ações de saúde e articulação com outros atores

De acordo com o avanço da vacinação e das possibilidades compatíveis com as orientações sanitárias locais, várias ações de saúde foram desenvolvidas no período de pandemia.

As ações de saúde foram planejadas de acordo com o calendário de prevenção do Ministério da Saúde (Janeiro branco, setembro amarelo, outubro rosa, novembro azul, dezembro vermelho, dentre outros) além de abarcar os principais agravos à saúde da população em situação de rua (tuberculose, doenças infecciosas e parasitárias, etc) e prevenção a contaminação pelo SARS-CoV-2.

Com o propósito de ampliar o acesso da população em situação de rua a diversos conhecimentos em saúde, ao mesmo tempo que se favorece a quebra de estigmas em relação à essa população, as ações são sempre idealizadas buscando parcerias governamentais e não governamentais. Nesse sentido, foram realizadas ações com outras Ligas e extensões universitárias da Unicap e outras instituições de ensino.

As ações incluem não só atividades relacionadas à Medicina (rastreios, prestação de cuidados e tratamento), mas também atividades relacionadas à promoção à saúde, tais como: angariação/distribuição de alimentos, instruções diversas e atividades que promovem o bem-estar e a autoestima, tais como: salão de beleza, distribuição de kit de higiene individual, máscaras de proteção, dentre outras.

Um dos desafios foi a criação de pequenos “espaços de acolhimento”, durante as ações, para possibilitar momentos mais íntimos em que as pessoas em situação de rua pudessem relatar suas angústias, necessidades e dificuldades. O acolhimento, faz parte de todos os encontros com

as PSR, implica na escuta, no reconhecimento do seu protagonismo no processo de saúde e doença, na responsabilização pela resolução e ativação de redes de compartilhamento, proporcionando um vínculo maior entre os envolvidos e uma maior adesão das PSR as orientações dadas.

Os problemas mais complexos e que demandam hospitalização, foram encaminhados e receberam orientações quanto ao direito, enquanto cidadãos, de serem atendidos pelo SUS, ainda que sem documentação ou terem residência fixa.

Percepções dos alunos sobre o ReconstRUA

O Projeto de Extensão auxiliou de forma significativa a formação dos estudantes envolvidos, contribuindo para a qualificação da formação humana dos graduandos do curso médico, uma vez que possibilitou a reflexão sobre a realidade das pessoas que vivem em situação de rua, através de um olhar ampliado do conceito de saúde. Concomitantemente, permitiu o desenvolvimento de ações que são instrumentos de resgate do valor da vida e da saúde, da cidadania e da dignidade humana, principalmente nesse cenário catastrófico desencadeado pela pandemia da COVID-19. Capazes de gerar autonomia e emancipação no contexto de exclusão social.



Figura 3: Parte dos alunos do ReconstRUA no retorno às atividades no Liceu.

Dessa forma, constatamos o cotidiano e as condições de vida das PSR e suas situações de risco e vulnerabilidade. Reconhecemos as limitações do acesso da PSR aos serviços de saúde, o que nos levou à reflexão acerca da escassez de cuidados destinados em uma crise pandêmica.

Com isso, visamos a promoção da discussão e busca de soluções nas experiências vivenciadas, no intuito de tornar o acesso as necessidades básicas mais inclusivas, gerar uma visão mais humanística e fortalecer as parcerias com grupos envolvidos em ações benéficas para esse público, criando uma rede de solidariedade, com significativa importância de efetivação de uma política pública intersetorial que os alcancem, com medidas concretas e efetivas nesses dias ainda mais difíceis.

Entender as necessidades das PSR e sobre o encaminhamento da rede de saúde foi enriquecedor para os alunos envolvidos em sua formação, fazendo do projeto um grande instrumento de aprendizado em atenção primária de forma integral e humanizada.

Considerações Finais

Para impedir a disseminação da COVID-19, as autoridades sanitárias orientaram: fiquem em casa. Mas eles não tinham para onde ir. A cidade em silêncio e as portas fechadas tornaram mais evidente a nossa crise social e humanitária: e sem dúvida, as pessoas em situação de rua são o elo mais frágil da nossa sociedade.

Ninguém deveria estar nas ruas, mas ali, estavam e ainda estão milhares de pessoas. Entretanto, a piora da profunda desigualdade social e o aumento da miséria não passaram despercebidos e induziu a maior mobilização social dos últimos tempos (quem sabe, a maior da capital Pernambucana).

Dirigida pelos Unificados, do qual o ReconstRUA agora faz parte, a experiência nos deixa uma certeza: muito foi feito, mas precisamos avançar na construção de uma cidade melhor.

A universidade tem um papel fundamental neste processo. Precisamos formar cidadãos no mundo e para o mundo, empenhados efetivamente na construção de uma sociedade mais justa.

Referências

HINO, Paula; SANTOS, Jaqueline de Oliveira; ROSA, Anderson da Silva. Pessoas que vivenciam situação de rua sob o olhar da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, São Paulo - Sp, v. 71, p. 684-682, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/reben/v71s1/pt_0034-7167-reben-71-s1-0684.pdf. Acesso em: 30 ago. 2020.

OLIVEIRA, Alison; GUIZARDI, FranciniLube. A construção da política para inclusão de pessoas em situação de rua: avanços e desafios da intersetorialidade nas políticas de saúde e assistência social.: avanços e desafios da intersetorialidade nas políticas de saúde e assistência social. **Rev. Saúde Soc.**, Distrito Federal- Df, v. 29, p. 5-9, 17 ago. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902020000300307&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 02 set. 2020.

VALE, Aléxa Rodrigues do; VECCHIA, Marcelo dalla. Sobreviver nas ruas: percursos de resistência à negação do direito à saúde. **Psicol. Estud.** [Online], Maringá, v. 25, n. 45235, p. 12-14, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4025/psicoles-tud.v25i0.45235..> Acesso em: 15 jul. 2020.

OLIVEIRA, M. A. C.; PEREIRA, I. C. Atributos essenciais da Atenção Primária e a Estratégia Saúde da Família. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, p. 158-164, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/5XkBTcLysW8fTmnX-FMjC6z/?lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2022.

PINHO, R. J.; PEREIRA, A. P. F. B.; LUSSI, I. A. P. Homeless, the world of work and the specialized reference centers for population in street situation (centro pop): perspectives on actions for productive inclusion. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 27, n. 3, p. 480-495, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cad-bto/a/S4yZL3jDCvjw4ztXFHNLpYN/?lang=en>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SILVA, S. S. *et al.* Coletivo Nós nas Ruas e Programa Corra pro Abraço: ações para o enfrentamento da Covid-19 em Salvador, BA, Brasil. **Interface (Botucatu)**, v. 25, n. 1, p. 1-13, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.200690>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SILVA, T. D.; NATALINO, M. A. C.; PINHEIRO, M. B. Medidas emergenciais para a População em Situação de Rua: enfrentamento da pandemia e seus efeitos. **Boletim de**

Análise Político Institucional, v. 25, p. 81-88, 2021. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10495/1/bapi_25_MedidasEmergPopRua.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

SCHUCH, P. F.; SARMENTO, C. S. Covid-19 e a população em situação de rua: da saúde à segurança pública? **[Internet]**. Rio Grande do Sul: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas; 2020 [citado 19 Mar 2021]. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/covid-19-e-a-populacao-em-situacao-de-rua-da-saude-a-seguranca-publica>. Acesso em: 15 abr. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Coronavirus disease (Covid-19). Coronavirus disease (Covid-19) pandemic [Internet]. Geneva: WHO; 2021 [citado 19 Mar 2021]. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>.

Boas práticas de extensão universitária - Técnicas de Terapias Integrativas

Márcio Botelho Pedrosa¹, Amanda Caroline Ferreira de Lima², Beatriz Medeiros da Silveira Barros², Bruna Raffaella Fialho de Farias², Larissa Almeida Dias², Larissa Milena Santiago dos Santos Gonçalves², Roberta da Silva Silvestre Nássario², Thalyta Marques dos Santos Silva²

Na cidade de Wuhan, China, no final do mês de dezembro de 2019, foi relatado o surgimento de uma pneumonia de rápida transmissão e fatal. Em março de 2020, foi decretada pela OMS a pandemia a nível mundial, resultante do surgimento e alastramento do novo coronavírus SARS-CoV-2.

A entrada do vírus em Pernambuco, de início, foi registrada através de casos de pacientes com relatos de viagem à Itália, que posteriormente tiveram contato com outras pessoas. Com o aumento dos casos, foram iniciadas medidas bastante rígidas, não farmacológicas, pelo fato de ainda não haver medicamentos para a cura da COVID-19.

¹ Professor do curso de Fisioterapia – Escola de Saúde e Ciências da Vida - Unicap

² Discentes do Curso de Fisioterapia – Escola de Saúde e Ciências da Vida - Unicap

Essas medidas resultaram no medo pela contaminação, da falta de medicamentos de tratamento contínuos nas farmácias e em buscas de medicamentos alternativos, por meio de notícias fraudulentas que circularam em redes sociais, aumentando a crise psicológica (ARMSTRONG et al, 2021).

A pandemia de COVID-19 suscitou ações de prevenção que impactaram fortemente a vida, a saúde e o trabalho. Entre elas, o distanciamento físico, o fechamento de setores da economia, a adoção do trabalho remoto e as medidas de higiene pessoal. Além das consequências biomédicas, a pandemia trouxe consigo desemprego, precarização das condições e vínculos de trabalho, aumento da jornada sem aumento dos rendimentos, custos adicionais para os trabalhadores e problemas psicoemocionais. (OLIVEIRA & RIBEIRO, 2021).

Nesse sentido, a COVID-19 trouxe sequelas significativas a nível da saúde psíquica e elevação ao risco de distúrbios inflamatórios e baixa do sistema imunológico: ansiedade, depressão, insônia, medo de doenças e comportamentos de risco são feedbacks da preocupação. Existem vários estudos sobre ansiedade, distúrbios do sono e depressão movidos por COVID-19.

Ademais, observou-se a relação entre doenças e fatores biomecânicos de risco no trabalho, principalmente na modalidade remota onde pode ocorrer ausência de pausas durante os períodos de trabalho, adoção de posturas inadequadas, a repetição e a constância da execução de movimentos, exigência pelo aumento da produtividade e o uso de mobiliário e equipamentos inadequados.

O pouco espaço dentro das casas, gerou um ambiente pouco favorável à mobilidade, propiciando uma diminuição ou suspensão de atividade física, tendo como desfecho o aumento do sedentarismo. Ademais, a depender de qual parte se faz mais esforço, apresentou posturas ou reações corporais, seja na esfera física ou psicossomática.

Tal como supracitado, percebeu-se, assim, a importância e necessidade de intervenções que promovessem uma saúde integral às pessoas. Na condição do momento pandêmico as práticas integrativas apresentam-se como instrumentos para a prevenção, manutenção ou auxiliar no tratamento das diversas patologias (BEZERRA, 2020).

As Práticas integrativas e complementares em saúde (PICS)

As práticas integrativas e complementares em saúde (PICS) têm por característica a utilização de recursos terapêuticos que visam à prevenção de doenças e a recuperação da saúde, dando enfoque, dentre outras coisas, ao acolhimento em forma de ausculta, a interpessoalidade, a interação e integração do ser humano com o ambiente e a sociedade a qual ele pertence (MINISTÉRIO DA SAÚDE).

As PICS englobam a qualidade de vida do indivíduo, entendendo-o como um ser completo, ultrapassando o olhar direcionado à patologia. O cuidado transcende a disfunção, objetivando atender a integralidade do ser humano. O que a difere da medicina tradicional. (BRITO 2021)

Dessa maneira, podemos afirmar que as PICS não são uma alternativa às terapias medicamentosas e, sim, uma terapia coadjuvante, pois, os tratamentos convencionais são mantidos, e algumas dessas medicações também possuem efeitos adversos, ou sintomatologia associada à própria terapia medicamentosa, neste caso, os tratamentos visam minimizar sintomas associados ou mesmo estimular a resposta do organismo no que se refere a melhoria no aspecto geral da saúde.

A medicina tradicional chinesa (MTC) foi criada a cerca de dois mil anos e foi se desenvolvendo ao longo do tempo. Atribui-se a MTC a forma

holística, bem como a integridade do indivíduo. Aumentando a resistência do corpo frente às doenças, corrobora na manutenção da saúde e no tratamento da doença. Para alcançar tais objetivos utiliza-se de um leque de terapias naturais, como, por exemplo: auriculoterapia, acupuntura, reflexologia podal, dentre outras. Estes métodos são de baixo custo e resultam em menos efeitos colaterais, podendo ser estendidos a um número maior de pessoas (LU-AI 2004).

Atendimentos à população a partir das PICS

As vulnerabilidades sociais incluem situação de pobreza e exposição à violência. O impacto econômico da pandemia, levando a aumento de desemprego e perdas financeiras, reduz ainda mais o acesso à renda e serviços para pessoas em situação de pobreza. Todo esse impacto social acabou gerando mais procura aos cuidados de saúde mais acessíveis como clínica escolas, clínicas populares, hospitais públicos, hospitais escola.

Durante a realização dos atendimentos pautados pelas PICS, realizados por discentes e docentes do curso de Fisioterapia da Unicap, foram evidenciados sintomas como dores de cabeça, alterações do sono, irritabilidade, indisposição, insatisfação, ansiedade e depressão.

Frente a esse contexto, as práticas integrativas desenvolveram estratégias com a finalidade de proporcionar melhoria na qualidade de vida de indivíduos em situação de estresse. Dessa maneira, alunos e professores realizaram nos atendimentos do projeto de extensão da Clínica Corpore Sano, da Universidade Católica de Pernambuco, atendimentos baseado nas PICS como Auriculoterapia Acupuntura e Reflexologia podal.

Auriculoterapia

A auriculoterapia consiste em um método que se utiliza do pavilhão auricular para auxiliar no combate às inúmeras enfermidades. Este método entende a orelha como um microssistema do organismo humano, em outras palavras, dentro deste pavilhão há pontos que correspondem a todo o corpo. Quanto aos efeitos de alívio algíco, a explicação se dá a liberação de neurotransmissores pela estimulação dos pontos correspondentes, onde o organismo, pelo processo de resposta neuro-humoral, induz a secreção de opióides, como a serotonina, endorfina e a encefalina, que são considerados analgésicos naturais.

Há estudos em que relacionam além da dor física estados emocionais, como por exemplo, o trabalho de Graça e cols (2020) que buscou identificar possíveis contribuições da auriculoterapia para a promoção da qualidade de vida de profissionais do sistema penitenciário no controle da lombalgia, ansiedade e estresse. Mesmo sem os sujeitos do estudo terem consumido analgésicos, anti-inflamatórios e calmantes. Os resultados mostraram que houve redução mais acentuada da intensidade dos sintomas no grupo intervenção, especialmente em relação ao estresse e lombalgia. Esta PIC é promissora tanto na parte física quanto na mental, promovendo uma melhor qualidade de vida ao indivíduo. (GRAÇA et al., 2020).

Dessa forma, os cuidados de promoção e prevenção foram um desafio por causa da pandemia do coronavírus (Lira et al, 2020). Entretanto, o tratamento com auriculoterapia, proporcionou alívio dos sintomas. O seu mecanismo de ação pela função somatotópica, devido à presença de células pluripotentes com informações de todo o organismo na orelha, pode ser utilizada em diferentes contextos de saúde. (CORRÊA et al, 2020).

Os estímulos dos pontos de acupuntura auricular e o protocolo de tratamento recomendado de forma individual, favoreceu uma melhora eficiente nos pacientes e a sua maneira simples obteve uma adesão aos pacientes em tratamento na clínica, visto que é apenas estimular os pontos que foram colocados pelo terapeuta, a fim de intensificar o tratamento e a resposta desejada que necessariamente é a redução da sintomatologia.

Acupuntura

A acupuntura é uma técnica milenar que utiliza de agulha ou moxas para aliviar a dor ou sintomas provenientes das doenças. As agulhas são postas sobre os pontos que seguem a linha dos meridianos, e esses meridianos são "linhas imaginárias" que possuem duas ramificações: uma externa tegumentar e a outra interna, das vísceras. No trajeto dos meridianos, se encontram os "acupontos", pontos da acupuntura onde se aplicam as agulhas. Que se utiliza de estímulos diretamente na pele através de agulhas em pontos específicos, denominados de acupontos, é considerada uma terapia reflexa, visto que o estímulo gerado sobre uma área imprime efeito sobre uma ou mais regiões. O estímulo nociceptivo é acionado (SZABO, 2001).

A dor, através da acupuntura, pode ser bloqueada através de dois mecanismos: a inibição da atividade de neurônios transmissores da dor ao nível medular, e ainda, pela inibição da aferência nociceptiva, através da ativação de sistemas supressores da dor supra-segmentar.

A prática da acupuntura, tem como objetivo melhorar o equilíbrio energético por meio da inserção de agulhas em pontos específicos do corpo, além disso, é descrita como uma terapia reflexa, pois, um estímulo que acontece em uma determinada área do corpo é sentida em outra área do

corpo por meio de um ponto e o meridiano daquele ponto. Um exemplo é o ponto 4 do meridiano intestino grosso, que está localizado no dorso da região tenar da mão, e possui algumas indicações, para cefaléia, constipação, problemas intestinais, dores em geral, cólicas menstruais, estimula a circulação de energia e promove uma sensação de bem-estar, entre outras. Bem como o estudo de AUSTIN e cols. (2013), sobre tratamento para lombalgia, onde o resultado foi que aqueles tratados com acupuntura melhoraram mais rapidamente, mostrando que a técnica tem bons resultados no alívio da dor lombar, economizando medicamentos e alcançando o retorno ao trabalho e à vida social. (AUSTIN, 2013).

Reflexologia podal

Ainda no âmbito da abordagem holística, outro mecanismo é a reflexologia podal. Esta técnica de massagem caracteriza-se por entender que cada parte do corpo, assim como suas funções, possuem um ponto reflexo específico no pé, partindo deste pressuposto, a técnica tem por objetivo a manipulação de tais áreas por intermédio de pressão alternada, possibilitando assim, eliminação de tensões, toxinas, redução da dor e capacidade do organismo de curar a si próprio.

A técnica traz benefícios no tocante a redução dos níveis de estresse, ansiedade, tensões e redução do quadro algico, promovendo relaxamento do corpo. Isso é possível devido ao estímulo gerado nas terminações presentes nos pés, resultando em uma resposta fisiológica oportunizando o reequilíbrio do organismo (PEREIRA,2017).

Esses estímulos causam mudanças fisiológicas, que promovem o reequilíbrio do organismo, trazem como benefícios ao corpo redução do estresse, tensão, ansiedade, dor, e relaxamento do corpo. Cujo trabalho

mostrou que ela foi capaz de promover impacto positivo na saúde nos aspectos relacionados à Síndrome de Burnout, fadiga, dor e relaxamento de professores. Mostraram uma redução significativa da síndrome de burnout e da fadiga desses profissionais, tornando este tratamento promissor nas áreas físicas do corpo e no mental. (PEREIRA et al., 2017).

Considerações finais

Em 2021, na Universidade Católica de Pernambuco, foi dado um passo importante de enfrentamento em plena pandemia, encarando um grande desafio do medo da transmissão para os nossos familiares, ao pegar no transporte público ou até mesmo através dos pacientes e colegas, onde essas causas geram ansiedade e até mesmo ambientes tensos. Porém, as práticas integrativas acabaram se tornando uma oportunidade, que se foi vista através da pandemia, a nos enxergar através dos pacientes e refletir sobre a saúde mental e o que ela acarreta na nossa vida. Promovendo uma experiência inexplicável, sendo um ponto positivo para estudantes como profissionais.

A fisioterapia como área da saúde que avalia, atua na prevenção, diagnóstico e tratamento de disfunções que alteram a qualidade de vida e oportunizam limitações e dores, se sobressai na utilização dos recursos advindos da MTC, sobretudo por valer-se das práticas integrativas e complementares (PICS), em concomitância a outros recursos próprios a esta ciência, para promover harmonização do estado de saúde do indivíduo (BRITO 2021).

Diante do exposto, as PICS oferecem benefícios a curto, médio e longo prazo, pois podem vir a diminuir os efeitos nocivos físicos e psicológicos causados pela pandemia (BEZERRA, 2020).

Assim, as práticas executadas tiveram respostas otimistas para os pacientes, quanto para os estudantes. Gerando aptidão no âmbito profissional. Esse grande aprendizado nos acordou para a realidade, a ponto que o amor ao próximo e a profissão falou mais alto e com resultados gratificantes. Esta vivência de atender e tentar melhorar a qualidade de vida dessas pessoas foi muito enriquecedora, mesmo que em tempos de pandemia, pois tudo foi feito com todos os cuidados necessários. Logo, isto não afetou o fato de viver esta experiência de Extensão Unviersitária.

Referências:

ARMSTRONG et, al. Urban mobility and COVID-19 in Brazil: Comparison between 2020 and 2021. **Rev. Assoc. Med. Bras.** 67 (9) Sept 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9282.20210570>. Acesso em: 19 mar. 2022.

AUSTIN, A. S. Eficacia del tratamiento acupuntural en pacientes con sacrolumbalgia de causa no neurológica. **Universidad de Ciencias Médicas**, Santiago de Cuba, Cuba. **ME-DISAN** 2013;17(12):9063.

BEZERRA, D. R. C., et al. Use of Integrative and Complementary Practices in the social isolation period of COVID-19 in Brazil. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 11, p. e1329119718, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i11.9718. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/9718>. Acesso em: 20 mar. 2022.

BRITO, S. F. L. et al. Analysis of the effects of auriculotherapy and wind therapy on the work performance of employees of a private educational institution in Teresina - PI. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 10, p. e33101017951, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i10.17951. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17951>. Acesso em: 19 mar. 2022.

CORRÊA, et al. Efeitos da auriculoterapia sobre o estresse, ansiedade e depressão em adultos e idosos: revisão sistemática. **Rev. esc. enferm.** USP 54 2020 DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2019006703626>. Acesso: 15 mar. 2022.

CORRÊA, C. A.; VERLENGIA, R. .; RIBEIRO, A. G. S. V.; CRISP, A. H. Níveis de estresse, ansiedade, depressão e fatores associados durante a pandemia de COVID-19 em

praticantes de Yoga. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, [S. l.], v. 25, p. 1-7, 2020. DOI: 10.12820/rbafs.25e0118. Disponível em: <https://www.rbafs.org.br/RBAFS/article/view/14288>. Acesso em: 20 mar. 2022.

GRAÇA B. C. et al. Uso da auriculoterapia no controle da lombalgia, ansiedade e estresse de profissionais do sistema penitenciário. **Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor**. BrJP. São Paulo, 2020 abr-jun;3(2):142-6

Lu, Ai-Ping et ai. Teoria da medicina tradicional chinesa e método terapêutico de doenças." **Revista Mundial de Gastroenterologia** vol. 10,13 (2004): 1854-6. doi:10.3748/wjg.v10.i13.1854.

PEREIRA R. M.et al. Saúde do Professor: A Reflexologia Podal promove impacto positivo? Anais X Epcc . **Unicesumar – Centro Universitário de Maringá**. ISBN 978-85-459-0773-2. 2017.

RIBEIRO & OLIVEIRA. Relações de trabalho e a saúde do trabalhador durante e após a pandemia de COVID-19.**Cad. Saúde Pública** 37 (3) 2021. DOI:<https://doi.org/10.1590/0102-311X00018321>.Acesso em: 19 mar. 2022.

RIBEIRO, J. C. et al. VENTOSATERAPIA: TRATAMENTO ALTERNATIVO PARA DIVERSAS AFECÇÕES. **Revista Saúde em Foco** – Edição nº 11 – Ano: 2019. Discentes em Estética e Cosmetologia Faculdade São Lourenço – UNISEPE – São Lourenço/MG.

SCOGNAMILLO-SZABÓ, et al. Acupuntura: bases científicas e aplicações. **Ciência Rural [online]**. 2001, v. 31, n. 6 [Acessado 20 Março 2022] , pp. 1091-1099. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-84782001000600029>>. Epub 03 Nov 2003. ISSN 1678-4596. <https://doi.org/10.1590/S0103-84782001000600029>.

ZHANG, et al. Prevalence of subhealth status and its effects on mental health and smartphone addiction: a cross-sectional study among Chinese medical students. **Rev. Assoc. Med. Bras.** 68 (2) • Feb 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9282.20210977>. Acesso em: 18 mar. 2022.

ZORLU, et al. Phobia of COVID-19 on people who aged 18 and older. **Rev. Assoc. Med. Bras.** 67 (10) Oct 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9282.20210657>.Acesso em: 18 mar. 2022.

O Processo de Criação e Implantação do Projeto FalaSUS

Alana Larissa Alencar da Silva¹, Ângela Menezes Silva¹, Adrielly de Oliveira Feitosa¹, Carlos Alberto Vieira da Silva¹, Chrystiane Ribeiro Pereira Gusmão¹, Guilherme Augusto da Silva¹, Juliana Lídia Garcia da Silva¹, Karolina Eduarda da Silva¹, Thayza Araújo Vieira¹, Steffany de Almeida Ferreira²

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Uma semana depois, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus, identificado o seu agente etiológico filogeneticamente classificado como SARS-CoV2 gerador de uma nova infecção nomeada de COVID-19 (WHO, 2020).

O Brasil confirmou o primeiro caso de COVID-19 em fevereiro de 2020 e, desde então, foram contabilizados até 29 de abril de 2022 cerca de 30.433.042 infectados e 663.410 óbitos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020; AIRES et al, 2020) que foram atendidos nos serviços de saúde públicos

¹ Acadêmicos em Enfermagem pela Universidade Católica de Pernambuco;

² Biomédica – UFPE; Enfermeira – UFPE; Docente em Enfermagem na Universidade Católica de Pernambuco.

e privados brasileiros. Nesse cenário, o SUS (Sistema único de saúde) configurou-se como primordial para identificar e assistir a população exposta ao vírus SARS-CoV2.

As manifestações clínicas são caracterizadas através da ação do vírus no trato respiratório, no qual é causado os seguintes sintomas: fadiga, sudorese, febre acima de 38°, dores no corpo, perda do paladar ou olfato, além de dispneia. A dispneia é causada pela tosse seca e constante, que afetam os infectados mais no período noturno. Porém o vírus também consegue acometer os sistemas neurológicos, cardiovasculares e gastrointestinais (alguns infectados relataram diarreia). Destacamos também que os infectados, em sua maioria, continuam com alguns sintomas voltados ao trato respiratório e que persistem, portanto, à necessidade da assistência em saúde nos acometidos mesmo após o tratamento devido às lesões causadas nos pulmões, maior foco do vírus devido a riqueza da vascularização (AIRES et al., 2020).

O vírus pode se espalhar da boca ou nariz de uma pessoa infectada em pequenas partículas líquidas quando tosse, espirra, fala, canta ou respira. Essas partículas variam de gotículas respiratórias maiores a aerossóis menores (GUSSO et al, 2020).

O isolamento social foi à medida adotada e aconselhada pela Organização Mundial de Saúde, comunidade científica e diversos governos ao redor do mundo como principal recomendação em defesa e combate na disseminação do SARS-CoV-2 (WHO, 2020). No Brasil, além dos desafios enfrentados na saúde, através da falta de recursos físicos, humanos e materiais do SUS, a magnitude da pandemia do COVID-19 desencadeou muitos outros problemas, incluindo os sociais e de educação (AIRES, 2020).

Decido à pandemia e as orientações de distanciamento social, a população se distanciou dos ambientes de trabalho, estudos e lazer, e passou a realizar essas tarefas no conforto do seu lar para se adaptar ao sistema

de quarentena que o governo federal juntamente com o ministério da saúde propôs como meio de estacionar o aumento do número de casos da COVID - 19.

Diante de todo o contexto citado, das determinações sanitárias visando conter a disseminação da pandemia e da necessidade de valorizar o Sistema Único de Saúde, bem como informar a comunidade acerca dos serviços disponíveis por este sistema, surgiu o Projeto de Extensão Universitária “FalaSUS”.

O Projeto de Extensão – Fala SUS

Diante de pesquisa feita pela UNIDERP, foi analisado que um projeto de extensão é extremamente importante para a carreira acadêmica pois através dos estudos que os estudantes irão realizar, eles podem levar os resultados para a população de forma muito positiva.

De todas as modalidades que o campus universitário dispõe, a extensão se destaca em relação as ações práticas, proativas e didáticas. Uma extensão universitária tem como principal objetivo levar o conhecimento teórico/prático sobre um determinado assunto, sendo esse objetivo benéfico para quem irá absolver a informação e de amplo aprendizado para quem dará a informação, seja dentro ou fora do campus universitário. Dessa maneira, os estudantes, além de enriquecer o seu currículo acadêmico, poderão desenvolver as suas habilidades de comunicação e contato com o público.

A extensão na educação superior brasileira é regulamentada segundo a Constituição de 1988, buscando estabelecer o vínculo entre universidade e sociedade, fazendo assim, parte do tripé acadêmico, junto com a pesquisa e o ensino, visando desenvolver democracia, equidade e ética. Assim, a extensão é uma forma de ensino e aprendizagem que instiga os acadêmicos a buscar o conhecimento sobre a realidade de inúmeras

questões sociais (SILVA & KOCHHANN, 2018; STEIGLEDER, ZUCCHETTI & MARTINS, 2019; PIAGGE ET AL., 2021) tentando entendê-la e transformá-la.

Em 1998, elaborou-se a proposta do Plano Nacional da Extensão (PNE), a qual defendia a extensão com um viés acadêmico, indo em contrapartida com suas ações anteriores, como a prestação de serviços. O Plano Nacional de Extensão Universitária, criado em 2001, aborda que as atividades da extensão visam transformações de cunho social e de interesse acadêmico, validando assim, a extensão como colaboradora da formação de alunos e professores, através de atividades voltadas para a sociedade (PIAGGE *et al.*, 2021).

Considerando que a extensão universitária é um processo educativo, cultural e científico que articula, de forma indissociável, o ensino e a pesquisa e viabiliza uma relação mútua e transformadora entre a Universidade e a sociedade (CIRÍACO et al., 2020; AIRES et al., 2020), foi observada uma oportunidade de Extensão universitária a identificação de falta de informações acerca da dimensionalidade do SUS e o seu uso por parte da sociedade.

O projeto Fala SUS foi idealizado por um aluno de enfermagem do 5º período e logo em seguida, formou-se um grupo de alunos para elaborar um projeto da extensão. Após concluir a disciplina de Parasitologia e Saúde Pública, este aluno ficou sensibilizado com a temática e sentiu a necessidade de ampliar e levar o conhecimento para os usuários do Sistema Único de Saúde - SUS.

Nesse sentido, esse projeto de extensão visa esclarecer aos usuários seus direitos e quais serviços estão à disposição da população. Segundo o depoimento de um dos alunos fundadores do projeto

O nosso sistema único trabalhou incansavelmente, 24hrs por dia, sem fechar, sem pausa, tratando de todas as pessoas de cada bairro e muni-

cípio, alguns desses profissionais também perderam as suas vidas enquanto estávamos em nossas casa. O SUS simplesmente carregou e suportou tudo isso. Então, resolvi criar o “FalaSus” com um único e principal objetivo que é levar informação sobre os direitos e deveres dos usuários do SUS, enaltecendo esse sistema de saúde, fazendo com que as pessoas se sintam protegidas e empoderadas sobre cada direito dentro do sistema de saúde, mostrando também, o reconhecimento dos profissionais do SUS, dando credibilidade e valorização.

Assim, o FalaSUS é um projeto de extensão onde os alunos, além de pesquisar, analisar, buscar e compreender fatores, eles também levarão esses resultados de volta para a sociedade em forma de informação e conscientização.

A ideia do projeto extensionista: da necessidade à realidade

A reunião para elaboração do projeto foi realizada de forma presencial, seguindo todos os protocolos de cuidados com a transmissão da COVID-19: Utilização de máscaras N95 durante todo o andamento da reunião, o distanciamento social de 1,5m, higienização das mãos com álcool 70%, proibição do compartilhamento de qualquer tipo de material, determinação de que não seria permitido realizar refeições durante e as máscaras apenas seriam retiradas para a ingestão de água.

Nesses encontros, os participantes contribuíram com seus conhecimentos através de pesquisa e estudos direcionados para o preenchimento dos critérios de criação de extensão. Assim, foram debatidos o que, onde e de que forma seria trabalhado para alcançar os objetivos da extensão.

Todos os trâmites para aprovação do projeto se deram durante o período de isolamento social, e no final do ano de 2021 foi aprovado, de maneira que início das atividades aconteceu no início do ano de 2022.

O modelo remoto causou insegurança em muitos estudantes, visto que os mesmos não esperavam por essa nova adaptação e logo não se identificaram com o ensino a distância. Diante desse “novo” cenário de ensino, os estudos ficaram a desejar e os estudantes desmotivados no processo do aprender. A construção de um novo projeto que despertasse interesses e expectativas ajudou a trazer esses estudantes para o foco e deu a eles os motivos de estarem cursando uma graduação.

A integralidade é um dos princípios do SUS que enfatiza a busca por uma assistência à saúde que transcenda as práticas curativas, para assim contemplar o indivíduo em todos os níveis de atenção e considerando o sujeito inserido em um contexto social, cultural e econômico. A equipe multidisciplinar é essencial dentro de qualquer unidade hospitalar, pois favorece na prestação de um atendimento completo e assim uma prestação de serviço com integralidade ao cliente.

Assim, tendo em vista que o projeto FalaSUS buscar falar sobre todo o andamento desse sistema, foi necessário a ingressão de membros de cursos de saúde distintos, para que a integralidade seja praticada na construção do projeto e possa ser aperfeiçoada até o momento de transferir essas informações para o nosso público

Ao saber da publicação do edital fiquei muito animada e esperançosa, nunca havia participado de um projeto de extensão e vi no Fala SUS uma grande oportunidade de ter essa primeira experiência. Fiz minha inscrição já pensando nas responsabilidades, principalmente pelo fato de ser direcionado à um assunto imensamente importante, o Sistema Único de Saúde, abraçar essa oportunidade de levar à informação para a sociedade acadêmica e externa da universidade foi considerado, para mim, um grande desafio.

Todo o processo seletivo foi realizado de forma remota com realização de análise do histórico escolar e prova formulada pelo Google Forms. Respeitando a normatização do retorno presencial pela universidade que estabeleceu o retorno das atividades presenciais para dia 14 de março de 2022, conforme se estabelecesse a diminuição dos contágios e sem o sistema de saúde estar sobrecarregado.

A execução do Projeto

Mas como construir, disseminar e discutir o conhecimento produzido dentro das Universidades perante as realidades e necessidades sociais do país diante do isolamento social imposto pelo COVID-19? Como desenvolver um projeto de extensão voltado para fornecer informações acerca do SUS que transpõe suas ações para além do enfrentamento do COVID-19, considerando as determinações de confinamento e atividades remotas?

A alternativa encontrada para manter as atividades em funcionamento e respeitar as medidas preventivas foi a utilização cada vez mais frequente de tecnologia remota, como o Google Classroom, Kahoot, Zoom, Google Meet, que priorizaram o resguardo da saúde aos indivíduos que se encaixavam no grupo de risco, além de não causar atrasos nos cronogramas acadêmicos.

Essa adaptação nos “encontros” trouxe seus benefícios, tanto nos aspectos da saúde de cada indivíduo já que havia a necessidade em se manter o distanciamento social, como na facilitação de encontros para realizar reuniões e aulas. Os estudantes conseguiam acompanhar reuniões de qualquer lugar e resolver de forma mais rápida e prática documentações e qualquer situação burocrática

Para a efetividade das ações, foi necessário a construção de redes digitais para que as informações pudessem chegar ao público, ou pelos menos para parte dele. As homepages em redes sociais que alcançavam um grande número de pessoas foi a plataforma mais utilizada para iniciar as apresentações e objetivos da equipe.

Realizou-se uma análise ao longo das postagens para que fossem colhidas as informações quanto ao alcance de público, a melhor forma de postagem, onde gerava mais visualização e quais os melhores dias e ho-

rários para realizar essas publicações. Com isso, foi determinada a divisão de funções dentro do projeto e uma comissão para mídia e divulgação foi criada, dando o andamento as publicações educativas e sempre dando atenção aos dados referentes ao público.



Figura 1 – Postagem do Projeto no Instagram

Assim, foram realizadas palestras através do Google Meet, cards e vídeos informativos nas redes sociais, e de forma presencial, roda de debates em escolas e promovendo uma conversa direta com os usuários (enquanto aguardam atendimento) das unidades de Atenção Primária à Saúde, podendo ainda estender o campo de atuação para escolas e campus universitário.

Considerações finais

O processo de construção do projeto FalaSUS foi enriquecedor para trajetória acadêmica e um amadurecimento profissional dos alunos, visto que os discentes envolvidos nessa construção tiveram que realizar uma

ampla pesquisa acerca de toda atuação do Sistema Único de Saúde (SUS) na sociedade brasileira. Essas pesquisas foram enriquecidas com base nas análises da pesquisadora Margareth Dalcolmo (ENSP/Fiocruz) que contempla a relevância do SUS evidenciado pela pandemia da COVID-19.

Toda a construção do projeto foi desenvolvida em um período pandêmico e de novas mudanças de hábitos, algo que despertou ainda mais o desejo de falar sobre o SUS e sanar as dúvidas da população, tal como afirma um dos participantes:

O projeto foi criado em meio a pandemia, e hoje, estamos com grupo montado devido ao processo seletivo. Hoje, conseguimos obter uma visibilidade muito grande nas redes sociais e estamos aguardando ações de forma presencial com o único objetivo, garantir conhecimento de forma didática para cada usuário.

Diante das pesquisas realizadas, foi analisado que era de suma importância transferir para a população todas as informações sobre o SUS e não apenas as que diziam a respeito em âmbitos hospitalares, já que nesse processo de pandemia era de suma importância entender também qual era o papel do SUS na construção da única defesa que teríamos contra o vírus da COVID-19: A vacina.

Compreender qual foi a importância do SUS nesse processo, saber a importância do investimento público nisso e como a ciência era extremamente importante, fizeram com que os alunos envolvidos almejassem ainda mais alertar a população para entender, proteger e defender sempre esse sistema que cuida integralmente de todos nós.

Todas essas questões reconecta o estudante o desejo de aprender e o prazer de partilhar o que sabe com a população. Tendo em vista que a construção profissional de um estudante de saúde é embasada por partilha de informações, o FalaSUS amadurece os membros para que no

futuro os profissionais estejam preparados para melhor atuar junto à sociedade.



Figura 2 – Atendimento do FalaSUS na Semana de Integração Universidade católica e Sociedade. Fonte: <https://www.instagram.com/projetofalasuk/>

Atualmente o Projeto de Extensão FalaSUS, está em atividade, (Figura 2) realizando pesquisa, produção e divulgação de conteúdo além de planejamento para próximas ações. Além disso, com a diminuição do distanciamento social, diversas ações presenciais estão sendo realizadas, tendo como destaque a Semana de Integração Universidade Católica e Sociedade e ações junto a diversos públicos da sociedade.

Referências

AIRES et al.; **A extensão universitária frente ao isolamento social imposto pela COVID-19**. Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 6, n. 9, p. 72999-73010, sep. 2020. ISSN 2525-8761.

Nunes, RKS. et al. **Desafios e adaptações da extensão universitária em tempos de pandemia: relato de experiência**. Revista Ciência Plural, 2021; 7(1):211-223;

SOUSA, MNA; MACÊDO, AFF; MACÊDO, HJR. **Conhecimento de alunos da educação de jovens e adultos sobre direitos enquanto usuários do SUS**. C&D- Revista eletrônica de Fainor, Vitória da Conquista, v.7, n.1, p.199-210, 2014

MELO NETO, J. F. de. **Extensão universitária e produção do conhecimento**. [João Pessoa]: Ed. Universitária UFPB, 2003.

SERRANO, R. M. S. M. **Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire. Pró-reitoria de extensão e assuntos comunitários-PRAC. João Pessoa, 2006**. Disponível em: <https://bit.ly/3ikGxYp>. Acesso em: 2 jul. 2020.

MENDONÇA, S. G. L.; SILVA, P.S. Extensão Universitária: Uma nova relação com a administração pública. **Extensão Universitária: ação comunitária em universidades brasileiras**. São Paulo, v. 3, p. 29-44, 2002.

SÍVERES, Luiz. O Princípio Da Aprendizagem Na Extensão Universitária. In: SÍVERES, Luiz (Org.) **A extensão universitária como princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber, 2013.

Gusso, H. L., Archer, A. B., Luiz, F. B., Sahão, F. T., Luca, G. G., Henklain, M. H. O., & Gonçalves, V. M. (2020). Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. **Educação & Sociedade**, 41, 1-27.

WHO, world health organization, São Paulo, v. 3, p. 29-44, 2020. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_1

LEVISON, Matthew E. **Uma doença sistêmica de múltiplos órgãos**. Faculdade de Medicina da Universidade Drexel, 14/02/2021

Magalhães, A. J. A., Rocha, M. H. A., Santos, S. C., Dantas, C. B., Manso, G. J. M. C., & Ferreira, M. D. A. (2020). O ensino da anamnese assistido por tecnologias digitais durante a pandemia da COVID-19 no Brasil. **Revista Brasileira. Educ. Med.**, 44, 1-7.

Caminhos entre universidade e prática profissional: os desafios da assistência técnica gratuita em tempos de pandemia

Yuri Nascimento Paes da Costa¹; Gabriela Maria Damasceno Cabral²; Carmen Lucia Borba Cavalcanti³

O censo brasileiro divulgado em 2011, traz dados desconcertantes: a cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco, no nordeste brasileiro, possui a 5ª maior concentração de favelas do país. Um total de 852 mil pessoas vivem em habitações com pouca estrutura e tendo que lidar com baixa renda e com infraestrutura urbana precária. O censo revela, ainda, que cerca de 102.271 habitações estão irregulares, ou seja, foram construídas ou reformadas desrespeitando normas de construção da cidade.

Os estudos de Miranda e Moraes (2007) ainda apontam que a cidade do Recife concentra quase metade das necessidades habitacionais da

¹ Especialista em Direito Urbanístico e Ambiental pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Graduando do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: yuri.2017150774@unicap.br

² Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: gabriela.2017150200@unicap.br

³ Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: carmen.cavalcanti@unicap.br

grande área metropolitana, denominada Região Metropolitana do Recife (RMR), e, no ano 2000, cerca de 592 mil habitantes (42% da população do Recife) residiam em 150 mil domicílios situados em áreas de baixa renda e de urbanização precária.

A situação é agravada quando se tem um déficit de 177.896 (cento e setenta e sete mil, oitocentos e noventa e seis) habitações em 2020, e uma projeção de até 233.162 (duzentos e trinta e três mil, cento e sessenta e duas) unidades até 2030 de acordo com a Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias (ECCONIT, 2021).

Este cenário aponta que as atuais visões para produção de habitação na cidade com fins de proteger minorias sociais e dirimir o déficit habitacional necessitam de mais contribuições para diversificação das opções, uma vez que o que está posto atualmente nas políticas de habitação e na lógica do mercado imobiliário não é o suficiente para alcançar uma cidade mais equilibrada e democrática para os cidadãos.

É nesta direção que surge a Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social (ATHIS), serviços técnicos de arquitetura e urbanismo, engenharia, geografia, necessários à garantia do direito à moradia digna das famílias de baixa renda. A Assistência Técnica atualmente é garantida pela lei federal brasileira de número 11.888 (2008) e garante ajuda especializada de arquitetos, engenheiros e urbanistas para famílias que tenham renda mensal de até três salários-mínimos.

A ATHIS, pode ser também entendida como um processo de autoconstrução auxiliada por arquitetos e urbanistas no Brasil, contudo, esse fenômeno não é recente na história do país. Os primeiros momentos deste tipo foram registrados ainda na década de 30 e nos anos subsequentes, esses processos foram erráticos: sobreviveram ao regime ditatorial, mas quase não resistiram aos efeitos do neoliberalismo na América Latina.

Atualmente no Brasil, o processo da autoconstrução auxiliada por arquitetos e urbanistas têm buscado por novos caminhos, tanto na edição de novas leis que regulamentem esta ação, como iniciativas dos governos locais, no terceiro setor da economia e nas universidades como projetos de extensão ou até mesmo como objeto de especialização e residência em arquitetura social.

Dentre estes novos caminhos, o Projeto Arquitetura Aberta foi durante parte do ano de 2020, absorvido pela Universidade Católica de Pernambuco como proposta de Extensão Universitária, envolvendo professores e nove alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo em ação de ATHIS, perante a comunidade João de Barros, na área do centro continental expandido do Recife.

Neste sentido, o objetivo desta pesquisa é verificar quais foram os obstáculos encontrados pelo Arquitetura Aberta durante a aplicação de sua metodologia de ATHIS na comunidade João de Barros durante o período mais crítico da pandemia do Covid-19, o ano de 2020.

Com o intuito de alcançar nossos objetivos, basearemos nossos estudos em Santos (2014), além dos estudos de cidades mais coletivas de Richard Rogers (2015) e extensão universitária em ATHIS de Gordilho-Souza (2020). A pesquisa utilizará ainda a metodologia qualitativa de caráter descritivo, segundo orientações de Serra (2006), este tipo de pesquisa permite conhecer e descrever um objeto de estudo de forma mais aprofundada, buscando exaurir o conhecimento sobre os temas escolhidos para a pesquisa. Também utilizaremos a análise dos processos de assistência técnica executados pelo projeto Arquitetura Aberta, responsável pela assistência técnica para habitação de interesse social em duas comunidades de baixa renda na cidade do Recife (Brasil).

Assistência técnica gratuita como ferramenta de extensão universitária

O incremento populacional das grandes cidades brasileiras, originário do processo de industrialização com baixos salários, trouxe consigo uma série de problemas de moradia, e as iniciativas públicas criadas como resposta a esta problemática nunca chegaram a solucioná-la de forma satisfatória (SANTOS; 2015).

A batalha pela criação de uma assistência técnica gratuita, direcionada às habitações de famílias mais pobres, têm um longo trajeto. Começou em meados de 1970, através das ações de um grupo de arquitetos no Sul do Brasil, dentre estes, Carlos Maximiliano Fayet. Fayet foi responsável pela criação do ATME - Assistência Técnica à Moradia Econômica (SANTOS, 2015).

Nas décadas seguintes, Clóvis Ilgenfritz, político e arquiteto brasileiro, iniciou um primeiro projeto de lei que fez com que o Estatuto da Cidade certificasse a assistência técnica gratuita como uma das formas de se aplicar, adequadamente, as funções sociais das cidades e das propriedades urbanas (SANTOS, 2015).

Em 2006, o projeto de lei foi aprovado pelo poder legislativo brasileiro e promulgado em 2008, constituindo a Lei Federal 11.888, conhecida como Lei de Assistência Técnica Pública e Gratuita para o Projeto e a Construção de Habitação de Interesse Social. Ela entrou em vigor no ano seguinte e, hoje, trata-se de uma conquista em direção a moradias mais dignas no Brasil.

De acordo com o corpo de lei, a ATHIS é responsável pela criação de projetos de casas populares, melhoria de imóveis já existentes e regularizações fundiárias. As famílias beneficiárias podem viver tanto em áreas urbanas quanto rurais, mas precisam ganhar menos que três salários-mínimos.

Trata-se de uma política que garante habitação adequada e sustentável à população de baixa renda, além de ainda ser responsável pela criação de novos ciclos econômicos no comércio local, gerando renda e campos de trabalho na área da construção. A Assistência Técnica também se enquadra perfeitamente nos conceitos de sustentabilidade e nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS-11), uma vez que influencia diretamente a melhora da qualidade de vida e diminui os gastos com saúde pública associados às condições de salubridade da habitação.

A ATHIS também necessita ser interpretada como um tripé fundamental onde há a presença obrigatória de 3 atores: o poder público (representado pela municipalidade), a assessoria técnica (corpo capacitado à elaboração dos projetos, podemos incluir arquitetos e urbanistas, engenheiros, advogados, topógrafos, agentes de serviço social, psicólogos e demais profissionais que se enquadrem nas necessidades dos moradores) e a população (representada por movimentos sociais, associação comunitária e de moradores, etc.). Uma vez constituído esse trinômio, haverá sempre a materialização da ATHIS e o processo de melhoria habitacional completará seu ciclo sem maiores entraves.

O trabalho com a ATHIS envolve trabalhos de diversos profissionais além do arquiteto, urbanista e do engenheiro, e pode ser desenvolvido também dentro de uma escala ecológica global maior, com investigação, educação e assistência técnica dos profissionais das ciências ambientais. Coadunando-se a questões de utilização de matéria prima local, reuso de materiais de construção, restauração de objetos e estratégias passivas de conforto climático.

A efetivação da política de Assistência Técnica de Interesse Social (ATHIS) pode ser uma ferramenta importante na solução das condições de habitação da população de baixa renda, uma vez que busca auxiliar num processo já existente de autoconstrução. A assistência técnica realiza entrevista com as famílias que necessitam de projeto de melhoria

das suas casas, investiga o perfil dos habitantes, seus desejos, gostos e necessidades. A ATHIS também pode ser responsável por auxiliar o processo de regularização fundiária, também é capaz de orientar melhoria de infraestrutura, esgoto e distribuição de água potável.

Esses valores de melhorar as condições de habitação de população de baixa renda das grandes cidades pode ser também uma estratégia de desenvolvimento sustentável, já que, segundo Rogers (2015), “metade da população mundial vive em cidades e num prazo de 30 anos, esta proporção poderá atingir até três quartos dos habitantes no planeta”.

A questão da melhoria da habitação da população de baixa renda nas grandes cidades da América Latina é um desafio para o desenvolvimento sustentável, uma vez que é preciso descobrir formas de retirar cidadãos da condição de pobreza extrema e ao mesmo tempo fornecer a eles moradias dignas, possibilidade de desenvolvimento sem degradar o meio ambiente. Para Rogers (2015), devemos “atender às nossas necessidades atuais sem comprometer as futuras gerações e conduzir ativamente nosso desenvolvimento em favor da maioria do mundo – os mais pobres”.

Já sobre a aproximação entre as práticas de ATHIS com a extensão universitária, Carvalho et al (2013) destaca que ainda na década de 1990, as universidades de arquitetura e urbanismo começaram a se mobilizar em diversas iniciativas de assistência técnica, com a criação de escritórios modelos e sistemas mutirões com participação popular.

Nos últimos cinco anos, vem se assistindo também, diversas iniciativas pelo país com o intuito de aproximar universidades e o campo de atuação de ATHIS, como é o exemplo da Residência em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia da Universidade Federal da Bahia, e o Laboratório Arquitetura Responsável (LAR) que atua sob a chancela do Centro Universitário SENAC em São Paulo. Outras iniciativas como o ATHIS, na Baixada Paulista com subsídios do CAU/SP e Instituto Pólis com apoio

da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (FAU USP), também tem contribuído com as discussões necessárias para aproximar estudantes e acadêmicos de arquitetura e urbanismo da prática da arquitetura social, com cursos e programas de treinamento para atuação em ATHIS.

Ainda nesta senda, é importante ressaltar o papel social das universidades brasileiras para a formação de futuros profissionais de arquitetura e urbanismo com conhecimento crítico e aproximado da realidade. Aliar extensão universitária com a prática de ATHIS contribui não só na produção acadêmica e técnico-científica, mas também na formação de uma natureza educativa para “fora dos muros”, em diálogo direto com as necessidades da sociedade e aprendizado coletivo (GORDILHO-SOUZA, 2020).

A aproximação das universidades de arquitetura e urbanismo com a realidade, se prova ainda mais necessária, quando se percebe que até então, a academia tem se ocupado de formar profissionais que atendem a uma parcela mínima da população brasileira. O mercado de trabalho não tem capacidade de absorver o quantitativo de profissionais que se formam todos os anos, quando apenas 7% dos brasileiros contrataram serviços de um arquiteto e urbanista (CAU/PE, 2015), portanto, a incubação do Arquitetura Aberto dentro da Extensão Universitária da Universidade Católica de Pernambuco está diretamente alinhada com os novos caminhos apontados dentre os debates mais atuais das universidades de arquitetura e urbanismo do país.

Metodologia arquitetura aberta

O projeto Arquitetura Aberta foi idealizado pela arquiteta e professora do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pernambuco, Carmen Cavalcanti. A idealização do Arquitetura Aberta teve

como origem os trabalhos desenvolvidos pela arquiteta junto à população de baixa renda da cidade do Recife. Importante salientar que o Arquitetura Aberta também é definido como um escritório de arquitetura social, uma vez que desenvolve projetos de arquitetura para comunidades de baixa renda.

A Arquitetura Aberta surgiu também após a constatação de um dado preocupante: uma pesquisa realizada pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo, (CAU/PE, 2015) revelou que apenas 7% (sete por cento) das famílias brasileiras já utilizaram serviços de um arquiteto e urbanista. Tal informação revela a necessidade da disseminação do serviço arquitetônico e uma alternativa de atuação no mercado de trabalho. No Recife, os índices são ainda piores, cerca de 92% da população não utiliza serviços de arquitetos e urbanistas para reforma e construção das suas casas (CAU/PE,2015).

Esse resultado evidencia a urgência para programas de arquitetura de caráter social no país, seja pela real demanda ou pela obrigatoriedade do atendimento a Lei Federal nº 11.888 de 2008 (Lei da Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social), que assegura o direito das famílias de baixa renda à assistência técnica pública e gratuita.

O marco inicial das atividades do Arquitetura Aberta foi como um projeto de impacto para as comunidades de baixa renda e voltado para qualidade de vida dos moradores destas localidades, oferecendo também a oportunidade de desenvolver habilidades para execução do próprio projeto, tipo “faça você mesmo”.

Neste sentido, a atuação do Arquitetura Aberta aconteceu em duas áreas da cidade do Recife onde habitam populações de baixa renda: Conjunto Habitacional Padre José Edwaldo e Comunidade de João de Barros. Nas duas oportunidades, o Arquitetura Aberta contou com a coordenação geral da professora e arquiteta Carmen Cavalcanti, que tam-

bém supervisionou uma equipe constituída de arquitetas colaboradoras, equipe de engenharia e estagiários de arquitetura e urbanismo estudantes da Universidade Católica de Pernambuco.

O Arquitetura Aberta também está alinhado ao ensino, a pesquisa e a prática uma vez que a Universidade Católica de Pernambuco assimilou o Arquitetura Aberta como uma oportunidade de Extensão Universitária, a qual entende que “é um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade”.

O primeiro passo da metodologia do Arquitetura Aberta é o cumprimento da própria lei que regula a Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social (ATHIS), a lei 11.888/2008, que assegura o direito das famílias de baixa renda à assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação de interesse social, como parte integrante do direito social à moradia. A legislação fornece os parâmetros para a atuação do Arquitetura Aberta, é a partir do dispositivo de lei que alguns temas abordados pelo Arquitetura Aberta podem ser desenvolvidos como: projetos de arquitetura, educação ambiental, reciclagem, reuso de materiais, por exemplo.



Figura 1. Segundo passo da metodologia, o atendimento individualizado e entrevista com moradores.

Fonte: Acervo Arquitetura Aberta, 2019.

O segundo ponto da metodologia do Arquitetura Aberta é o atendimento individualizado e personalizado com cada morador para criação do seu projeto arquitetônico, o intuito é fornecer um serviço técnico mais próximo das necessidades do morador. Essa aproximação é fundamental na metodologia, uma vez que, costumeiramente, as produções de habitação social no Brasil possuem um caráter massificado, sem diversidade tipológica e sem atender os interesses das famílias que irão habitar aquelas moradias. O resultado dessa massificação, muitas vezes, é o abandono das moradias e retorno às condições anteriores ou reformas irregulares nos imóveis, com avanço da propriedade privada no espaço público e comprometimento das infraestruturas urbanas.



Figura 2. Terceiro passo da metodologia, oficinas temáticas para os moradores.
Fonte: Acervo Arquitetura Aberta, 2019.

O terceiro passo dentro do processo do Arquitetura Aberta é o desenvolvimento de habilidades dos moradores participantes das ações da ATHIS, com o intuito de fortalecer seu capital humano e social. Para tanto, o Arquitetura Aberta realiza oficinas com temas relacionados à educação ambiental e sustentabilidade como: reutilização de resíduos, ampliação da vida útil dos bens materiais e confecção de produtos para uso próprio ou oportunidade de negócio. A intenção primordial é fortalecer o vínculo entre os moradores e o processo de mudança oferecido pela ATHIS.

O último passo na metodologia do Arquitetura Aberta é a mobilização dos moradores através do que se intitula de formação de “Agentes Comunicadores”, neste momento, o objetivo é envolver jovens da própria comunidade beneficiada na narração da transformação que vivenciam. Essa ação ocorre paralelamente e apresenta como resultados habilidades e produtos comunicacionais desenvolvidos entre os jovens da comunidade.

Importante destacar que a metodologia do Arquitetura Aberta foi integralmente aplicada no Conjunto Habitacional Padre José Edwaldo, contudo, em virtude da pandemia do covid-19, a metodologia enfrentou obstáculos para ser aplicada na comunidade ZEIS João de Barros, os desafios encontrados e possibilidades vislumbradas neste processo serão apresentadas no próximo item do presente estudo.

As experiências do Arquitetura Aberta como escritório de Assistência Técnica (ATHIS) indicam que é possível melhorar as condições de habitação da população de baixa renda da cidade do Recife e, ao mesmo tempo, formar uma consciência ecológica nos habitantes. As oficinas realizadas com materiais reciclados, com técnicas não poluentes, comprovam que a população está pronta para introduzir no seu cotidiano práticas mais sustentáveis, no entanto, é preciso dizer que ações pontuais não irão solucionar as questões como um todo.



Figura 3. Quarto passo da metodologia, formação dos Agentes Comunicadores.
Fonte: Acervo Arquitetura Aberta, 2019.

Com os objetivos da ODS-ONU sempre como um elemento no processo de ATHIS é que será possível ampliar a ideia que Rogers (2015) fala, “uma redefinição de riqueza para incluir o capital natural: ar limpo, água potável, camada de ozônio efetiva, mar sem poluição, terra fértil e diversidade de espécies”. O objetivo final deve sempre ser um desenvolvimento econômico e urbano sustentável, legando para as gerações futuras uma reserva de capital natural igual ou maior do que a nossa própria herança.

Desafios e possibilidades da assistência técnica gratuita em tempos de pandemia

Em setembro de 2019, o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Estado de Pernambuco (CAU/PE), lançou o edital 01/2019 para processo seletivo de concessão de patrocínio em Assistência Técnica de Habitação de Interesse Social (ATHIS) que teve como localidade escolhida para as ações, a Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) João de Barros, situada no bairro de Santo Amaro, Recife/PE. O edital lançado previu a prestação de serviços técnicos de arquitetura e urbanismo voltados à promoção de melhorias de 50 (cinquenta) unidades residenciais da ZEIS João de Barros, com objetivo de otimizar e qualificar uso e aproveitamento racional do espaço edificado e de seu entorno.

O edital 01/2019 teve como subsídio o total de R\$ 40 mil (quarenta mil reais) e o recurso foi captado a partir de uma parceria entre o CAU, a Prefeitura do Recife, com o intermédio da Autarquia de Urbanização do Recife (URB) e a Comunidade Interdisciplinar de Ação, Pesquisa e Aprendizagem (CIAPA/ UFPE). A proposta de atuação do projeto *Arquitetura Aberta*, foi contemplada pelo edital tendo iniciado os seus trabalhos perante a comunidade em janeiro de 2020.

Em janeiro de 2020 ocorreu a primeira reunião do Arquitetura Aberta

com o CAU/PE, URB e CIAPA/UFPE, com intuito de apresentar com mais detalhes a metodologia do Arquitetura Aberta e o alinhamento de entendimentos e expectativas de ambas as partes. A segunda reunião do projeto de ATHIS ocorreu na própria comunidade João de Barros, reunindo mais de cem moradores. Na ocasião, o Arquitetura Aberta teve a oportunidade de apresentar o projeto aos beneficiários e esclarecer suas principais dúvidas. Nesta mesma reunião ficou esclarecido que o projeto de ATHIS contemplaria 50 unidades habitacionais da ZEIS João de Barros.



Figura 4. Reunião com mais de cem moradores no centro comunitário local na ZEIS João de Barros em janeiro de 2020.
Fonte: Acervo Arquitetura Aberta, 2020.

Um segundo encontro foi agendado com os moradores interessados em participar do projeto de ATHIS na comunidade. Foi neste momento que 50 casas foram sorteadas, em seguida, a equipe do Arquitetura Aberta iniciou o processo de cadastramento das famílias com a aplicação de um questionário preliminar, cujo intuito era identificar os moradores e validar a sua participação no certame.

Durante o final do mês de janeiro de 2020 e primeira metade do mês de fevereiro de 2020, equipe constituída de arquitetas e estagiários de arquitetura e urbanismo realizaram o levantamento das casas selecionadas. O trabalho de levantamento físico dos imóveis ocorreu simultaneamente ao de entrevista com os moradores e de elaboração preliminar

de propostas de plantas baixas, de acordo com os desejos e necessidades de cada morador.



Figura 5. Levantamento físico dos imóveis e entrevista com os moradores.

Fonte: Acervo Arquitetura Aberta, 2020.

Entre o período de 18 de fevereiro a 01 de abril de 2020, o Arquitetura Aberta teve a oportunidade de realizar encontros entre a equipe para ideação e desenvolvimento de propostas para as residências atendidas pelo projeto de ATHIS, os encontros tinham como objetivo envolver os alunos/estagiários na resolução de forma criativa de problemas encontrados nas residências.

Neste mesmo período, foi realizado um novo encontro com os moradores da comunidade para definir quais projetos de equipamentos urbanos seriam realizados para beneficiar a comunidade, na ocasião foi definido, em conjunto com os moradores, que mobiliário urbano, melhorias de ventilação e de layout no centro comunitário e uma horta urbana, seriam os itens a serem atendidos pelo projeto. Importante destacar que foi neste período, durante a fase de ideação e discussão de propostas, que o contexto de isolamento social foi imposto, portanto, as reuniões com a equipe passaram a ser realizadas através de plataformas digitais, sendo em cada reunião debatidas cerca de dez residências.

A próxima etapa prevista, dentro do projeto de ATHIS, era a entrega da

apresentação dos anteprojetos arquitetônicos aos moradores para aprovação das propostas apresentadas, entretanto, diante das recomendações sanitárias interpostas pelo Governo de Pernambuco e autoridades locais e internacionais de saúde, a apresentação dos anteprojetos só foi realizada em outubro de 2020, após muito estudo e planejamento dos cuidados sanitários.

Durante o período de abril a outubro de 2020, entretanto, a equipe do Arquitetura Aberta continuou trabalhando nas propostas de anteprojeto. Um esforço foi realizado para que a comunicação com os beneficiários dos projetos se mantivessem engajados, para tanto, uma série de mensagens sistemáticas com conteúdo de “moradias saudáveis” foram direcionadas aos moradores, assim como enquête remota elaborada para que os moradores pudessem escolher entre aguardar o retorno das atividades presenciais ou apresentação dos anteprojetos de forma virtual.

Após a apresentação dos anteprojetos, foi necessária a elaboração do projeto executivo de todas as residências, o projeto executivo incluiu: planta de layout, planta de reforma, planta elétrica, planta hidráulica, planta hidrossanitária, cortes, perspectivas digitais, detalhes de áreas molhadas, detalhes de marcenaria, orçamento para execução do projeto e especificações e recomendações. Os projetos executivos só puderam ser entregues em fevereiro de 2021, presencialmente aos moradores no centro comunitário da ZEIS João de Barros, momento em que foi concluída a ação de ATHIS e participação da extensão universitária com envolvimento de professores e alunos do curso de arquitetura e urbanismo da UNICAP.

É preciso pontuar que algumas etapas previstas na metodologia do Arquitetura Aberta não foram aplicadas em razão do isolamento social interposto pelo covid-19. As oficinas temáticas foram uma das etapas que foram prejudicadas, conseqüentemente o envolvimento dos moradores

com processo de educação ambiental e temas de sustentabilidade também restaram prejudicados. A elaboração de oficinas para produção e requalificação dos espaços comuns da comunidade (centro comunitário, horta, mobiliário urbano) também foram prejudicadas em razão do isolamento social.

A formação dos Agentes Comunicadores, com engajamento dos jovens com oficinas sobre mídias digitais e narrativas, também foi impossibilitada. Este item, inclusive, foi mapeado como um dos mais importantes, pois, a disseminação do conteúdo entre os jovens e sua família, é uma das principais ferramentas de engajamento entre a comunidade e o projeto de ATHIS, uma vez que inexistente esse laço, a participação popular foi muito aquém do esperado, mesmo com as tentativas de engajamento pelas redes sociais do Arquitetura Aberta (*WhatsApp, Instagram, Facebook*).

Considerações finais

O objetivo deste capítulo, foi retratar novos caminhos entre a sala de aula até a prática profissional de arquitetura e urbanismo, tomando como ponto de partida, de um lado, a extensão universitária e, de outro, o contexto pandêmico ocasionado pelo surgimento da Covid-19 em 2020. Para tanto, foi preciso situar a questão do déficit habitacional das cidades brasileiras, em especial Recife que acumula um déficit de 177.896 (cento e setenta e sete mil, oitocentos e noventa e seis) habitações em 2020 e destacar a importância de criar um contexto de atuação profissional para futuros arquitetos e urbanistas perante a cidade do Recife.

Foi neste contexto que a extensão universitária da UNICAP e o projeto Arquitetura Aberta se conectaram com intuito de criar um ambiente coletivo e mais próximo com as necessidades da sociedade. A metodologia

desenvolvida pelo Arquitetura Aberta provou-se ser um projeto de impacto para as comunidades de baixa renda e voltado a qualidade de vida dos moradores, visando atender a parcela da população desfavorecida quanto ao serviço arquitetônico e oferecendo a oportunidade de desenvolver habilidades para execução do próprio projeto de arquitetura. A atuação do Arquitetura Aberta aconteceu em duas áreas da cidade do Recife onde habitam populações de baixa renda: Conjunto Habitacional Padre José Edwaldo e Comunidade de João de Barros.

Na primeira comunidade sua metodologia foi integralmente aplicada, enquanto na segunda, o desenvolvimento da sua metodologia foi prejudicada em razão da pandemia da Covid-19. O aparecimento do fator isolamento social tornou possível observar que os elementos de “comunicação” e “empoderamento comunitário” são cruciais para o bom desenvolvimento de um projeto de ATHIS. De forma geral, essa foi uma forte percepção da equipe do Arquitetura Aberta: um distanciamento entre os moradores e do desejo de executar os projetos criados durante o contexto pandêmico. Pode-se afirmar que isso se deu, exclusivamente, em razão do isolamento social necessário em 2020.

O isolamento ainda prejudicou o andamento das oficinas temáticas, das intervenções em áreas comuns da comunidade, bem como de mais tempo para apresentação dos anteprojetos e projetos executivos aos moradores beneficiários do projeto da ATHIS. Entretanto, apesar dos contratempos que postergaram as fases do projeto, o Arquitetura Aberta logrou êxito em cumprir o determinado pelo edital nº 01/2019 do CAU/PE, tendo ao final entregue todos os cadernos de projetos executivos e cumprido todas as fases previstas no planejamento elaborado em conjunto com o CAU/PE, CIAPA/UFPE e URB Recife.

Referências

BRASIL. **Lei federal 11.888 de 24 de dezembro de 2008**. Assegura às famílias de baixa renda assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação de interesse social e altera a Lei no 11.124, de 16 de junho de 2005. Brasília: Casa Civil, 2008.

CARVALHO, A. W. B.; PIMENTA, V. H. R.; RAMOS, R. N.; FARIA, R. S. **A Assistência Técnica Gratuita Para o Projeto de Habitação de Interesse Social: Uma Experiência de Aproximação entre Pesquisa, Ensino e Extensão**. In: 6º PROJETAR, 2013, Salvador, BA. 6º PROJETAR 2013, 2013. v.01.

ECCONIT CONSULTORIA ECONOMICA S/S. **Estudo técnico dedicado à atualização das necessidades habitacionais 2004-2030. Produto 2: relatório final – São Paulo, 2021**.

GORDILHO-SOUZA, A. M.; COTRIM, M.; SUAREZ, N. A. **Pesquisa em projeto e extensão na pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro: Anparq, 2020.

IBGE. **Panorama do Recife**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/recife/panorama> > Acesso em: 20 dez. 2020.

MIRANDA, L.; MORAES, D. **O plano de regularização das zonas especiais de interesse social (PREZEIS) do Recife**. In: CARDOSO, Adauto Lúcio. Habitação social nas metrópoles brasileiras: uma avaliação das políticas habitacionais em Belém, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo no final do século XX. Porto Alegre: ANTAC, 2007.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DE PERMBUCO. **Percepções da sociedade sobre Arquitetura e Urbanismo**. Recife: CAU-PE, 2015. Disponível em: < <https://www.caupe.gov.br/pesquisa-inedita-percepcoes-da-sociedade-sobre-arquitetura-e-urbanismo/> >. Acesso em 7 outubro 2021.

ROGERS, Rogers. **Cidades para um pequeno planeta**. 1st ed. 8ª rep. São Paulo: Gustavo Gilli, 2015.

SANTOS, J.S.S., GONÇALVES, T.S. 2015. Assistência técnica como política pública: o caso do escritório público de Salvador. **Revista Campo do Saber**. Disponível em: < <http://periodicos.iesp.edu.br/index.php/campodosaber/article/view/11> > [Acesso em 18 setembro 2021].

SERRA, Geraldo Gomes. **Pesquisa em arquitetura e urbanismo: guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação**. São Paulo: Edusp/Mandarim, 2006.

No aniversário de 80 anos de compromisso da Unicap com a sociedade, a Pró-Reitoria Comunitária e de Extensão, juntamente com diversos professores e alunos, publica o livro **“A Extensão Universitária da Unicap em Tempos de Pandemia”**.

Essa publicação tem o objetivo de ser uma memória da dedicação, responsabilidade e generosidade que nossa comunidade acadêmica, juntamente com diversos setores da sociedade, fez durante o período mais difícil da pandemia.

Em cada um dos 20 capítulos, podemos verificar, com o coração agradecido, como a missão da Unicap continuou presente e atuante durante a Pandemia, seja junto às Mulheres, aos Idosos e às Juventudes, seja através da arte, da educação e da busca pelos direitos humanos e da natureza, ou mesmo, através de tantas iniciativas que buscaram oferecer qualidade de vida e saúde para a população.

UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE PERNAMBUCO

